

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

ACALANTOS, EMBALOS QUE ENCANTAM: AS PRIMEIRAS
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA.

Adriana Gomes Venâncio

Brasília, 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

ACALANTOS, EMBALOS QUE ENCANTAM: AS PRIMEIRAS
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA.

Adriana Gomes Venâncio

Brasília, 30 de abril de 2014

Orientadora: Elizabeth Tunes

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

TESE DE DOUTORADO

ACALANTOS, EMBALOS QUE ENCANTAM: AS PRIMEIRAS
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA.

Adriana Gomes Venâncio

Orientadora:
Elizabeth Tunes

Dra. Elizabeth Tunes, UnB
(Orientadora);
Dra. Fernanda Müller, UnB;
Dra. Patrícia Lima Martins
Pederiva, UnB;
Dra. Tânia de Vasconcellos,
UFF;
Dra. Zoia Prestes, UFF;
Dra. Ingrid Lilian Fuhr Raad,
UniCeub (suplente).

*Ao meu companheiro Eclair,
pela presença, compreensão e apoio,
com todo o meu amor.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pai e à espiritualidade amiga e benfeitora;

Aos meus pais, minha sogra e familiares;

A Elizabeth Tunes, a quem pude conhecer e compartilhar momentos de acolhida e de importantes aprendizados para a minha vida. Por toda a sua orientação e suporte, pelas leituras atentas e criteriosas que teceu ao trabalho e por sempre me receber carinhosamente em sua casa;

A Ana, amiga querida, pelo apoio emocional, pelas trocas bibliográficas, pela presença, carinho de amiga dileta e oportunidades de acalantar Marina, nossa pequena criança;

Aos familiares que me acolheram em Brasília, Minas Gerais e São Paulo e me ensinaram os mais belos significados do verbo acalantar;

Aos colegas de grupo de estudo Lúcio, Ingrid, Mônica e Patrícia e a todos os outros, pelas leituras atentas e preciosas a esse trabalho, especialmente no momento de sua estruturação inicial;

Às professoras Patrícia Pederiva e Fernanda Müller por tantas indicações bibliográficas maravilhosas, sugestões preciosas de caminhos a seguir e leituras atentas;

A todas as crianças dos Hospitais por onde passei e às que hoje encontro por lá, a minha gratidão em aprender tantas coisas valiosas;

Aos amigos contadores de História, incluindo os que atuam comigo no Hospital de Base, pela presença, parceria, amizade e ajuda;

A minha tia Graça, que aos 5 anos de idade, me fez conhecer o lugar do educador com seus exemplos e dedicação incríveis, fazendo-me apaixonada pela profissão;

A CAPES pelo suporte financeiro, sem o qual esse trabalho teria sido impossível.

SUMÁRIO.

AGRADECIMENTOS	p. V
RESUMO	p. VI
ABSTRACT	p. VI
RÉSUMÉ.....	p. VII
SUMÁRIO.....	p. VIII
CAPÍTULO 1: ACALANTA E OS MALES ESPANTA?.....	p. 09
1.1. INTRODUÇÃO.....	p. 09
1.2. O QUE SÃO ACALANTOS: VARIAÇÕES ENTRE EMBALOS, MÚSICAS, CANTOS E ENCANTOS	p. 16
1.3. DIVERSAS CULTURAS: DIFERENTES FORMAS DE ACALANTAR.....	p. 21
1.4. ACALANTOS: ORIGENS HISTÓRICAS.....	p. 28
1.5. ACALANTOS: ORIGENS MITOLÓGICAS DE SEUS PERSONAGENS.....	p. 43
1.6. ACALANTOS: LETRA + MÚSICA = O QUE SIGNIFICA ACALANTAR/ AMEDRONTAR?.....	p. 46
CAPÍTULO 2: CRIANÇA ACALANTADA, QUEM É VOCÊ?.....	p. 55
2.1. CRIANÇA, QUEM É VOCÊ?.....	p. 55
2.2. PLURALIDADES NA SINGULARIDADE: QUE CRIANÇA É ESSA?.....	p. 56
2.3. CARACTERÍSTICAS QUE PROMOVEM OS VÍNCULOS ENTRE A CRIANÇA E O ADULTO.....	p. 64
2.4. A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO COM O ADULTO E O MEIO.....	p. 85
2.5. NA ORIGEM HÍBRIDA DO SER: POSSIBILIDADES DE ACALANTAR E DE SER ACALANTADO.....	p. 90
CAPÍTULO 3: COLETA DE INFORMAÇÕES E CARACTERIZAÇÃO DOS COLABORADORES.....	p. 96

3.1. ENTRE UMA PROSA E OUTRA	p. 96
3.2 A FAMÍLIA ONTEM E HOJE	p. 101

CAPÍTULO 4: CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ACALANTARp. 114

4.1. ACALANTA E OS MALES ESPANTA?.....	p. 114
4.2. CHEGADA A BRASÍLIA.....	p. 115
4.3. CHEGADA A MINAS GERAIS.....	p. 126
4.4. CHEGADA A SÃO PAULO.....	p. 135

CAPÍTULO 5: O ACALANTO E SEUS SIGNIFICADOS.....p. 143

5.1. ENTRE DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: OS SIGNIFICADOS DAS ACALANTANÇAS.....	p. 143
--	--------

5.2. ENTRE PROSAS E DEVANEIOS: ACALANTAR OU NÃO, EIS A QUESTÃO	p. 143
--	--------

5.2.1. PRIMEIRA: VOCÊ ACALANTA SEUS FILHOS? QUEM MAIS ALÉM DE VOCÊ ACALANTA EM SUA FAMÍLIA?	p. 144
---	--------

5.2.2. SEGUNDA: POR QUE VOCÊ ACALANTA AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA?	p. 145
---	--------

5.2.3. TERCEIRA: COMO ACALANTA OU ACALANTOU AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA?	p. 151
---	--------

5.2.4. QUARTA: QUANDO? EM QUAIS CIRCUNSTÂNCIAS VOCÊ ACALANTA?	p. 174
---	--------

5.2.5. QUINTA: O QUE TE FAZ ACALANTAR?	p. 184
--	--------

5.2.6. SEXTA: SEUS FILHOS/ NETOS ACALANTAM OUTRAS CRIANÇAS? COMO?	p. 185
---	--------

5.2.7. SÉTIMA: VOCÊ ACHA QUE A CRIANÇA APRENDE ALGO AO SER ACALANTADA POR VOCÊ? E VOCÊ? ACHA QUE APRENDE ALGO AO ACALANTAR AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA?.....	p. 187
---	--------

5.2.8. OITAVA: VOCÊ ACALANTA COM MÚSICA? O QUE CANTA? FAZ ALGUM BARULHINHO PARA A CRIANÇA? QUAL?.....p.	192
5.3. SOBRE O INVENTÁRIO DAS CANÇÕES.....p.	198
6. CONCLUSÕES	p. 204
BIBLIOGRAFIA	p. 209
ANEXO: INVENTÁRIO DAS CANÇÕES.....	p. 215
1º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES DE NINAR.....	p. 215
2º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES INFANTIS DO FOLCLORE.....	p. 217
3º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES INFANTIS RELIGIOSAS.....	p. 227
4º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES DE CONJUNTOS OU CANTORES MUSICAIS MAIS RECENTES, NÃO NECESSARIAMENTE VOLTADAS PARA O PÚBLICO INFANTIL.....	p. 228
ALGUMAS ESPECIFICIDADES DE CADA GRUPO.....	p. 232

Capítulo 1:

ACALANTA E OS MALES ESPANTA?

*Quando enfim eu nasci, minha mãe embrulhou-me num manto
Me vestiu como se eu fosse assim uma espécie de santo
Mas por não se lembrar de acalantos, a pobre mulher
Me ninava cantando cantigas de cabaré, laiá, laiá, laiá, laiá*

*Minha História
Chico Buarque*

1.1. INTRODUÇÃO:

Essa vontade de acalantar surgiu nos últimos dois anos em que moro em Brasília e começou no momento em que virei contadora, cantadora de histórias e de acalantos em Hospitais Públicos de Brasília. Como, na ala em que venho atuando (Pediatria), sempre estiveram muitos bebês recém-nascidos, comecei a cantar acalantos para eles, já que não podia contar histórias. O mais engraçado é que, na medida em que eu cantava, mais me recordava de outros cantos de ninar, e, assim, minha memória ia trazendo novas lembranças dessas canções.

Numa das vezes em que cheguei ao hospital, fui chamada por uma mãe, que eu já conhecia, dizendo-me que naquele dia seu neném não estava conseguindo dormir, pois, ao lado dele, estava um bebê que não parava de gritar um só minuto.

Dessa forma, me dirigi à referida sala. Quando cheguei ao aposento, fui notando o quadro que há pouco havia sido narrado para mim: vi de longe não apenas um bebê chorando, mas também uma mãe que parecia nervosa e inquieta diante de tal situação, pois ficava procurando algo entre o travesseiro do neném e a cama, virando-o seguidas vezes. Fiquei observando todo o quarto, de maneira geral, e aos poucos fui me aproximando daquele leito. Cheguei, dei boa noite, me apresentei, falei do trabalho que realizávamos e perguntei se ela gostaria que eu cantasse para o seu bebê. Com o aceno positivo da mãe, comecei aos pouquinhos a entoar o acalanto do *Sapo Cururu* de forma

bem pausada. Em seguida, iniciei devagar o *boi da cara preta*. No início da segunda canção, o bebê não só já demonstrava estar mais calmo, como também respirava fundo, com suspiros e soluços de quem já tinha chorado muito. Cantei mais uma música, de forma que o bebê só me observava. Nesse momento, perguntei à mãe – que parecia ainda meio agitada, procurando alguma coisa que não encontrava – se ela cantava para o seu filho. Diante de sua resposta negativa, perguntei-lhe se se lembrava de alguma canção de sua infância, e foi então que ela disse que sabia a *Terezinha de Jesus*. Como eu tinha me esquecido dessa música, pedi a ela se poderia lembrá-la para mim e, assim, a mãe foi cantando. De início, num ritmo mais rápido, mas, assim que me recordei também, comecei a cantar junto com ela, e nosso ritmo foi ficando mais parecido a uma canção de ninar. Quando ela terminou de cantar, parecia bem mais calma do que quando cheguei ao quarto e começou a acariciar a cabeça do seu neném. Nesse momento, me despedi e fui para a ala da qual fazia parte.

Depois de duas horas, retornei à sala de estar do hospital e lá encontrei novamente aquela mãe do bebê que não dormia em função dos gritos do companheiro de quarto. Assim que me viu, ela foi logo dizendo:

- Foi bom você ter ido lá àquela hora. O neném acalmou e a mãe dele tá cantando até agora.

Nessa noite, voltei para casa pensando no que tinha acontecido. Aqueles acalantos parecem ter representado algo não só para aquele bebê como também para a sua mãe.

Em muitos desses momentos, fui parada por enfermeiras que, em meio aos procedimentos curativos, ao me ouvirem cantar, lembravam-se de algumas cantigas, entoando-as também. Da mesma forma, os pais, que acompanhavam suas crianças nesses momentos, se deixavam visitar por suas memórias de infância, ora cantando um trequinho aqui, ora outro ali, e formavam coros de ninar. Fui me aproximando dos pais, que quase moravam no Hospital por causa dos filhos enfermos de longos períodos, e comecei a perguntar-lhes se cantavam para seus bebês. Mesmo havendo uma parte que respondia negativamente, havia outra que dizia que sim. Nessas conversas, descobri que alguns pais acalantavam seus filhos, não necessariamente com o acompanhamento das

cantigas de ninar, mas sim os carregando ao colo, ou mesmo colocando-os próximos ao peito, enquanto os ninavam. Outros pais emitiam sons repetidos sem necessariamente o acompanhamento de uma canção de fundo, por exemplo, *um mm um mm*.

Diante dessa diversidade de formas e jeitos de acalantar, perguntei-me então sobre quais poderiam ser os mais diferentes significados do acalanto para aquelas pessoas, já que eles pareciam variar para cada uma delas. Assim, na medida em que existiam formas distintas do ato de acalantar, seria necessário compreender melhor quais poderiam ser as suas variações, seja nos dias atuais ou mesmo em tempos pretéritos, diferenciando-as nas especificidades de cada tempo.

Inicialmente, tentamos compreender a palavra acalantar no Dicionário Grove de Música: a palavra acalanto aparece como “cantiga de ninar, utilizada em todo o Brasil. Corresponde a berceuse, lullaby, wiegenlied e canción de cuña nas tradições europeias” (1994). De forma muito semelhante encontramos no Dicionário Musical Brasileiro de Mário de Andrade o termo acalanto como “cantiga para adormecer crianças, frequente em todo o Brasil” (1989).

No dicionário Aurélio, descobrimos que os termos acalentar ou acalantar estão ligados a vários sentidos: 1. Adormecer (criança) ao som de cantigas; embalar cantando, aconchegando ao peito. 2. Tranquilizar, sossegar, serenar. 3. Chegar a si, aconchegar, conchegar. 4. Amimar, acariciar, afagar. 5. Alentar, favorecer, incentivar. 6. Consolar, confortar. 7. Cantar para adormecer ou embalar. 8. Fazer dormir, embalar. 9. Adormecer ao som de cantigas, embalar-se.

Já a palavra acalanto no mesmo dicionário é: 1. Acalento. 2. Música. Composição vocal ou instrumental semelhante ao acalanto (sinônimo do francês *berceuse*). Quando busquei a palavra acalento, encontrei: 1. Ato de acalentar, acalentamento. 2. Cantiga para adormecer criança; cantiga de ninar. 3. Afago, carinho.

Pudemos perceber que, da mesma forma que o ato de acalantar variava nas experiências vividas no hospital, de pessoa para pessoa, eram também plurais as suas explicações nos dicionários, o que nos mostrou que, de maneira geral, ora aparece o acalanto como uma música ou cantiga de ninar, ora ligado ao aconchegar a criança ao

peito, serenando-a, ajudando-a a ficar mais tranquila sem necessariamente fazê-lo com um canto de acompanhamento.

Portanto, em nossa língua e cultura brasileiras, nota-se que acalantar pode envolver as canções de ninar, mas também o embalo do bebê, aconchegando-o, acariciando-o, afagando-o, consolando-o, confortando-o; por isso mesmo, nossa cultura nomeou essa forma de cantiga de ninar de acalanto, pois essa atividade inclui ainda o embalo tranquilo do movimento de vai e vem de quem balança a criança antes de dormir ou de tentar acalmá-la por algum outro motivo. Vê-se que as variações não se estendem apenas à forma utilizada para expressar o ato de acalantar, mas também às diferentes possibilidades expressivas que existem dentro da mesma palavra.

Do mesmo modo, essas variações de sentido para um mesmo léxico se fazem presentes na língua portuguesa de Portugal. É por isso que, dependendo da região ou local desse país, o ato de balançar o berço de um lado para o outro pode ser também chamado de embalar, balar, abalar, embelar ou imbanar, embanar, abanar e banar, palavras que sempre exprimem a ideia de movimento ritmado. No entanto, quando o movimento é acompanhado de uma voz que canta, é chamado na região de Castelo Branco de arrolar. Já na região de Moncorvo, utiliza-se arrolar, rolar, imbanar para o movimento do berço acompanhado ou não pelo canto (VASCONCELOS, 1907, p. 16).

O fato é que, se partirmos dos diferentes modos de acalantar, seja no Brasil, seja em Portugal, teremos sempre como referência as atividades de serenar, tranquilizar, sossegar o bebê, utilizando para tais fins uma mudança rítmica na maneira de acalmá-lo, somando o aconchego afetivo ao tempo pausado e lento de embalá-lo, ajudando-o a conhecer o tempo de parar, de silenciar, de mudar o próprio ritmo, seja com os cantos de ninar, seja apenas com o movimento de vai e vem pura e simplesmente.

Num sítio intitulado *Acervo Acalantos*, organizado pelo Auditório Ibirapuera, encontramos uma pesquisa com imagens de familiares, de diferentes partes do mundo, que cantam acalantos para suas crianças. Nesse sítio, Mário Cohen, presidente do Instituto, faz a seguinte observação: “Antes de iniciarmos o trabalho, pesquisamos se já havia algum projeto nesse sentido, com o objetivo de reunir canções de ninar de diversos lugares e entender a sua origem. Mas não encontramos nada”. Ainda no mesmo endereço eletrônico, **Leandro de Lajonquière**, Professor da Universidade de São

Paulo (USP), faz uma nota afirmando que “desconhece a existência de uma história dos acalantos, assim como existe uma história da vestimenta ou dos modos à mesa, por exemplo”. Diz ainda que “não duvida que os acalantos sejam tão velhos quanto o próprio homem”. Na mesma fonte, Cascia Frade, Professora de cultura popular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), diz que, “na verdade, estudar os acalantos é uma iniciativa inédita, pelo menos no Brasil e que, embora no dicionário de folclore brasileiro de Câmara Cascudo, existam inúmeras referências a obras e textos sobre o tema, não há ainda interesses mais recentes sobre o assunto” (<http://acervoacalantos.org/2011/03/14/o-acalanto-da-alma/>).

A dificuldade de localizar fontes sobre o nosso tema tem-nos feito buscar intensamente estudos realizados nessa área. Quando encontramos alguma referência sobre o assunto, elas normalmente indicam livros e cancionários dos séculos anteriores. Isso inclui os de origem portuguesa e brasileira que mostram exemplos de versos rimados de acalantos, de variações e semelhanças nas letras e melodias de distintos lugares e culturas, no caso mais específico de cancionários de origem portuguesa, com partituras de canções de ninar populares e algumas eruditas com a influência desse gênero. Em seu texto de 1958, *Contribuição ao Estudo Sociológico das cantigas de Ninar*, Florestan Fernandes anunciava, logo no primeiro parágrafo, que as “nossas cantigas de ninar aguardam estudo sistemático, tanto do ponto de vista folclórico, quanto dos pontos de vista psicológico, etnológico e sociológico” (p. 50). Desde então, a situação parece ter mudado muito pouco.

Realizando uma revisão bibliográfica sobre o acalanto e suas diversidades, temos verificado que essa temática é, de fato, algo a ser construído, tendo em vista que não há ainda no Brasil um estudo específico sobre o tema e sua história. O que conseguimos encontrar, no período de nossas buscas, nas poucas e raras produções bibliográficas brasileiras, foi um único livro editado no Brasil, em 1988, intitulado *O Acalanto e o Horror*, na perspectiva da psicanálise¹, tendo como referências centrais da pesquisa nomes como os de Freud, Lévi-Strauss e Lacan. Nesse livro, Jorge (1988) observa sua dificuldade em encontrar fontes sobre o tema do acalanto, notando que a

¹ Na obra, a pesquisadora destaca o objetivo de “mostrar como a ambivalência presente na mãe em relação ao filho pode produzir e sancionar os acalantos que, contendo o terror explicitamente ou não, permitem a elaboração de algo que pela melodia se exorciza: a castração do falo que sustenta a relação complementar” (p.16).

maior parte de seu trabalho consistiu na busca de material bibliográfico². Portanto, mais uma vez podemos perceber que uma história do significado social do acalanto ainda está por se fazer e, nesse desafio, certamente estaremos muito longe de esgotar tal assunto nesta nossa pesquisa. Contudo, pensamos que realizar um levantamento sobre o modo como algumas pessoas que acalantam, em diferentes gerações, culturas e períodos históricos, o fizeram e o fazem, pode nos auxiliar a perceber suas permanências e mudanças, suas diferenças e semelhanças ao longo dos anos.

A nossa hipótese para esta pesquisa está relacionada ao fato de que o acalanto é uma atividade social que varia de acordo com o que cada pessoa que acalanta vivenciou, vivencia e compartilha. Levar em conta tais diferenças para o ato de acalantar pode nos mostrar o porquê da permanência de sua existência e de suas mudanças ao longo dos séculos até os dias atuais.

Por isso, entendemos que o nosso trabalho será o de investigar e organizar, sob certos pontos de vista, a história do acalanto em diferentes gerações, tempos, culturas pretéritas e atuais. Sabemos que esta é, sem dúvida, uma tarefa demasiado desafiadora, tendo em vista que temos acesso a uma bibliografia bastante reduzida sobre o assunto (seja de espécie histórica ou mesmo literária). Nesta investigação, temos algumas questões a percorrer, tais como: Quando e como surgiu o acalanto? Suas funções e significados foram os mesmos em diferentes tempos? Como e para que eles foram e são usados?

Reconhecemos ainda a necessidade de pesquisarmos junto a diferentes grupos de pessoas quais seriam, hoje, as funções do acalanto e o que é para eles o ato de acalantar. Nas escutas dos grupos envolvidos, queremos descobrir:

- Como e para que algumas pessoas acalantam os seus bebês (existem diferenças na forma de acalantar nas diversas gerações e nos diversos grupos culturais? Quais são?).

² Nas palavras da autora: “Na pesquisa inicial a estas questões vi-me diante da inexistência quase total de bibliografia a respeito. Afora certo número de estudos descritivos por folcloristas – onde estão registradas de modo assistemático as cantigas de ninar, a maioria apresentando só o texto – quase nada mais encontrei, exceto sugestões de interpretação do fato aterrador nos acalantos. O registro do acalanto é muito mais escasso do que seu uso, e a falta quase absoluta de atenção a ele pelo pensamento dito científico, a par de seu simultâneo uso mágico, sugeriu-me uma questão sobre tal descaso, senão repugnância mesmo que o tema tem inspirado” (p. 15).

Além das questões acima, uma última pergunta nos inquieta: por sabermos que as canções de ninar acompanham as nossas tradições de acalantar a tantos milênios, estaria essa atividade, além de suas bases socioculturais, ligada também a um alicerce biológico do desenvolvimento humano? Nossa hipótese nos leva a pensar que sim. Poderíamos dizer que o acalanto, como permanência de uma herança social, histórica e cultural pôde estabelecer-se graças ao fato de atingir certas funções fisiológicas do bebê. Nesse sentido, veremos no segundo capítulo que alguns dos elementos de origem biológica que nos acompanham desde o ventre materno podem favorecer a permanência do ato de acalantar em muitas culturas do mundo.

No terceiro capítulo vamos apresentar um apanhado geral sobre as informações oferecidas pelas famílias com as quais estivemos e, posteriormente, uma breve contextualização sócio histórica de algumas de suas realidades vividas.

No quarto capítulo, seguindo a ordem das oito questões levadas para direcionar as conversas que tivemos com os familiares, apresentaremos o resultado dessas discussões que, para nós, respondem a grande pergunta deste trabalho: quais são os significados sociais do acalanto.

Por fim, exporemos algumas análises sobre o repertório musical de acalantos coletado ao longo de nossas prosas e também uma conclusão para este trabalho. Nos anexos, vamos disponibilizar o inventário das canções com a lista das músicas coletadas, suas respectivas letras e a análise de seus dados para consulta.

1.2. O QUE SÃO ACALANTOS: VARIAÇÕES ENTRE EMBALOS, MÚSICAS, CANTOS E ENCANTOS.

Mesmo descobrindo a diversidade da palavra acalanto e do ato de acalantar, quando buscamos essas referências em obras e estudos acerca do tema, quase sempre encontramos o acalanto como canção de ninar ou canção de berço, especialmente nas fontes organizadas por folcloristas brasileiros. Isso nos obriga, na maior parte das vezes, a entender que o acalanto foi priorizado como gênero musical ou como canção poética em boa parte dos registros de literatura brasileira. Mesmo com estudos centrados nas canções de ninar, veremos também referências em que o acalanto aparece fora do âmbito musical e dentro das experiências de embalar, balançar ao ninar. Dessa forma, apresentaremos a seguir o acalanto sob o olhar de folcloristas, poetas e pesquisadores da cultura popular de dentro e de fora do Brasil. Realizados em séculos anteriores, boa parte desses estudos foi organizada em cancionários, dicionários folclóricos e musicais, em pesquisas etnográficas, entre outras, pois de fato são mais raros os registros atuais acerca do assunto.

Para pesquisadores como Arleo (2012), as canções de ninar podem ser classificadas, dentro do folclore infantil, como músicas de crianças ou do mesmo modo como ele mesmo chama essa categoria: “*comptines*”. Ele observa que parte desse folclore infantil se constrói a partir de elementos provenientes da cultura adulta. O autor cita uma pesquisa britânica em que as *nurseries lore* ou *nourrices* em francês são as canções que os adultos cantam, entre outras coisas, para fazerem as suas crianças dormirem (p. 2).

Segundo Câmara Cascudo (1980, p. 8), “os acalantos são as canções para adormecer crianças, também conhecidas por canções de ninar, de acalantar e de embalar”. Em outro livro, o mesmo folclorista descreve o acalanto como

um tipo de canção com uma melodia muito simples, normalmente com uma letra onomatopaica, ou seja, cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada (murmúrio, sussurro da criança quando está quase dormindo), trazendo interjeições do tipo *o ô, ô, ôôô ou ummm um*, próximas a um ritmo mais monótono, de frases mais longas, chorosas, como se o tempo ficasse mais lento no cantar, levando a criança a adormecer (1943, p 42).

Para Melo (1993), o acalanto é “a própria cantiga de berço que ecoa no suave embalo aconchegante da voz que entoa”. Segundo o autor “embora as letras das canções de acalanto tragam, às vezes, personagens horripilantes como bichos e fantasmas da noite, elas procuram em geral despertar um sentimento contrário, de bondade, proteção, amparo divino e, por isso, apresentam, por vezes, figuras como as dos santos: menino Jesus, Senhora Santana e os anjinhos” (p. 23).

Ao consultar os estudos de Cecília Meireles, Melo (1995) nota que “a maior parte de cantigas de ninar brasileiras obedece a um tema que poderia denominar três aspectos principais: o anúncio, a atração e o afastamento do perigo” no caso da Cuca, do Bicho Papão e de outros personagens (p. 27).

Em relação a sua estrutura melódica, destacamos nos cantos populares de acalanto a simplicidade da voz que canta, mais comumente composta por uma letra de verso rimado. Ao tratar sobre a prática do acalanto, Câmara Cascudo (1988) destaca a presença das interjeições e da repetição de vogais:

em quase todos os acalantos, o final adormecedor é uma sílaba que se canta com várias notas, á-á-á-á, ú-ú-ú-ú, o ru galaico, ainda popular nas cantigas de berço portuguesas (p. 09)

Para Vasconcelos (1907), existem várias categorias entre as canções de acalanto: uma primeira é específica para o ato de acalantar fora do berço (no braço, no peito, enquanto afaga-se o bebê) e uma segunda para acalantar a criança dentro de seu bercinho, embora destaque que tal distinção seja mais teórica do que real. Nesta última, o autor nota que “as canções fazem alusão direta ao berço e aos seus movimentos e que, por vezes, elas clamam a presença dos anjos, de Maria e do menino Jesus” (p.19).

Numa terceira categoria, Vasconcelos prossegue com as canções que são tanto utilizadas no embalo do braço da mãe, quanto no do berço, criando uma série de distintos subgrupos de canções: no primeiro, estão as que “invocam a descida dos anjos do céu, em ajuda ao neném, ou as que chamam e personificam miticamente o próprio sono, para atraí-lo”. No segundo subgrupo, entram as que “clamam à Virgem Maria para cuidar do seu menino *d’ouro*, criando-o e acompanhando-o em seu crescimento”. No terceiro subgrupo, estão aquelas em que “as mães se colocam no próprio lugar da Virgem Maria, encarregando a José de embalar o berço, com provável origem nas

canções natalinas, trazidas para o pedido de proteção à Sagrada Família”. No quarto subgrupo, Vasconcelos inclui as canções que fazem alusão “às durezas e lutas da vida ou que convidam a criança a dormir depressa para que a mãe possa trabalhar”. No quinto, entram as canções que são entoadas depois que a criança já dormiu, “expressando a satisfação da mãe ou entregando o sono aos cuidados de sua madrinha-mor como é o caso de Maria, mãe de Jesus, por exemplo”. No sexto subgrupo, “enquanto o bebê dorme profundamente, surgem os temas de Papão expulso, para que o sono permaneça longo e que nada (cantos de pássaros, ventos nas árvores, bichos assustadores) e nem ninguém possa atrapalhar esse momento” (p. 21).

Numa quarta categoria, Vasconcelos destaca as canções voltadas para “as crianças que choram porque não querem dormir ou para as que estão doentias”, ressaltando que, nesses casos, entram também as letras que pedem aos pequenos que se calem (p. 22).

Na quinta e última categoria, o autor inclui as cantigas que vieram do “campo literário, das poesias que se popularizaram na cultura portuguesa, nas quadras acompanhadas de notação musical, em trovas líricas, em cantigas da Terra de Miranda, em versos espanhóis, que eram cantadas em Bragança, em provérbios e ditados, de forma que, mesmo não tendo uma origem específica para o ato de acalantar, estas acabavam sendo aplicadas a esse fim” (p. 22).

Ainda nessa perspectiva do acalanto com atributos que se assemelham aos da poesia, destacamos também os estudos citados por Arleo (2001). Ao tomar conhecimento de várias pesquisas que pudessem ajudá-lo a pensar sobre a existência de certa regularidade ou de universais que se assemelhassem as cantigas do folclore infantil, cujas canções de ninar estariam incluídas, o autor nos mostra que o elemento da rima e a presença de quartetos são características que se repetem em muitas delas. Além destes, o autor destaca que, em diferentes cantigas tradicionais de muitas culturas, acontece a apropriação desses elementos que permeiam o gênero poético e acrescenta que essas expressões “usam esquemas rimados, padrões métricos, repetições gramaticais, paralelismos e assim por diante para propor uma linha divisória plausível, isto é, uma que traga regularidades percebidas no texto. Quando esses critérios convergem, diferentes escritores alcançam a mesma divisão rímica, com a mesma divisão de linhas” (2001, p. 13). Dessa forma, a apropriação desses elementos do gênero

poético, entre tantos outros, se repetem nas cantigas de várias culturas do mundo, e isso nos leva, segundo o autor, a desenvolvermos “de certo modo uma vocação poética” (2001, p. 16). Embora Arleo (2001) diga que as contribuições acerca da simetria das rimas nos acalantos permaneçam como um estudo em aberto, o autor nota que perceber a presença de batidas regulares nas canções pode ser uma experiência apreendida pelas crianças no contexto familiar, na escola maternal e em outros ambientes. Mas destaca também que o estudo do interesse das crianças pelas rimas infantis pode ter uma origem inata, o que segundo ele, ainda não foi estudado. Entre suas conclusões, reforça que a constante presença da simetria nas rimas infantis está ligada ao seu grande valor funcional para as tradições orais, porque ajudam na memorização. A presença constante dessa simetria rítmica é também uma experiência corporal que nos é conhecida e que nos constitui, já que muitas de nossas funções também estão ligadas aos “ritmos regulares binários” que trazemos em nossa respiração e nas batidas do coração, por exemplo (p. 17, 2001).

Sobre a potencialidade musical que a rima agrega a certas linguagens poéticas e ao acalanto, temos estudos citados por Arleo (2001) que dizem que “ouvir e aprender rimas numa tradição oral é algo afim da percepção da música” (p. 13, 2001). Assim, a rima seria, nessas tradições orais de diferentes culturas do mundo, um elemento que agrega ainda mais musicalidade aos nossos acalantos.

Acerca dos encontros do acalanto com a literatura citamos também as palavras de Parreira, quando diz que “a aproximação ao universo da oralidade, com cantigas e acalantos, é um aleitamento literário e afetivo para a criança” (p. 157, 2012).

Em seu trabalho, Jorge (1988) resume divertidamente o acalanto com as seguintes palavras:

Atenção senhoras e senhores! Temos aqui uma notícia! Vem chegando o acalanto, fruto de um momento da história da relação mãe-filho. Costuma acontecer à noite, frente ao grande escuro, na intimidade da relação mãe-filho. Ocorre através de uma prática complexa onde se destacam um embalo ritmado, lento, afagos, uma melodia simples, repetitiva, tida como muito agradável, cantada em tom delicado, até sussurrante; finalmente um texto pelo qual se faz a exaltação narcísica da criança, representação para o afastamento da mãe por trabalho ou passeio ou outro, alusão a proteção divina ou familiar frente a perigos indeterminados, muitas vezes míticos, outros sequer nomeados. Tem sido usado para exorcizar os “maus espíritos” que rondam mãe e filho para

separá-los. Também acaba servindo para ajudar mãe e criança a aceitar a solidão humana (p. 20-21).

Para Jorge (1988), características como o embalo ritmado, lento, de melodia simples, repetitiva, cantada em tom delicado, sussurrante, cujas letras aludem à proteção divina ou familiar, espantando malefícios, podem nos ajudar a compreender os muitos sentidos presentes no universo das canções de ninar.

No documentário *Bébé du Monde*, de Beatrice Fontanel, Claire D'Harcourt e Emmanuelle Nobécourt, lançado no ano 2000, vemos que diferentes culturas do mundo, sejam elas asiáticas, africanas ou mesmo ocidentais, acalantam os seus bebês, entoando cantos e sons ritmados para fazê-los dormirem. Na Índia, por exemplo, mantras são entoados para ajudar o bebê a dormir. Em certas regiões da África, esse canto é entoado pelo grupo que convive junto à criança e não apenas pelo seu adulto cuidador.

Portanto, como pudemos perceber nas fontes aqui citadas, o ato de acalantar é composto de diferentes elementos, em variadas formas, tais como: nas letras apelativas e sacras, cantadas ou não, em diferentes tempos e lugares. Dessa forma, o acalanto foi construindo e ao mesmo tempo sendo construído no embalo lento e ritmado do movimento repetitivo e constante executado pelo adulto, transmitindo o sentimento de proteção para acalmar as crianças, imitando o movimento da caminha, do berço ou da rede, balançando até que elas finalmente adormecessem.

Em referências apresentadas por profissionais da área da música, temos descoberto que os cantos de acalanto têm inspirado uma vasta gama de composições eruditas. Vasconcelos (1907) aponta que “muitas de nossas canções de berço foram transformadas em temas de composições musicais, como é o caso de *Vai te embora Papão*, por A. Engeström, de Viena na Áustria, e também da *Canção do Berço*, de Rey Collaço, que a adaptou de uma poesia popular” (p. 13).

A esse respeito, Oliveira (2008) nota que, “como peça vocal, o acalanto é encontrado na música folclórica de praticamente quase todos os países do mundo e na música erudita de quase todos os períodos, sendo a mais conhecida e célebre *Wiegenlied*, de Brahms, op. 49 número 4” (p. 105 a 106). Por essa afirmação, vemos que os acalantos não apenas tomaram espaço na tradição popular da cultura de diferentes povos, nações e tempos históricos, mas também da cultura musical erudita de

várias partes do globo. A pesquisadora também destaca que, nos séculos XIX e XX, o gênero canto de acalanto começou a ser explorado também em peças instrumentais, e especialmente para o piano, em que cita a célebre *Berceuse*, de Chopin, op.57. Dos compositores brasileiros, traz exemplos das obras intituladas: *Berceuse*, op. 14 número 1 para piano e a *Berceuse*, para violoncelo e piano, de Henrique Oswald, *Berceuse da Boneca Triste*, de Lorenzo Fernandes, *Berceuse*, para piano (1917) de Luciano Gallet.

1.3. DIVERSAS CULTURAS: DIFERENTES FORMAS DE ACALANTAR.

Existem diversos nomes e formas para se compreender o ato de acalantar, como mostramos anteriormente, e sabemos que cada língua possui expressões específicas para isso. Nelas também encontramos diferenças no que diz respeito a maneira como se pode embalar a criança para dormir. Stork (*apud* Raposo, 2009) traz a seguinte informação:

a mãe africana adormece o bebê contra o seu corpo, mas é frequente adormecê-lo às costas ao ritmo das atividades domésticas; os bebês indianos dormem tanto no contato corporal com a mãe como numa rede no teto ou numa árvore; na Ásia do sudeste, nomeadamente no Camboja, o bebê dorme numa rede suspensa e é longamente embalado antes de adormecer; o bebê brasileiro adormece nos braços da mãe antes de ser posto na sua própria rede, numa transição muito suave; no Japão, os bebês dormem em conjunto, dispostos em colchões individuais; na China e Taiwan, a mãe deita-se ao lado do bebê silenciosamente; nos países norte-americanos e europeus, o uso da cama predomina. Em França, o berço está em vias de extinção; o uso do berço de balanço predomina em Portugal, paralelamente à utilização dum pequeno leito fixo (p. 27).

Como podemos notar, diferentes culturas possuem especificidades próprias no ato de acalantar, e suas variações existem, seja nos braços que sacodem levemente o bebê, nos berços que vão e vem de um lado para o outro, na cama, no cesto, na rede de balanço, nas “bolsas, mochilas e lenços que prendem o bebê ao corpo do adulto” (PARREIRA, p. 179, 2012) ou mesmo em colchões.

No documentário *Babies*, lançado no ano de 2010, o diretor Thomas Balmes acompanhou algumas crianças como: o pequeno *Ponijao*, da Namíbia (África); o menino *Bayarjargal* da Mongólia; a menina *Mari* do Japão e *Hattie*, uma pequena menina dos EUA durante todo o primeiro ano de suas vidas. De braços no colo das

pernas da mãe, nos ombros que chacoalham o bebê, no cesto que balança nas costas da mãe, enquanto ela soca seus alimentos num pilão, no colo dos irmãos, no chão da savana, todos esses são também suportes para o acalanto de bebês, nos grupos africanos da Namíbia. Nos Estados Unidos, a bebê aparece sendo acalantada sobre a cama, numa cadeira de balanço, sobre o sofá e até num carrinho móvel acoplado à bicicleta dos pais. Na Mongólia, seus bebês aparecem sendo acalantados sobre a cama. No Japão, eles aparecem acalantados na cama, no carrinho, no tapete da sala e até num bercinho elétrico programado para balançar a criança.

No documentário *Bébé du monde*, vemos a realidade de famílias de diferentes lugares do mundo, entre as quais grupos asiáticos nômades cujos bebês aparecem dormindo em cestos, sobre cavalos e camelos que os transportam. Vemos também grupos africanos que carregam os seus bebês atados em tecidos, mantendo-os junto aos seus corpos, às vezes na cintura, enquanto eles mamam no peito, às vezes como uma espécie de mochila que vai sobre as costas. Outros grupos africanos fazem uma espécie de bolsa-cesto tecida, apoiando-a nas costas, com a alça atravessada em volta de suas testas, para poderem transportá-la. Em posição semelhante, indígenas ianomâmis da região amazônica colocam seus bebês em faixas, por vezes com seus bebês apoiados em suas costas ou mesmo ao peito. Outros povos das regiões mais frias, como os esquimós, por exemplo, utilizam uma espécie de toca acoplada às suas roupas de couro, para carregarem os filhos às costas. No Afeganistão, bebês são amarrados a um pequeno berço, com pés de madeira em forma de arco, próprios para balançá-los, antes de dormirem. Às vezes, os bebês adormecem em cestos circulares, forrados com palha e tecido, que são movidos de um lado para o outro, para balançá-los. Em regiões como a Índia, pequenos berços entalhados em madeira são feitos com pés arqueados para propiciar o balanço das crianças que são amarradas a eles, para não caírem. Lá, existem também os berços construídos em caixas que são amarradas em cordas enganchadas na madeira, de forma que o berço possa balançar por meio de uma corda puxada pelo adulto.

Small (1998) nota que, em diferentes culturas, os bebês dormem em uma variedade de superfícies, pois alguns adormecem em esteiras, outros em edredons macios que são colocados no chão, outros em redes feitas de pele ou de fibras, outros em colchões de bambus ou mesmo encolhidos numa cesta (p.112). Dessa forma, vemos que, entre um jeito e outro, foram sendo adotadas ou criadas ao mesmo tempo, por diversos países e regiões ou por uma mesma cultura ou pessoa, semelhanças e

diferenças na forma de acalantar, já que a mesma mãe ninava cantando uma canção em um momento, ou apenas balançava o seu bebê em outro; ou também o mantinha colado ao peito, girando-o de um lado para o outro.

Mas, para que possamos entender melhor algumas dessas diferentes possibilidades que envolvem o ato de acalantar na cultura brasileira, precisamos conhecer também as possíveis origens culturais que de algum modo contribuíram para que hoje entendamos que a nossa palavra acalantar pode ser ao mesmo tempo cantar uma canção de ninar e embalar no berço, no braço ou no vai e vem da rede ou do colo, entre outros. É que, entre as influências trazidas das várias tradições e modos de lidar com as crianças pequenas de todo o mundo, nós brasileiros tivemos também a influência da presença maciça da língua e dos costumes portugueses.

Historicamente, temos a comprovação da existência do berço de balanço na cultura de ninar infantil de diversos países, em especial de Portugal, bem como das interferências que o objeto berço trouxe para a constituição do próprio sentido da palavra acalantar, hoje, no Brasil. Em sua pesquisa, Vasconcelos (1907) verificou que o ato de acalantar em berços e caminhas de vai e vem provavelmente influenciou, por sua origem metonímica, na constituição do nome das chamadas canções de berço da língua portuguesa de Portugal, talvez pelo fato de que muitas crianças tenham sido ninadas enquanto embaladas no vai e vem de seus bercinhos, há séculos, nessa cultura. Por isso, gostaríamos de citar, a seguir, um estudo realizado por Vasconcelos (1907) sobre a presença marcante do berço de balanço na cultura passada de nossas heranças de embalar portuguesas. Vejamos algumas variações desses instrumentos de ninar apresentadas pelo autor, que também intervieram na constituição do nome e nas práticas do acalanto das canções de berço em diversas regiões de Portugal, nas suas versões mais originais de balanço (1907).



Figura 1. Berço do Norte (de madeira), extraído de Vasconcelos, 1907, p. 14.

Tendo como prioridade propiciar ao bebê o movimento contínuo de ida e volta, estes são exemplos de berços em madeira que eram utilizados pela cultura portuguesa das regiões Norte e Alentejo. Note-se o formato côncavo do primeiro exemplar acima, feito em madeira, com uma abertura nas duas laterais que, de certa maneira, facilitava o encaixe da mão do adulto para mover o neném. O mesmo procede no exemplo abaixo, em que os pés arredondados favoreciam o trabalho mecânico de balançar a criança.

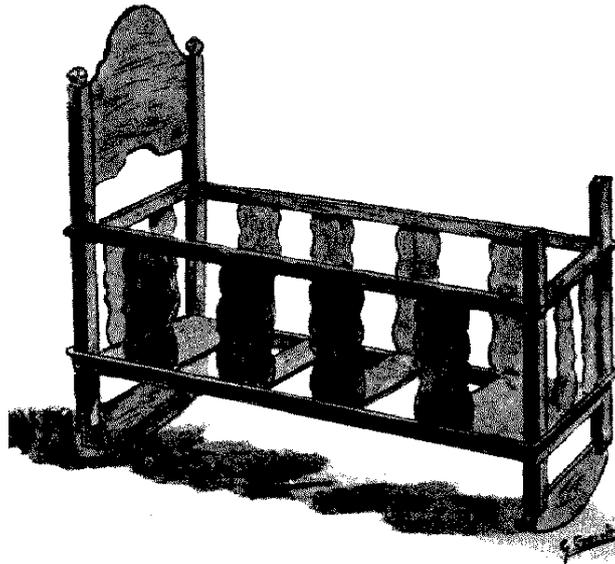


Figura 2. Berço do Alentejo (de madeira), extraído de Vasconcelos, 1907, p. 15.

Nas regiões mais pobres de Portugal, existiam outros modelos de berços côncavos feitos à base de cortiça, para melhor aquecer as crianças, como é o caso a seguir, também encontrado na região do Alentejo.

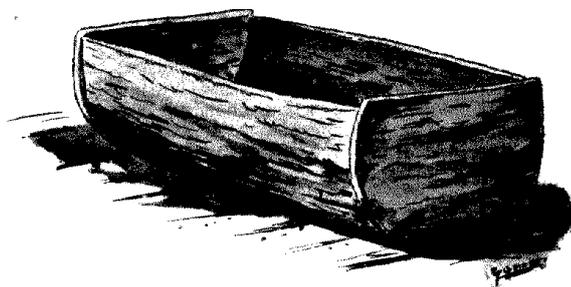


Figura 3. Berço do Alentejo (de cortiça), extraído de Vasconcelos, 1907, p. 16.

Ainda em Portugal, na Terra de Miranda e em Oliveira de Azemeis, eram mais comuns as chamadas canastras, que tinham também outras utilidades como as de levar a roupa para lavar à beira do rio, ou a de colher frutas, verduras e legumes na horta, etc.

Vasconcelos destaca que, em sua época, viam-se berços de ferro que imitavam uma cama comum de solteiro, só que em menor tamanho, além de berços de junco com o mesmo formato, que eram feitos na Ilha da Madeira, ambos com pés arqueados, que promoviam o balanço dos bebês. De maneira geral, a cultura portuguesa parece ter priorizado essa característica comum em seus instrumentos de ninar (berços): a do formato côncavo das caminhas e também de seus pés, valorizando sempre a possibilidade de gerar movimento.

Outra fonte que nos mostra essa relação intrínseca entre o ato de ninar nos bercinhos e os cantos de acalantos são as cantigas de berço, citadas no Dicionário Contemporâneo, de Castilho (*apud* VASCONCELOS, 1907, p. 17), em seu romance intitulado *O acalantar da neta*, do ano de 1844; a cantiga é entoada junto ao balanço do berço:

Dorme, dorme, minha neta
Senão não sou tua amiga:
Dorme, que eu te embalo o berço
E te canto uma cantiga.

A presença da palavra berço faz parte da língua de diversos países. No caso da língua galega, por exemplo, o objeto berço, desde sua versão mais antiga, é conhecido pelos nomes de *berzo e berce*. Segundo Vasconcelos (1907), “outras formas românicas são aparentadas com estas, como no espanhol antigo em que era chamado de *brezo e brizo*. Em catalão, existem as palavras *bres e bressól*. No francês antigo, era chamado originalmente de *bierz e bers* e, no mais atual, *berceau*” (p. 14). Curiosamente, as cantigas de acalanto, até hoje, na França são chamadas de *berceuses*, mantendo ainda elementos da palavra *berceau* (berço) na atual nomenclatura, fazendo essa associação entre berço e canto de acalanto na forma de expressar-se.

Se, historicamente, o berço é sinônimo de acalantar no balanço do vai e vem, essa característica parece permanecer em muitos modelos atuais. Vejamos alguns modelos mais recentes que podem ser encontrados nas lojas brasileiras:



Vemos também que essa experiência de acalantar, em suas origens pretéritas, veio carregada de modos distintos em cada lugar do mundo, mas sempre presente, toda vez que alguém tentou acalmar o seu bebê, seja trazendo sua criança para junto do coração (do peito, do colo), nas costas como os indianos e africanos, com o toque da mão que acarinhava, seja no berço, na cama, no colchão, na rede ou nos braços que balançavam, imprimindo nessa atividade um ritmo mais pausado, tranquilo, do tempo de acalmar.

Nas diferenças entre essas formas de acalantar, vimos que o ato de ninar nos berços acabou por influir também na origem do próprio nome desse gênero de cantiga, criando em Portugal as chamadas canções de berço e as berceuses na França.

Se cada lugar foi criando uma forma, um nome, um movimento, um jeito de acalantar, a maneira como se cantava e se canta ainda hoje uma canção de acalanto também varia de cultura para cultura, tal como nos apresenta Lorca (1954) acerca das *nanas infantiles*. Ao percorrer cada uma das regiões da Espanha e também alguns pontos da Europa e da Ásia, o poeta fez observações sobre o modo como os acalantos são cantados, bem como sobre as suas diferenças nesse quesito em relação aos locais por onde ele passou. Inicialmente, o poeta fala do estilo da canção de acalanto da maior parte do território europeu, destacando que nela “há sempre a preponderância de formas mais suaves e monótonas, bastante diferente das *canciones* russas, nas quais é forte a influência do triste rumor eslavo” (p. 99).

Ao passar rapidamente por essas culturas, Lorca (1954) centra seus comentários nas cantigas de origem espanhola, das quais destaca uma tristeza quase insuportável, dizendo que nelas “a tristeza consegue ser ainda mais triste” (p. 99). De maneira geral, o poeta nota que, nos lugares onde se fala o castelhano, as canções de ninar “têm a mesma forma dura de acentuar as palavras, a mesma originalidade dramática da cultura espanhola, sempre ardente, excessiva, cheia de mistério e antiguidade” (p. 99). Diz que, “em sua tristeza sóbria e furor rítmico, a Espanha reservou, para chamar a criança ao sonho, a mais sangrante e menos adequada estrutura para a sua sensibilidade, pois suas canções de berço foram criadas pela melancolia profunda das mulheres, cujas crianças se tornaram uma cruz a carregar em suas vidas miseráveis” (p. 99). Daí derivariam as letras que denunciavam o nascimento de um filho abandonado pelo pai que “*sollo está y sollo vivirá*” e de um amor perdido para sempre (p. 99).

Como uma tradução cultural de cada povo, o acalanto carrega as raízes imateriais das tradições que representa em cada lugar. Dentre tantas diferenças, os acalantos incorporam semelhanças, independentemente de sua procedência: certa monotonia nos sons que se repetem, favorecendo o tempo que antecede o sono ou uma mudança de ritmo nos momentos de choro ou de alguma irritação ou incômodo.

1.4. ACALANTOS: ORIGENS HISTÓRICAS.

Embora o ato de acalantar seja ainda um hábito cultural que permanece em certas famílias brasileiras, é interessante perceber que tal prática tem origens das mais longínquas, uma vez que verificamos em nossas pesquisas que essa experiência já fazia parte da educação de bebês na Grécia e Roma antigas. Seja em documentos do período, seja via depoimentos recolhidos por pesquisadores dessa temática, encontramos aqui e ali uma variedade de orientações que sugeriam às mães e amas da época a prática do acalantar voltada para a educação de seus pequeninos. Historicamente, temos essas referências sobre o acalanto na Antiguidade Clássica, no tomo II de *As Leis*, de Platão. Vejamos o trecho do referido documento em que acontece o diálogo de Platão (aqui apresentado como O ateniense) com Clínias:

[790 d]

O ateniense: com recém-nascidos deve-se reproduzir esta condição o mais próximo possível. Mais uma prova disso pode ser vista por aqueles que amam as crianças. Assim, quando as mães têm crianças que sofrem de insônia, e querem atraí-las para descansar, o tratamento que se aplica é dar-lhes o movimento do mar, pois chacoalhá-las constantemente em seus braços, em vez de silêncio, [790e] devem usar uma espécie de ruído cantado, pois assim, elas literalmente elencam um feitiço sobre os filhos (como as vítimas de frenesi báquico), empregando os movimentos combinados de dança e música como um remédio (PLATÃO, 2010, p. 276).

No trecho acima, Platão faz um destaque para a importância de se empreender movimentos ritmados e acompanhados de canto, com acalantos e canções de ninar, que deveriam começar desde os primeiros meses de vida, período em que os bebês já poderiam ser submetidos a movimentos ininterruptos, dia e noite, como se estivessem dentro de um barco.

Vejamos abaixo mais um documento de 380 A.C. em que constam outros trechos do diálogo de Platão (ainda representado no documento como O ateniense) com Clínias, demonstrando a preocupação de orientar a mãe ou a ama sobre como devem tratar os seus bebês, desde o nascimento, a começar pelo ato de cantarolar para a criança dormir, observando que a combinação de música e movimento ritmado causa encantamento na alma, como podemos ver a seguir

[791 a]

O ateniense: para afetos deste tipo, o movimento externo, portanto, aplicado ao movimento interno junto ao frenesi do medo avassalador, traz a calma como um manifesto da alma e uma cessação das palpitações graves do coração. Assim, produz resultados muito satisfatórios. As crianças colocadas dessa forma para dormir (o pequeno Bacante) acordadas, passam a ser colocadas em um bom estado de espírito, ao invés de uma condição frenética (PLATÃO, 2010, p. 279).

Clínias: digamos então, que esse fator, ou seja, o exercício de crianças muito jovens pelos vários movimentos contribui grandemente para o desenvolvimento de uma parte da virtude da alma (PLATÃO, 2010, p. 279).

O ateniense: certamente (PLATÃO, 2010, p. 279).

Portanto, sabemos, por meio das fontes supracitadas, que já havia no período clássico orientações educativas em relação ao cuidado dos bebês, que recomendavam a prática do acalantar com o balanço do *para lá e para cá* com a criança (como no balé das ondas do mar), prevendo que este tinha uma função de auxiliar a ordenar os movimentos internos da alma, em que o embalo de ninar fazia a criança se acalmar. Aqui, vemos que, para os gregos, o cantarolar de acalantos, associados ao movimento contínuo de vai e vem, provocava um estado de relaxamento nos pequenos.

Ainda sobre o ato de acalantar crianças no período da Antiguidade Clássica, citamos os estudos de Vasconcelos (1907) que também tratam dos tempos distantes da Grécia Antiga, em que segundo o autor:

Já os gregos, que não houve cousa em que não pusessem algo de mythologia, imaginaram Hermes³ adormecendo a Argos⁴, o dos cem olhos, ao som da flauta

³Sabe-se que Hermes “era filho de Júpiter e de Maia, filha de Atlas. Os gregos chamavam-no **Hermes** que inventou a lira no mesmo dia em que nasceu. Mal saiu do seio materno, não ficou envolto nos sagrados cueiros, pelo contrário, imediatamente ultrapassou o limiar do antro sombrio, encontrou uma tartaruga e dela se apoderou. Estava ela na estrada da gruta, arrastando-se devagar e comendo as flores do campo. Ao vê-la, o filho de Júpiter alegre-se; pega-a com ambas as mãos, e volta para a sua morada, com o interessante amigo. Esvazia a escama com o cinzel de brilhante aço e arranca a vida à tartaruga. Em seguida, corta alguns caniços, na medida certa, e com eles fura o costado da tartaruga de escama de pedra; em volta estende com habilidade uma pele de boi, adapta um cabo, no qual, nos dois lados, mergulha cavilhas; em seguida, acrescenta sete cordas harmoniosas de tripa de ovelha. Terminando o trabalho, ergue o delicioso instrumento, bate-o com cadência empregando o arco, e a sua mão produz retumbante som. Então o deus canta improvisando harmoniosos versos, e assim como os jovens nos festins se entregam à alegria, ele também o faz cantando as entrevistas com Júpiter e a formosa Maia, sua mãe” (parte do Hino Homérico). Fonte: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/mercurio.htm#ixzz1eWwjUj6W> com acesso em 23/11/2011.

⁴Sobre Argos, as histórias antigas contam que ele era um “monstro de cem olhos e fiel servo de Hera. Era ele quem cumpria as ordens de Hera liquidando a quem ela determinasse. Foi ele quem liquidou Equidna, o monstro de natureza terrível que devorava viajantes inocentes, enquanto ela dormia. Também foi ele

cantando ao som da agreste avena, a adormecer os desvelados olhos (1907, p. 01).

Há quem diga, portanto, que até os deuses gregos acalentavam-se com as cantigas de ninar (adormecer). Essa brincadeira com os modos adotados pelos imortais do Olimpo representa mais uma reincidência desse hábito nas culturas greco-romanas, algo mesmo como uma prática que já pertencia ao período clássico, desde os seus tempos mais distantes.

Sobre as canções de berço na Grécia Antiga, Vasconcelos (1907) mostra vários vocábulos correlacionados com o assunto, mostrando exemplos de verbos em grego que, traduzidos por ele, podem ser “adormecer ao som de cantigas” e também alguns substantivos que querem dizer, respectivamente, “canção de berço” e “ação de adormecer os meninos, cantando-lhes” (1907, p. 03). No mesmo documento em que traz as informações supracitadas, o autor nota que “Theocrito (século IV-III a. C.), no *Idyllio XXIV*, intitulado *Heraclisco ou Hércules menino*, põe na boca de Alemena uma espécie de canção do berço, quando ela afaga os filhos gêmeos, Hércules e Iphicles: *dorme meus meninos um sono doce e brando; dormi almas minhas, irmãos um do outro, filhos afortunados; repousae felizes, e felizes chegae até amanhã de manhã*” (1907, p. 03). Assim, garantir que suas crianças fossem acalentadas por canções, induzidas com palavras de incentivo ao sono, nos leva a crer que, para esses povos, adormecer ao som de cantigas era um prelúdio de bons e longos sonhos.

Numa outra citação, Vasconcelos (1907) revela que “Quintiliano⁵, segundo o filósofo grego Chyrisippo (século III antes de Cristo), recomendava efetivamente que os afagos das amas para com as crianças fossem acompanhados de poesias cantadas” (1907, p. 4). Curiosamente, nessa última referência, notamos que certos acalantos parecem fazer, há muito tempo, o uso da rima, e que por suas próprias características agregam ainda mais musicalidade à sua forma, na repetição de aliterações de consoantes e de sons nasais prolongados ao fim de cada verso.

quem vigiava com seus cem olhos, que nunca dormiam, a amante de Zeus, que se chamava Io. Recomendado por Zeus, o marido de Hera, então chamado por Hermes, fez Argos dormir e matou-o. Quando Argos morreu, Hera o transformou num lindo e exuberante pavão real, com suas penas marcadas pelos seus cem olhos, em reconhecimento por suas grandes tarefas cumpridas”. Fonte: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/01/argos-panoptes.html> com consulta em 23/11/2011.

⁵“Considerado como o maior pedagogo romano, Marcus Fabius Quintilianus nasceu em Caegurris (Calahorra, atual Espanha) e viveu de 30 a 95 d.C. Foi também escritor, estudioso da área do Direito e retórico latino”. Fonte: www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/.../01d06t01.pdf com consulta em 23/11/2011.

De origem latina, temos o registro de canções de berço, através de Pérsio (século I da era cristã), na obra conhecida como Sátira III, em que acontece um diálogo entre um aio e seu pupilo, no qual o primeiro diz ao segundo, em tom de ironia: “Porque é que irado contra o seio que te nutre não recusas ouvir cantar a ama?” (*apud* VASCONCELOS, 1907, p. 4). Vemos neste trecho um exemplo de que a prática de acalantar com canções, atribuída às amas, não fazia parte apenas dos hábitos da cultura grega, mas também da romana.

Na mesma fonte, em 327 d. C., temos referências de Arnóbio⁶ de Sica em que aparece a presença das canções de ninar, no momento em que este, em seus diálogos, refere-se a elas como *lenes neniae*, traduzidas por Vasconcelos como “doces cantigas” (1907, p. 4).

Outro exemplo trazido por Vasconcelos (1907) sobre a existência desse hábito de acalantar no cotidiano do mesmo período ao de Arnóbio vem do poeta Ausônio (310-395)⁷, que manifesta o desejo ao filho de um conhecido de que este “se habitue a deleitar-se e a instruir-se com os *rhythmos* do ró ró da ama que fazem dormir” (p. 04). Os acalantos, aqui, parecem não ser indicados apenas como uma experiência de agrado, mas também como uma forma de instrução infantil.

Vasconcelos (1907) também traduziu e citou o seguinte trecho de Dante Alighieri (século XIV) na Divina Comédia: “primeiro elas se tornam tristes, do que tenha barba na cara aquele que se consola agora com uma cantiga” (p. 04). Vasconcelos (1907) prossegue dizendo que as cantigas de ninar mostram por si mesmas não apenas a existência de tal prática cotidiana de cantar acalantos nessas sociedades, mas também “de quanta poesia os italianos revestiam o cuidado à primeira infância em tão numerosas canções de berço, especialmente em regiões como na Córsega, Sicília, Calábria, Sardenha” (p. 04).

Ainda na tentativa de indicar certa universalidade, abrangência e continuidade histórica da permanência das canções de berço em diferentes países do mundo, Vasconcelos (1907) nos mostra lugares em que essas canções permaneceram como um

⁶ “Arnóbio (em latim: Arnobius) também conhecido como Arnóbio de Sica foi um apologético da fase inicial do cristianismo”. Fonte: www.bibliacatolica.com.br/historia_igreja/21.php com consulta em 23/11/2011.

⁷ “Décimo Magno Ausônio, natural de Burdigala foi um poeta que exerceu seu cargo sob imperadores cristãos do século IV demonstrando a importância de uma educação clássica no fim do Império. Ausônio sabia de cor as obras de seus antecessores, fontes de onde ele retirou a grande variedade de seus temas”. Fonte: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/261/190> com consulta em 23/11/2011.

costume culturalmente adotado ao longo dos séculos. Na França⁸, por exemplo, como já indicamos anteriormente, o autor destaca que as canções de berço eram chamadas entre os séculos XVIII e XIX de *berceuses*, em especial em Provença, Alvéria Alta, Baixa Bretanha, Alta Saboia, Poitou e Lorena, onde a canção de berço se chamava *endormeuses*.

Também na Suíça, na Turquia e na Áustria as canções de berço acalentavam bebês e crianças de todas as classes. Na Alemanha, essas cantigas eram chamadas de *wiegenlied* e *schlummerlied*. Na Hungria, foram chamadas de *bölkösodal*, *uspawanka* ou *ukolébavka* que em húngaro, croata, tcheco ou boêmio seriam as canções de berço, provando sua existência também nesses países (VASCONCELOS, 1907).

Na Bélgica, (Bruxelas) existiam igualmente as chamadas *berceuses*, assim como na Holanda, em que também eram conhecidas como *wiegenlied*. No território inglês, havia as *lullabies* como já vimos anteriormente (como ainda são chamadas) e, na Espanha, uma grande representação das chamadas *nanas* foram registradas em manuscritos desde o século XVI com as *nina nana e lala la* ou *nanas infantiles* (VASCONCELOS, 1907).

Na Bulgária, eram chamadas de *liulkova piesen*. Na Romênia, *cântec de légan* e, em russo, *kolybéllmaia pieçnh*; em polaco *piosuka dla dzieck*. Também faziam parte as práticas de acalanto no norte da Europa, na Lapônia e também na Finlândia. Na Suécia, se chamavam *vaggsang* ou *vaggivisa* e, na Dinamarca, de *vuggeviser* (VASCONCELOS, 1907).

Identificando palavras que representam o ato de acalantar em tão diferentes línguas e nações, somos tentados a corroborar as palavras de Vasconcelos, quando este defende certa amplitude no que se refere à existência do hábito de acalantar, desde os tempos mais pretéritos (1907).

Em Portugal, embora defendendo que as canções de berço já existissem em períodos anteriores, Vasconcelos (1907) nos mostra que os primeiros registros impressos sobre o assunto, datam do século XVI. Embora não cite a fonte, o autor diz que entre os documentos consultados por ele, no ano de 1557, aparece o seguinte trecho: “nisto começou a chorar ha menina, & acordando ha ama se pos a embala-la, cãtandolhe” (p. 10). Também Cascudo (1980) aponta as origens portuguesas de nossas

⁸ “No ano de 1920, o ato de embalar a criança tornou-se proibitivo e continuou a sê-lo durante um bom tempo, especialmente pelos puericultores, e por isso mesmo permanecia às escondidas nos hábitos cotidianos. Esta hostilidade em relação ao embalo já havia sido imposta há alguns séculos, pois em 1762, no livro *Emílio*, de Rousseau, já havia recomendações de evitá-lo” (JORGE, 1988, p. 196).

cantigas de ninar, dizendo que um dos grandes estudiosos do folclore e da música popular brasileira do século passado, chamado Renato de Almeida, ressalta que “vieram as nossas de Portugal, na sua maior parte, e vão passando por todos os berços do Brasil e vivem em perpétua tradição, de boca em boca” [...] (p. 08).

Ainda acerca das variações semânticas embutidas no ato de acalantar em Portugal, aprendemos com Vasconcelos (1907) que, na região portuguesa de Fozcoa, o verbo *arrolar* queria dizer ao mesmo tempo: ato de balançar o bebê no colo com o canto e também chacoalhar a criança sem a melodia, apenas com o movimento, chamado de *rou rou*. No Dicionário Latino Lusitano (1570), existem algumas notas de Jorge Cardoso Coimbra em que o verbo *arrolar* aparece no sentido do latim *sopire* que é adormecer (p. 17). No Dicionário de Língua Portuguesa (1789) de Moraes, existem também os verbos *arrular*, *rolar* e *arrulhar*. Ainda no século XVIII, em galego, o termo *arrolar* era “mexer o menino na cama” (p. 17).

Na mesma categoria de *arrolar*, já estava na língua portuguesa do século XVIII o verbo acalantar que, na região de Castelo Branco, era “aconchegar e aquecer as crianças ao colo, cantarolando ó-ó ó-ó” ou “cantando cantigas para elas dormirem, se calarem ou não chorarem” (VASCONCELOS, 1907, p. 17).

Na etimologia da palavra acalanto, Vasconcelos (1907) nos traz referências importantes para que compreendamos as origens do verbo acalantar, não apenas para a língua portuguesa de Portugal, mas especialmente para a língua portuguesa do Brasil. Na língua antiga portuguesa já se utilizava acalantar, forma que permaneceu na região portuguesa de Extremadura, tendo sua origem no verbo *calar*, cujo sentido foi dado pelos espanhóis a partir do verbo *acallar* que é o mesmo que *fazer calar*. Segundo o autor

muitos verbos portugueses factivos do mesmo tipo morfológico, com o sufixo *ant-ar*, se alternaram em *ent-ar* da formação do participio do presente dos verbos: *adoentar*, *adormentar*, *aferventar*, *aviventar*, *aformosentar*, *apouquentar*, *amolentar*, de modo que todos eles estavam relacionados respectivamente aos termos *doente*, *dormente*, *fervente*, como participios da língua antiga portuguesa e adjetivos na língua moderna (VASCONCELOS, 1907, p. 17).

Por isso, “acalantar era igual à *acalent-ar*, cuja troca de sufixo entre acalantar e acalantar era notada também entre o espanhol *amamantar* e o português amamentar” (VASCONCELOS, 1907, p. 17). Em seus outros apontamentos, Vasconcelos (1907) nos mostra que “o verbo *calentar* é mesmo derivado do verbo *calar*” (p. 18), e que no

espanhol antigo havia também *callantar* em várias acepções. Para ele, “todas essas formações românicas foram dadas por verbos latinos como os verbos *praesentarem* e *frequentare*” (p. 18).

Se juntarmos numa mesma definição todas as formas empregadas para explicar o que quer dizer acalantar, nos vários nomes conhecidos em Portugal desde os séculos anteriores, veremos que, mesmo em meio a tanta diversidade, o seu sentido permanece no Brasil, até os dias atuais. É por isso que o sentido do verbo acalantar empregado nessas regiões portuguesas foi certamente o que mais influenciou a constituição característica desse mesmo verbo na língua portuguesa brasileira até hoje. Daí, temos o verbo acalantar no dicionário Aurélio, como sendo: 1. Adormecer (criança) ao som de cantigas; embalar cantando, aconchegando ao peito.

Para Graça, “as canções são as maiores companheiras da vida e dos trabalhos do povo português, pois elas o cercam desde o berço até o túmulo” (1953, p. 12). O autor ainda completa que:

onde nasce uma vergôntea na família, logo a mãe acalenta o novo nato, cantando-lhe suavemente com uma dessas terníssimas canções de embalar, maravilhas de candura que constituem verdadeiramente uma das expressões mais profundas da nossa música popular (1953, p. 12).

Nos hábitos e costumes que envolviam os cuidados com os novos membros que nasciam nos lares daquela sociedade, a cultura popular portuguesa realmente fazia uso de cantigas de embalar nas situações mais corriqueiras do dia a dia.

Ainda sobre a presença das interjeições nos acalantos brasileiros, herdados da língua portuguesa, Câmara Cascudo cita Gil Vicente, fazendo uma analogia do nosso *u – u – u – uuu* ao que foi usado legitimamente pelo poeta, na forma de *Ru – u – u – u*, no século XVI:

A interjeição, onomatopeia que deu nascimento ao verbo arrolar, poderá ter vindo pela Espanha Moura, de fontes orientais. É uma sílaba que se canta com uma ou várias notas, provindas de heranças longínquas, reminiscência melismática, ainda visível nos nossos aboios⁹ do nordeste do Brasil (1980, p. 03).

⁹Os aboios são originalmente, no Brasil, cantos individuais sem palavras e marcados exclusivamente em vogais, entoados livremente pelos vaqueiros quando conduzem o gado; no entanto, alguns dos aboios portugueses da região do Minho possuem versos e letras que são respondidas em coro pelos camponeses (CASCUDO, 1980, p.3).

Cascudo observa que “imitando um som ou chiado que repete vogais e sílabas, como se fossem cantarolados, semelhantes aos sons emitidos pelos bebês, essas expressões onomatopaicas eram parte do vocabulário português no período de 1536, de forma que o *ru u* virou o *rú rú* ou o *ró rô*” (1980, p. 03). Essa onomatopeia foi utilizada pelo poeta e tornou-se uma referência similar de expressão para empregar o mesmo sentido que se utiliza para a canção de berço, captando tão bem o movimento do balanço ritmado de vai e vem.

Para Graça, “algumas das canções, inclusive as que se tornaram patrimônio melódico de ninar na cultura portuguesa, como é o caso das *canções de berço* de Monsanto¹⁰, tiveram influências ancestrais árabes e também gregorianas” (1953, p. 510). Ao trazer a letra do conhecido acalanto *vai-te embora ó papão*, mais conhecido em suas variações no Brasil como Bicho Papão, Graça (1953) também nos mostra que ela foi-lhe apresentada por uma senhora sexagenária de Arganil, de uma vila portuguesa do Distrito de Coimbra, região Centro e sub-região de Pinhal, no Interior Norte. Sobre essa possível origem árabe, temos também referências trazidas por Vasconcelos (1907) que confirmam essa procedência.

Segundo Leça, “os cantos de acalantos faziam parte das tradições portuguesas de diferentes pontos do país” (1942, p. 162). Em suas pesquisas, o estudioso fez levantamentos dessas localidades e documentou essa tradição em quase todas as províncias portuguesas, tais como em: Quintela, Lapa (Beira Alta), Penamacor (Serigo), São Pedro do Sul, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Bragança, Palmeira (Braga), Ribatejo, Orém, Barqueiros (Alto Douro), Alto Alentejo, Guimarães, Alta Estremadura, Alcains, Orada (Borba), Alverca da Beira, Baltar (Douro), Cedovim, Figueira (Castelo Rodrigo), Minho (Forjães), Gonsalo (Guarda), Especiosa, Carrazedas D’anciãs, Elvas e Mação, Alte (Algarve), Ovar, Pereiros-Trás-os-Montes, Souto (Penedono), Terras de Idanha e Monsanto.

Das produções literárias de Portugal, Leça cita Gil Vicente (com referência ao ano de 1521), quando traz o exemplo de um pequeno trecho das produções artísticas do

¹⁰As pistas de que as canções, entre elas as de acalanto, tenham sofrido influências pretéritas árabes e gregorianas (por conta da presença prolongada da Ordem dos Templários e suas localidades) podem ser seguidas na própria história de Monsanto. “Como aldeia histórica de Portugal, sabe-se que a presença humana nesse local data desde o paleolítico. A arqueologia diz que existem vestígios da passagem visigótica e árabe. Os mouros teriam sido derrotados por D. Afonso Henriques e, em 1165 e, Monsanto foi doada à Ordem dos Templários, que nas últimas décadas, tornou-se popularmente conhecida como a aldeia mais portuguesa de Portugal”. Fonte: [Http://www.memoriaportuguesa.com/monsanto-idanha-a-nova](http://www.memoriaportuguesa.com/monsanto-idanha-a-nova) com consulta em 17/11/2011.

escritor, cuja passagem trata da segunda cena da *Comédia de Rubena*, na forma satírica, envolvendo uma feiticeira que, enquanto os espíritos mitológicos vão buscar um berço, ela atua como ama e acalenta uma menina chamada Cismeninha, dizendo:

Ru-ru menina Ru-ru
Morram as velhas e fiques tu
Co´a tranca no c... (1942, p. 162)

O Ru-ru, como já vimos, era uma forma onomatopaica utilizada para acalantar as crianças e que aqui aparece no verso, empregada mais uma vez como prática cotidiana de acalantar na cultura portuguesa.

Ao citar o autor Antônio Prestes, um escritor português do século XVI, Vasconcelos (1907) nos mostra mais um exemplo de canções de berço na arte literária¹¹ dessa época (do ano de 1587), em que o *nina nana* aparece nos versos do poeta. Vejamos o referido texto a seguir:

Quero mais os meus filhinhos
Comigo conchegadinhos
Na cama com nina nana
Que esta vida murciana
Dos vossos passeoszinhas (*apud* Vasconcelos, 1907, p. 11).

Nesse pequeno verso, pode-se perceber que, na cultura linguageira portuguesa do final do século XVI, as palavras *nina nana* já eram empregadas. Sabendo que a língua vem ultrapassando milênios, temos hoje exemplos dessas canções, cujas letras ainda trazem o nana neném, ao mesmo tempo em que as canções de ninar correspondem à nomenclatura utilizada atualmente no Brasil e em Portugal para substituir os termos sinônimos denominados como acalantos e canções de berço.

Vasconcelos (1907) apresenta o nome de outro autor português chamado D. Francisco Manuel de Mello, do século XVII, na obra intitulada *Carta de Guia de Casados*, cujo hábito de ninar empregando o termo *nana* também aparece em seus escritos:

Ora nana, meu menino
Que teu pae foi ao moinho (*apud* VASCONCELOS, 1907, p. 11).

¹¹ “Vide primeira parte dos autos e comédias portuguesas feitas por Antônio Prestes, Luís de Camões e outros” (VASCONCELOS, 1907, p.11).

Do século XVIII, D. Rafael Bluteau é mencionado por Vasconcelos pelos seus escritos acerca dos cuidados com a criança pequena, evitando que ela chorasse e ao mesmo tempo ajudando-a a dormir em paz:

acalantar uma criança – he de impedir-lhe, que não chore, tomando-a no colo, fazendo-lhe afagos, cantando-lhe & embalando-a até a fazer dormir; fazer nana – abalar a ama o berço ou cantar e fazer meiguices à criança para adormentar (*apud* VASCONCELOS, 1907, p. 11).

Do século seguinte (1880), Vasconcelos cita o surgimento da obra *Romanceiro da Madeira* (1907) pelo Dr. Rodrigues de Azevedo, com a publicação de uma parlenda infantil intitulada de *Acalantar Meninos*. Em 1881, Adolfo Coelho publica na Revista *D'Ethmologia a Cantiga do Papão* e, no folheto *Os jogos e as rimas infantis de Portugal*, inclui outras rimas que se cantavam junto ao berço¹². Para o ano de 1886, Vasconcelos traz também a figura de Theóphilo Braga que, no livro *O Povo Português*, faz várias notas sobre o assunto das cantigas de ninar, não apenas com notícias literárias do referido tema, mas também com a publicação de algumas canções (1907).

No mesmo século XIX, citamos também os estudos realizados pelo próprio Vasconcelos, segundo os quais “para as creanças dormirem, é costume cantar-lhes cantigas, ao mesmo tempo em que embalão os berços” (1882, p. 207-208). Vasconcelos cita, em seguida, algumas cantigas de ninar da região do Minho e de Cabo de Basto. No início do século XX (1905), Vasconcelos traz novamente o nome de Theóphilo Braga, tendo em vista que este publica nova obra sobre as cantigas de berço, em seu livro chamado *Cantos Populares Portugueses* (1907).

O hábito português de cantar acalantos, comprovado nas pesquisas supracitadas, de fato, exerceu importante influência na cultura de nossos hábitos e costumes brasileiros de acalantar. Mesmo nos cantos aqui entoados, podem ser identificadas algumas semelhanças entre a estrutura geral das nossas cantigas, quando comparadas às cantigas de berço de Portugal. Nessas comparações, algumas letras recolhidas por Florestan Fernandes mostram que “várias de nossas cantigas de ninar, terminadas em *deixa o menino ou nenê dormir sossegado*, quer se referiam ao Bicho-tatu, ao Cuca ou ao Papão, estariam absolutamente ligadas a versões formais da cultura portuguesa” (1958, p. 52). Os resultados de suas pesquisas confirmam, portanto, que a maior parte

¹² Segundo Vasconcelos, “tais rimas foram ministradas a Adolpho Coelho por A. Thomas Pires in *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* na Série 43 do Número 12” (1907, p. 11).

de nossas cantigas de ninar ainda mantém semelhanças que permaneceram ao longo dos séculos, originadas nas canções portuguesas.

Fora da Europa, segundo Vasconcelos (1907), podem ser encontradas várias extensões das práticas do acalanto em comunidades de cultura indígena, como era o caso dos Chiloé (no sul do Chile), dos povos Dindjie do Alasca, dos Haitianos e dos Hottentotes¹³. Para o autor, em etnias mais distantes, os acalantos também fizeram parte da rotina diária, como é o caso dos Okomatadi (da Sierra Parima, no Amazonas), dos Esquimós, dos Tepehua (no México) e dos Lapões¹⁴.

Nas descrições levantadas por Macedo, as canções de ninar entoadas no grupo das crianças indígenas das aldeias Guarani do Sul e Sudeste do nosso país “estão tão incrustadas no universo infantil de seus herdeiros, que passaram a fazer parte do repertório apresentado pelas crianças aos visitantes brancos que frequentam a aldeia e, há gerações são conhecidas por elas como mitã mongueá” (2009, p. 183).

Segundo Jorge (1988), da cultura dos Parecis foram recolhidos por E. Roquette Pinto inúmeros acalantos. O trabalho de escuta e registro foi realizado em campo, em contatos estabelecidos entre os anos de 1982 e 1983, pelo Instituto Nacional do Folclore no Rio de Janeiro, através do Núcleo de Música. Também organizados por Aloysio de Alencar Pinto, citou os acalantos conhecidos como os cantos de rede utilizados pelos caboclos do Pará, que numa mesma cantiga unem palavras da língua portuguesa com palavras do tronco Tupi.

Sobre pesquisas realizadas por Cascudo (1980) podemos destacar as que dizem que:

¹³ Povos que habitavam a região que hoje conhecemos como África do Sul. Fonte: <http://www.nosrevla.com/home/page3e> com consulta em 17/11/2011.

¹⁴ Os "lapões, (ou "saami" como são denominados nos países nórdicos), caracterizam-se como um povo indígena, muito à semelhança dos "esquimós" (Inuit, da América do Norte, os "índios" das Américas e os aborígenes da Austrália. Os saami têm uma cultura própria e distinta das outras culturas nórdicas. Podemos encontrar evidências quanto à origem dos saami, numa carta enviada por um viking, ao rei Alfred da Inglaterra, no final do século IX. A carta narra o modo de vida dos lapões, que migravam no Verão, para as regiões litorais, com as suas renas que eram a sua base de subsistência. Ainda mais antiga, é a referência do autor Tácitus sobre os "scritofinni", o povo que anda de esquí. Nos países nórdicos vivem menos de 100 mil lapões, dos quais 4.500 a 6.500, na Finlândia. A incerteza dos números reside no facto de que falta uma definição precisa sobre quem deve ser considerado saami". Fonte (Sítio da Embaixada da Finlândia): <http://www.finlandia.org.br/public/default.aspx?contentid=124273> com consulta em 18/11/2011.

os nossos indígenas tinham acalantos de extrema doçura como um, de origem tupi, onde se pede emprestado ao Acutipuru o sono ausente ao curumi. No idioma nheengatu, o acalanto se diz cantiga de Macuru. Macuru é o berço indígena (p. 8).

Ao citar Cascudo, Jorge (1988) assinala que “acutipuru quer dizer cutia enfeitada ou salta-sem-barulho” e que “para os indígenas, esses animais exercem certo espanto, porque eles conseguem descer das árvores mais esguias, de cabeça para baixo” e que “o acutipuru representa também o sono” (p. 37). A autora fala do estranhamento expresso por Cascudo, sobre o fato “do animal acutipuru ser um dos bichos mais inquietos da fauna nortista e justamente por isso, não combinar muito com a ideia de relaxamento” do acalanto (p. 37).

Conta-nos Jorge (1988) que os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, durante os longos anos que conviveram com os indígenas do Alto-Xingu, descobriram que, em dezessete desses grupos, os acalantos eram entoados sem texto, numa canção que se “resume a uma melodia ciciada no ouvido da criança, antes um chiado persistente, contínua e paulatinamente sussurrado, até vir o sono” (p. 38). Ela também diz que os dois sertanistas observaram a frequência de uma cena que acontecia nos momentos que antecediam o sono das crianças, onde mãe e filho tinham “o direito ao olhar mútuo durante todos os primeiros anos da criança” (p. 39).

Nessa gama tão numerosa e diversificada de povos que acalantam há tempos, temos cada vez mais a dificuldade em fundamentar com exclusividade, as verdadeiras origens culturais dessa tradição, pois não podemos aferir atributos específicos a uma ou outra cultura, até porque o ato de acalantar em si, acompanhado de cantigas ou não, parece-nos tão imbricado nas relações humanas que envolvem a educação do bebê de tantos tempos e lugares que chegam a ser quase que uma atividade comum a todas elas, pois, na convivência, boa parte dessas trocas interculturais foram influenciadas e também se influenciaram umas às outras.

Outra cultura, que certamente reforçou o hábito de acalantar no Brasil e que recriou letras e trejeitos no modo de cantar, foi a africana, oriunda do universo das amas negras escravas trazidas para cá, que ninavam os bebês de suas Sinhás, como ressalta Gilberto Freire no livro *Casa Grande & Senzala*:

também as canções de berço portuguesas modificaram-se segundo a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. A velha loa¹⁵ “escuta, escuta, menino” abrandou-se em “durma, durma, meu filhinho”. Nessa velha canção passou Belém de fonte portuguesa para riacho brasileiro. Riacho de engenho. Riacho com a mãe d’água dentro, em vez de moura encantada. Riacho onde se lavava o timãozinho do nenê (roupa de batizar) (FREIRE, 1981, p. 34).

A prática do acalanto já presente na cultura africana, antes mesmo que ela chegasse ao Brasil, fundiu-se aqui à forma portuguesa. Esses encontros linguísticos fomentaram uma verdadeira miscigenação cultural de hábitos, costumes e vocabulários, que gradativamente passaram a fazer parte do repertório dos acalantos de nosso país. Outras referências podem ser citadas aqui sobre a prática dessa tradição pelas negras mucamas. Em suas pesquisas realizadas na região do Vale do Paraíba, na Paulicéia e velhas povoações paulistas, Afonso de Freitas comenta sobre

quando, após longos e alacres momentos de folguedo, alguma das parceiras principiava a cabecear de sono, acudia a mucama solícita e pressurosa a acalentá-la; mas, se a criança, voluntariosa, recalcitrava rebelando-se contra as exigências de Morfeu, pelo desejo de continuar no brinquedo, então a escura mamã embalando nos braços de azeviche a sinhá moça, filha das suas afeições, entoava com carinho um exotismo rimado (*apud* FERNANDES, 1958, p. 75).

Era comum que as amas escravas ninassem as crianças com cantigas rimadas, especialmente nos momentos que os pequenos lutavam contra o sono e tentavam prolongar o próprio tempo de brincar. Vejamos outros exemplos do hábito de acalantar por mulheres negras e escravas que trabalhavam nas lavouras de café, nas próprias palavras de Lindolfo Gomes:

As mães cativas dependuravam aos ramos dos cafeeiros os berços de taquara, onde acomodavam os filhinhos, enquanto se entregavam aos labores da colheita, da capina e do plantio. De quando em quando corriam a ver se os filhos repousavam tranquilos. E se era preciso acalentá-los, entoavam uma dessas cantigas tradicionais que têm sido o encanto de gerações e gerações (*apud* FERNANDES, 12/10/1957)

¹⁵ Segundo o dicionário do folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo, “a loa é um verso improvisado ou não. Em Portugal, a loa é um verso conservado do tempo em que o povo tomava parte na liturgia, cantando alternadamente nos ludos da natividade desde o século XVIII” (1980, p. 440). No mesmo dicionário aparece ainda a indicação do autor em diferenciar as loas de origem sacra das não sacra, como por exemplo, as cantigas entoadas no norte brasileiro (1980).

Longe da possibilidade de acalantar as próprias crianças junto ao peito, ou de embalá-las nos braços, em função de sua rotina de trabalhos diários, restava a essas mulheres da lavoura a forma de acalantar cantarolando canções de ninar. Era essa a alternativa encontrada por elas, para mostrar sua presença materna aos filhinhos, de maneira que estes pudessem ouvi-las próximas, acalmado-se, mesmo que longe do toque direto da mãe. Temos, ainda hoje, registros de algumas letras de músicas que foram entoadas no Brasil por essas mulheres, enquanto trabalhavam nas plantações de cana, das fazendas produtoras de açúcar. Vejamos uma delas intitulada como Nina-nana de Engenho que foi recolhida na região da Bahia, por Stela Leonardos, através do CD *O menino poeta*, gravado pelo Estúdio Eldorado, em 1985:

Blim! No guiso cristalino, cristalino,
Blam! Na quadra mel de cana.
Nana nana, meu menino,
blino blino, blana blana.

Fino fino, engenho fino
Fio, mel, cana, caiana.
Nino nino, meu menino,
blino blino, blana blana.
“Boizinho boizinho” blim!
“que está no curral” de paina:
“vem ver o menino ”nino
“que não quer dormir” e nana.

O canto que ecoava no campo fazia a ponte entre a criança e a mãe, ainda que sob certa distância espacial, diante da impossibilidade de um colo de corpo a corpo. Na maior parte das vezes, essas mães tinham tarefas a cumprir nos engenhos de cana, numa carga horária que ia em média de 16 a 18 horas diárias. Por isso, acalentavam seus filhinhos ao som de suas cantilenas.

A tarefa de adormecer os bebês no período oitocentista do Brasil estava quase que completamente destinada às mucamas escravas de origem africana, tendo em vista que a elas era atribuído o próprio hábito de amamentar as crianças das senhoras brancas. Por influência do modelo europeu de educação pueril e também das práticas e costumes trazidos da América do Norte, o recurso às amas de leite era bastante comum por todo o Império, e o aluguel dessas amas representava uma atividade lucrativa importante para os seus senhores, especialmente para os que moravam nas proximidades das cidades.

Num jornal intitulado *Ostensor Brasileiro*, de 1845, o historiador Luiz Felipe d'Alencastro cita o seguinte trecho:

não se encontrarão em todo o império cinco mães que, pertencendo à classe elevada, aleitem seus filhinhos [...] não se encontrarão dez na classe média [...] não será coisa fácil apontar 20 na classe baixa (CASTRO, 1997, p. 64).

Essa atividade de amamentar e de acalantar as crianças no Brasil oitocentista não era exclusiva das mulheres escravas porque existiam também as chamadas amas brancas de leite. Estas alugavam seus serviços na época para as classes mais abastadas, como era o caso de muitas imigrantes, em especial as dos Açores, que passavam a competir com as mucamas escravas de aluguel que viviam aqui e que também se destinavam às funções da amamentação (CASTRO, 1997).

Nesse contexto, quanto maiores eram as dificuldades financeiras, mais as mulheres livres também buscavam as possibilidades de alugarem seus corpos/serviços de aleitamento às senhoras e mães mais abastadas. Isso porque as oportunidades de outros ganhos financeiros eram bastante esparsas nessa época, especialmente para as mulheres de origem mais humilde.

A tradição de acalantar os bebês dos senhorios, na cultura de mulheres escravas, era provavelmente uma prática comum. Naquele cotidiano, estabeleciam-se as relações propícias ao acalanto, quase sempre acompanhado das cantigas de ninar. No livro *Mulheres Negras do Brasil*, temos referências sobre as cantilenas de ninar, entoadas pelas mães negras, geralmente em sua língua nativa. Segundo Schumacher e Brasil (2007) “esses cantos, na maior parte das vezes, traziam à tona mitos e personagens africanos, donde vinha à entrada nos acalantos brasileiros, de figuras como as do preto velho, da negra velha ou do negro de Angola” (p. 44).

Embora hoje saibamos o valor indiscutível da importância grandiosa de tais tradições, muitos dos senhores aristocratas da época consideravam-nas como oriundas de uma “crendice barata de fanatismos e aberrações” (SCHUMACHER & BRASIL, 2007, p. 44). Essas tradições eram quase sempre desmerecidas e criticadas pelos pais das crianças, como sendo “lascivas e próprias para lançar sementes de estupidez ou de corrupção nas tenras alminhas dos filhos” (SCHUMACHER & BRASIL, 2007, p. 44). Sobre as origens desses personagens mágicos e assustadores nas cantigas de acalanto, faremos a seguir uma viagem pelo mundo monstruoso dessas figuras que atemorizam as crianças de todos os tempos.

1.5. ACALANTOS: ORIGENS MITOLÓGICAS DE SEUS PERSONAGENS.

Curiosamente, em posição quase que antagônica ao ritmo pausado e tranquilo das melodias de acalantos de vários pontos do globo, estiveram suas letras repletas com personagens terríveis como o Bicho Papão, a Cuca ou Coca e o Boi da Cara Preta. Nas trilhas desses seres malignos, Leça (1942) destaca que “na Espanha e em Portugal as crianças dos séculos XVI ao XIX foram adormecidas pela credence da existência desses monstros” (p. 167). O autor cita um escritor seiscentista chamado Frei Luís de Sousa e sua obra intitulada *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, em que aparece um personagem horripilante chamado de Côco, conhecido como o bicho papão, com o qual as amas assombravam e acalantavam os pequeninos. Segundo Leça

a Cuca era uma variação do Drago (dragão), que no século XVII certo arcebispo bracarense banuiu, assim como também uma variação da Serpe (serpente) oriental, cujos mastodontes engenhados pelo povo deveriam amedrontar as crianças para obrigá-las a adormecerem (1942, p. 167).

Em Portugal, havia também, na “Vila Nova de Portimão, no Algarve, a tradição de sair à rua a personagem da Cuca, da qual as crianças corriam apavoradas” (http://sitededicadas.ne10.uol.com.br/folk_cuca3.htm). Nessa forte presença da Cuca na cultura portuguesa, vemos que não apenas essa personagem, mas também os cantos de acalanto que se remetem a ela foram também herdados daí, até se tornarem hoje parte de nossas tradições brasileiras de infância.

Outra personagem muito assustadora, talvez até mais presente nos acalantos do que a Cuca, é a figura do boi. Veja-se como exemplo a cantiga *Boi, boi, boi, Boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta*. Essa figura pode ter sua origem nas “antigas festas religiosas de tradições em que a pecuária e a agricultura eram essenciais à sobrevivência humana, lugares em que o personagem Boi aparece em permanente destaque” (CASCUDO, 1980, p. 150). No quesito influência europeia, destacado por Câmara Cascudo, “o boi é mostrado como figura poderosa em vasta bibliografia de domínio mítico, tais como nos hinos védicos, nas lendas hindus, nas tradições brâmanes, nas iranianas, turianas, eslavônicas, germânicas, escandinavas,

francas, celtas, gregas, latinas” (CASCUDO, 1980, p. 266). Nesses contextos, o boi aparece sempre como

figura importante, festejada, divinizada, participando presencialmente de cerimônias religiosas da igreja Católica, com a intervenção sacerdotal, como é o caso do Boi de S. Marcos (no dia 25 de abril) em que o animal é levado aos templos, assistindo às missas sempre perto do altar-mor, acompanhado pelos fiéis, numa devoção indiscutível. Júlio Caro Baroja estudou-o na Extremadura espanhola, e Rodney Gallop em Portugal estudou o Boi-Bento nas festas de Corpus Christi, que também comparecia na mesma data em Marselha e em Aix (França), na procissão de São Zopito em Loreto, em Aprutino (Itália), nas comemorações do Pentecostes, até bem poucos anos atrás (CASCUDO, 1980, p. 266).

Segundo Cascudo (1980), “nos modelos espanhóis e portugueses do século XVI, o boi espalhador de pavores infantis virou também uma imagem na cantoria sertaneja. O cantador João Faustino dizia em sua música que o nome do boi faz mais medo a cantador, do que boi faz a menino” (p. 266).

Nessa linha, temos também a presença do Boi nas festas tradicionais da cultura popular brasileira de vários estados brasileiros, como é o caso de “Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão, Pará, Amazonas, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Ceará” (DUMONT, 2000, p. 08).

Ao analisar diversas pesquisas realizadas acerca da busca de elementos que se repetem em canções rimadas infantis, entre as quais Arleo (1997) inclui as de ninar de diferentes partes do mundo, o autor destaca que a figura de animais aparece como tema de muitas delas. Ele acredita que isso está ligado ao fato de que essas canções “são geralmente uma mistura de elementos da imaginação e da realidade” (p. 399) e que é, nesse contexto, que aparecem personagens assustadores que são ao mesmo tempo, tidos como monstros e animais domésticos. Para o autor, a existência dessas figuras se deve inclusive pela influência do “tempo em que as crianças eram diretamente expostas a língua rural” preservando “referências de elementos culturais que já desapareceram de sua vida cotidiana” (p. 399, 1997). Para nós, isso parece se aplicar também em alguns de nossos acalantos brasileiros, tendo em vista que a figura do boi, muito comum na convivência de certas crianças que vivem em áreas rurais, é a de um ser assustador, que pode devorá-las se elas não dormirem a noite. Também pensamos que o personagem do

boi pode ter surgido inicialmente nas canções de ninar, em contextos culturais em que sua presença fazia parte da convivência das crianças e dos adultos e que, talvez, ao longo da história, ele tenha permanecido como sendo uma figura assustadora para parte das crianças, porque, mesmo sendo originário de um repertório musical antigo, ainda coexiste nos ambientes frequentados por elas, especialmente nas regiões mais rurais.

Em resumo, todos esses personagens são formas míticas de diversas origens, pois ao mesmo tempo representam as culturas africanas, europeias, indígenas e tantas outras, religiosas ou não. Como fantasmas, a maior parte deles possui uma aparência misteriosa. Mas talvez o item que os faz mais assustadores ainda é o fato de que todos eles são criaturas nascidas no campo da antropofagia, o que os faz ainda mais terríveis do que já são.

No grupo de 195 acalantos analisados por Jorge (1988), aparecem basicamente as seguintes personagens assustadoras “a Cuca (ou Cóca, Côco, Côca), Papão, Bicho-papão, Bicho, Tutu, Tutu Marambá, ou Marambaia, Negro Velho, Murucututu (Strix ou Striga, a bruxa europeia), Pavão, Gatinho, Carrapato, Jacaré Tutu ou Jacaré Mandu” (1988, p. 218). Esses e tantos outros seres horrendos espalhados por aí chegaram até nós através das tradições festivas, religiosas e populares de diversos países do mundo. Como herança cultural, essas figuras foram se entrelaçando ao universo das canções de ninar, envolvendo as crianças de cá e de lá, num fenômeno quase que global.

Mas vale lembrar que, mesmo assustando as crianças de todos os tempos, esses acalantos tornaram-se presença obrigatória nos hábitos e costumes de ninar de muitas gerações, em diversas partes do mundo. Suas temidas letras, acompanhadas de um ritmo lento, levaram e levam até hoje muitas crianças não apenas a conhecerem esses seres pavorosos, mas também a temê-los. Nesse aspecto, certamente as crianças pequeninas acabam tendo certa vantagem em relação às maiores, pois, como indica o folclorista Aloísio de Almeida, “essas letras só fazem dormir de medo as crianças capazes de ter medo” (*apud* JORGE, 1988, p. 58).

Portanto, o sentimento de medo suscitado pelas letras de certos acalantos só poderá existir na medida em que elas se tornarem compreensíveis para quem as ouve. Entre o ato de acalantar e o ato de amedrontar existe um palco social (composto pelos atores representados pela criança e pelo adulto) que foi previamente construído pelas

gerações anteriores, em tempos e espaços pretéritos. Na medida em que esses atores se apropriam dessas heranças culturais em suas vidas, as vão trazendo para o palco de sua existência.

1.6. ACALANTOS: LETRA + MÚSICA = O QUE SIGNIFICA ACALANTAR/AMEDRONTAR?

Como já indicado por nós no texto anterior, algo que sempre intriga (especialmente nas críticas de alguns adultos) em certas canções de acalanto é o acompanhamento de uma letra que carrega consigo a ameaça pavorosa constante de personagens como o Boi da Cara Preta, o Bicho Papão e a Cuca, em músicas que deveriam ajudar a tranquilizar e não a assustar as crianças. Para nós adultos, muitas dessas letras estão carregadas de seres medonhos, mas será que para o bebê e para as crianças que as ouvem, numa melodia de canto pausado, no embalo aconchegante do colo, essas letras podem interferir na forma de senti-las? Nesse ambiente, a letra de tais canções pode fazer certa diferença para eles? Em relação ao bebê, em especial, talvez por não estabelecer ainda uma ligação direta com os conteúdos das palavras e, conseqüentemente, da percepção de suas figuras monstruosas propriamente ditas, o som de duração lenta lhe seja a característica mais relevante. É o que nos traz Melo (1995), ao dizer que

embora as letras das canções de acalanto às vezes tragam bichos e fantasmas da noite, elas procuram em geral, no ritmo e entonação que expressam, o despertar dos sentimentos mais contrários, como os de amparo e proteção (p. 23).

Para Rodrigues, o importante de uma canção de embalar é a sua expressividade musical, que emprega diretamente a energia afetiva e emocional de quem canta, tendo em vista que:

a repetição da canção de embalar não é uma repetição semântica. É um cadenciar tímbrico e rítmico de efeito encantatório. A repetição despe a palavra. Com ela abandonamos a superfície dérmica da palavra para mergulhar no seu esqueleto emocional. E é pela emoção que nos vinculamos ao mundo (2005, p. 12).

Especialistas que estudam as canções de ninar, entre eles folcloristas, sociólogos e pesquisadores do gênero, sempre destacam sua característica de encantamento, pois a repetição rítmica e pausada de trazer uma melodia cantada pelo adulto nos momentos em que nana a criança por si só já acalanta.

Ainda bem que, ao ouvirem esses acalantos, as crianças pequeninas ainda não conseguem compreender os pavores de suas letras. Nesse aspecto, Lorca (1954) nota que “as crianças estão salvas, num momento em que apenas o som da voz, o balanço e a vibração rítmica favorecem o adormecer das crianças, mesmo que através de suas letras, as mães queiram mostrar a elas os dramas do mundo” (p. 99). Em outros momentos desses acalantos, o poeta comenta sobre a calorosa musicalidade dessas cantigas:

la melodía, mucho más que el texto, define los caracteres geograficos y la línea histórica de una región y señala de manera aguda momentos definidos de un perfil que el tiempo ha borrado... Estructurada con sus centros nerviosos y sus ramitos de sangre, a melodía pone vivo calor histórico sobre los textos que a veces pueden estar vacíos y otras veces no tienen más valor que el de simples evocaciones (LORCA, 1954, p. 99)

Para Lorca, a melodia de um acalanto pode ser uma referência cultural de seus tempos e de suas origens. Ela faz parte de um fazer que está localizado em um determinado contexto histórico e geográfico.

As raízes culturais dos acalantos estão sempre carregadas pela identidade de um povo, de um tempo e de um lugar específico, que historicamente nasceu das tradições que as mantiveram, percorrendo séculos e séculos para se manterem vivas. Nesse legado, o ritmo expresso musicalmente por essas canções permanece preservado, de geração para geração, na boca de adultos e crianças que não deixam de cantarolá-las, nos momentos de acalantar.

Isso talvez nos ajude a pensar que o papel da melodia, no caso do acalanto cantado, ainda que com letras tão assustadoras, seja o grande diferencial dessa forma de expressão. Historicamente, a voz que embala a criança permanece com sua musicalidade em muitas culturas e lugares, e essa música de acalantar continua a dizer algo de protetor para os bebês e crianças pequenas de diversos tempos.

Tendo percorrido toda a Espanha em busca dos cantos de acalantos de cada lugar, Lorca (1954) nos mostra em suas pesquisas e andanças que “não se trata de um modelo ou de uma canção conhecida em uma única região, mas em todas” (p. 101). Por isso, o poeta ressalta que, independentemente do local de origem, todos os acalantos

carregam consigo certos elementos que se repetem, como é o caso da “acentuação de seus caracteres poéticos e de seu fundo de tristeza, tomados de um lirismo idêntico ao das canções nórdicas, cheias de ternura e amável simplicidade, desde os territórios de Astúrias, Galícia, Andaluzia, Múrcia até os de Castela” (1954, p. 101).

Embora essa característica melódica e rítmica mais pausada seja destacada por tantos estudiosos como um componente dos acalantos tanto para bebês quanto para as crianças maiores, Florestan Fernandes traz mais detalhes sobre as discussões que envolvem o medo da Cuca, do Bicho Papão, do Tatu Marambaia etc. Ele destaca que essas letras de acalanto “têm uma presença cultural que, ao serem vivenciadas no cotidiano das relações entre adultos e crianças, revivem o significado da natureza mítica desses seres aterrorizantes e assustadores” (05/10/1957, p. 3).

Vejamos a seguir uma entrevista que Florestan Fernandes realizou com uma menina de aproximadamente quatro anos de idade:

(F) - Você tem medo do bicho papão?

(M) – Tenho.

(F) – Ele fica no telhado?

(M) – Fica sim!

(F) – Como ele foge?

(M) – Quando a mamãe canta ele foge (05/10/1957, p. 3).

Para Florestan Fernandes, uma hipótese para o desenvolvimento do medo do Bicho Papão, pela criança, “pode ter sido gerada anteriormente nas experiências culturais que ela vivenciou com os adultos a sua volta, em relação a esses elementos míticos de certos acalantos” (05/10/1957, p. 3). Ainda como observa o autor no artigo citado:

Essas noções são coerentes com os significados dos temas das cantigas de ninar, objetivados culturalmente [...] Os significados que os referidos temas chegam a adquirir entre as crianças constituem uma reprodução de representações aceitas ou pelo menos difundidas pelos adultos (05/10/1957, p. 3).

Certamente a descoberta de sentimentos como o medo do escuro e o pânico de ficar sozinhas pode trazer para as crianças um desconforto que as incomoda em diversas situações de seu dia a dia, mas em especial durante a noite, quando a escuridão parece

ficar ainda maior¹⁶. Nesses momentos, os acalantos se tornam um verdadeiro bálsamo para esses sofrimentos, mesmo os que fomentam a existência e ameaça de seres pavorosos, porque de alguma forma acabam ajudando a criança a lidar com a presença de seu próprio medo:

contudo, os resultados de nossos estudos demonstram que o medo não se origina, direta e simplesmente, dos temas das cantigas de ninar. Com frequência a criança tem medo do escuro e da solidão. Ela encontra no acalanto e nas cantigas de ninar, graças às relações com os adultos, uma espécie de conforto, de segurança e de proteção, que a amparam no ajustamento a essa delicada fase da rotina diária [...] Indicações dessa natureza sugerem que a interação humana constitui o principal fator psicodinâmico de controle do medo. Doutra lado, insinuam que os temas apavorantes oferecem, no fundo, mecanismos regulares de disfarce e de manipulação do medo real. Em vez de serem a causa deste, portanto, contribuem para polarizar os sentimentos de insegurança em torno de ficções acessíveis ao entendimento da criança e a sua capacidade prática de lidar com os próprios problemas (FERNANDES, 05/10/1957, p. 3).

É pela identificação com esse universo cultural popular, mítico e encantado trazido pelo adulto que as crianças passam a crer na existência desses monstros e a temê-los. Nesse contexto, o acalanto pode ajudar o bebê a se acalmar ou dormir, e também auxiliar as crianças maiores a se refugiarem do próprio medo, com a ajuda do adulto, espantando os personagens maléficos de perto delas, quando estão possuídas por algum tipo de temor na hora de dormir, de forma que se sintam mais protegidas.

Pensar no uso e função das cantigas de acalanto na vida de crianças e adultos nos leva a algumas reflexões. Primeiramente, em relação ao próprio ato de acalantar, pois nos parece mesmo que os adultos o fazem no sentido de propiciar um estado de relaxamento mental e físico para sua criança, de modo que ela se disponha a dormir. Para a criança, essa experiência, que beira o encantamento, está associada a um profundo momento de interação humana, vivenciado por ela junto ao adulto. Nesse processo, a criança tem a oportunidade de viver situações como as de manipular o próprio medo, espantando-o com a presença do adulto e transformando os conteúdos apavorantes de suas letras em ficções acessíveis de lidar. Nesse momento, o que pode

¹⁶ Minha cunhada me contou que, na primeira experiência de meu sobrinho, por volta dos 4 anos, com uma queda de energia elétrica que aconteceu às 20 h da noite, ele, em meio aquela escuridão medonha, gritou assustado: - Mãe! Cadê eu?

ser mais importante para ela é o amparo afetivo e a sensação de proteção, conforto e segurança transmitidos pelo acalanto e pela voz que canta.

É necessário também pensar que, no caso dos acalantos de assustar, a tradição popular de evocar monstros e personagens ameaçadores cria suas próprias formas de interferir nas atividades simbólicas infantis, atendendo aos anseios dos adultos em repreender às crianças que fazem hora para dormir e que não se calam até esperar que o sono venha. Por isso,

as representações relativas às entidades apavorantes, das cantigas de ninar, são manipuladas como um recurso de repressão simbólica, malgrado o clima de proteção e de amor existente nessas relações dos adultos com as crianças (FERNANDES, 12/10/1957, p.3).

A experiência de ser acalantado e protegido pelo adulto já é em si um agrado que atua como verdadeiro tranquilizante para as crianças, mesmo diante de personagens tão horríveis. A respeito dessas formas de acalantar, Florestan Fernandes argumenta que

embora no exercício dessa atividade os adultos se socorram muitas vezes de música popular ou até mesmo sem nenhum acompanhamento musical, apenas com o embalo do corpo, a situação social produzida pela padronização cultural dessas ações, na medida em que se mostram significativas para as pessoas envolvidas (no caso de crianças e adultos) daquele ambiente, pode evocar o recurso rotineiro das canções de ninar, que em certas circunstâncias acaba se tornando quase que uma presença obrigatória, especialmente no caso das crianças que não são mais bebês e que precisam de mecanismos de auxílio para aprender a lidar com o próprio medo (28/09/1957, p. 1).

Nas formas acordadas entre adultos e crianças são criadas maneiras conhecidas por ambos de abrandar os sentimentos de angústia e medo, especialmente para as maiorzinhas. Independentemente da música escolhida para ser cantada por esse adulto, o tom do acalanto atinge seu objetivo, na medida em que segue o padrão cultural das cantigas de ninar.

Nesse limiar, o embalo e o canto adquirem um papel importante na criação dos sentimentos de conforto, segurança e bem estar, associando o movimento de vai e vem (aparentemente mecânico) às sensações pré-impulsionadas pelas cantigas de ninar e por

suas letras ameaçadoras, sabendo que a criança reage ativamente, desde a mais tenra infância, às pessoas e às influências de seu meio ambiente. Assim, é certo que

o embalo puro e simples produz efeitos semelhantes aos que são acompanhados pelas cantigas de ninar, mas quando estas passam a fazer parte do plano simbólico da criança (e não mais apenas do adulto que a acompanha e embala) elas se identificam com tais temas, em seus contextos mentais e culturais, de modo que essas cantigas de ninar vão ganhando maior importância no seu repertório cotidiano (FERNANDES, 28/09/1957, p. 1).

Sentir os elementos que fazem do acalanto uma canção de ninar, e os seus movimentos como uma experiência confortável são vivências que podem tornar essa prática ainda mais prazerosa para a criança. Nessa interação de movimento/canto entre adultos e crianças, o autor destaca ainda que

por aqui se vê que os folcloristas têm razão de associar o ritmo e os temas das cantigas de ninar ao uso que delas fazem os adultos. Encaradas desse ângulo, elas representam uma técnica cultural num período de desenvolvimento no qual a criança possui uma capacidade muito limitada de antecipação das expectativas ou dos desejos dos adultos. Como técnica cultural, ela combina o embalo, o canto e o ritmo de modo estável, padronizando as ações dos adultos e as reações das crianças e ordenando-as, estruturalmente, na forma de “relação social” (FERNANDES, 28/09/1957, p. 1).

Como verdadeiras técnicas culturais, os acalantos permaneceram um saber herdado por crianças e adultos de todos os tempos, mantendo certas características que perpassam pelos séculos afora. Assim, ritmo e temas continuam acompanhando as horas que precedem o sono, o choro e a agitação do dia a dia, trazendo certa ordem de padronização para as relações sociais que acompanham esses momentos.

Ao pesquisar sobre as influências sóciodinâmicas que os acalantos exercem direta ou indiretamente nas situações de convivência familiar, Florestan Fernandes defende que as cantigas de ninar promovem a interação de adultos e crianças, fazendo-os compartilhar situações de convivência, numa espécie de parceria, estabelecendo um contato mais íntimo entre eles, o que inclusive incentiva que muitas crianças passem a imitar os adultos, cantando acalantos enquanto ninam os próprios bonecos ou seus pares, revivendo uma atividade que antes fazia parte apenas dos fazeres do mundo social dos adultos. Para ele, nessas situações, “a criança não apenas imita o adulto, mas

ao contrário, constrói em si mesma, com os recursos práticos e intelectuais de que dispõe, todos os aspectos do mundo social que sejam mais acessíveis a sua imaginação e interesse” (12/10/1957, p. 3).

Portanto, nesse contexto, Florestam Fernandes destaca que as cantigas de ninar se tornaram uma forma cultural de trabalhar os momentos de choro das crianças. Ao fazer tal observação, completa que, nesse ambiente de zelo em relação à criança, ao adulto cabe

Cuidar de seu corpo, de proporcionar-lhe assistência e conforto, de satisfazer a suas necessidades e de corresponder aos seus desejos. Como elemento de um padrão sociocultural de tratamento da criança, esse complexo cultural abrange os mais variados tipos de ações, postas em prática com o fito de não deixar a criança “abandonada” ou “nervosa”. São cuidados que se evidenciam na tendência invariável a associar o choro do nenê a um determinado estado ou insatisfação (provocados de diferentes modos: pela fome, pelo desconforto produzido pelas fraldas sujas e molhadas ou por uma posição incômoda, por algum susto ou ameaça exterior, etc.). Os adultos responsáveis pela criança, especialmente as mães, aprendem depressa o significado que o choro da criança pode ter, em diferentes fases e circunstâncias do dia, e é por ele que regulam a pressão maior e menor da assistência a ser-lhe prestada (12/10/1957, p. 3).

O acalanto se fez historicamente, em diferentes lugares e culturas, dentro das tradições que envolvem os cuidados com o bebê, adaptando-se às suas necessidades, numa experiência de cumplicidade compartilhada entre a criança e o adulto. Como padrão sociocultural de tratamento da criança desde a tenra idade, passou a fazer parte dos modos de assisti-la nos mais diversos momentos, entre eles os de choro, angústia e solidão. Como moderador de muitas situações de conflito infantil, o acalanto acaba trazendo certa disciplina na formação de atitudes da criança, dentro do âmbito familiar:

Encaradas desse ângulo, as cantigas de ninar não podem ser separadas do contexto sociocultural mais amplo, dentro do qual elas se inserem e adquirem o caráter de uma influência sociodinâmica bem definida. É nesse plano que elas concorrem com outras condições e fatores psicossociais, para formar a estrutura da personalidade da criança. O referido padrão de tratamento da segurança à criança faz que ela aprenda a depender do adulto no controle de suas necessidades e ansiedades, e orienta a canalização dos sentimentos de dependência no sentido da criação de hábitos de disciplina ou de obediência. Graças ao modo pelo qual semelhante padrão de tratamento da criança sempre foi explorado tradicionalmente, na sociedade brasileira, sua influência psicossocial tem se revelado mais intensa na formação de atitudes que envolvem extrema dependência e confiança nas pessoas adultas do grupo doméstico, bem como na elaboração de um estilo de disciplina que prescinde largamente dos castigos físicos, substituídos por pressões indiretas, que impõem a obediência por outros meios (FERNANDES, 12/10/1957, p. 3).

Na perspectiva de instrumento cultural, os acalantos trazem uma influência sociodinâmica para as relações familiares, em especial para os momentos de conflito em que a criança depende diretamente do auxílio do adulto para formar certas atitudes e desenvolver determinados padrões de obediência.

Porém, mesmo sabendo que a tradição de acalantar ainda se faz presente nas dinâmicas socioculturais de muitas famílias, Florestan Fernandes acredita que, em grandes cidades, o tempo e a forma de interação entre adultos e crianças tendem a se modificar, abandonando gradativamente essas tradições culturais que envolvem o cuidar das crianças, pois os pais têm adaptado novas formas de tratamento em relação aos seus filhos, a saber:

em cidades como São Paulo, esse padrão de tratamento da criança está em plena desintegração. A substituição de técnicas tradicionais por técnicas racionais tende a favorecer, nessa esfera, a constituição de um novo padrão de tratamento da criança, largamente baseado na redução da dependência dela em face do adulto e na diminuição das oportunidades de contato entre ambos. É presumível que esse novo padrão de tratamento da criança contribua para despertar sentimentos de insegurança e de ansiedade. Mas parece que ele intensifica a formação de atitudes egoísticas e agressivas, naturalmente necessárias em uma ordem social na qual a competição está se tornando cada vez mais individualista e intensa. Entretanto supomos que isso não deve diminuir o interesse pelo conhecimento dos efeitos dessas experiências infantis, em contextos das atividades humanas que ainda são mais ou menos reguladas pelas tradições (12/10/1957, p. 03).

Com o distanciamento crescente entre pais e filhos, a redução do tempo e da convivência entre ambos aniquila as possibilidades de recriação das experiências motrizes culturais que vão culminar no ato de acalantar com as cantigas de ninar. Sem contexto e sem um ambiente sociocultural propício, essas tradições regulam cada vez menos a dinâmica familiar que envolve o momento do choro, ou que antecede o sono ou mesmo os momentos de angústia ou de medo. Como nos indicou anteriormente o próprio Florestan Fernandes, sem o acalanto e toda uma prática do cuidar que nele se faz presente (cuidar da criança, de seu corpo, de proporcionar-lhe assistência e conforto, de satisfazer suas necessidades e de corresponder aos seus desejos), o que é então que acaba saindo da cena dessa dinâmica familiar? O que é que entra em seu lugar?

Para Florestan Fernandes, as perspectivas são cada vez piores, pois “sentimentos de insegurança e ansiedade” (12/10/1957) podem gerar “atitudes egoísticas e agressivas” (12/10/1957), elementos cada vez mais presentes nos valores humanos. No entanto, o autor defende que essa trágica herança pode ser modificada, na medida em

que se retomem os contextos, cujas atividades humanas sejam reguladas por essas “tradições” (12/10/1957) e por todo o aparato que elas carregam.

Tendo em vista que Florestan Fernandes chegou a tais conclusões a partir das pesquisas que ele próprio realizou nos idos da década de cinquenta, gostaríamos de reavaliar nesta tese o significado social do acalanto na voz de famílias mais recentes, no sentido de perceber as permanências e mudanças do uso regulador dessas tradições culturais como a do acalanto, nos diferentes contextos das atividades humanas que envolvem a educação e os cuidados com os bebês/crianças menores, especialmente nos momentos que antecedem o soninho, algum tipo de dor ou qualquer que seja o conflito em questão.

Capítulo 2

CRIANÇA ACALANTADA: QUEM É VOCÊ?

No começo foi a existência. Mas a existência sem alguém ou algo que exista não tem sentido. No começo foi a palavra, a ideia – mas o ato foi anterior. No começo foi o ato, mas o ato não é possível sem o agente, sem um objeto em direção ao qual se dirija e sem um tu a quem se encontrar. No começo foi o encontro
(Moreno, 1987, p.16).

2.1. CRIANÇA, QUEM É VOCÊ?

Tendo feito no primeiro capítulo deste trabalho um histórico da presença e das muitas formas de acalantar em diversos tempos, lugares e gerações, pretendemos neste segundo capítulo compreender quem é essa criança que vem sendo acalantada ao longo de tantos séculos e em tantas culturas.

O título deste capítulo também poderia ser escrito da seguinte forma, *Criança acalantada: quem são vocês?*, pois sabemos que cada criança tem sua individualidade, e que a soma dessas especificidades nos faz múltiplos em muitos aspectos. Concordamos com Müller e Hassen ao dizerem que a criança não existe no singular, mas sim no plural, em um “contexto particular; crianças que são diferentes umas das outras; crianças com diferentes sentidos” (2009, p. 473). Nas características que carregamos, temos diferenças e semelhanças que preservam tanto a permanência de certas particularidades quanto as mudanças que vivenciamos ao longo de nossa existência.

Outro aspecto que percebemos ao longo de nossas investigações sobre quem é essa criança acalantada é o fato de que muitos de seus atributos, inclusive os que já a acompanham desde o ventre materno, parecem favorecer a experiência com vivências e práticas culturais, como as de acalanto, por exemplo. Como pudemos indicar no primeiro capítulo deste trabalho, o acalantar envolve uma imensa variedade nas suas formas e modos de proceder, indo desde o acalanto cantado ou o acalanto que traz o bebê junto ao pescoço da mãe por um determinado tempo, embalando-o, ou os sons de vogais ou de monossílabas sussurradas, calmamente emitidas pelo acalantador, ou o que sugere a troca de olhares prolongados entre a criança e o adulto responsável por ela, enfim, entre tantas outras formas.

Curioso para nós foi compreender que, no encontro entre certas características fisiológicas do bebê de primeira infância, junto aos processos de vinculação e interação da criança e sua mãe (ou adulto referência) e o meio sociocultural em que vivem, constroem-se ambientes e contextos apropriados para que o acalanto permaneça como prática educativa de cuidados entre pais (ou adultos referência) e filhos. Essas ideias perpassarão este segundo capítulo, na medida em que pudermos identificar certas características de um bebê híbrido (para isso vamos nos ater a algumas referências de estudos da etologia humana e cultural¹⁷, bem como da sociologia e antropologia da infância, tendo em conta pensadores e pesquisadores da área da educação e da psicologia infantil) que influencia e é influenciado pelas pessoas com as quais ele está vinculado, além do meio que o cerca. É nesse contexto profícuo que vamos identificar os espaços vantajosos para que os encontros de acalanto se mantenham como formas de cuidado do bebê até os dias atuais.

2.2. PLURALIDADES NA SINGULARIDADE: QUE CRIANÇA É ESSA?

A criança da qual falaremos o tempo todo neste trabalho pertence à chamada primeira infância. Graças à diversidade que está embutida no ser de cada criança, de cada tempo, lugar, momento histórico, cultural e social, vemos também que a primeira infância deve ser compreendida a partir dessa multiplicidade. Por isso, se levarmos em conta as diferentes opiniões acerca desse assunto, embutidas no discurso adulto ao longo dos olhares e culturas pretéritas, temos de admitir que, historicamente, as concepções dessa primeira infância sempre variaram de tempos em tempos.

Até o presente momento, nem sempre foi clara para os estudiosos a primeira infância. Segundo Gottlieb (2009), para certos psicólogos do desenvolvimento, a primeira infância se refere ao período que engloba o nascimento da criança até os seus

¹⁷ Em seu vocabulário de termos etológicos, Vieira observa que Etologia humana é um ramo especializado da etologia que tem por objetivo estudar o comportamento humano a partir de bases filogenéticas e procura distinguir a comparticipação de esquemas inatos nos comportamentos altamente elaborados da espécie humana. Ressalta ainda que muitas de suas técnicas de observação e investigação do comportamento humano decorrem dos registros da etologia animal. A Etologia cultural é uma especialização da etologia que visa o estudo da evolução dos objetos e comportamentos culturais, suas regras, causas e funções. Essa perspectiva acredita que a evolução cultural é transmitida pelos traços adquiridos e integrados nas construções precedentes, contudo, é possível a sua comparação com o processo evolutivo dos organismos (1983, p. 505).

dois anos de idade (ou então até o momento em que ela começa a se locomover sozinha). No nosso caso, a perspectiva adotada envolve a criança até os seus três anos de idade. Nas palavras de Plaisance

esse recorte é arbitrário e depende muito dos dispositivos institucionais voltados para a infância, das representações que a eles estão associadas e do “mercado” profissional orientado para tal ou tal faixa etária (Plaisance, 1994; Garnier, 1999). Nas recentes evoluções que afetam os países industriais desenvolvidos, a escolarização de crianças antes da escolarização obrigatória cresceu a tal ponto que, nos organismos internacionais, a noção muito ambígua de “educação pré-escolar” foi substituída pela expressão mais geral de “educação de pequena infância” (ou pela contração *educare*, em língua inglesa, que alia educação, atenção, cuidados e guarda) e recobre diferentes idades e instituições [...]. Nessas condições, a pequena infância é geralmente assimilada ao conjunto das idades que precedem a escolarização obrigatória, ou seja, até 6 ou 7 anos segundo os países (embora alguns estejam tentando implementar a obrigação escolar aos 5 anos) (2004, p. 222-223).

Pode-se notar que essa visão de primeira infância não é consensual e pode variar em outros contextos, de cultura para cultura, lugar, tempo, interesses econômicos e tipo de sociedade, já que as tantas variáveis de olhares para a criança ao longo dos milênios foram responsáveis por muitas mudanças nos critérios de invenção dessa categoria social de primeira infância, numa verdadeira polifonia. Por isso, nossa criança acalantada é fruto de uma “diversidade das culturas – geralmente ancoradas em histórias específicas e marcadas por representações específicas” (PLAISANCE, 2004, p. 236) e ao mesmo tempo variáveis dentro das categorias sociais de primeira infância.

Small (2001) também aponta a dificuldade que os especialistas têm para limitar os estágios da infância, tendo em vista que eles são diferentes e dependem de cada cultura. Existem certas linhas de pesquisa que indicam que a primeira infância é a que acontece do nascimento do bebê até que ele complete um ano de idade e que, nessa visão, a segunda infância seria o estágio que vai entre um a seis anos de idade. Nessas formas de classificação, entram aspectos físicos e comportamentais que acabam interferindo nas definições que são construídas para cada um desses estágios, como por exemplo: na primeira infância a relevância estaria ligada à amamentação; na segunda infância, seria o momento do desmame, mas ainda com a dependência física e alimentar. A segunda infância, para certos grupos de pesquisadores, também poderia começar no desmame, quando os bebês deixam o leite materno para ingerirem

alimentos sólidos e que o término dessa segunda infância ocorreria por volta dos 07 anos de idade. Para outros especialistas, Small (2001) destaca que o desmame começaria entre os dois ou três anos de idade, e que esses seriam os marcos iniciais da segunda infância. Mas ela mostra também que o período da segunda infância pode ser de três a sete anos de idade ou até mesmo de um até dez anos (p. 40).

Silva (2013), ao realizar um estudo qualitativo de base bibliográfica sobre a primeira infância no contexto de creche, entre 1997 a 2011 em dissertações e teses, observa que

a definição sobre o início e o fim da primeira infância está longe de ser simples e uniforme, pois implica em concepções de criança e infância que podem diferir em razão da classe social e de valores culturais da sociedade na qual a criança está inserida. Assim, o termo primeira infância tem sido utilizado ora para designar o período compreendido entre zero e seis anos, ora como o período de zero a três anos. É possível perceber que ainda não se convencionou o uso da expressão primeira infância entre os autores e pesquisadores que estudam a infância e o seu emprego é utilizado de forma indiscriminada quando utilizado para associar às crianças que frequentam creche ou pré-escola [...]. Contudo, o emprego do termo primeira infância tem sido utilizado com mais frequência para se referir às crianças menores de três anos, muito em razão do aumento das discussões sobre creche e pela preocupação, cada vez mais cedo, com o cuidado pedagógico dirigido às crianças pequenas (p. 18).

Se tomarmos como referência os trabalhos que aqui trouxemos, para pensar sobre o que vem a ser a primeira infância como a categoria que é, temos visões que compreendem: o nascimento da criança até os seus dois anos de idade (ou então até o momento em que ela começa a se locomover sozinha); de zero a cinco, seis ou sete anos; de zero a um ano; do nascimento até o momento de desmame, por volta de dois a três anos.

Se consideramos as referências trazidas sobre a primeira e segunda infância, em especial, sabemos, por exemplo, que a criança que é desmamada aos seis meses terá a sua primeira infância referente ao período que vai do seu nascimento até os seus seis primeiros meses de vida, já que muitas mulheres conseguem amamentar os seus filhos ao longo desse período por ser este equivalente ao seu tempo de afastamento pós-parto previsto por lei. Ao mesmo tempo, sabemos de crianças que foram desmamadas aos sete

anos de idade¹⁸, o que faria da primeira infância o período que vai do nascimento até os sete anos. Portanto, sob o critério do desmame, a variação de idade seria bastante grande entre um exemplo e outro. Nessa perspectiva, Furtado observa que, de fato,

o que se percebe é que não há um parâmetro para o fim da primeira infância, essa idade e sua indicação numérica podem variar histórica e culturalmente [...]. A primeira infância precisa ser contextualizada frente às diversas variáveis, dentre elas a cultura na qual as crianças estão inseridas, as relações econômicas, as perspectivas políticas, as concepções que se têm das crianças (p. 26, 27 2013).

Dessa forma, vemos que a ideia de primeira infância é um modo particular e não universal de pensar nossa criança e que, contemporaneamente, ela vem sendo vista a partir dos muitos sentimentos e concepções que a cercam. Ao citar Margaret Mead, Cohn (2005) observa que

crianças existem em toda a parte, e por isso podemos estudá-las comparando suas experiências e vivências; mas essas experiências e vivências são diferentes para cada lugar, e por isso temos que entendê-las em seu contexto sociocultural (p. 26).

Assim, vemos a impossibilidade de uma definição única de quem é essa nossa criança acalantada, o que nos leva a buscar a tentativa de pensá-la a partir de suas múltiplas faces, reconhecendo sua diversidade¹⁹. E pensamos que, longe da ideia de consenso, as crianças do mundo possuem suas singularidades, que, somadas a certas semelhanças, compõem cada ser criança.

O que vamos tentar aqui é encontrar algumas dessas semelhanças que constituem a nossa criança, na primeira infância e, em especial, as que de alguma forma podem contribuir para as relações interativas que envolvem o ato de acalantar (entre a criança e o adulto). Para descobrir algumas delas, vamos falar da criança fisiológica, mas também da criança sociocultural, tendo em vista que nossos bebês não são unicamente constituídos por uma ou outra, mas por ambas.

¹⁸ Minha avó materna, provinda de grupos indígenas Tupi que habitavam as margens do rio Paranapanema em SP, amamentou a filha caçula (minha mãe) até os sete anos de idade.

¹⁹ Neste trabalho, o foco de nossas observações estará sempre mais voltado para as crianças, desde a sua vida fetal até os seus três primeiros anos de idade.

O motivo de apontarmos a importância das características fisiológicas, sociológicas e culturais da criança se deve ao fato de que, ao longo dos caminhos percorridos pela ciência, existiram e ainda existem certas linhas de pesquisa que excluem uma visão em detrimento da outra. Dahlberg, Moss e Pence criticam, em seus estudos, a visão de criança “cujo desenvolvimento é encarado como um processo inato – biologicamente determinado, seguindo leis gerais” (2003, p. 66). Sem dúvida, a perspectiva de uma exclusiva natureza biológica não será a concepção adotada por este trabalho, pois nossa busca incessante foi a de trazer estudos ligados à constituição fisiológica da criança, mas sempre na expectativa de que ela existe e participa da constituição de nosso bebê tanto quanto as de cunho sócio-histórico-cultural.

Pensamos que o plano biológico e o sociocultural participam, ambos, da constituição da criança. À guisa de exemplo, lembramos uma pesquisa de campo citada por Gottlieb (2009) que foi realizada por Kilbride no ano de 1975 em Uganda, no leste da África, em que o grupo dos *Baganda* adultos coloca os bebês “de três a quatro meses no chão a fim de treiná-los a sentar-se independentemente e sorrir” (p. 324). Gottlieb (2009) observa ainda que, em geral, no ocidente, aos quatro meses de idade, os bebês ainda não conseguem realizar tal façanha sem o suporte direto do apoio do adulto. No entanto, segundo a autora, os bebês dos *Baganda* podem realizá-lo de modo independente, e bem mais cedo do que a grande maioria dos bebês de outras partes do mundo, inclusive em relação aos que nascem dentro da cultura americana e europeia. Para ela, essa prática cultural permite aos bebês daquele grupo uma comunicação com todas as pessoas que estão à sua volta, de modo que essa conquista é muito valiosa nas convivências de olhos nos olhos dos *Baganda* (2009, p. 324). Portanto, esse nos parece um bom exemplo de que, mesmo num quesito aparentemente restrito ao aspecto biológico, como é o caso da questão motora que envolve o ato corpóreo de se sentar aos três meses de modo independente, esse desenvolvimento, como essas variações mostram, também pode ser propiciado por uma multiplicidade de forças, dentre elas as de origem cultural.

Acerca da questão cultural, Gottlieb (2009) traz as seguintes indagações: “Será que parte de/a maior parte de/ tudo o que fazemos é forjado por estruturas biológicas imutáveis enraizadas em configurações genéticas que estamos apenas começando a mapear? Ou o comportamento humano é modelado por estruturas culturais flexíveis que

são muito mais variáveis do que os modelos biológicos sugerem?” (p. 327). Para nós, uma prática cultural pode modificar estruturas de origem fisiológica.

É por isso que o acalanto pode existir pelo encontro de características, fisiológicas e socioculturais, e estar ou não presente nas práticas de cuidado dos bebês contemporâneos. Assim, por exemplo, o ato de acalantar um bebê após o choro pode não acompanhar as práticas de cuidado das culturas de todo o mundo. Na verdade, talvez por ser um grande responsável por atrair acalantos para si em muitas partes do globo, o choro pode receber tratos díspares em cada grupo. Só para pensarmos um pouco sobre a existência dessas variantes, vejamos a seguinte informação: certos psicólogos do desenvolvimento defendem, por exemplo, que a “ansiedade de separação” (GOTTLIEB, 2009, p. 328) acompanhada do choro é um estágio universal dos bebês entre 7 e 12 meses em relação aos pais. No entanto, segundo Gottlieb (2009), na cultura que envolve os bebês *Beng* da Costa do Marfim, esse comportamento é “raro e muito desaprovado pelos pais da criança” (p. 328), o que nos faz pensar que, em meio a tantas variantes, o acalanto como um instrumento de acalmar o choro do bebê certamente não procede numa cultura em que esse choro é algo incomum e censurado. Para a maioria dos ocidentais, o choro pode ser um precioso meio de comunicação utilizado pela criança para dizer alguma coisa. Nas palavras de Goldschmied e Jackson (2006),

há uma grande variação natural no tempo em que os bebês passam chorando e esse tempo também muda em relação aos meses de idade do bebê. Alguns bebês, que raramente choravam em suas primeiras semanas de vida, de repente passam por um período que, para os seus pais, parece ser de gritos contínuos. Entretanto, em geral os bebês choram por algum motivo e o choro continuado e persistente dos bebês sempre indica que algo está faltando no cuidado oferecido a eles. Vivendo próximos a um bebê, tornamo-nos capazes de distinguir (e assim interpretar) as mensagens que estão por trás dos diferentes tipos de choro. O bebê pode estar vivenciando fome, dor, desconforto físico, solidão, ou talvez só um sentimento geral de mal-estar. Quando os gritos de um bebê persistem e ele parece incapaz de aceitar nosso conforto, às vezes sentimos um impulso de passá-lo aos cuidados de outra pessoa, porque não conseguimos suportar a pressão. Quando essa outra pessoa nos passa de volta o bebê ainda chorando, nossa frustração, que é compreensível, pode ser comunicada ao bebê por meio da crescente pressão em nossas mãos e corpos, o que causa o aumento do choro e dos gritos do bebê. Esse é o momento apropriado para estudar como estamos respirando e para nos responsabilizarmos pelos nossos próprios sentimentos. Focando consciente e deliberadamente nossa atenção na atividade de respirar através do diafragma, e não com a parte superior do tórax, podemos reduzir o estresse imediatamente, o que permite nos recompormos e nos sentirmos novamente controlados. Tão logo consigamos fazê-lo, entramos em um estado em que podemos escutar com atenção, talvez comunicando tal estado ao bebê usando nossa voz mais suave e tranquila, ‘Eu estou lhe ouvindo. Ainda não

entendi o que você está tentando me dizer, mas tenha certeza de que não vou te deixar'. Isso evita que levantemos a voz, e nos permite oferecer uma massagem suave, em vez de costumeiros tapinhas agitadas, de jogar o bebê para cima e para baixo e da conversa ansiosa com que os adultos muitas vezes expressam sua própria angústia quando uma criança não para de chorar...Não conseguiríamos deixar sozinho um amigo profundamente perturbado, se podemos ajudá-lo, então por que razão o faríamos com bebês que nem mesmo podem expressar-se em palavras? Conexões desse tipo podem ser úteis para nos orientar em relação ao modo como cuidamos dos bebês (p. 101).

Ao lermos essas observações preciosas acerca do choro e das situações envolvidas por ele, gostaríamos de destacar alguns apontamentos sobre o acalanto. Primeiramente, concordamos com a ideia de que por trás do choro persistente do bebê pode existir algum motivo que o impulsiona, seja ele qual for, e que o adulto (referência de cuidados) pode mostrar à criança que ele está ali para ouvi-la e ajudá-la. Essa provavelmente é uma postura a ser adotada por quem se presta a cuidar e acalantar uma criança. Na medida em que esse adulto aprende a distinguir e interpretar alguns dos motivos pelos quais a criança está chorando, talvez perceba certas situações em que o acalanto possa ser útil, especialmente em alguns desconfortos físicos, solidão e momentos que antecedem o sono. Mas o que nos chamou a atenção foi o fato de que o ato de acalantar envolve certa predisposição atitudinal por parte do adulto. Montagner (1993) destaca várias pesquisas sobre a experiência do bebê em ouvir o som dos batimentos cardíacos da mãe ou do adulto em questão, simultaneamente à escuta das batidas cardíacas do bebê, desde o tempo de feto. Os pesquisadores perceberam que, na medida em que os batimentos cardíacos da mãe diminuam o seu ritmo, o mesmo acontecia com os batimentos cardíacos do coração do bebê. Para nós, isso mostra que a ação do adulto envolvido com a criança nesse momento de choro pode modificar a atitude do bebê, de forma a acalmá-lo. O momento de acalanto parece pedir essa mudança rítmica, primeiro, nas próprias atitudes do adulto que quer acalantar. Mas é importante ressaltar que ele representa apenas um contexto específico em relação à forma de acalmar o choro dos bebês, em que o acalanto pode ser ou não uma delas (talvez mais próxima da maneira como parte de nós ocidentais o fazemos), pois, uma mesma pessoa pode agir de modos distintos em relação ao choro de sua criança, o que também acontece quando essas práticas envolvem os seus cuidados em diferentes culturas, grupos, etc.

Portanto, embora o choro seja para muitos de nós uma forma de expressão dos bebês que devem ser acalantados, ele pode não sê-lo em certas culturas. Por isso, vemos

que as definições das práticas de cuidado como o acalanto, por exemplo, aparentam ser bastante variáveis de sociedade para sociedade.

No mesmo caminho, Cohn (2005) comenta sobre os estudos de Barbara Ward em Hong Kong, ao observar quando e por que as crianças choram, e qual a reação das pessoas mais velhas nessa cultura, em que a

agressividade e a falta de controle são igualmente desencorajadas por essa sociedade [...] e como o choro não é, lá [...] relativamente, uma estratégia bem-sucedida de chamar a atenção e buscar cuidados [...]. Sua explicação, porém, não é dada pela formação da personalidade ideal em Hong Kong, mas pela inserção da criança e do adolescente no sistema estrutural e pelo valor da agressividade na definição de papéis sociais. O que ela nos diz é que o esvaziamento do choro como recurso de garantia de cuidados pelas crianças não significa falta de cuidados em geral, e deve ser entendido em seu contexto social. E esse contexto é o de uma inserção gradativa na sociedade (pouco problemática porque sem grandes rupturas e sem exigências de que se faça mais do que se é capaz), de uma consciência do papel exercido e de uma valorização do autocontrole em detrimento da agressividade nos papéis de liderança (p. 17).

Desse modo, é possível que também em Hong Kong, por exemplo, a prática de acalantar as crianças que tanto acompanha o choro dos bebês em nossa cultura não seja assim tão proeminente, tendo em vista que lá o choro é desencorajado por esse grupo, quando utilizado pela criança para chamar a atenção ou a busca de cuidados.

Considerar o peso das influências culturais e das informações do mundo adulto nas ações tomadas pelas crianças e vice-versa é reconhecer que o meio cultural ao qual elas pertencem as constitui e é constituído por elas. Por isso, ao estudarmos a vida dos bebês em diferentes contextos, devemos “considerar que todos os seres humanos são biológica e socialmente incompletos, assim não fazendo mais sentido pensar em campos sociais e biológicos separados e opostos” (MÜLLER & HASSEN, 2009, p. 474).

Nessa perspectiva, nossa criança acalantada é caracterizada por sua constituição híbrida, em que funções biológicas dialogam permanentemente com as de origem sócio-histórico-culturais. Por isso,

deixemos de encarar os mais pequenos como meros organismos reduzidos ao mero funcionamento biológico cujo desenvolvimento só interessa à família. Eles são fundamentalmente seres sociais; são sujeitos que, a partir da primeira

vinculação, tecem um sistema de laços, uma rede sólida que suporta todas as construções sociais ulteriores e que permitirá à criança adaptar-se a situações novas, complexas, imprevistas (MONTAGNER, 1993, p. 226).

Nos estudos de Prout (*apud* MÜLLER & HASSEN, 2009), a infância deve ser vista como parte da cultura e da natureza, sendo este um campo híbrido de investigação. Nessa visão, Müller e Hassen citam-no ao dizerem que a infância

é cultural, biológica, social, individual, histórica, tecnológica, espacial, material, discursiva... e mais. A infância não pode ser vista como um fenômeno unitário, mas como um conjunto múltiplo de construções emergentes de conexão e desconexão, fusão e separação destes materiais heterogêneos (p. 474-475).

Portanto, embora já exista um corpo interdisciplinar de estudos sobre o bebê, a primeira infância como fenômeno híbrido depende do encontro de disciplinas sociais e naturais. Provinda desse lugar, nossa criança acalantada é fruto de uma primeira infância polifônica, construída sobre uma base biológica, mas também sociocultural, configurando-se de forma variada em relação às diferenças de seu tempo e de seus contextos históricos.

2.3. CARACTERÍSTICAS QUE PROMOVEM OS VÍNCULOS ENTRE A CRIANÇA E O ADULTO.

Inicialmente, reforçamos a ideia de que as discussões que serão aqui apresentadas representam apenas pontos de vista que, para nós, não podem ser classificados como referências universais para a compreensão das características do bebê e de seus vínculos com a mãe ou pessoa substituta. Nesse sentido, traremos algumas visões sobre certos momentos de interação que ocorrem entre eles, sabendo que estas, de certo, apenas indicam algumas dentre tantas formas de olhar para essa temática.

Talvez um motivo pelo qual fomos impulsionadas a apresentar estudos sobre os processos de vínculo e interação entre mãe e filho seja porque, nesse encontro, pudemos conhecer ainda melhor as características dessa nossa criança acalantada.

As palavras vínculo e interação podem ser compreendidas de modo distinto na medida em que variam os valores socioculturais de cada comunidade e meio em que vivem adultos e crianças. Como indicam Franchi, Amorim, Anjos & Ferreira, a interação acontece, pois

o ambiente em que vivemos é impregnado por significados sociais que variam conforme a cultura do indivíduo e do agrupamento social a que ele pertence. Esse ambiente sugere condutas para o indivíduo e pode ser modificado por ele, conforme as próprias concepções que ele tenha desse ambiente. Com isso, o conceito de interação social e a verificação da existência desse tipo de contato social entre crianças bem pequenas também estão impregnados pelos valores sócio-culturais e científicos da sociedade em que vivemos (2003, p. 293).

Acreditamos que a maneira como se dá essa interação entre a criança e o adulto também será influenciada pelo grupo a que eles pertencem. Por trás dele, existe um meio, uma conjuntura, que privilegia certas condutas em detrimento de outras e configura, junto a cada ator envolvido, um papel segundo o qual cada um vai denominando o quem vem a ser vínculo e interação.

Em 1913, Froebel, em seu livro *La educación del hombre*, escreve o seu primeiro capítulo acerca da primeira infância. Ao falar sobre a importância do meio na vida do bebê, ele observa que, ao nascer, os pequenos ainda não se distinguem do mundo a sua volta, como coisas separadas. Os objetos, a voz dos pais, vão aos poucos situando o bebê, para que ele comece a distinguir-se como ser que existe à parte de seu mundo exterior. Nesse sentido, nosso pesquisador observa que

exteriorizar o interior, interiorizar o exterior, unificando-os é a fórmula geral do destino do homem. Por isso, os objetos exteriores excitam o homem para que ele os conheça em sua essência e em suas relações. O homem está dotado de sentidos, isto é, de instrumentos com os quais pode interiorizar as coisas que o rodeiam (p. 04).

O ambiente cultural da criança e do adulto é ao mesmo tempo formador e formado por eles e participa da construção dos valores e das crenças que envolvem as suas interações, fundamentado em

uma lógica particular, um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento, para dar sentidos às suas experiências. Ele não é mensurável, portanto, e nem detectável a um lugar apenas – é aquilo que faz com que as pessoas possam viver em sociedade, compartilhando sentidos, porque eles são formados a partir de um mesmo sistema simbólico [...] de um modo que faça sentido para si e para os outros. Utilizamos-nos desse sistema simbólico todos os dias, embora não o conheçamos por inteiro, nem tenhamos consciência de o fazer (COHN, 2005, p. 19).

Logo, falar de interação e de vinculação aqui é também reconhecer que, por trás dessas palavras, existem sentidos que são ao mesmo tempo atribuídos pela criança, pelo adulto e pelo meio cultural ao qual pertencem ambos. Por isso, eles podem variar em diferentes lugares, tempos e sociedades.

Falar da importância do meio para os processos de interação da criança é também falar do papel que desempenham os seus órgãos dos sentidos para a sua percepção. Para Froebel, os objetos do mundo se opõem ao homem de três formas: uma mais simples, outra mais fluida e outra mais aérea. Para o aéreo, ele diz que utilizamos a audição e a visão. Para os fluidos, o olfato e o paladar e, para o firme, usamos os órgãos da sensibilidade geral e do tato. Nas palavras do autor

sempre, segundo a lei do conhecimento das coisas por seus opostos, se desenvolve primeiramente na criança o sentido da audição, e logo, excitado e ajudado por esse, o sentido da visão. Pelo desenvolvimento desses dois sentidos se faz possível que os pais e educadores ajudem a criança a relacionar com os objetos e seus opostos, com a palavra e logo com o signo que os representam, fazendo-os ver nesta relação uma verdadeira unidade e guiando assim a criança à instituição e mais tarde ao conhecimento dos objetos. Com esse progressivo desenvolvimento dos sentidos se desenvolve também o uso dos membros, o exercício do corpo, de acordo com a natureza física do homem e com as propriedades gerais do mundo material (p. 50, 1913).

Na percepção de Froebel, o bebê pode interagir corporalmente com o meio, com os objetos e pessoas a sua volta, inclusive pelo seu aparato biológico. Isso pode torná-lo

capaz de perceber o mundo pelo uso dos seus próprios sentidos corporais. A audição seria o primeiro deles, também responsável em ativar outros sentidos, como o da visão, por exemplo. Nesse processo, a criança, impulsionada pelos seus cuidadores, vai aprendendo a comparar um objeto ao outro, diferenciando-os. Ela também pode começar a relacionar as palavras aos signos que as representam, identificando os objetos. Nesse uso progressivo dos sentidos, a criança vai desenvolvendo também o uso de seus membros, o que inclui uma capacidade para mover-se corporalmente.

Nesses mecanismos que envolvem a compreensão do mundo, se processam fenômenos que nascem nas próprias experiências corporais que ocorreram entre os atores envolvidos, como, por exemplo, quando o adulto, ao notar o choro, a agitação ou as vocalizações do bebê, o abraça por certo tempo em seus ombros, de forma que o nariz da criança encoste-se ao seu pescoço. Ao perceber e identificar o cheiro do corpo do adulto, o bebê modifica a sua agitação e as suas vocalizações, o que causa no adulto²⁰ (seja a mãe, outra cuidadora ou cuidador responsável diretamente por ele) novas manifestações, que podem ser de origens diversas, inclusive “culturais ou comportamentais, vocais, verbais, ou até secretórias”²¹ (MONTAGNER, 1993, p. 11).

Na medida em que somos fruto desse meio e de suas relações, parece-nos impossível falar dos processos característicos dessa nossa criança que acaba de nascer

²⁰Montagner define esse adulto cuidador como um interlocutor que alimenta as capacidades perceptivas e a sede de desenvolver a interação do bebê com o seu meio social. Embora certas informações cheguem ao bebê pelas interações que ele estabelece com a mãe ainda no ventre, a vinculação de uma pessoa para a outra e a efetivação de vinculações múltiplas (com várias pessoas) representam, nas palavras de Montagner “contributos formidáveis para o desenvolvimento do ser relacional, social e cognitivo que é o bebê humano, e beneficiam ainda o acolhimento do bebê a nível médico e a nível social” (1993, p. 116). Nesse mesmo sentido, Mantovani e Terzi (1998) observam que é possível, para a criança muito pequena, ter outras figuras de referência além da mãe e do pai, tendo em vista que essa pessoa pode ser também “alguém que a criança conheça e reconheça, com quem estabeleceu um relacionamento comunicativo, de quem saiba prever os comportamentos e de quem aceite ser cuidada nos momentos de intimidade física, de quem aceite ser consolada, mesmo não tendo com esse alguém o relacionamento exclusivo que caracteriza o relacionamento com a mãe e, frequentemente, também com o pai” (p. 177). Para Ninfas Parreiras “o que importa para a criança que não tem o pai por perto é ter contato com figuras parentais, ou com pessoas que funcionem como tal. Podem ser o tio, o namorado da mãe, o irmão, o vizinho, o professor, o padrinho, o primo, o avô, o amigo. E podem ser a mãe, a madrinha, a avó, a amiga. E também para a criança que não tem a mãe por perto: é importante ter contato com figuras maternas que lhe deem carinho, lhe acolham como o pai, a tia, a avó. Importa ter uma referência, um modelo, alguém que acolha e cuide. O relacionamento saudável com uma dessas pessoas criará uma representação materna ou paterna para a criança. Nos casos de crianças que contam com a presença da mãe e do pai, elas também podem criar vínculos afetivos com avós, tios ou babás” (p. 42, 2012).

²¹A perspectiva de levar em conta as secreções como portadoras de informações e fonte de estudos aparece também em Gottlieb quando ela diz que “lágrimas, urina, fezes, vômito” também são “materiais apropriados à pesquisa acadêmica”, pois fazem parte dos “processos corporais dos bebês” e “podem ser culturalmente significativos” (2009, p. 323).

de modo isolado, centrado nela mesma (da criança por si só ou de *si por si*, como diziam meus alunos da educação infantil em Minas Gerais), sem levar em conta que a formação de suas características aparece, nos estudos e fontes consultados por nós aqui, de maneira imbricada às relações estabelecidas entre a criança e o adulto, e vice-versa. Por isso, a construção de nossas compreensões acerca desse nosso bebê acalantado também será focada no modo como certas características específicas de cada um deles (adulto e bebê) podem favorecer suas relações de convivência, gerando vínculos propícios para que a prática do acalanto possa acontecer.

Dentre as inúmeras formas de compreender o fenômeno da vinculação que se estabelece entre o bebê e o adulto que o acalanta, destacamos: as de competência do bebê e as criadas com base nas interações entre o bebê e o adulto. Em seu livro intitulado *A vinculação: a aurora da ternura*, Montagner, ao tratar do vínculo, destaca “a precocidade e a diversidade das competências do bebê e das interações que ele estabelece com o adulto e com seu meio” (1993, p. 10). Em perspectiva semelhante destacamos também os estudos de Gottlieb, quando ela diz que

a passividade está muito longe de ser uma descrição completa da vida de um recém-nascido. Desde o começo, os bebês demandam ser levados em conta, embora adultos não interpretem essa demanda de maneira acurada (2009, p. 320).

Nesse momento, existe uma troca de informações do bebê com o adulto e vice-versa, em que cada um acaba comunicando ao outro os seus sentimentos vividos. Nesse sentido

a vinculação mútua é contínua e simultaneamente tributária dos comportamentos que eles trocam (e, claro, das palavras maternas) e da idéia que cada um constrói do outro ou, por outras palavras, das representações e dos fantasmas que cada um nutre a respeito do outro (MONTAGNER, 1993, p. 11).

Na vinculação entre o bebê e o seu adulto cuidador surgem diálogos corporais por meio do choro, dos balbucios²², por exemplo, em que o bebê comunica o que está

²² Nas palavras de Gottlieb “os diversos sons que os bebês produzem – frequentemente desprezados pelos observadores ocidentais que os consideram somente ruídos sem sentido – podem ser considerados

sentindo. Quando esse adulto é a mãe, essa convivência é ainda mais antiga, anterior mesmo ao nascimento, como no caso dos sons que o bebê ouve após o oitavo mês, oriundos do ambiente frequentado pela mãe ou mesmo emitidos por ela. Aqui, vemos mais do que a presença de características que o bebê traz ao nascer, tendo em vista que estas, muito além de estarem relacionadas ao organismo da mãe e da criança, são também construídas nas experiências que o bebê vivencia no meio que o cerca.

Nas discussões de Bowlby apresentadas por Montagner, temos as seguintes afirmações: “1) Os comportamentos de vinculação da criança humana são tributários da procura e da satisfação de contatos corporais com o adulto-cuidador de referência; 2) A segurança e a redução do medo e da ansiedade são a consequência desses contatos; 3) O medo e a ansiedade resultam do afastamento do adulto-referência como cuidador” (1993, p. 22-23).

Segundo Bowlby, a necessidade de apego de uma criança é especialmente demonstrada por ela quando está envolta por sentimentos como os de dor, de fadiga, ou de situações em que ela sinta medo, de modo que as formas com as quais os bebês tentam afastar essas sensações podem variar de intensidade. Nas palavras do autor

numa intensidade baixa, pode ser simplesmente a visão ou o som da mãe, tendo um efeito especial, um sinal que denote a presença dela. Numa intensidade mais alta, o término pode requerer o seu contato ou mesmo estar grudado a ela. Na intensidade mais alta, quando a criança está ansiosa, nada será mais eficaz do que um abraço prolongado (1989, p. 19).

É como se a simples presença do adulto já deixasse o bebê em estado de alerta para chamar sua atenção para si. Mas a necessidade de estar mais próximo a ele pode aumentar se a criança estiver passando por alguma indisposição mais expressiva, como é o caso de se sentir insegura, assustada ou com alguma outra coisa que a incomode. Nesse último caso, acalantar o bebê, aconchegando-o longamente junto ao corpo pode acalmar essas ansiedades.

Esse pequeno bebê já demonstra, ainda que recém-nascido, um imenso leque de possibilidades para procurar, à sua maneira, (choro, resmungos, agitações,

significativos em determinados lugares” e que, ao prestarmos atenção a esses sons comunicativos, podemos compreender ainda melhor os nossos bebês (2009, p. 322).

verbalizações) os contatos com o adulto-referência. Concordamos com Franchi, Amorim, Anjos & Ferreira (2003) ao dizerem que o bebê acaba proporcionando “uma riqueza de possibilidades de acontecimentos que podem ajudar o desenvolvimento do episódio de interação” (p. 297), tendo em vista que ele está

no início do processo de construção de significados [...] uma fonte de criação de novidade, de possibilidade de coisas novas acontecerem. Dessa forma, qualquer mudança ditada pelo “acaso” encontra um espaço maior para ser instalada, já que os significados não são ainda tão persistentes (FRANCHI, AMORIM, ANJOS & FERREIRA, 2003, p. 299).

Na convivência entre bebê e adulto, ambos podem desenvolver meios de comunicarem entre si as suas necessidades, aumentando as chances de ampliarem ainda mais os seus vínculos.

Como a palavra vinculação, neste trabalho, se repete continuamente, gostaríamos de abrir aqui um pequeno e rápido aporte para situá-la melhor. Originalmente, a ideia de vinculação defendida por Bowlby, também chamada de Teoria da vinculação, foi elaborada para tentar entender o processo estabelecido no vínculo entre o bebê e a mãe (ou adulto-referência como temos aqui destacado). Para Bowlby, essa relação é “proveniente de um sistema primário específico que acompanha o bebê desde o nascimento, com características que a princípio partem de fenômenos naturais, tal como a satisfação das necessidades alimentares, por exemplo” (*apud* MONTAGNER, 1993, p. 23).

Para explicar sua Teoria da vinculação, Bowlby (*apud* MONTAGNER, 1993, p.23) se refere a todas as formas de comportamento do recém-nascido cujo interesse seja o de criar e manter sua proximidade com a mãe²³ ou pessoa substituta. Nesse momento, para o autor, o bebê que acaba de nascer apresenta manifestações tais como o choro, o sorriso, a sucção, o apego, o balbucio, etc. Assim, o choro pode ser apenas um dos mecanismos utilizados pelo bebê para favorecer sua aproximação com o adulto.

²³ Para Bowlby (1989) “uma criança pode ter um relacionamento seguro com a mãe e não com o pai, ou outra pode tê-lo com o pai, mas não com a mãe, uma terceira pode ter esse tipo de relacionamento com ambos e outra pode não o ter nem com um e nem com o outro” (p. 25). Isso nos faz mais uma vez reforçar a ideia de que os cuidadores podem pertencer ou não à família, o que não os impede de serem pessoas com as quais a criança possa estreitar vínculos emocionais.

Dessa forma, características como as de chorar para alcançar cuidados extras, por exemplo, podem favorecer os momentos de ligação entre o bebê e o adulto que o cerca.

Segundo o vocabulário de termos etológicos de Vieira (1983), a palavra vinculação (*attachment*) representa “um sistema de comportamentos que levam as crias de certas espécies, durante períodos sensíveis do desenvolvimento, a ligarem-se à mãe (ou congêneres) e a desenvolverem o seu comportamento social em interação com ela” (p. 525). Nessa perspectiva, observa também Spitz que

entre as peculiaridades desta relação está a de que, ante nossos próprios olhos, uma situação de não relacionamento social, um vínculo puramente biológico é transformado, passo a passo, no que acaba se tornando a primeira relação social do indivíduo. O que testemunhamos é a transição do fisiológico para o psicológico e social (1996, p.9).

A pessoa com a qual o bebê convive de uma forma mais próxima é, provavelmente, a principal intérprete de suas primeiras necessidades. Grande parte do relacionamento que o bebê tinha até então com o mundo era derivado de suas ligações biológicas, mas, na medida em que passa a criar vínculos sociais, seus comportamentos podem ser, então, decifrados pelo adulto que o acompanha. Isso feito, o bebê passa a receber deste o retorno que deseja para suprir suas necessidades e também para poder comunicar-se. No momento em que o bebê percebe que suas comunicações foram compreendidas, como se gerassem uma espécie de diálogo, ele começa a dominar novas possibilidades desse tipo de relacionamento com as pessoas à sua volta, ampliando as interações sociais com o adulto e seu meio.

Para boa parte dos etólogos, a fisiologia do bebê ao nascer (sua própria estrutura corporal) seria responsável por seduzir os adultos para que estes possam sentir a necessidade de oferecer cuidados a ele, preservando a espécie, tendo em vista que “um bebê depende completamente dessa assistência para a sua sobrevivência” (SPITZ, 1983, p. 502).

Pode-se dizer que a capacidade do bebê de identificar a figura da mãe ou adulto de sua referência, diferenciando-os das pessoas estranhas a ele, deve-se à dupla maturação do bebê: o aumento de suas capacidades perceptivas e o aumento do medo, com a idade, em relação às pessoas que ele não conhece. Segundo Montagner (1993), é

dessa forma que o bebê estabelece o seu vínculo com o adulto para que este atenda às suas necessidades, identificando-as.

Gostaríamos de citar – ainda que não apareça o termo vinculação aqui apresentado por nós conforme a acepção de Montagner (1993) – as observações de Ferreira; Amorim & Silva (2000) quando, de maneira semelhante, defendem a ideia de que

no processo interativo, portanto, o conjunto das ações possíveis de serem realizadas e o fluxo dos comportamentos são delimitados, estruturados, recortados e interpretados pela ação do outro e, também, por um conjunto de elementos orgânicos, físicos, interacionais, sociais, econômicos e ideológicos. Todos eles interagem dinamicamente e dialeticamente, compondo uma rede [...] (p. 03).

Mesmo ainda tão pequenos, os bebês já nascem com um aparato que os ajuda a identificar, corresponder e promover situações de interação, que se ampliam a cada novo contexto criado na convivência com os adultos e com o meio frequentado por eles.

O meio é um elemento muito importante nas ações da criança, pois sabemos que a

mãe e o filho não vivem em um vácuo, mas em um meio sócio-econômico cujos referenciais mais diretos são os membros da família imediata, ao passo que seus referenciais mais distantes consistem no grupo étnico, na cultura, na tecnologia, na situação nacional, no período histórico e na tradição (SPITZ, 1996, p. 76).

Embora as características fisiológicas do bebê e as intervenções do adulto possam contribuir no sentido de possibilitar as condições necessárias para que ele estabeleça seus vínculos, o meio que o cerca tem um papel importante no desenvolvimento de suas ações interativas.

Em cada novo encontro, cada um dos atores (criança e adulto) aprende a conhecer os sentimentos, as formas de comunicação e de expressão do outro. Segundo Bowlby

o bebê tende a ser tão espontaneamente ativo quanto sua mãe. Os papéis diferem quanto ao *timing* de suas respostas. Considerando que a interação de uma criança e sua interrupção tendem a seguir o seu próprio ritmo, autônomo,

uma mãe sensível regula seu comportamento de forma a que se harmonize com o de seu bebê. Além de regular, ela também modifica seu comportamento para se adaptar ao seu bebê: sua voz é gentil, porém num tom mais agudo do que o normal, seus movimentos são mais vagarosos e cada ação subsequente é ajustada, tanto em relação à forma quanto ao *timing* com que o bebê atua. Assim, ela permite que ele puxe a canção e, pela habilidade em tecer suas respostas com as do bebê, crie um diálogo (1989, p. 22).

Embora os atores possam ter diferentes ritmos, é possível que a disposição de certas crianças e adultos para desejarem interagir de forma cada vez mais integrada regule as relações entre eles, criando uma melodia cantada harmonicamente a duas vozes. Nesse contexto, a sensibilidade para ler as expressões do outro, interpretando e ajustando as próprias atitudes a elas de forma dialógica, é fundamental para que a interação aconteça de fato.

Montagner (1993) observa que o estudo da vinculação deve abranger concretamente o desenvolvimento do ser social e do ser de conhecimento que é a criança, e vê essa forma de vínculo como o conjunto de laços que, desde cedo, se estabelecem ou se constroem entre a criança e essa outra pessoa. Nas palavras do autor, esse estudo engloba

as modalidades sensoriais e perceptivas através das quais a criança estabelece e constrói esses laços; as modalidades sensoriais e perceptivas através das quais a outra pessoa as estabelece ou constrói; os comportamentos através dos quais a criança estabelece e mantém a proximidade com a outra pessoa e vice-versa; as interações entre as duas pessoas, isto é, os movimentos de vaivém através dos quais cada um modifica o outro; as comunicações entre as duas pessoas, isto é, as interações nas quais se identificaram produções linguísticas (na mãe, evidentemente, e na criança que começa a falar) e os comportamentos que veiculam uma informação (posturas, mímicas, gestos, toques, apertos, vocalizações, odores, sabores); os processos biológicos cognitivos (de conhecimento) e a atividade psíquica (inclusive os fantasmas) que atuam em cada momento nas duas pessoas, tendo em atenção às suas vivências e o seu meio (p. 51).

Fisiológicas ou não, as funções do bebê parecem caminhar de mãos dadas. Nesse processo, as modalidades sensoriais e perceptivas também favorecem a formação dos laços entre o bebê e o responsável por seus cuidados. Nas variadas possibilidades de entendimento entre eles (balbucios, vocalizações, gestos, toques e todas as formas de expressão que podem caber nessa relação), trocas vão surgindo e agregando novas

experiências, seja na percepção de si mesmos (no papel de cada um em relação ao outro) ou na compreensão do meio e das redes de convivência às quais vão ao mesmo tempo se entrelaçando e sendo entrelaçados.

Nessa ligação entre a criança e a mãe, existem “sinais que veiculam as informações de uma para outra, ou seja, de suas mímicas maternas de acalmação, de chamamento, de inquietação, de desinteresse, de sofrimento, de vocalizações, de solicitações etc.” (MONTAGNER, 1993, p. 54). Essas ligações comunicativas são importantes, na medida em que fazem com que a ação de um se modifique perante as ações do outro. Nessa construção, a capacidade de desvendar

sinais e signos que alcançam e são recebidos pelo bebê nos primeiros meses de vida pertencem às seguintes categorias: equilíbrio, tensão (muscular ou outra), postura, temperatura, vibração, contato da pele e corporal, ritmo, tempo, duração, tom, timbre, ressonância, rumor e provavelmente inúmeras outras, das quais o adulto dificilmente está consciente e que não pode verbalizar (SPITZ, 1996, p. 100).

Nessas categorias, o bebê já desenvolve capacidades tão sofisticadas e sensíveis que jamais poderíamos imaginar. Com todo esse aparato sensorial, ele pode interpretar informações de origens diversas, apreendidas por um conjunto perceptivo que já usa desde o tempo fetal.

Como boa parte da vida da criança se passa junto à mãe ou adulto que a substitua, essa pessoa certamente será como que uma porta de entrada que vai apresentar o bebê para o mundo, pois

o primeiro brinquedo do bebê é o corpo do adulto que cuida dele. Um bebê segura os dedos de seu pai e de sua mãe, manipula o seio de sua mãe, enlaçando seus dedos no cabelo dela ou na barba do pai, agarrando brincos, colares ou óculos. O foco do bebê está na cuidadora mais próxima, vivenciando o calor familiar, o cheiro, a tensão superficial da pele, as vibrações da voz e do riso, e tudo mais que contribui para criar o cuidado e as trocas cotidianas (GOLDSCHMIED & JACKSON, 2006, p. 113).

A ligação corporal entre o bebê e os adultos mais próximos introduz trocas sensoriais nas quais se intensificam outras tantas possibilidades de exploração e de

conhecimento recíprocos, em que a proximidade do toque, do cheiro, das expressões se tornam perceptivas e importantes para ele. Com semelhante ponto de vista, Spitz sugere que

como o peito da mãe, seus dedos, oferecem ao bebê que está sendo amamentado inúmeros estímulos táteis; como estes estímulos lhe dão a oportunidade de aprender e praticar a percepção e a orientação; como o bebê experimenta o toque superficial, a sensibilidade profunda e o equilíbrio sobre o corpo da mãe, reagindo aos movimentos dela; e é quase desnecessário acrescentar que é a voz materna que oferece ao bebê estímulos acústicos vitais (1996, p. 73).

Acreditamos que muitas dessas percepções sensoriais entre mãe e filho já se tornam funcionais antes de o bebê nascer, de forma que o feto prontamente percebe certos estímulos do mundo, como é o caso da audição de barulhos externos e de certos sons provindos do ambiente. Dessa forma, não se pode negar que a mãe é uma grande produtora de estímulos acústicos para o seu bebê. Se a mãe, por exemplo, canta ou fala de maneira mais branda, modificando o seu próprio ritmo para uma duração mais lenta, tem seus batimentos cardíacos diminuídos (como já pudemos constatar anteriormente nas pesquisas realizadas por Montagner e outros). Tais experiências já promovem certas percepções no feto e mesmo no bebê depois de nascido, ao ponto de fazer com que ele também possa diminuir o ritmo dos seus batimentos.

A capacidade olfativa dos bebês foi observada por Graham (*apud* MONTAGNER, 1993, p. 59) em suas experiências. Em um de seus exemplos, em que provocou a execução de sons puros ou de ruídos altos, realizados de uma hora para outra e, de repente, notou que estes podiam ser percebidos pelo bebê, ainda no ventre materno, conseguindo, assim, identificar uma aceleração rítmica nas batidas do coração da criança. No entanto, percebeu também que a escuta de sons ritmados mais lentamente ou derivados de conversas exteriores mais pausadas provocavam a desaceleração cardíaca no neném.

Em relação à precocidade das competências auditivas do feto, destacam-se ainda dois sons mais notadamente: os batimentos cardíacos da mãe e os sons produzidos pelo próprio bebê. Como aponta Spitz

a repetição de sons, primeiro os procedentes da criança e posteriormente os da mãe, assumirá passo a passo o papel de sinais semânticos (1996, p. 74).

Cada som produzido pela mãe, pelo meio ou mesmo pela própria criança pode representar um sinal de comunicação, revelando informações para que o ouvinte possa interpretá-las.

Outros estudos realizados por Salk (*apud* MONTAGNER, 1993, p. 59) mostraram que, quando se colocava o som de um coração batendo a 72 pulsações por minuto (ritmo normal do adulto) para ser escutado por bebês com alguns dias de vida, eles paravam de chorar e adormeciam rapidamente. Quando essa prática se repetia de dia e de noite, eles choravam menos, adormeciam mais rápido e ganhavam 40 gramas de peso nos primeiros quatro dias (isso foi percebido em 70% dos bebês submetidos a esses mesmos ruídos cardíacos). No entanto, o mesmo comportamento não acontecia com os bebês recém-nascidos diante da escuta de batimentos cardíacos a 128 pulsações por minuto. É o que também nos mostram as pesquisas realizadas pelos estudos de Salk, realizadas por Manzke e Damming (*apud* MONTAGNER, 1993, p. 60) por meio do ritmo cardíaco e respiratório do bebê a partir da escuta de sons de batimentos cardíacos mais lentos, em que aparecem como consequência dessa escuta a diminuição dos choros, um apaziguamento geral, uma diminuição do ritmo cardíaco e uma respiração mais pausada e profunda nos bebês. Para Montagner (1993), são raros os momentos em que se pode notar uma queda no ritmo cardíaco dos bebês, e essas situações podem ser o reflexo da experiência em ouvir o som dos batimentos cardíacos da mãe ou do adulto em questão, desde o tempo de feto.

Montagner diz também que esses estudos sobre a variação dos batimentos cardíacos dos bebês são importantes porque podem nos ajudar a compreender parte de sua natureza sensorial/perceptiva e o modo como eles auxiliam na promoção dos vínculos da criança com o seu meio social.

Spitz (1996) também chama a atenção para certas rotinas de corpo a corpo experienciadas pelos bebês, que, segundo ele, “têm o hábito de olhar fixamente para o rosto da mãe, de modo constante, durante o ato de amamentação, sem desviar os olhos, até adormecer no seio” (p. 39). Alimentando essa prática do olhar, o autor completa que nós adultos costumamos

oferecer nosso rosto diretamente à inspeção da criança, fitando-a nos olhos, movendo nossa cabeça e, na maioria das vezes, dizendo alguma coisa. Isso significa que o rosto, tal como se apresenta, é o estímulo visual mais frequente oferecido ao bebê, durante os primeiros meses de vida. No decorrer das primeiras semanas de vida, um traço mnemônico do rosto humano é estabelecido na memória infantil, como primeiro signo da presença de uma satisfação das necessidades. O bebê acompanhará com os olhos todos os movimentos deste signo (SPITZ, 1996, p. 40).

Pensando nessa atitude que muitos de nós acabamos adotando constantemente, quando nos remetemos ao bebê à nossa frente, de nos expressar com nosso aparato verbal-vocal-visual, podemos entender que essa forma de comunicação consegue emitir mensagens ao bebê que, atento, aprende a identificá-las, utilizando-as para também se comunicar conosco. Spitz (1996) também acrescenta que até aproximadamente os três meses de vida, o bebê

que está sendo amamentado não olhará para o peito, mas para o rosto da mãe. É um fato de observação. Ele não olha para o peito quando a mãe se aproxima dele, ele olha para o seu rosto e continua a olhar para o rosto dela enquanto está com seu mamilo na boca e enquanto está manipulando seu seio. Desde o momento que a mãe entra no quarto até o fim da amamentação ele fixa o olhar no rosto da mãe (p. 61).

Ainda que seja a mãe ou outro adulto a se aproximar do bebê, a tendência é que ele se concentre em observar o seu rosto. Reconhecendo as expressões e o olhar que lhe são estendidos, o bebê aprende a decodificar em sua memória as intenções que esse conjunto de expressões pretende informar. Spitz (1996) acrescenta ainda que “o bebê torna-se capaz de reconhecer o rosto humano e indicar isto através da reação de sorriso, mostrando que foram estabelecidos traços de memória” (p. 77).

Tendo, pois, adquirido habilidades em compreender que o rosto de cada pessoa é uma porta de entrada para identificá-la, o bebê logo se põe a buscar a face da mãe, diferenciando-a dos outros rostos. Isso mostra que

a criança distinguiu o rosto da mãe e lhe conferiu um lugar único entre os outros rostos humanos. Doravante, e durante algum tempo no futuro, a criança preferirá o rosto da mãe e rejeitará todos os outros rostos que dele se diferenciarem (SPITZ, 1996, p. 119).

Outro fenômeno ainda mais precoce, observado por Bower (*apud* MONTAGNER, 1993), é “a sincronia interacional das modificações de comportamento, por vezes discretas, apresentadas pelo bebê, quando um adulto lhe fala” (p. 73). Na medida em que o bebê descobre que suas ações influenciam as ações do outro, ele fica ainda mais motivado em se manifestar. É assim que bebê e adulto descobrem que podem modificar o comportamento um do outro, quando ambos se colocam em posição receptiva. Do ponto de vista do bebê, a sincronia interacional pode acontecer quando ele ouve ou percebe a presença do adulto e vê nessa proximidade uma possibilidade de interação; do ponto de vista do adulto, as atitudes do bebê demonstram que ele não fica indiferente ao seu meio e nem a ele mesmo, e que as atividades de interação entre eles já interessam à criança (MONTAGNER, 1993).

Ao realizar uma de suas pesquisas, Trevarthen (*apud* MONTAGNER, 1993) colocou à frente do bebê e da mãe uma câmera filmadora seguindo “as ações contínuas de um e outro, num momento de interação” (p. 76). Depois, na análise da situação filmada, ele justapôs as imagens, de forma a perceber em que altura o comportamento do bebê pode influenciar o do adulto e vice-versa. Nessa experiência vivida entre mãe e filho, ele entendeu que as interações entre um bebê de dois meses e a mãe podem ser comparadas a uma espécie de conversa (diálogo) em que cada um espera que o outro tenha acabado de agir para que possa responder. No mesmo caminho, vejamos os apontamentos de Bowlby (1989):

a velocidade e eficiência com que esses diálogos se desenvolvem e a satisfação mútua que eles geram mostram claramente a pré-adaptação de cada participante para essa troca. Por um lado, é a presteza da intuição materna para permitir que suas intervenções sejam palmilhadas pelo bebê. Por outro lado, é a presteza com que a criança modifica gradualmente seu ritmo, ajustando-o ao *timing* das intervenções de sua mãe. Numa parceria, que se desenvolve de maneira feliz, cada um está se adaptando ao outro (p. 22).

Ao afinar as percepções dos sinais que o outro tenta comunicar, o bebê e sua mãe se dedicam a chegar a uma cadência comum. Esse tipo de vínculo permite que eles possam se conhecer melhor, ajustando-se em responder continuamente às intervenções de seu parceiro. A mãe tenta acompanhar os movimentos do bebê, os sorrisos, os balbucios, e o bebê, da mesma forma, à sua maneira. O compasso dessas manifestações entre eles modifica-se (com alternâncias e pausas), e seu conteúdo varia, mas eles

conseguem estabelecer um mesmo ritmo de sintonia. Segundo Trevarthen (*apud* MONTAGNER, 1993),

o que o bebê ouve e vê da mãe ao longo dos dois primeiros meses tem efeito imediato nas estruturas nervosas que asseguram a coordenação entre as expressões faciais, os sistemas vocais e os movimentos das mãos dos bebês. A mãe perceberia o seu filho como um sujeito sensível àquilo que ela sente e que procura falar-lhe. Por conseguinte, o bebê e a mãe partilhariam um código de estados emocionais (p. 76).

Para Bowlby (1989), “a mãe sensível comum entra rapidamente em sintonia com o ritmo natural de seu bebê e, por estar atenta aos detalhes de seu comportamento, descobre o que mais lhe agrada e se comporta de modo a satisfazê-lo” (p. 23). Nessa construção, cada um consegue quase que antecipar as reações do outro, e a convivência entre ambos torna-se cada vez mais rica em percepções emocionais. Segundo Spitz (1996), essa ligação pode ser tão intensa que “a própria presença da mãe, sua própria existência, suscita reações no bebê. E igualmente, a existência e a presença do bebê evocam reações da mãe” (p. 93).

Mas é necessário lembrarmos que a mãe não é a única pessoa que frequenta o mesmo ambiente da criança, nem a única que exerce um papel emocional em sua vida, pois “o ambiente compreende pai, irmãos, parentes e outros, podendo ter todos eles significado afetivo para a criança. Mesmo o ambiente cultural e seus costumes têm influência sobre a criança, já no decorrer do primeiro ano de vida” (SPITZ, 1996, p. 75). Na mesma linha estudada por Trevarthen, estão os estudos de Brazelton (*apud* MONTAGNER, 1993) que consideram o recém-nascido como alguém preparado para perceber o próprio corpo e o meio ao qual pertence, numa troca em que

a mãe ajudá-lo-ia a desenvolver os seus processos de aprendizagem sobre si próprio [...] o bebê tomaria, deste modo e progressivamente, consciência do conhecimento sobre si mesmo e sobre o seu meio (p. 78).

Nas vivências construídas entre mãe e filho, cada um passa a saber mais de si mesmo a partir do outro e das percepções que desenvolveu ao longo dessa permuta.

Ainda acerca das percepções sensoriais dos bebês, Montagner (1993) destaca a importância do olfato. Para ele, tais estudos acerca da sensibilidade olfativa da criança desse período podem auxiliar na compreensão do desenvolvimento pré-natal e pós-natal, mostrando que o bebê pode “combinar as diversas informações que recebe através dos seus diferentes canais sensoriais”, para reconhecer as características da mãe ou da pessoa que a substitui (p. 83). De modo semelhante, Bowlby indica que

do nascimento em diante, a criança mostra uma capacidade crescente para engajar na interação social e sentir prazer em fazê-lo [...] Em poucos dias, ela está apta a distinguir sua figura materna das outras figuras por meio do odor e da voz, como também pela forma como ela a pega no colo. (1989, p. 120).

É dessa maneira que, providos de boa parte de seu aparato sensorial, muitos bebês conseguem diferenciar a mãe das outras pessoas, seja pelo cheiro, pelo som da voz ou mesmo pelo jeito de serem carregados no colo. Mas o desejo de interagir socialmente tende a aumentar, assim como a vontade de se relacionar com as pessoas à sua volta.

Em relação à precocidade olfativa dos bebês, Montagner cita os estudos realizados por Engen (*apud* MONTAGNER, 1993) que provaram pela primeira vez que os pequenos conseguem distinguir odores distintos, dos quais “informações ficam memorizadas e são constantemente comparadas com as outras informações que já estão no seu sistema nervoso central”, permitindo que sua habilidade olfativa aumente sensivelmente do primeiro ao quarto dia (p. 84).

Montagner (1993) apresenta algumas experiências onde se pôde observar que os bebês de 12 horas já têm respostas faciais de repugnância e rejeição quando experimentam odores julgados desagradáveis (o que foi identificado para cheiros de ovo podre ou peixe estragado), ou mesmo satisfação com os odores que lhes são mais agradáveis (ao sentirem os cheiros de banana, baunilha, chocolate, mel e leite), e que “estas reações são uma prova da sensibilidade dos bebês em relação a odores agradáveis e desagradáveis” (p. 84).

Esses estudos reforçam a ideia de que, desde bem cedo, o bebê já desenvolve sua sensibilidade olfativa, que se amplia cada vez mais e seleciona os odores repetidamente apresentados a ele e memorizados. A identificação de odores diferentes pode ser

seguida de sensações de prazer e de desprazer, de satisfação e de repugnância, dependendo do odor específico.

As pesquisas realizadas pelo próprio Montagner (1993) mostraram que, diante da escolha entre uma camisola de lã vestida pela mãe e outra idêntica, usada por uma mãe desconhecida, duas a cada três crianças, entre 18 e 36 meses, conseguiram reconhecer a camisola com o odor corporal de sua própria mãe.

Outras pesquisas realizadas por Macfarlane (*apud* MONTAGNER, 1993) mostraram a seguinte situação: de um lado da cabeça do bebê, no berço, foi colocado um tampão de seio com o leite materno de sua mãe e, do outro lado, outro tampão sem odor ou com o leite materno de outra mãe. Nas descrições apresentadas, pôde-se notar que em meio aos 20 bebês que participaram do processo, 17 deles viraram a cabeça e o nariz para o tampão com o leite de sua mãe. Em contexto experimental semelhante, Russel (*apud* Montagner, 1993) confirma o mesmo resultado, com 10 bebês em idades diferentes (de 2 dias, 2 semanas e 6 semanas). O que as pesquisas de ambos mostram é que “as relações entre o bebê e a mãe também estão vinculadas às secreções odoríferas” (p. 87).

Outro elemento que se torna familiar ao bebê é também o odor do pescoço materno, tanto quanto o do leite. No movimento que o adulto faz ao pegar a criança no colo, amparando-a de pé nos braços, mantendo a nuca dela contra si, é comum que o nariz do bebê fique mais próximo ao pescoço, posição também utilizada com frequência nos momentos de choro ou que antecedem o soninho. Nessa posição, o bebê não só fica com o nariz bem próximo à pele do adulto, como às vezes chega até a esfregar o nariz no pescoço dele. Nessas vivências, a sensibilidade olfativa e a percepção sensorial dos bebês fortalecem o vínculo entre a criança e a mãe. Nesse sentido,

o caminho da vinculação do bebê à mãe pode não estar vedado ou comprometido pelas incapacidades do olhar e das produções vocais e linguísticas, mesmo que, vimo-lo, as informações visuais e acústicas oriundas da mãe desempenhem, evidentemente, um papel essencial (MONTAGNER, 1993, p. 92).

Mesmo no caso de bebês que não podem ver ou mesmo ouvir, o olfato tem um papel decisivo na sua capacidade de identificar a mãe ou o adulto cuidador, pelo seu

cheiro. São muitas as possibilidades sensoriais do bebê, não apenas para estabelecer sua comunicação, mas também para ajudá-lo a fazer as leituras do corpo do outro e as informações que podem ser percebidas por intermédio dele.

No entanto, Montagner (1993) adverte que a ausência de contato através de tais processos sensoriais precoces como o olfativo e o sonoro, por exemplo, não é necessariamente prejudicial para essa relação, mas sim um acréscimo entre as tantas possibilidades de compensação, que também acontecem pelos “toques ou gestos, pressões exercidas com a mão, acenos com a cabeça, etc.” (p. 103).

É importante para a criança que as pessoas responsáveis por ela sejam próximas o suficiente ao ponto de ter instituído um histórico de aceitação e de plena convivência corpo a corpo. Sabemos, no entanto, que construir tal nível de confiança requer um conhecimento mútuo e afetivo, vínculos que não se formam de um dia para o outro. É dessa forma que

a vinculação do bebê à mãe, ou à pessoa que a substitua, assenta sobre um leque de competências perceptivas, que se encontram presentes no nascimento, ou emergem pouco tempo depois, a menos que existam já no estado fetal. Paralelamente, o bebê manifesta competências para responder aos estímulos especificamente humanos e em especial aos que provêm da mãe. Por outras palavras, dispõe dos meios indispensáveis à interação e à comunicação (MONTAGNER, 1993, p. 105).

Mesmo no estado fetal, o bebê apresenta percepções sensoriais de muitas coisas que acontecem à sua volta e, já nesse estágio de vida, responde a esses estímulos. Grande parte dos processos interativos e comunicativos que a criança constrói com a mãe, ou pessoa substituta, é um desdobramento dessas experiências anteriores vivenciadas ainda dentro do ventre materno. O elemento afetivo participa ativamente dessas relações, tendo em vista que, “consciente ou inconsciente, cada parceiro na dupla mãe-filho percebe o afeto do outro e, por sua vez, responde com afeto, numa troca afetiva recíproca contínua” (SPITZ, 1996, p. 103).

Também não se pode desprezar a informação de que o feto também adquire um conhecimento prévio da mãe através das influências químicas ligadas à fisiologia ou ao estado psíquico dela, pois “muitas de suas informações olfato-gustativas podem ser recolhidas no contato com o líquido amniótico, pelos seus gomos olfato-gustativos

funcionais da boca e da garganta” e partes dessas impressões recolhidas pelo feto poderiam prepará-lo para discriminar os odores corporais da mãe. (MONTAGNER 1993, p. 108).

Segundo Montagner (1993), na comunicação que se constrói entre mãe e filho, elementos como a imitação, observação, sincronia interacional, conversa, concordância, sintonia, empatia tendem a participar de maneira crescente. Embora aparentemente essas ações pareçam apenas habilidades inatas oriundas de uma predisposição fisiológica, muitas delas são o resultado de influências complexas já vivenciadas pela criança, dentro e fora do ventre.

Se existe uma predisposição biológica no bebê que favorece essa interação entre ele e a mãe (ou, no caso, com o adulto-referência), ela também varia de acordo com as experiências vividas em cada um deles. Vejamos o comentário tecido por Bowlby (1989):

o comportamento de cuidados, como eu vejo, tem fortes raízes biológicas, o que explica as emoções muito fortes a ele associadas; mas a forma específica que o comportamento toma em cada um de nós é modificada pela nossa experiência (1989, p. 20).

Embora nosso aparato biológico tenha um papel fundamental no favorecimento de muitos dos comportamentos que adotamos, as experiências e atividades que vivenciamos em nossa realidade e no mundo que nos cerca podem fazer toda a diferença na forma como vamos desenvolvê-los.

Montagner (1993) insiste que o bebê age não só com base nas experiências adquiridas primeiramente com a mãe, mas também dentro e fora do âmbito familiar, com outras pessoas ou seres (animais domésticos) e com os objetos, “fortalecendo, atenuando, contrariando ou reorientando atitudes, desde a vida embrionária” (p. 108). Com semelhante perspectiva, Spitz afirma que

o universo da criança está inserido no contexto total da realidade. Está misturado com os papéis inter-relacionados e relacionamentos das várias pessoas que constituem a família da criança (1996, p. 11).

Tanto quanto o ambiente familiar, as pessoas que a criança conhece e com as quais se relaciona, as interações que estabelece no seu dia a dia podem colaborar com a sua inserção gradativa na realidade que a cerca.

No entanto, embora a mãe não seja a única referência para os relacionamentos que a criança estabelece em sua vida, ela é apontada como o “primeiro parceiro humano do filho, que serve de mediador a toda percepção, toda ação, todo *insight*, todo conhecimento” (SPITZ, 1996, p. 72). Embora acreditemos que a mãe não seja a única mediadora, como determina Spitz (1996), em alguns momentos, ela certamente acaba desenvolvendo um papel intermediário importante no início desses processos.

Concordamos com Carvalho quando ela diz que as vinculações do feto não são automáticas e exclusivas à mãe só porque os genes, guardiões da espécie, assim o teriam decidido, já que

por sua própria essência, o vínculo requer uma relação particular entre a preparação biológica do ser e sua experiência no mundo - no caso, no mundo social, na interação com o outro. A mãe não ama um filho genérico, nem o bebê ama uma mãe genérica: é na concretude das interações que o amor é construído entre dois indivíduos particulares. Essa condição dá espaço para a diversidade dos vínculos em cada caso - evidentemente, dentro dos limites possíveis para as capacidades emocionais e cognitivas do homem (2008, p. 239).

Por isso, pode-se concluir aqui que, embora muitos aspectos dessa origem biológica favoreçam os vínculos do bebê com a mãe, desde o ventre, o fato é que estes também estão associados aos processos diários e permanentes que foram construídos fora dessa relação.

Portanto, nesse processo de vinculação, existem elementos originados de uma constituição uterina (características biológicas) que, unidos às experiências vivenciadas no meio (nas trocas que já estabelece com a mãe, com os objetos, seres e pessoas com os quais se relaciona nele), ampliam a capacidade comunicativa do bebê. As experiências das memórias já vividas até então passam a influenciar o outro. Essas vivências se tornam instrutivas para o bebê, que vai diferenciando-as umas das outras, ao mesmo tempo em que elas o educam para experimentar novos desafios junto às pessoas que o cercam. A respeito dessa grande capacidade para instruir-se com esse outro, traremos alguns elementos para discussão no próximo sub-item deste trabalho.

2.4. A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO COM O ADULTO E O MEIO.

Durante muito tempo, acreditou-se que o bebê era incapaz de desenvolver sua instrução, pois não possuía ainda a formação completa de seu córtex cerebral. Teóricos como Kradnogorsky (*apud* Montagner, 1993) diziam que esses processos educativos só se efetuariam a partir dos seis meses de idade. No entanto, essas pesquisas foram rapidamente superadas, pois muitas investigações subsequentes provaram que mesmo as vivências experimentadas pelo feto já eram acompanhadas de “aprendizagens rápidas e relativamente complexas” (MONTAGNER, 1993, p. 112).

As atividades instrutivas realizadas com base nas modalidades sensoriais do bebê em seu meio (inclusive com a mãe, com os seres, lugares, objetos, situações e pessoas a sua volta) já incluem operações, transferência e reconhecimento de informações através de outras tantas modalidades sensoriais. Diante dessas percepções apresentadas pelo bebê, já nos seus primeiros dias de vida, destacamos também os estudos dos autores Franchi, Amorim, Anjos e Ferreira, para os quais as características perceptivas da criança já estão bem desenvolvidas, de modo que

seu equipamento sensorial e expressivo facilita a comunicação, a interação e a aprendizagem com o outro desde o nascimento [...] Por isso, desde cedo, são bastante habilidosas em estabelecer contatos sociais, tanto com seus pais e outros adultos, como com as outras crianças (2003, p. 293).

É por isso que o bebê aprende a identificar uma pessoa, antes mesmo de enxergá-la com clareza, através das informações que já percebeu anteriormente dela/com ela através de seu cheiro, dos sons emitidos e, “ainda que o bebê possua suas características pré-formadas para identificar as informações de seu meio (sons, cheiros etc.), quando harmonizadas e compreendidas pelo seu patrimônio genético, o bebê pode reorientar as suas competências em relação ao que percebe realmente” (MONTAGNER, 1993, p. 115).

Dessa forma, todo um aparato sensorial formado desde a constituição fetal pode auxiliar na sua educação, mas junto a ele estão as experiências que pôde vivenciar com o outro e o meio.

Como o bebê possui muitas capacidades perceptivas de aprendizado, algumas delas desde o ventre materno, ele se mostra sensível não apenas a interagir com as experiências entre a mãe e o meio, mas também a memorizar as informações decorrentes dessas experiências, de forma a discriminá-las e reconhecê-las. Nos estudos de Brazelton (*apud* Mantovani & Terzi, 1998),

a criança, desde os primeiros dias e as primeiras semanas de vida, é ativa, influencia o parceiro adulto e é capaz de responder com comportamentos diferenciados aos diversos adultos, tais como a mãe e o pai (p. 177)

Com isso, sabemos que a criança já se apresenta como um ser que aprende²⁴ antes mesmo de seu nascimento. O bebê já nasce com sistemas pré-formados ou pré-adaptados para perceber as características dos seres humanos à sua volta (voz, sorriso, configuração dos olhos - um nariz - uma boca, etc.) e também se mostra ativo em “dirigir o olhar da mãe, o seu sorriso e a decodificar os estados emocionais dessa pessoa que se ocupa dele” (MONTAGNER, 1993, p. 123).

O bebê pode recolher informações não apenas sobre o comportamento da mãe, mas sobre si mesmo, por meio dela, e já então estabelecer conexões de aprendizagem. Na tríade interativa que se dá entre o bebê, a mãe (adulto) e o meio entram elementos organizadores²⁵ que favorecem essa capacidade de se instruir, como é o caso das atividades que abarcam os comportamentos de apaziguamento da mãe para com o filho, também provocados com a ajuda de objetos, sons, etc. Enquanto ser biológico e social, a criança se envolve e, ao mesmo tempo, é envolvida pelas

²⁴ Segundo Gottlieb (2009), desde cedo o bebês já aprendem a se incorporar a uma vida social, tornando-se capazes de expressar sua agência, tendo em vista que já “modelam ativamente a vida das pessoas à sua volta, contribuindo para a constituição de seus mundos sociais” (p. 327).

²⁵ Como elemento organizador, Montagner (1993) designa nas próprias palavras “o conjunto de comportamentos que permite à criança construir respostas diversificadas aos estímulos do meio que, ao combinarem-se com outros comportamentos, mesmo aleatórios, conduzem a respostas cada vez mais bem ajustadas a uma diversidade crescente de informações, quer provenham do mundo dos objetos ou das pessoas” (p. 186).

escutas e apelos trocados com a mãe, balbuciantos do jogo de interações que [lhe] abre a via para o diálogo. As mímicas, o olhar, o sorriso, as posturas, os gestos, os contatos, a voz, ganham progressivamente sentido; tornam-se mensagens, trocam conhecimentos e emoções. A criança aprende a decifrar os estados e as intenções da mãe, a distinguir as pessoas, a adaptar o seu comportamento aos objetos. Desenvolve uma percepção integrada dos seres e das coisas, descobre que pode agir sobre uns e outros (MONTAGNER, 1993, p. 225).

Nas muitas situações de aprendizagem que se desenvolvem entre a mãe, o meio e o bebê desde a vida fetal²⁶, fios elementares de origem fisiológica e social se enredam a todo o momento, criando as condições necessárias para que o bebê e o adulto responsável por ele possam se conhecer, se perceber, se identificar.

A construção desse espaço dialógico se amplia para o bebê, tanto quanto a sua percepção do modo como algumas coisas funcionam à sua volta, em seu dia a dia. A criança aprende a fazer escolhas decifrando o que a mãe e o meio lhe dizem a todo o instante. Para Mantovani (1998),

já aos 7 ou 8 meses, antes que se possa dar por adquirida a assim chamada permanência do objeto, as crianças sabem antecipar rituais típicos com uma pessoa específica, em situações específicas: por exemplo, antecipação de gestos, brincadeiras ou movimentos habituais nos momentos da refeição, ou de ir dormir; em alguns sujeitos também percebeu-se a recusa do mesmo ritual se proposto por uma pessoa diferente daquela com a qual o ritual foi estabelecido. Isso significa, a nosso ver, que a criança é capaz de reconhecer pessoas diferentes e de distinguir e recordar alguns de seus estilos comunicativos através de hábitos comuns ou rituais, que se criaram em geral nos assim chamados momentos de rotina (refeição, troca de roupa, preparação para dormir), quando é mais intensa a intimidade, o relacionamento é individualizado e a participação é recíproca. Vemos, portanto, que conhecimento - atenção, memória, expectativa do jogo, sinais comunicativos - e emotividade são, nessa idade, indissolúvelmente ligados (p. 177).

No desenvolvimento de suas definições (fisiológicas ou não), o bebê mostra desde o início sua constituição como ser de “totalidade complexa e em perpétua aprendizagem; enfim revela-se um indivíduo social” (MONTAGNER, 1993, p. 225). Logo, no processo de aprendizagem que se constrói entre a criança e o adulto, a palavra

²⁶ Segundo Montagner (1993), o bebê possui competências perceptivas já aos oito meses de gestação, tendo em vista que a essa altura a maior parte de seus órgãos sensoriais se encontram funcionais (p. 210).

interação tem vital importância, tendo em vista que é através dela que o bebê e o adulto aprendem mais sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o contexto que os cerca.

A possibilidade de estabelecer um convívio com o outro, o que inclui adultos, outras crianças (os seus pares) e tudo o mais que o envolve, bem como as tentativas de compreender e interpretar as ações de cada um e do grupo ao qual pertence podem representar oportunidades para que o bebê atue de forma integrada a esse coletivo, descobrindo as leis que o regem.

Sendo assim, as aprendizagens do bebê estão, ao mesmo tempo, conectadas às suas características fisiológicas e socioculturais, o que inclui as descobertas que ele faz com base nas vivências interativas com os adultos, com os seus pares e com o meio. Nesse encontro, amplia-se o conhecimento que ele constrói do/com o outro, definindo novas percepções para a sua forma de olhar e estar no mundo.

Talvez nesse encontro entre diferentes gerações, muitas tradições que vieram do passado puderam hoje envolver também o público infantil. É possível que muitas dessas memórias tenham permanecido vivas, porque também foram importantes para as crianças de hoje.

Quando se fala de vivência cultural, muitas vezes pode-se restringir o termo à ideia de herança das tradições do passado que são automaticamente reproduzidas por nós. No entanto, na abordagem que pretendemos adotar aqui, a criança

não é apenas alocada em um sistema de relações que é anterior a ela e reproduzido eternamente, mas atua para o estabelecimento e a efetivação de algumas das relações sociais, dentre aquelas que o sistema lhe abre e possibilita (COHN, 2009, p.28).

Desde que nascem, muitos bebês de diversas partes do mundo já compartilham as rotinas de suas famílias. Aqui, vemos a importância desse ambiente na constituição das teias sociais que são tecidas entre as crianças e seu meio cultural, pois

no eixo ou centro da teia está a família de origem, que serve como uma ligação de todas as instituições culturais para as crianças. Elas ingressam na cultura por meio de suas famílias, ao nascerem (CORSARO, 2011, p. 38).

Ao fechar a temática acerca das influências familiares no ingresso cultural das crianças, Corsaro conclui que

crianças pequenas não experimentam individualmente as informações do mundo adulto; em vez disso, elas participam de rotinas culturais nas quais a informação é primeiro mediada por adultos. Nos primeiros anos da criança, a maioria das rotinas culturais adulto-criança acontece nas famílias (2011, p. 130).

Também para Arendt (2005), a família possui um papel decisivo na manutenção das experiências educativas do passado e do presente junto às crianças que acabaram de chegar ao mundo.

Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo [...]. Por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família [...] (p. 235).

A família é então, por assim dizer, um lugar importante na manutenção da educação, o que inclui a vivência com as antigas tradições culturais do mundo, fazendo um elo de ligação entre os tempos. Para Tunes (2013)

Trazer crianças à existência impõe uma dupla obrigação a toda a sociedade humana. A criança que chega é um novo ser humano que se encontra em formação, aportando num mundo que lhe é estranho. Esse mundo já existia antes dela. É nele que sua vida transcorrerá e é nele que o adulto a introduz (p. 11).

O acalanto, como um legado passado, chega à criança com a ajuda do adulto, que oferece a ela vivências educativas provenientes de uma cultura herdada, ainda que dentro de um contexto em que tudo seja muito novo para esse pequeno ser.

Portanto, pode se concluir (com especial destaque para o acalanto) que muitas e valiosas vivências culturais passadas foram implantadas dentro do próprio ambiente familiar da criança. Desse modo, nos encontros promovidos pelas rotinas compartilhadas entre ela e os adultos da família, primeiramente, podem nascer os repertórios culturais que também farão parte de sua própria vida.

2.5. NA ORIGEM HÍBRIDA DO SER: POSSIBILIDADES DE ACALANTAR E DE SER ACALANTADO.

Para seguir o roteiro já apresentado por nós na Introdução desta tese, gostaríamos de resgatar uma pergunta que foi responsável pela idealização desse segundo capítulo que ora escrevemos. Por sabermos que as canções de ninar acompanham nossa cultura de acalantar há tantos milênios, estaria essa atividade ligada de alguma forma a uma base fisiológica de desenvolvimento humano?

Certas características da criança podem favorecer contextos em que o acalanto seja uma prática significativa de cuidado entre o bebê e o adulto. Nos estudos já apresentados por nós neste segundo capítulo, selecionaremos os que indicam a precocidade e a diversidade das competências do bebê em promover tais situações.

Primeiramente, gostaríamos de retomar os estudos de Montagner (1993), referentes ao comportamento dos adultos em relação ao choro, agitação ou às vocalizações da criança pequena. Vimos que existe uma tendência por parte desse adulto para abraçar essa criança por certo tempo em seus ombros, de forma repetida, encostando o nariz dela ao seu corpo, possibilitando-lhe sentir o seu cheiro, de maneira que possa memorizá-lo e identificá-lo.

Nessa situação, vimos nas pesquisas de Macfarlane (*apud* MONTAGNER, 1993) que bebês com menos de dez dias já podem identificar o cheiro do tampão de seio com o leite de sua mãe. Dentre essas experiências, Montagner (1993) ressalta que, ao perceber e identificar o cheiro da mãe, a criança modifica a sua agitação e as suas vocalizações, acalmando-se. É provável que aqui tenhamos um primeiro exemplo de contexto que pode favorecer a prática do acalanto.

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, são muitas as formas de acalantar uma criança e, entre elas, ressaltamos o caso de parte das mães africanas que adormecem o seu bebê contra o seu corpo nu, assim como o de alguns dos bebês indianos que também dormem quase que amarrados ao corpo da mãe, além do exemplo de certos bebês brasileiros que adormecem apoiados no pescoço da mãe, antes de serem postos na sua cama, berço ou rede. Nessas formas de acalantar, as crianças acabam ficando tão próximas à mãe, ao ponto de sentir o cheiro dela, e isso é favorecido pelo

seu aparato biológico desde os primeiros dias de vida. Esse momento parece sinalizar uma situação favorável a essa forma de acalanto. Por um lado, nesse acalanto, a criança identifica o cheiro do adulto-referência e pode com isso se sentir amparada, acalmando-se; por outro, o adulto, percebendo tal mudança no comportamento da criança, pode acalantá-la, repetindo essa prática em outros momentos semelhantes.

Na Teoria da vinculação de Bowlby (*apud* MONTAGNER, 1993), pudemos conhecer algumas das formas de comportamento do recém-nascido, quando ele deseja a presença da mãe ou pessoa substituta, tentando chamar a sua atenção através de manifestações como o choro, os resmungos, os balbucios, os gritos, as caretas por irritação, medo, fome, dor ou outra espécie de situações ou de incômodos. Bowlby (1989) acrescenta que essas manifestações podem fazer com que o adulto acabe regulando o seu comportamento em resposta a elas, harmonizando-se com seu bebê, adaptando-se a ele: sua voz torna-se gentil, num tom mais agudo do que o normal, seus movimentos mais vagarosos, de modo que cada ação subsequente seja ajustada ao tempo do bebê. Curiosamente, parece-nos bastante comum a possibilidade de identificar semelhantes características no comportamento de muitos adultos no momento de acalantar, seja na mudança rítmica da voz que canta, que fala ou emite sons diversificados, seja nos movimentos mais lentos para ajustar o corpo e o tempo do bebê ao seu, na busca de uma sintonia, de um diálogo harmônico entre ambos.

Vimos também com Spitz (1996) que essa relação de vínculo inicialmente biológica é transformada, passo a passo, na primeira relação social do indivíduo, porque o adulto passa a decifrar tais demandas do bebê, satisfazendo as necessidades dele. O bebê, por sua vez, percebendo respostas aos próprios comportamentos, utiliza-os para se relacionar com o adulto e, mais à frente, com as outras pessoas do seu meio. É nesse contexto profícuo que o acalanto pode se situar, pois costuma operar em resposta a essas manifestações (choro, resmungos, gritos, caretas, etc.) expressas pela criança. Diante da possibilidade de ser um instrumento de acalmação, nesses contextos, o acalanto pode, ao mesmo tempo, ajudar a dar sentido a essas manifestações em situações de comunicação.

Ao destacar os sinais que são percebidos pelo bebê nos primeiros meses de vida, Spitz (1996) sugere que eles se situam dentro das categorias de “equilíbrio, tensão (muscular ou outra), postura, temperatura, vibração, contato da pele e corporal, ritmo,

tempo, duração, tom, timbre, ressonância, rumor, dentre outras” (p. 100). Podemos pensar que nas diversas possibilidades e formas de acalantar, muitos desses elementos parecem ser ativados; é o que acontece, por exemplo, nos momentos de equilíbrio, tensão, postura, ritmo²⁷ e tempo²⁸, quando o acalanto envolve o balanço de vai e vem do bebê, aconchegando e equilibrando-o ao colo do adulto. Este, por sua vez, reage aos movimentos do bebê, adotando ritmo e tempo mais pausados. No caso dos acalantos cantados ou dos sons sussurrados ao pé do ouvido da criança, a voz materna oferece a ela muitos “estímulos acústicos vitais” (SPITZ, 1996, p. 73). Nessas toadas, o adulto costuma não modificar apenas os próprios elementos de ritmo e de tempo, mas também o timbre²⁹ da própria voz, adotando um tom³⁰ mais baixo do que o corriqueiro.

Outro ponto a ser observado é o fato de que, para muitos bebês, o primeiro brinquedo é o corpo do adulto que cuida dele. Como vimos com Goldschmied & Jackson (2006) “o foco do bebê está na cuidadora mais próxima” (p. 113), o que pode favorecer o interesse em ser acalantado por ela, estreitando ainda mais os laços de interação entre ambos.

Na experiência com o som realizada por Eisenberg (*apud* MONTAGNER, 1993), provou-se que, nos recém-nascidos, as alterações dos ritmos cardíacos são diferentes diante do som de vogais e de outros barulhos. Os pesquisadores identificaram que, após a emissão de vogais aos bebês (quando comparados a outros sons), houve uma diminuição do ritmo cardíaco das crianças, inclusive durante o sono. Utilizando um aparelho para escutar o coração dos bebês, os pesquisadores perceberam que as diminuições cardíacas se repetiram diante da escuta de palavras, sílabas ou vogais sintéticas ditas isoladamente (do tipo: um, lá, nós, ou). Nesse sentido, pensamos que essa experiência traz algumas situações semelhantes às vivências que certos sons de

²⁷ No glossário apresentado por Brito, ritmo se refere aos valores de duração diversas, subjugados ou não a uma ordem métrica (2003, p. 204). No uso específico da palavra ritmo aqui, entendemos que o acalanto busca uma afinidade rítmica entre o adulto e a criança.

²⁸ No glossário de Gordon a palavra tempo aparece primeiramente como velocidade a que são executados os padrões rítmicos e, em seguida, ela aparece como durações relativas dos macrotempos dentro dos padrões rítmicos (2000, p. 491). Para nós a ideia de tempo está mais relacionada à velocidade rítmica com a qual o adulto age no momento em que acalanta uma criança, sendo esta mais lenta do que as ações praticadas costumeiramente em seu dia a dia.

²⁹ O Timbre é aquilo que distingue a qualidade do tom ou voz de um instrumento ou cantor, por exemplo, a flauta do clarinete, o soprano do tenor. Cada objeto ou material possui um timbre que é único, assim como cada pessoa possui um timbre próprio de voz.

Fonte: http://agnazare.ccems.pt/EB23EMUS/2_ciclo/timbre.htm acessada em 02/08/2012.

³⁰ No glossário de Mateiro e Ilari, a palavra tom representa um alo formado por dois semitons, utilizado na música ocidental.

acalantos propiciam aos bebês, em algumas de suas formas. Sabemos que alguns acalantos apresentam uma repetição de vogais ou mesmo de interjeições do tipo *o ô, ô, ôôô* ou *ummm um*. O que queremos dizer com isso é que o acalanto com essas especificidades talvez seja capaz de repercutir em algumas crianças a diminuição do ritmo cardíaco, até durante o sono, de forma semelhante à identificada na pesquisa acima. Essas experiências mostram que, desde o feto, o bebê já percebe e responde às variações sonoras do mundo em que a mãe se locomove e, dessa forma, reforçam a ideia de que os estímulos acústicos interferem no seu ritmo cardíaco, desde as 26 semanas de gestação (MONTAGNER, 1993). Logo, essas percepções podem interferir na diminuição dos batimentos do seu coração, diante das experiências com o acalanto sonoro.

Acerca do uso do sentido da visão no processo interativo bebê-adulto, Grenier (*apud* MONTAGNER, 1993) observa que, desde muito cedo, o bebê manifesta um interesse e uma competência para o contato olhos-nos-olhos. Com interesse nesse aspecto, relembramos as pesquisas feitas pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas (*apud* JORGE, 1988), citadas no primeiro capítulo deste trabalho, referentes à observação realizada por eles em dezessete dos grupos que habitam o Alto Xingu. Nessas comunidades, vimos que existem formas específicas de acalanto, como por exemplo, nos momentos que antecedem o sono das crianças, em que a mãe, tendo o filho no colo, olha-o nos olhos até que ele adormeça. Vemos que essa forma de acalantar certamente poderá promover momentos de interação entre a criança e o adulto que a observa, valorizando essa característica de olhar nos olhos, que já é algo atraente aos interesses e competências do bebê. A esse respeito, Bowlby (1989) observa que “quando uma mãe e seu filho de duas ou três semanas estão se olhando, promovem fases de intensa interação social” (p. 22). Logo, esse longo olhar de um para o outro é uma forma de acalanto que favorece maior interação entre ambos.

A posição receptiva em perceber que as próprias ações podem influenciar as ações do outro, de alguma forma, também incentiva momentos interativos de acalanto entre mãe (ou adulto referência) e seu bebê, pois ao mesmo tempo em que o bebê modifica seu comportamento, acalmando-se ao ser acalantado, também o adulto, ao perceber que a criança se tranquiliza nesses contextos, promove novas situações de acalanto, repetindo-as em ocasiões futuras.

Retomemos, agora, os apontamentos de Spitz (1996) a respeito da presença do elemento afetivo nos processos de vinculação entre o adulto e a criança, especialmente quando ele diz que, “consciente ou inconsciente, cada parceiro na dupla mãe-filho percebe o afeto do outro e, por sua vez, responde com afeto, numa troca afetiva recíproca contínua” (p. 103). Vemos aqui mais um provável exemplo de como o acalanto pode promover trocas afetivas, na medida em que o bebê passa a fazer uma leitura das atitudes do adulto. Para exemplificar alguns desses momentos pode-se citar o modo como o bebê é tocado, o tom da voz que é dirigido a ele nas canções e sons emitidos para acalmá-lo, as longas trocas de olhar, a forma como é acolhido nos braços que o carregam e tantas outras maneiras combinadas entre ambos, pela cumplicidade construída ao longo de muitas experiências vividas e compartilhadas.

Outro aspecto é o papel dos elementos organizadores que, segundo Montagner (1993), são o “conjunto de comportamentos nos quais a criança aprende a construir respostas cada vez mais bem ajustadas ao meio e às pessoas a sua volta, favorecendo atividades como as de apaziguamento da mãe para com o filho, com a ajuda de objetos, sons etc.” (p. 186). Nesses princípios, o som do acalanto poderia sugerir uma mudança na ação da criança (como acontece nas cantigas de ninar ou mesmo na emissão de sons ritmados pelo adulto), ajudando nos processos de apaziguamento entre eles e no ajuste das respostas das crianças em relação às pessoas e ao meio que a cercam.

Portanto, para nós, existem muitas características que, de alguma forma, podem favorecer momentos vantajosos para que a prática do acalanto aconteça, e dentre elas destacamos:

- sua capacidade olfativa para identificar o cheiro da mãe.
- manifestações como o choro, os resmungos, os balbucios, os gritos, as caretas por irritação, medo, fome, dor ou outra espécie de incômodo.
- sinais que alcançam e são recebidos pelo bebê nos primeiros meses de vida, como os de equilíbrio, tensão (muscular ou outra), postura, temperatura, vibração, contato da pele e do corpo, ritmo, tempo, duração, tom, timbre, ressonância, rumor e outras.
- que o seu primeiro brinquedo pode ser o corpo do adulto que cuida dele.

- que os estímulos acústicos interferem no seu ritmo cardíaco desde as 26 semanas de gestação.
- que, desde muito cedo, a criança manifesta um interesse e uma competência para o contato olhos-nos-olhos.
- compreensão de que as próprias ações podem influenciar as ações do outro.
- que ela percebe o afeto do adulto e, por sua vez, responde com afeto, numa troca recíproca e contínua.
- que elementos organizadores podem ajudar a criança a aprender a construir respostas cada vez mais ajustadas ao meio e às pessoas à sua volta.

Capítulo 3

Coleta de informações e caracterização dos colaboradores.

*"Depois da ceia, arrumada a
cozinha, às vezes a minha mãe
sentava-se ao balcão e cantava
um desses romances de que eu
entendia melhor o ritmo
do que as palavras."*

(Eugénio de Andrade)

3.1. ENTRE UMA PROSA E OUTRA

Como pudemos ver no primeiro capítulo deste trabalho, no Brasil especificamente, apenas um livro foi publicado sobre a temática do acalanto, e sob o viés da psicanálise³¹. Outra informação que consideramos importante a relembrar é quando em seu texto “Contribuição ao Estudo Sociológico das cantigas de Ninar” Florestan Fernandes (1958) anunciou logo no primeiro parágrafo que as nossas cantigas de ninar aguardavam “estudo sistemático, tanto do ponto de vista folclórico, quanto dos pontos de vista psicológico, etnológico e sociológico” (p. 50).

Levando em conta tais informações, o início desta pesquisa foi o de desbravar dicionários e estudos históricos da etnomusicologia, da historiografia tradicional e até de fontes literárias que de alguma forma se remetessem a nossa temática.

Sabendo que o principal objetivo deste trabalho sempre foi o de identificar alguns dos significados sociais do acalanto para as famílias com as quais pudemos conversar, preparamos um encontro com cada uma delas, levando um total de oito perguntas. O meio escolhido por nós para alcançar esse objetivo foi o de fazê-lo por intermédio de uma conversa informal com até 20 famílias que acalantavam os seus bebês. Para coletar nossos dados procedemos do seguinte modo: propusemos um bate-papo, que chamamos de “prosa” lá em Minas, ou mesmo de um “café com prosa”. Esse

³¹ Que é o caso da obra “O Acalanto e o horror” (JORGE, 1988).

prosear foi daqueles que costumavam acontecer na cozinha, em torno de uma mesa, com uma broa de fubá, um queijo e um café fresquinho.

Buscamos nossos encontros sempre em lugares onde ainda se acalantavam “mininos”. Assim, em meio aos aromas de um cafezinho recém-coado, procurávamos ver as prosas nascerem das perguntas que havíamos preparado, pois “no mais mesmo da mesmice, vem a novidade”, como disse Rosa (1967, p. 283). É por aí que poderiam brotar as conversas mais variadas, desde como “andavam as coisas”, que “tinha minino” novo na família, que a Dona Fulana “descansara” e, assim, desenrolar o novelo da trama da vida.

É nesse contexto que, parafraseando Rosa (1967, p. 247), procuramos “pôr nossa prosa” e “soprar nossas dúvidas”. Na conversa, colocamos as seguintes questões: as pessoas acalantaram ou acalantam os “mininos pequenos” da família? Em que momento? Por que?; Como? (Com música? - o que cantam? Fazem algum barulhinho para a criança? Pegam no colo? Fazem algum movimento com a criança?); Quem acalanta na família? O que os (as) faz acalantar? Em quais circunstâncias? (Quando?); Se for o caso de acalantarem com canções de ninar, que músicas cantam? Achar que o bebê aprende alguma coisa com isso? Aprendem algo quando acalantam seus “mininos”?

Embora nossas conversas tenham sido guiadas pelas perguntas que havíamos planejado, em momentos raros aconteceu de nem todas elas terem sido respondidas pelas pessoas, pois, às vezes, a correria do encontro ou mesmo a vontade de falar as coisas que surgiam no momento levava as respostas para novos rumos. Ainda que nessas horas alguma tentativa de retomar as questões fosse colocada por nós, em alguns casos, as conversas tomaram outros caminhos, de maneira que nos contentamos em ouvi-las. Assim, tivemos prosas que duraram quarenta minutos, uma hora e meia ou algo semelhante, até as que duraram quinze minutos no máximo. Independentemente do conteúdo, transcrevemos cada conversa com muito respeito, num total de 558 páginas, o que embora tenha nos demandado demasiado tempo, foi um dos momentos mais saborosos deste trabalho.

Os lugares em que as prosas aconteciam foram os mais variados possíveis. Em Brasília, muitas conversas foram regadas à bolo, chá e café no aconchego da sala, e algumas delas aconteceram nos saguões dos prédios, enquanto os pais tomavam conta

do filhos que brincavam com os colegas. Em Minas, a comilança dos quitutes foi bastante presente, com doces, pães e bolos servidos nas varandas das casas, na cozinha, na sala, sempre em companhia de amigos e vizinhos. Em São Paulo, a sala de jantar e a cozinha foram os lugares onde saboreávamos os tradicionais bolinhos de frango, com bolos e cafés fresquinhos.

Ainda que a vida fosse corrida para todo mundo, foi sempre fácil conseguir pessoas que pudessem conversar conosco, mesmo as que não conhecíamos previamente. Muitas pessoas inclusive nos disseram que adoraram a conversa que tivemos e que esse fora um assunto gostoso de tratar. Mesmo os pais e avós mais sérios pareciam se soltar quando o assunto era falar de sua relação com os filhos e netos. Em meio a tantas idas e vindas que surgiam em nossos diálogos, mesmo não me conhecendo antecipadamente, algumas pessoas abriam suas histórias, suas vidas e experiências, revelando detalhes importantes de suas convivências familiares. Nesse momentos, eu me fazia ouvinte, grata pela oportunidade de poder estar ali conhecendo tantas passagens emocionantes e sensíveis, narradas por todas aquelas pessoas. Era como se eu já as conhecesse há muitos anos, chorando junto e compartilhando os causos de suas vidas. Essa experiência me ensinou coisas de extrema beleza e foram preciosas para me ajudar a compreender o ato de acalantar para aquelas famílias. A bagagem de conhecimentos e vivências valiosas junto às suas crianças foram de uma substância tão delicada e grandiosa que pude compreender o quanto temos a aprender uns com os outros nesse universo de encontros.

Quanto aos locais percorridos por nós, estivemos com famílias de São Paulo (na cidade de Itapetininga, no interior), de Minas Gerais (na cidade de Glaura, Distrito de Ouro Preto e em Passagem, Distrito de Mariana, ambas no Interior) e Brasília (Capital) por serem locais onde já tínhamos ciência de pessoas que acalantavam suas crianças, entre estas, alguns familiares, outros amigos e conhecidos disponíveis para nos receber. Dessa forma, as escolhas dos Estados nos quais aconteceram as nossas prosas tiveram diferentes justificativas. No caso de Brasília, lugar onde moramos, a opção, por exemplo, foi uma consequência das relações já estabelecidas por nós, tendo muitas famílias vizinhas com as quais já nos relacionávamos. Nesses contatos, uma família nos levava à outra; pois, como os filhos brincavam no parquinho com as outras crianças, os pais sempre conheciam alguém que também tinha crianças da mesma idade. Já a escolha que fizemos pelo Estado de Minas Gerais foi graças aos laços afetivos e familiares que

construímos durante os longos anos que vivemos por lá. Nesse contexto, a preferência por Glaura, Distrito de Ouro Preto, foi uma herança desse tempo, pois lá construímos relações pessoais que permaneceram até os dias de hoje. Por fim, a escolha da cidade de Itapetininga, no interior de São Paulo, foi também devida aos laços familiares que ainda tínhamos na cidade, e às raízes afetivas que nos constituíram desde pequenos, nas relações parentais mais próximas. O segundo motivo da escolha de Itapetininga foi a grande quantidade de bebês nascidos em nossa família recentemente, oferecendo uma gama de possíveis acalantadores para as nossas conversas.

O número de encontros com cada família variou pouco, pois tivemos apenas um momento individual com a maioria, sendo que em uma delas, talvez pela proximidade e também pela disponibilidade de tempo, fomos convidados a retornar diversas vezes. As prosas aconteceram com diferentes membros da mesma família: em certos momentos conversamos com os pais, tios e avós das crianças; outros com os pais e bisavós delas; outras vezes apenas com a mãe e o pai ou então só com as mães ou avós ou bisavós ou tataravós. Dentro do número de famílias com as quais conversamos, seis delas foram de Brasília, sete delas de Minas Gerais e mais sete delas foram de São Paulo.

Escolhemos as famílias que tinham crianças até os três anos de idade ou que, além dessas, tivessem também a presença de bebês. Embora esse critério tenha nos direcionado, tivemos uma situação específica em que a criança mais nova estava com quatro anos de idade. Essa criança vivia numa família em que o ato de acalantar cantando era tão presente que aproveitamos essa riqueza de repertórios musicais, incluindo-a também em nossas prosas.

Enquanto tínhamos uma conversa prévia com cada família sobre o trabalho que estávamos fazendo para esta tese, notamos que as pessoas sempre se colocavam em posição de incômodo diante da possibilidade de que nossas prosas fossem filmadas; por isso, acabamos sugerindo a gravação de nossas vozes pelo aparelho celular. Nesse caso, não houve resistência, e assim adotamos essa técnica como uma das formas de registro de nossas conversas. Depois de cada prosa, passávamos a fotografar e/ou gravar as posições do modo como cada pessoa acalantava. Como nem sempre os bebês estavam disponíveis para as fotos ou filmagens, já que muitos dormiam no momento das fotos ou não estavam dispostos para serem acalantados naquele momento, resolvemos aceitar a sugestão de uma das mães para que o registro das imagens fosse feito utilizando uma

boneca ou outro brinquedo substituto para representar os próprios bebês. E foi assim que a maioria dos registros foi feita.

Vale lembrar que todos os nomes das pessoas que dispusemos nas prosas são fictícios, visto que, dessa forma, tentamos preservar a identidade das pessoas envolvidas nos diálogos. Outro cuidado que tivemos foi de colocar uma tarja para cobrir a face de todas as pessoas com as quais conversamos.

Nosso papo também tentou se estender às crianças, em especial as de 3 anos. Para elas, perguntamos se alguém cantava músicas; se gostavam que alguém cantasse; e o que cantavam para elas. Essa conversa, no entanto, foi frustrada.

As reações que tivemos por parte das crianças com as quais conversamos (primeiramente com as de três e quatro anos) foi uma demonstração de certa timidez ou indisposição para responder as perguntas que queríamos fazer, de forma que elas mudavam de assunto ou se mantinham em silêncio. No caso das crianças maiores, elas nos diziam que não se lembravam de nenhuma música cantada pela família, embora nesses momentos, algumas mães dissessem que muitas delas ainda gostavam que os pais cantassem a canção *mãezinha do céu*, por exemplo, para dormirem. Dessa forma, acabamos optando por trabalhar aqui com o resultado das conversas que tivemos com os adultos, por meio das quais pudemos ter acesso a muitas informações sobre as crianças, sobre os repertórios cantados para elas, inclusive dos momentos em que elas acalantavam os seus pares, tema este que abarcaremos nas discussões do quarto capítulo deste trabalho, tendo em vista que esse foi um dos assuntos que colocamos em nossas questões ao longo das prosas.

3.2 A FAMÍLIA ONTEM E HOJE

Historicamente, Ariès nos mostra que a partir dos séculos XVI e XVII, o tema da família começou a aparecer na iconografia europeia, seja na pintura holandesa e flamenga ou na pintura e gravura francesas, onde persistiu até o século XIX. Na Inglaterra, representações da família aparecem em esculturas funerárias nos séculos XVI e XVII com a insistente presença das crianças vivas ou mortas. Algo importante que pode ser lido por trás da iconografia desse período é que ela passa a representar um sentimento de família como inspiração essencial, cujos temas mostram situações da vida privada, tais como: a mãe vigiando a criança no berço, a mãe amamentando a criança, a mulher fazendo a toalete da criança, catando-lhe os piolhos. Em pinturas sobre a festa de São Nicolau, desde o século XVII, já aparecem os retratos da família sempre concentrada em torno das crianças, tornando a festa de Natal uma festa da infância. Tendo em vista que a partir do século XV todas as famílias eram convidadas a considerar a sagrada família como seu modelo, veem-se imagens dentre as quais se mostra a presença do menino Jesus representando as crianças de todos os lares, inicialmente acompanhado por seu pai, São José, como figura de destaque e sua mãe, Maria. No século XVI era comum representar os santos contemporâneos de Cristo em figuras de crianças, reunidos e brincando juntos. Igualmente a partir do século XVII, os anjinhos passam a ornamentar ambientes sacros ou de algum cunho religioso, assim como pais e filhos santos de mãos dadas (ARIÈS, 1981).

Desde o século XV, a iconografia também mostra que o elemento religioso fazia parte do sentimento da família nos temas do *benedicite*. Isto quer dizer que na falta de um padre para abençoar a mesa antes das refeições, era sempre a menor criança da casa que deveria fazê-lo sob a supervisão da mãe. Nesse sentido, deve-se reconhecer a importância da iconografia dos séculos XV e XVI – sobretudo a do século XVI –, pois mostrou a existência da família que, desde então, passou a ser reconhecida como algo de valor, e exaltada por todas as forças da emoção. Esse sentimento afastou cada vez mais as antigas preocupações com a honra da linhagem ou com a integridade do patrimônio, e também com a antiguidade ou permanência do nome, e fez brotar a necessidade de apenas representar os momentos de reunião entre pais e filhos, mostrando inclusive suas semelhanças físicas (ARIÈS, 1981).

Ainda no século XVI, a infância passou a ser mais valorizada, pois tanto para a Reforma Protestante quanto para a Católica os pequeninos eram vistos como futuros súditos obedientes. Nessa perspectiva, Venâncio observa que

Os sistemas monárquicos, por sua vez, depositaram esperanças de estabilidade política na forma “correta” de educar as crianças [...] No conjunto da cristandade, o rigor e a disciplina presentes até então nos conventos e mosteiros foram generalizados para o mundo infantil. Como é fácil perceber, havia um acentuado viés normativo nesse projeto. Daí a profusão de manuais e tratados de costumes, que se repetiam uns aos outros, insistindo na mudança de hábitos dos pequerruchos (p. 10-11, 2004).

A imposição de ideais religiosos na educação das crianças ainda pequenas passou a existir como tarefa importante nas práticas educativas. O seu papel como futuro cristão, obediente às leis divinas e aos dogmas da igreja fizeram dos pequeninos um alvo para a aplicação de tratados metodológicos de educação.

Dentre as principais preocupações da igreja, havia a de ensinar às crianças a serem tementes a Deus. Segundo Del Priore,

A tarefa mais importante para os pais era a doutrinação cristã dos filhos. Segundo os educadores de época, eles deviam estabelecer com sua prole uma relação de “entretenimento honesto, educação e bom exemplo. O padre João Filipe Bettendorf, por exemplo, escrevia no século XVII que seriam considerados grandes pecadores os pais e mães, padrinhos ou madrinhas que não se aplicassem a ensinar o catecismo aos seus filhos e afilhados. Desde pequeninas, as crianças deveriam aprender a rezar o padre-nosso e a ave-maria, beijando o chão para lembrar-se da existência do inferno (p. 49, 1999).

Os doutrinamentos por meio de orações e canções pueris que suscitavam os anjos e os santos protetores eram bastante difundidos, e, como religião que se perpetuou ao longo dos anos, sabemos que, no Brasil, a igreja católica, inclusive via tradição portuguesa, estendeu os seus dogmas durante vários séculos. Muitos desses ensinamentos ainda fazem parte das práticas religiosas das famílias. Nessas permanências, pudemos notar que nas famílias de Brasília, por exemplo, assim como nas de Minas Gerais e de São Paulo, a música *mãezinha do céu* é muito cantada para acalantar o sono das crianças que se preparam para dormir.

Ao tratar a temática da família entre a Idade Média e os tempos modernos, Ariès (1981) nos mostra ainda que, na antiga família medieval, por exemplo, as crianças, nobres ou não, eram conservadas em casa até os sete ou nove anos. Depois, sendo menina ou menino, eram encaminhadas às casas de outras pessoas para fazerem o serviço pesado, onde viviam até os 14, ou mesmo até os 18 anos de idade. Assim, elas eram chamadas de aprendizes e eram incumbidas dos serviços domésticos. Além de mandarem seus filhos às famílias alheias, cada casa recebia também os filhos de outras famílias. Com – ou até mesmo sem – estabelecimento prévio de um tipo de contrato para tais experiências de aprendiz, as crianças adquiriam dessa maneira a noção de serviço da época, pois a tarefa doméstica era também uma forma comum de educação; a prática cotidiana caminhava junto com a formação profissional. Nessas relações, buscava-se transmitir a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e as noções de valor humano (ARIÈS, 1981).

Após a Idade Média, a concepção de educação modificou-se, e houve mudança nas ações; a educação passou a ser fornecida também pela escola, que deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social e da passagem do estado da infância ao da vida adulta. À medida que o tempo passava, tinha-se cada vez mais preocupação com a formação das crianças. No século XVII, por exemplo, existem tratados que insistem nos deveres dos pais relativos à escolha do colégio e do preceptor, à supervisão dos estudos e à repetição das lições, quando a criança vinha dormir em casa. O clima sentimental entre pais e filhos passou a ser completamente diferente e mais próximo do nosso. Junto ao sentimento de família, veio a necessidade de convivência num mesmo teto e, a fim de atender a essa demanda, as escolas ficaram espacialmente cada vez mais próximas. Isso comprova uma transformação considerável da família: esta se concentrou cada vez mais na criança, e a vida em família confundiu-se com relações mais sentimentais entre pais e filhos. Esse fenômeno situa-se no mesmo período em que vimos desenvolver-se a iconografia da família em torno do casal e das crianças. Outra observação decorrente desse início de escolarização da criança ocorre em relação à prioridade escolar da época, voltada para os filhos primogênitos (ARIÈS, 1981).

Com a chegada do século XVIII e dos valores que buscavam a igualdade social nos códigos civis do período, surge uma mudança nessa prática, trazendo o sentimento de igualdade entre os filhos das famílias, num movimento que já apontava o surgimento

da família sentimental moderna. Foi nesse sentimento de igualdade que as crianças puderam desenvolver-se num novo clima afetivo e moral, graças a uma intimidade maior entre pais e filhos. Ainda nos idos do século XVII adotavam-se algumas práticas em relação à amamentação dos bebês, que eram enviados para as casas de suas amas em aldeias vizinhas às suas famílias urbanas. Essa prática era recorrente, mesmo diante de antigas concepções pueris como as defendidas por Rousseau, segundo as quais as próprias mães deveriam nutrir seus filhos. Embora a propaganda desses filósofos na defesa para que a amamentação fosse oferecida pelas próprias mães, os meios mais ricos, nobres e burgueses continuavam a entregar suas crianças às amas de leite, até o fim do século XIX, ou seja, até o momento em que os progressos da higiene e da assepsia permitiram utilizar sem riscos o leite animal. No entanto, uma mudança importante ocorreu nesse meio tempo: foi a ama que passou a se deslocar em vez da criança e a morar na casa da família, que passou a se recusar a se separar de seus bebês. Logo, a necessidade de aproximação entre pais e filhos, considerando as demandas de escolas próximas à casa ou mesmo a presença domiciliar da ama de leite, foi sem dúvida uma construção decorrente desse novo sentimento de família que passou a se estabelecer de modo cada vez mais forte desde o século XVII (ARIÈS, 1981).

Portanto, podemos concluir que a necessidade de aproximação entre os adultos e suas crianças, assim como a valorização dessa convivência, estendeu-se inclusive para as formas de cuidados destinadas aos pequenos. Pudemos ver, com Ariès (1981), que nem sempre os cuidados pueris ocorreram da mesma maneira nas diferentes estruturas familiares ao longo da história. Sabemos que essas diferenças existiram e que elas ainda permanecem, pois, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, os sentimentos de cuidado e a necessidade de aproximação entre os adultos e as crianças também variaram de cultura para cultura e de tempos em tempos. No caso específico das famílias consultadas por nós, percebemos que a herança desse sentimento de estar mais próximo às crianças e de dedicar a elas cuidados específicos permaneceu. Dentre as diferenças e semelhanças nesses modos de acalantar, pudemos observar que cada uma das famílias se organizou distintamente, para que pudessem estabelecer esses cuidados dentro de suas dinâmicas.

3.2.1. Família daqui e de lá: entre diferenças e semelhanças.

Para conhecermos melhor as famílias com as quais estivemos, analisaremos alguns dados que procuramos captar em nossas conversas, de forma que, para cada Estado, tivemos uma tabela específica, destacando as especificidades das pessoas do lugar.

Tabela 1. Caracterização dos colaboradores de Brasília (DF)

Família/Cidade ou Estado de Origem	Nome	Idade	Parentesco	Profissão
1/Brasília	1.Lucimar	31	Mãe	Comun. Social (Do Lar)
1/ Brasília	2.Edgar	31	Pai	Advogado Func. Público
02/ Brasília	3.Karila	35	Mãe	Dentista Func. Pública
03/ Curitiba	4.Luisa	33	Mãe	Func. Pública
04/ Bahia	5.Marina	35	Mãe	Profa. Universitária Func. Pública
05/ São Paulo	6.Paola	47	Mãe	Nutricionista (Do Lar)
05/ Quito	7.Guilherme	47	Pai	Prof. Universitário Func. Público
06/ Uberlândia	8.Silvana	38	Mãe	Profa. Func. Pública

Uma das primeiras coisas que pudemos observar na Tabela 1 foi que das 8 pessoas com as quais conversamos, 5 eram de outros Estados. A longa distância entre o local onde viviam, em relação à sua terra natal, talvez tenha sido um primeiro impedimento para que conseguíssemos conversar também com os avós.

Quem sabe a estabilidade econômica e, ao mesmo tempo, o fato de viverem longe de seus parentes tenham influenciado na contratação de uma profissional de apoio nos cuidados com as crianças e com a casa. A demanda por babás, nessas famílias, era tão grande que algumas delas chegavam a mantê-las nos três turnos. Quando as crianças iam crescendo, instituições como creches, escolas, espaços recreativos e esportivos se tornavam os locais mais utilizados para encaminhá-las.

Outro dado era que nossos encontros sempre aconteciam com as mães das crianças (das 6 famílias, conversamos com 6 mães e dois pais). Na maioria dos casos, os pais dobravam a carga de trabalho, para que as mães diminuíssem as suas, ou mesmo parassem de trabalhar para cuidarem dos filhos pequenos.

Tabela 2. Caracterização dos colaboradores de Ouro Preto (MG)

Família/Cidade ou Estado de Origem	Nome	Idade	Parentesco	Profissão
07/ Glaura	09.D. Elvira	99	Tataravó	Do Lar
07/ Glaura	10.D. Nina	76	Bisavó	Do Lar
07/ Glaura	11.D. Tami	54	Avó	Do Lar
08/ Glaura	12.Fábia	36	Mãe	Profa. Func. Pública
08/ Glaura	13.D. Rúbia	56	Avó	Do Lar
08/ Glaura	14.Pedro	56	Avô	Aposentado
09/ Glaura	15.Luscilene	35	Mãe	Fiscal Sanitária Func. Pública
09/ Glaura	16.André	35	Pai	Func. Público
10/ Glaura	17.Elisa	31	Mãe	Aux. de serviços Func. Pública
10/ Glaura	18.Mara	62	Avó	Doceira
10/ Glaura	19.Augusto	44	Pai	Vendedor
10/ Glaura	20.Wagner	28	Tio	Aux. Adm.
11/ Glaura	21.Aldo	40	Pai	Func. Público
11/ Glaura	22.Helem	66	Avó	Do Lar
11/ Glaura	23.Ravel	40	Mãe	Func. Pública
12/ Glaura	24.Marilda	50	Avó	Do Lar
12/ Glaura	25.João	56	Avô	Aposentado
12/ Glaura	26.Nair	27	Mãe	Serviços gerais Func. Pública
13/ Passagem Cidade Mariana	27.Didi	38	Mãe	Professora e Artesã
13/ Passagem Cidade Mariana	28.Ronaldo	58	Pai	Professor

Nas 7 famílias visitadas, conversamos com 19 pessoas. Primeiramente, por ser um Distrito pequeno, com a maioria das pessoas nascidas na região, tínhamos uma facilidade espacial muito grande para percorrer as casas dos pais e avós das crianças, pois a maioria morava próxima. Graças a essa acessibilidade, conseguimos nos encontrar com os avós de 5 das 7 famílias, sendo que em uma delas, ao mesmo tempo, com a tataravó, a bisavó e a avó. Nesta última, não conseguimos falar com os pais, pois as mães ficavam em outras cidades ao longo da semana, uma delas caminhoneira boa parte do tempo e a outra, trabalhadora de dupla jornada, para conseguir dar suporte aos filhos. As duas mães não viviam com os pais de suas crianças e o apoio dos avós era fundamental. Tanto que as crianças moravam com os avós, assim como elas nos raros momentos em que não estavam trabalhando.

Das 7 famílias, 6 deixavam os filhos aos cuidados dos avós, para que os pais pudessem trabalhar. Tendo em vista que a renda média de trabalho da maioria das pessoas era de um salário mínimo (ou no máximo de dois salários, na minoria dos casos), a possibilidade de deixar os filhos aos cuidados de babás era praticamente inviável. Outro elemento que poderia favorecer essa procura pelos avós era que a maioria morava tão próxima deles, que essa convivência acabava se tornando quase que habitual. Outro problema era que grande parte dos pais trabalhava em outros distritos ou outras cidades, o que dificultava estar com os filhos para o almoço, por exemplo.

Quem sabe os baixos níveis salariais também tenham influenciado a todas as mães e pais a trabalharem os dois turnos, todos os dias, sem contar o acúmulo da terceira jornada que envolvia os trabalhos domésticos. Talvez, essa carga horária puxada dos pais aproximasse os avós do papel de cuidadores, inclusive nos horários de contra turno, quando os netos não estavam na creche ou na escola.

Tabela 3. Caracterização dos colaboradores de Itapetininga (SP)

Família/Cidade ou Estado de Origem	Nome	Idade	Parentesco	Profissão
14/ Itapetininga	29.Ceci	51	Avó	Do Lar
14/ Itapetininga	30.João	54	Avô	Carpinteiro Aposentado
15/ Itapetininga	31.Flaviane	31	Mãe	Professora Func. Pública
15/ Itapetininga	32.Guga	32	Pai	Ag. Penitenc. Func. Público
15/ Itapetininga	33.Sálvia	79	Bisavó	Do Lar
15/ Itapetininga	34.Ludi	79	Bisavô	Aposentado
16/ Itapetininga	35.Dália	65	Avó	Prof. Aposentada Func. Pública
16/ Paraná	36.Gaia	31	Mãe	Cantora
16/ Itapetininga	37.Juba	31	Pai	Advogado
17/ Itapetininga	38.Orlando	35	Pai	Motorista
17/ Itapetininga	39.Maria	34	Mãe	Do Lar
17/ Itapetininga	40.Deolinda	62	Avó	Do Lar
18/Itapetininga	41.Naná	30	Mãe	Professora Func. Pública
18/Itapetininga	42.Juca	30	Pai	Ag. Penitenc. Func. Público
18/Itapetininga	43.Luiza	54	Avó	Aux. de lab.
18/Itapetininga	44.Leo	64	Avô	Aposentado
19/Itapetininga	45.Lazar	26	Pai	Comerciante
19/Itapetininga	46.Biba	24	Mãe	Do Lar
20/ Itapetininga	47.Pâmela	35	Mãe	Comerciante
20/ Itapetininga	48.João	42	Pai	Comerciante
20/ Itapetininga	49.Seu Tonho	79	Avô	Aposentado
20/ Itapetininga	50.D. Josi	76	Avó	Do Lar

Das 7 famílias com as quais conversamos em Itapetininga, tivemos acesso a 22 pessoas. Em 6 das 7 famílias conseguimos nos encontrar com os avós (ou bisavós, como foi o caso de uma delas). As pessoas eram na grande maioria nascidas e criadas na cidade, o que facilitou o nosso trabalho.

Em apenas uma das famílias, não conseguimos conversar com os pais, mas só com os avós, que assumiam os netos ao longo da semana, pois nos fins de semana os pais vinham buscá-los. Os pais eram funcionários de comércios na cidade e trabalhavam 8 horas por dia.

Embora em todas as famílias os netos passassem algum tempo com os avós (com exceção da família cujos avós cuidavam dos netos durante toda a semana), isso acontecia em situações mais raras. Numa das famílias, por exemplo, o neto ficava uma tarde por semana com eles e, nas outras, os avós eram convocados vez ou outra para ajudarem com as crianças. Talvez isso se devesse à questão econômica, tendo em vista que os menores salários estavam justamente na família em que os avós eram mais requisitados.

Nas famílias cujos netos se encontravam semanalmente com os avós, mas não para ficarem aos cuidados deles, tivemos realidades distintas: famílias com renda acima de três salários mínimos, de forma que a mãe ficava por conta dos trabalhos de casa e cuidando do filho menor e pais com profissões autônomas, com maior flexibilidade de horários (como advogados, cantoras, educadoras da infância e comerciantes).

Das sete famílias, notamos que quatro delas levavam as crianças por meio período para instituições de ensino ou de recreação desde pequenas, especialmente nos horários em que os pais estavam trabalhando. Pareceu-nos que isso acontecia com as famílias em que os pais trabalhavam fora de casa e nas que um dos pais possuía horários mais flexíveis, cuja renda ficava acima de 4 salários mínimos. O mesmo não ocorria nas famílias em que as mães trabalhavam cuidando da casa e dos filhos e nas que a criança ficava junto com os pais no comércio ou nas famílias cuja renda ficava entre 1 e 2 salários mínimos.

3.2.2 Apanhado geral dos dados: alguns estudos.

Vamos agora apresentar, ainda que de forma concisa, uma discussão com algumas referências teóricas acerca dos contextos sócio-históricos das famílias com as quais conversamos, mais no sentido de compreendermos um pouco sobre certas características que hoje as compõem.

Se o contexto econômico, político e histórico em que vive cada família pode interferir na forma como elas se organizam para cuidar de suas crianças, vejamos uma citação de Medeiros (2002), em suas discussões sobre a importância de se conhecer as famílias da América Latina, para a elaboração de suas políticas públicas.

A atuação das famílias e do Estado como instituições de solidariedade social pode ser observada em diversos momentos da história, inclusive nas sociedades capitalistas modernas, que dependem da organização de instituições capazes de distribuir tanto trabalho quanto recursos entre seus membros em função de normas de solidariedade [...] Nas situações em que os mecanismos de troca mercantil não são suficientes para coordenar as atividades de produção e consumo dos indivíduos, essa coordenação é realizada, principalmente, por duas organizações: a família e o Estado. Ambos possuem um papel extremamente relevante no sistema, pois normatizam a vida dos indivíduos, definindo e impondo direitos de propriedade, poder e deveres de proteção e assistência (p. 04-05).

Segundo o autor, o próprio sistema capitalista interfere em como as famílias se organizam em termos estruturais. Vimos que entre as famílias de MG e uma parte de SP, o papel exercido pelos avós nos cuidados com as crianças era uma forma de organização solidária para dar conta dessa demanda, que não pôde ser resolvida com a ajuda de outros meios.

Se pensarmos em termos econômicos, as famílias menos favorecidas economicamente se arranjaram para que os avós, em sua maioria aposentados, pudessem ajudar. Talvez isso se dê também pelo fato de que, para a maioria delas, seria inviável manter financeiramente uma babá ou uma instituição em período integral que pudesse cuidar dos seus filhos. A respeito dessa parceria entre avós e pais, Fonseca (2005) observa que as famílias populares

envolvem uma rede que se estende no espaço para outras casas e até mesmo para outros bairros. Traçando as linhas de ajuda mútua, podemos melhor refletir sobre o que é, nessa instância, a “família” pertinente (p. 53).

Nas famílias menos favorecidas, como é o caso dos grupos que deixavam as crianças com os avós, o sentimento solidário de uma contribuição mútua se mostrou bastante presente, inclusive porque, como já indicado por nós, os níveis salariais não permitiam a terceirização remunerada desses cuidados.

Também a questão da longevidade crescente de nossos idosos é mais um dos aspectos que coloca os avós no papel de aliados dos pais. Para Goldani,

O aumento na expectativa de vida significa que nós brasileiros, hoje, temos maiores chances de passarmos mais tempo como membros de uma ou mais famílias, quer no papel de pai, mãe, filhos, esposos, avós etc. Esta maior longevidade estaria propiciando, também, uma superposição destes papéis, bem como a convivência de diferentes gerações (1989, p. 05).

Vemos assim que, na atualidade, o fato de as pessoas viverem por mais tempo do que antigamente pode contribuir para que os mais velhos permaneçam longos períodos como parte da família, o que pode favorecer que estejam mais próximos dos cuidados com os netos.

Nessas famílias, a convivência e a troca entre diferentes gerações também passa a ser maior, o que pode agregar valores e saberes de um grupo para o outro. Assim, notamos que os avós

articulam cinco gerações: referem-se aos seus próprios pais e avós, e têm os seus filhos e netos como referência. Isso, em termos de construção de identidade, de avaliação da memória social e de reelaboração de papéis, é fundamental (VELHO, p. 84-85, 1987).

Os avós, como potenciais mediadores de práticas culturais podem carregar consigo os modos de fazer de suas tradições. O convívio entre as diferentes gerações talvez favoreça a apropriação e a troca de elementos da memória e da identidade das pessoas que compõem esse grupo.

Outro dado que notamos tanto em famílias de Brasília, quanto em São Paulo e Minas Gerais é que boa parte delas não mais se relaciona dentro do arquétipo tradicional de pai, mãe e filho. Pensamos que, como observa Parreiras (2012)

O modelo pai/mãe/filhos biológicos não é padrão e exclusivo das concepções familiares com as quais nos deparamos. Além das separações e dos novos laços de casamento, há as crianças adotadas por familiares, por casais heterossexuais e homossexuais. Há as mães solteiras. Há as avós que assumem os netos como filhos. Há as mães que assumem os filhos biológicos, mais os filhos do atual marido. Há as crianças criadas por parentes, por instituições. Há as famílias que agregam filhos de vizinhos, de parentes distantes, como se houvesse espaço para mais um (p. 41-42).

Nas famílias de Minas, vimos casos em que as mães não mais viviam com os pais de seus filhos. Dessa forma, diante de longas jornadas de trabalho (uma delas, por exemplo, trabalhava como caminhoneira ao longo da semana), os avós assumiam os seus netos como se fossem os próprios filhos e muitas vezes recebiam o apoio de

vizinhos nessa empreitada. No caso de Brasília, percebemos situações específicas, em que as babás assumiam boa parte do papel dos pais, inclusive nos finais de semana (algumas até dormiam na casa, pois os pais chegavam muito tarde).

Também vimos em Brasília que certas instituições se tornavam parceiras, assumindo a educação e o cuidado das crianças ao longo de 12 horas por dia.

Essas especificidades singulares e ao mesmo tempo tão diversificadas das famílias com as quais conversamos nos mostraram que “não há uma família”, mas sim a “existência de vários tipos de família e de diversos tipos de parentesco” (VELHO, p. 80, 1987).

Existem muitas variáveis acerca da forma como cada família se estrutura para dar conta da educação de seus pequenos. Assim como a “própria noção de família varia conforme a categoria social” (GOLDANI, p. 52, 1989), variam também as formas como cada uma delas se organiza para cuidar de suas crianças.

Em meio a esse quadro complexo de definições acerca da família, de suas diferenças e semelhanças na forma como ela veio se estruturando enquanto categoria, no papel de seus agentes, e de modo particular no de pais, filhos e avós, podemos fazer a síntese que se segue.

Primeiramente, é preciso destacar que em diferentes momentos históricos sempre existiram formas distintas de organização familiar. Também distintas sempre foram as visões sobre a criança e o modo como ela deveria ser cuidada. Mas sabemos, pelas análises de fontes do século XVI, oriundas de tratados religiosos e de referências iconográficas, que, em meados desse período, eclodiu uma “intensa valorização da infância” (VENÂNCIO, p. X, 2004). Se o modo de se enxergar a criança influenciou na necessidade de valorizá-la como tal, como consequência disso houve uma maior proximidade entre ela e o adulto, aumentando os vínculos entre eles e a dedicação de cuidados mais específicos.

Nessas formas de cuidados, chegaram até às famílias muitas tradições diferentes e, dentre elas, as portuguesas de origem católica. Daí a presença de orações e cantos, como a da *mãezinha do céu*, por exemplo, que se estenderam entre nossos grupos do Distrito Federal, São Paulo e Minas Gerais.

Nesses cuidados, podem entrar também justificativas de fundo afetivo, como as que envolvem os valores de solidariedade, pelos quais os pais se disponibilizam em ajudar os seus filhos nessa fase da vida.

Outro aspecto que parece favorecer essa presença dos avós pode estar ligado à maior longevidade que atingem. Assim, se eles passam mais tempo como parte das famílias, também participam por mais tempo das decisões sobre o modo como elas se organizam e se mantêm.

Outro ganho dessa presença idosa é a possibilidade de poder compartilhar tradições culturais. Por essa via, tal convivência pode fazer com que a manutenção da memória e da identidade do grupo referente seja garantida.

No que se refere aos conceitos que explicam o termo família, vimos que eles variam conforme a sua categoria social. Nessas diferenças, os cuidados com os pequenos não ficam restritos apenas aos pais, mas também aos avós, às babás, amigos e instituições educativas/recreativas e esportivas.

Por fim, vimos também que o modelo pai/mãe/filhos biológicos é apenas um, uma vez que existem tantos outros padrões: as famílias que se formam com as mães solteiras; as de pais-avós; as famílias constituídas pelos laços que se estabelecem dentro de instituições e tantas outras.

Capítulo 4

Conversas com quem gosta de acalantar.

*Deita, filho
E constrói teu sono
O medo já vem.
Fecha os olhos dos ouvidos
Faz escuro aos ruídos
Amortece o brilho desse som.
Pronto, a angústia gira muda
No longplei sem sulcos
Da noite sem insônia.
Dorme, filho,
Faz silêncio na Amazônia.*

(Acalanto-Millôr Fernandes)

4.1. ACALANTA E OS MALES ESPANTA?

Em meio a tantas narrativas e histórias enredadas nas prosas do aqui e do ali sobre o acalantar, sentimos em alguns momentos que a vida, para alguns, pode, às vezes, parecer mais branda com um acalanto. Ainda pequenos, muitos de nós, já nos deparamos com tantos incômodos: o sentimento de abandono, a angústia do estar só (mesmo que por vezes não o estejamos), as dores do corpo, os medos do que compreendemos ou não; enfim, o despreparo para enfrentar algumas situações que nos esperam ou o preparo demasiado para enfrentar outras. O caso é que essas experiências podem nos acompanhar pela vida de maneiras distintas, e desde cedo é possível temer o fato de que, como diz Guimarães Rosa em *Sertão Veredas, Viver é negócio muito perigoso* (2001, p. 26).

Crescer não nos faz menos sedentos por um acalanto. Muitos pais nos disseram que acalantam os seus filhos não apenas porque precisam fazê-lo, mas porque também são acalantados ao acalantar.

Então o que significa acalantar? Para um dos pais com o qual conversamos acalantar é repreender o filho, respeitando-o, ao mesmo tempo em que o ensina a

respeitá-lo. E isso é acalantar? Para esse pai, sim, sem dúvida. E será que acalantar também pode ser uma pausa para dar um aconchego? Aquele incentivo para seguir adiante? Pode. Pode ser isso tudo e muito, muito mais.

Em meio a tanta diversidade no modo de acalantar para cada pessoa com a qual conversamos, vejamos o que as famílias com as quais conversamos em nossas prosas têm a dizer sobre o acalantar.

4.2. CHEGADA A BRASÍLIA.

A seguir, vamos trazer o conteúdo das prosas que tivemos como contribuição a esta pesquisa, sendo que a primeira sequência de conversas se refere às que tivemos em Brasília; a segunda, às conversas de Minas Gerais e a terceira, aos diálogos de São Paulo.

Neste momento, nossa preocupação foi apenas a de disponibilizar a substância das nossas conversas, pois, em nosso último capítulo, faremos o resgate de suas especificidades para uma análise mais detalhada.

4.2.1. Primeira prosa. Conhecendo o casal Paula e Guilherme.

As nossas conversas começaram em casa de uma vizinha. Paula, 47 anos nascera em São Paulo e morava em Brasília havia três anos. Optou por parar de trabalhar para cuidar da casa e dos dois filhos que eram a Lana de 3 anos e o Andrei de 10 meses. Ela tinha uma ajudante e morava com o marido Guilherme de 47 anos. Nessa casa, tivemos três encontros bem longos, incluindo a conversa com ela e com o companheiro.

Gostar de acalantar era importante para ela, pois assim acalmava os filhos, quando estavam chorando. Em seu repertório de canções citou *se essa rua se essa rua fosse minha; era uma casa, muito engraçada; nana neném*; o grupo Palavra Cantada, com o CD *Cantigas de roda*, destacando neste *a barata na careca do vovô*. Lembrou-se também da música da propaganda dos cobertores Paraíba, que embora já fizesse parte da cultura de acalantar de diferentes regiões do Brasil, acabara se expandindo em São

Paulo, pela música *tá na hora de dormir, não espere a mamãe mandar, um bom sono pra você e um alegre despertar* e também *tá na hora de acordar, não espere a mamãe mandar, um bom dia pra você e um alegre despertar*.

A filha costumava ser acalantada quando nervosa. Já com o filho, era antes de dormir. E nos momentos em que o pequeno começava a acordar, ela dava tapinhas em suas costas, sem cantar, para que ele voltasse a dormir.

Muitos dos modos de lidar com os filhos foram aprendidos com a sogra do Equador, de sessenta e poucos anos, que ensinou diferentes maneiras de pegar os bebês ao colo para acalantar. Além de aprender com os familiares o hábito de cantar e de colocar CDs de canções para acalantar, a mãe vira diversas entrevistas de médicos em programas de televisão falando de musicoterapia.

Entre as músicas que a avó materna cantava aos netos, estavam a canção religiosa *dóminus robispo, amém* e também *nânãnãã lálálálá* ou *eeee, lálálálá, eee*. Enquanto balançava, ela passeava por horas, até que a criança parasse de chorar e dormisse.

Segundo a mãe, quem mais acalantava os seus filhos eram o marido, os avós e os tios paternos/maternos.

Sobre o fato de as crianças aprenderem algo ou não quando acalantadas, a resposta foi sim; pois para a mãe, cantavam as músicas que ouviam, acalmando-se e desacelerando os seus ritmos. Sobre os próprios aprendizados, como mãe, estavam lidar melhor com os filhos, se acalmar e desligar do choro deles.

Quando perguntamos à pequena se sua mãe cantava para ela, logo respondeu que sim. Mas quando perguntamos quais eram as músicas, ela se calou. Depois de terminarmos a gravação, a menina cantou a música *a barata diz que tem*, do CD *Cantigas de Roda* do grupo *Palavra Cantada*.

Na segunda prosa, a mãe lembrou alguns acalantos. Começou com a canção *alecrim, alecrim dourado que nasceu do campo sem ser semeado* e depois cantou *Dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte e a derrubou*. Então, cantou a música da sogra em espanhol, que se assemelhava com a versão brasileira de *serra, serra, serra dô, serra o papo do vovô*, só que com a letra *asserrim, asserram, los mateiros de San*

Ruan. Por fim, cantou *los pollitos* que aprendeu com a sobrinha do Equador, que depois foi resgatada pelo marido na internet.

Algo de novo em nosso segundo encontro foi que a filha acalantava o irmão bebê, desde os seus dois anos de idade, cantando quando ele chorava, a música *Los pogitos* e *Dona Aranha*. A mãe achava que a pequena tinha aprendido imitando os pais. Em seu repertório, a menina também cantava *a Cuca vai pegar*, só que dizendo *a Cuca pá pegá*.

Outras canções lembradas foram *dorme filhinho, do meu coração, pega a mamadeira e põe nesse bocão* e depois a *do serra, serra, serra do, serra o papo do vovô*. Ao mesmo tempo em que cantava, fazia o movimento que acompanhava a brincadeira da música, sentando o filho ao colo, de frente para ela, conduzindo o corpo dele para trás e para a frente.

Depois foi a vez de conhecermos o marido. Ele nasceu e foi criado no Equador e acalantava os filhos não por uma razão clara, mas porque sentia que devia fazê-lo. Para ele, acalantar era uma *coisa gostosa*.

O pai escolhia músicas infantis de suas lembranças de criança, como o hino do Equador e de Quito. Mas também o que lhe vinha a cabeça, para que os filhos ficassem tranquilos. O que o fazia acalantar era algo que nascia do carinho que sentia, e achava que se tranquilizava, tranquilizando-os nos momentos em que estavam mais agitados.

Sobre o fato de as crianças aprenderem algo ou não quando acalantadas, respondeu que sim, pois a filha costumava cantar para ele e para o irmão, tentando tranquilizá-los.

Em ter aprendido algo quando acalantava, disse que embora não soubesse a resposta, sentia que fechava um círculo de maior proximidade com os filhos.

A maior parte das canções entoadas pelo pai eram na sua língua de origem, as vezes resgatadas com a ajuda da internet. Entre elas, *Los Pogitos* e o hino de Quito, que estavam ligadas a razões sentimentais e lembranças de infância. Quando queria agitar os filhos, cantava músicas em português e, para *baixar a revolução*, cantava músicas românticas. No caso de estarem bravas, sempre usava as canções mais lentas, para que os pequenos sentissem que não estavam num ambiente agressivo.

4.2.2. Segunda prosa. Conversas com Karila.

Karila nasceu em Uberlândia e tinha 35 anos de idade. Tinha quatro filhos, sendo Paulo de 8 anos, Giovane de 5 anos, Juliana de 3 anos e Líria de 1 ano e 3 meses.

Embora tivesse acalantado os quatro filhos, inclusive a menor de um ano e três meses, nos contou que o primeiro fora mais acalantado do que os outros. Ela tinha medo porque ele chorava por qualquer motivo e por isso o acalantava sempre, inclusive quando caía. Depois, a partir do segundo filho, passou a ver o acalanto como uma demonstração de carinho, de amor e de afeto, que poderia acontecer de diferentes formas.

Embora a maior parte dos momentos de acalanto entre pais e filhos ficasse mais por conta dela e do marido, também a babá, os avós maternos e paternos os acalantavam nos fins de semana, o que, segundo a mãe, fazia uma diferença incrível para as crianças.

Os momentos mais propícios ao acalanto eram as situações de rotina, como antes do sono, ao *acordar o dia*, nas despedidas ou chegadas da escola. Ela então aproveitava para abraçá-los, fazendo carinho e até falando certas coisas de afeto.

Como achava que o acalanto também tinha um lado negativo, quando por insegurança própria, os pais exageravam na quantidade para eliminar o choro, ela foi aprendendo a conhecer os momentos que mereciam ou dispensavam a prática. Aprendeu que não precisava balançar os bebês até que dormissem, mas que o faziam no berço com a sua presença ao lado, junto a uma música leve ou canto. Nesse momento, ela lhes explicava que estaria lá até que chegasse o sono. Quando os filhos iam crescendo, esse ritual era modificado, pois se deitava ao lado deles, na cama, para rezar, sempre os tocando. E nas diversas formas de acalantar, destacou que ser firme e chamar a atenção dos filhos também estavam entre elas.

Ela acalantava pela necessidade de acalmar a criança e de demonstrar o seu carinho, algo nem sempre possível com a palavras, mas que outros contextos também pediam esse cuidado, como por exemplo, no caso em que se machucavam ou estavam afetadas emocionalmente.

Às vezes pegava a criança ao colo, abraçava, batia nas costas. No berço, fazia um chiado com a boca para a pequena, diminuindo a intensidade do seu som, de forma

que ficasse mais lento, até que se acalmasse e dormisse. Antes de dormir, realizava várias ações para levar ao relaxamento e sono. Primeiro, individualmente, as filhas menores tomavam o banho, depois a mamadeira, escovavam os dentes e, quando iam para o quarto, a luz era desligada. Depois, elas ouviam uma música baixa, ficavam um pouco no colo abraçadas com mais força pela mãe, ouvindo o som do chiado feito por ela. No colo, viam pela janela que estava escuro, que o passarinho e o cachorrinho tinham ido dormir. Depois, ela falava tchau e ficava sentada num banquinho ao lado do berço, até que as filhas dormissem.

Até mesmo nos momentos de corrigenda, o contato físico era necessário para a mãe. Por isso, corrigia tocando a criança, olhando-a nos olhos, enquanto falava o que precisava ser dito. O *olho no olho* era para ela algo importante na relação e na comunicação, assim como a serenidade na forma de falar.

Ainda que não fosse diariamente, gostava de cantar para os filhos. Outra prática corrente era a de ouvir CDs, inclusive quando eles estavam agitados. Para isso, ela e o marido faziam repertórios personalizados gravados para cada filho. Entre os CDs escolhidos estavam o *Bebê MP*, *Classics for Babys*, *Mozart* e músicas só com os sons da natureza (instrumentais) para antes de dormir. Nessa hora, cantava a música *mãezinha do céu* ou a do *anjinho*, que eram especialmente pedidas pelos filhos. Ao longo do dia, preferia tocar músicas mais agitadas, para cantá-las junto deles.

Na medida em que os filhos cresciam, parte do repertório musical permanecia, como no caso da *mãezinha do céu* e a do *anjinho*. Mas outra parte se modificava, pois as crianças pediam as músicas da moda, deixando de lado as versões mais infantis, que utilizavam gestos.

Era comum ver um filho acalantando o outro com canções. Esse era um dos ganhos em ter quatro filhos, pois eles se preocupavam uns com os outros, se organizavam e se ajudavam mutuamente até na hora de acalantar, inclusive quando os irmãos menores estavam chorando. Mesmo que o repertório musical dos mais velhos fosse diferente, cantavam as músicas mais infantis para os menores, como as do CD da *Galinha Pintadinha*, por exemplo, ou mais raramente a do *anjinho*, para fazer dormir a irmã pequena, nos fins de semana. Uma relação afetiva de contato físico com os filhos os incentivava a trocar carinho com os irmãos e outras pessoas.

A respeito do que a fazia acalantar, respondeu que era a necessidade de ser mais amiga das crianças, de aproximá-las mais dela, numa relação de mãe e filhos.

Quando acalantados, a mãe acreditava que os filhos aprendiam a ser mais seguros, calmos e tranquilos. Quanto a ela, aprendia que as crianças não precisavam de tantas coisas, mas sim do carinho, do amor e do tempo dos pais. Mais importante do que todos os estímulos, aulas e atividades, era poder estar próxima deles. Por isso, trabalhava menos para poder ficar mais com eles. Não era o caso de estar ao lado o tempo todo, mas sim de ser presente. Aprendeu que não eram só os pais que acalantavam os filhos, mas também os irmãos, a família, como num trabalho afetivo de equipe.

Ao falar de como a avó materna acalantava, disse que ela gostava de balançar a criança deitada ao colo, cantando a música *mãezinha do céu*. Nesse aspecto, parte do repertório dos acalantos que Karila cantava para os filhos, aprendera ainda pequena com sua mãe.

Certa vez, quando os pais tiveram de fazer uma viagem, os filhos ficaram com a vó materna. Antes de partirem, mostraram a rotina do sono da bebê, que era a de cantar a música *mãezinha do céu*, colocá-la ao berço e, caso acordasse, fazer o som do chiado. No entanto, ao estar a sós com a neta, a vó achou que a rotina que a mãe lhe ensinara não era suficiente para que a bebê dormisse e decidiu chacoalhá-la ao colo, enquanto caminhava e cantava pelo quarto. Como a neném não conseguira dormir, durante dias, a avó resolveu seguir a rotina ensinada pela mãe.

Já o pai gostava mais do contato físico com os filhos e não tinha o costume de cantar para eles.

4.2.3. Terceira prosa. Conversas com Marina.

Marina tinha 35 anos e nasceu na Bahia, mas foi criada em Brasília a maior parte do tempo. Ela e o marido tiveram dois filhos, sendo um de 3 anos e outra de 3 meses. Estava de licença-maternidade quando nos encontramos.

Sobre os momentos de acalanto entre ela e os filhos, disse que não os pegava muito ao colo. Mesmo a pequena ficava no carrinho, na cama ou no tapete para ser

amamentada. Sempre que a filha estava cansada, colocava-a no berço e quando parecia irritada, pegava-a ao colo cantando uma música, até que voltasse a dormir. Já o filho mais velho, ela e o marido dançavam com ele ao colo, dizendo *eeee* e o colocavam na rede enquanto mamava, mas depois, quando ele acordava no berço, lá mesmo batiam devagar no bumbum dele, para que voltasse ao sono.

As músicas que cantava para o filho vinham do CD *Bebê Mais*. Dentre o seu repertório preferido estava a música *alecrim, alecrim dourado*.

Sobre a participação dos avós nos momentos de acalantar, lembrou que a avó materna tocava CDs, enquanto dançava com as crianças, e que o avô gostava de pegá-las ao colo por longas horas. No caso dos avós paternos de Brasília, existia uma proximidade entre eles, mas não de acalantar.

No momento do banho, a mãe fazia carinho na cabeça da filha, passando a mão bem de leve entre a testa e a nuca.

O pai estava entre os acalantadores da família e ainda que não cantasse para eles, dedicava-lhes a criação de músicas.

A mãe se lembrou de que o filho mais velho tinha uma babá quando pequeno, que cantava para ele um repertório de músicas modernas.

Os momentos mais comuns de acalantar eram quando os filhos estavam chorando. No caso da menina, ela a sacudia levemente antes de colocá-la no carrinho, mas se a pequena continuasse a chorar, voltava a pegá-la até que se acalmasse. Às vezes, sacudia um brinquedo para a filha, que a observava do carrinho.

Em relação ao fato de o bebê aprender algo ou não quando acalantado, respondeu que sim. Trouxe-nos alguns exemplos como quando a criança reconhecia a voz dos pais, ainda no ventre materno. Sabendo disso, a mãe já cantava para a bebê desde esse tempo músicas cantadas ou instrumentais. De uma forma não racional, sentia que o acalanto fortalecia o contato entre pais e filhos, e que os pais estavam lhes passando amor e carinho. Entre o conjunto de ações que podiam fazer parte do acalanto, destacou que além da música, o movimento de estar no colo e em segurança ensinavam a criança a ficar mais calma.

Os CDs *A Bordo do Bebê*, Hélio Zinskid e *Bebê Mais* eram os mais utilizados por ela. Mesmo durante o banho ou na hora de amamentar, costumava colocar na *Super Rádio*, que tinha um repertório de músicas instrumentais e acreditava que a melodia desse tipo de música favorecia sentimentos de calma.

Como a filha estava passando pela fase de observar os movimentos das mãos das pessoas, ela cantava uma música francesa sobre marionetes que se moviam. Mas não era uma música para acalmar.

Sobre aprender algo ou não quando acalantava os filhos, ela disse que foi percebendo como lidar com eles e a conhecer o que gostavam ou não, em relação aos cuidados que recebiam dela.

O filho mais velho adorava acalantar a irmã no colo, o tempo todo, mas, nas situações de choro, chamava a mãe e pedia para que ela amamentasse ou cuidasse da irmãzinha.

Uma lembrança que aprendeu ainda na maternidade em relação aos cuidados com o bebê recém-nascido foi o hábito de enrolá-los e amarrá-los bem apertados num cueiro, para deixá-los mais tranquilos e seguros.

4.2.4. Quarta prosa. Conversas com Luísa.

Luísa e o marido, Fábio, moravam com as duas filhas, sendo a mais nova de 7 meses, e a mais velha de 6 anos. Ela trabalhava oito horas e meia por dia, era de Curitiba e tinha 33 anos. Fazia questão de manter na rotina diária uma hora e meia de almoço, para poder pegar as filhas na escola e almoçar com elas.

Embora desconhecesse a palavra acalanto, descreveu as situações em que ela e o marido acalantavam as filhas. Pelas manhãs, faziam as mamadeiras das duas e se deitavam com elas para ficar de *cheiro*. No momento em que se despediam das crianças davam muitos beijos e abraços.

A hora de colocar as filhas para dormir também era um momento importante para ficar de cheiro na rede, onde ela conversava, beijava a filha pequena, que depois dormia na cama. Depois, ela se sentava com a mais velha para ver TV e ficar de cheiro

no pescoço, embora a filha maior já estivesse numa fase que nem sempre se interessava por beijos e abraços.

Ao falar do porquê de acalantar, lembrou que o marido dizia que as filhas precisavam disso. Mas ela achava que os pais também precisavam ser acalantados.

Ao se lembrar do como acalantava a mais velha, ainda bebê, lembrou que era de uma forma estressada, querendo que a filha dormisse logo, para ela descansar. Mas aprendeu com a segunda a se tornar mais tranquila, a curtir cada momento do crescimento das meninas e a acalantar as duas.

O *ficar de cheiro* com a bebê era fazer cócegas, dizendo que a formiguinha ia correndo pelo corpo até o pé, e depois cheirar o pescoço, beijar as costas, a cabeça, o olho, de forma que a filha adormecesse. Até os seis meses da bebê, eles faziam o chiado do *shshshshsh*, deitados na rede, com a pequena deitada na barriga deles.

O repertório cantado pelo casal era sempre a música, *Mãezinha do céu, eu não sei rezar*, que eles tinham aprendido na novena do *Perpétuo Socorro*.

Quando morava em Curitiba, a filha mais velha pôde ser acalantada por toda a família, o que incluía os avós paternos e maternos, os bisavós, os tios e primos. Mas morando em Brasília, as filhas eram acalantadas pelos pais. Outra pessoa que também acalantava as filhas era a Babá, que gostava de beijá-las.

Sobre os motivos que a faziam acalantar, disse que era o amor, a vontade de beijar e de estabelecer contato físico.

As situações de acalanto estavam mais ligadas à rotina, como por exemplo, pela manhã, ao acordar; de noite quando chegava a hora de dormir; quando levavam e buscavam da escola.

Sobre o fato de as crianças terem aprendido algo ou não quando acalantadas, a mãe achava que sim, inclusive a serem mais carinhosas. Ao serem beijadas livremente, aprendiam a não ter vergonha de fazê-lo e a estabelecer relações de intimidade e de carinho com os outros.

Ao falar se aprendia algo ou não quando acalantava, expressou que se sentia agradecida por ter vivido cada momento, pois eles a ensinaram a gostar de ser mãe, a ter paciência, a aproveitar os momentos de entrega, enfim.

A filha mais velha, grande acalantadora, sempre ia ao encontro da irmã para acudi-la quando caía. Em certas situações, ficava tentando abraçá-la e beijá-la, mesmo sem receber o seu retorno.

Nas reflexões que surgiam em suas falas, a mãe dizia que não eram os tempos modernos que impunham rotinas sem tempo para o acalanto. E também não era o momento histórico que favorecia isso ou não, pois aos 33 anos, mesmo sendo de outra geração e não tendo na infância uma rotina de acalantos, ela aprendeu a gostar de acalantar e de ser acalantada.

4.2.5. Quinta prosa. Conversas com Silvana.

Silvana morava em Brasília desde o ano 2000 e viera de Uberlândia. Era casada havia 13 anos e tinha 3 filhos: Guiti com 9 anos; Miguel com 6 anos e Armando com um aninho.

Sempre acalantou os filhos, aconchegando-os ao colo, ninando-os com canções, porque queria criar um vínculo. Sempre foi motivada pelo prazer de pegar os filhos ao colo, de fazer um carinho e lhes dar mais segurança.

Ela aprendeu a cantar diversas músicas infantis com a própria profissão de educadora e preferiu um repertório folclórico mais antigo para os filhos. Para o bebê, por exemplo, cantava *Dona Aranha*. Quando o mais velho era pequeno, gostava mais da música *Pirata da perna de pau* e da música *alecrim dourado*. Entre as suas escolhidas, ela cantou a do *atirei o pau no gato* e também *fui morar numa casinha-nha*, que cantava especialmente para o filho mais novo. No momento que antecedia ao sono, ela cantava *nana neném que a Cuca vem pegar*. Depois, fazia o som de *hum hum hum m* ritmado.

Como moravam longe dos avós e tios, os filhos tinham com eles pouca oportunidade de acalantos. Já o marido, gostava mais de brincar de luta com as crianças, de forma que quem de fato acalantava na família era ela.

Os momentos mais propícios ao acalanto eram a hora de dormir ou quando o filho reclamava por alguma coisa, mas, nesse último contexto, ela o pegava ao colo e colocava a fralda próxima ao rosto dele. Na hora de dormir, dava banho no bebê, o levava para o quarto e o acalantava ao colo. Só então dava a mamadeira no próprio berço.

Sobre a questão de o filho aprender algo ou não quando acalantado, ela disse que sim, pois o olhar nos olhos e o ritmo da música mais tranquila o ensinavam a hora de dormir. O mesmo aprendizado acontecia na hora de comer, em que ela cantava músicas mais animadas, como a do *atirei o pau no gato* ou da lagartixa, por exemplo, para incentivá-lo. Essa vivência ensinava que alguém o amava e cuidava dele.

Sobre o fato de ter aprendido algo ou não ao acalantar os filhos, disse que ficava mais calma, mais tranquila, administrando melhor algumas ansiedades.

Em relação ao acalanto entre os irmãos, contou que, quando o filho menor queria pegar algo que não podia e começava a chorar, os irmãos costumavam distraí-lo cantando parabéns para ele.

4.2.6. Sexta prosa. Conversas com o casal Lucimar e Edgar.

Edgar e Lucimar tinham 31 anos de idade e nasceram em Brasília. Ambos acalantavam os filhos, sendo que Manuela de seis meses era mais paparicada, em relação ao irmão de três anos, por ser ainda bebê.

Por ser dengosa, a pequena ficava o dia inteiro no colo da mãe, inclusive para ser amamentada. No caso do mais velho, era acalantado quando pedia colo ou quando ia dormir, momentos em que o pai colocava uma música calma, deitando-o em seu ombro, abraçando-o de forma mais forte para passar segurança, fazendo carinho em sua cabeça.

Os motivos pelos quais acalantavam os filhos eram o desejo de acalmá-los, de dar amor e carinho.

Era balançando ao colo e cantando que ela acalantava a filha, inclusive antes do sono da noite, depois do banho e do mamá. Em seu repertório musical estavam as canções *Maria de Nazaré*, *Mãezinha do céu*, *Como Zaquieu* e *Noites traiçoeiras*. O pai

acalantava com beijos, abraços e canções do CD da *Galinha Pintadinha, Patati Patatá, Palavra Cantada* e tudo o mais que o filho gostasse.

Quando os filhos estavam dormindo no berço e começavam a acordar antes da hora, os pais faziam um som do tipo sh sh sh sh, para que eles soubessem que estavam por perto. Também batiam no bumbum até que a criança voltasse a dormir.

Em outros momentos, o pai disse que para a pequena fazia vários barulhos com a boca, mandando beijo, gesticulando com as mãos ou batendo palma.

Talvez pelo fato de os familiares morarem perto, os filhos eram acalantados pelos avós e tios. A avó paterna cantava as mesmas músicas que os pais cantavam. Nesse ponto, eles não sabiam dizer quem aprendera com quem.

O sentimento de amor era o grande motivador, destacado pelos pais, para acalantar. Era algo muito importante para a formação de caráter e personalidade dos filhos, para se sentirem mais seguros.

A respeito do fato de os filhos aprenderem algo ou não quando acalantados, notaram que sim, pois o filho sempre abraçava e beijava a irmã, sendo carinhoso. Nesse ponto, o exemplo deles era importante para esse aprendizado.

Em relação ao fato de terem aprendido algo ao acalantarem, disseram que sim, porque passaram a amar ainda mais os filhos e a serem cada vez mais correspondidos.

4.3. CHEGADA A MINAS GERAIS.

4.3.1. Primeira prosa no Distrito de Glaura, cidade de Ouro Preto. Conversas com a família de Ravel, Aldo e com a avó materna Helen.

Ravel foi a primeira pessoa com a qual conversamos. Ela tinha 40 anos, trabalhava o dia todo e com o marido Aldo tinha um filho de dois anos e oito meses.

Acalantava o filho porque além de gostar, o acostumou assim. Preferia cantar, para que ele pudesse dormir, na maioria das vezes na rede, balançando-o. Não

acalantava ao colo e nem fazia barulhinho com a boca. Era dessa forma que o acalmava, especialmente antes do sono.

Sobre a questão de o filho ter aprendido algo ou não quando acalantado, disse que ele pedia a música do boi, sempre cantando-a junto com ela, para dormir. Ela, por sua vez, se sentia tão bem com essa forma de carinho entre eles, que não abria mão de fazê-lo.

O menino de três anos também gostava de acalantar o primo menor, quando este era colocado para dormir na rede, cantando a música do boi para ele.

Para o pai, o principal motivo de acalantar era o respeito que dava e recebia. Nesse aspecto, ele acalantava de diversas formas: conversando nos momentos em que o filho não queria parar de chorar; brincava de caminhão, enchendo o carrinho de terra, de areia ou de goiaba com ele; contava histórias e cantava a música do boi. O filho gostava de dormir na cama e com a luz apagada, enquanto os pais batiam nas costas ou no ombro dele.

O pai dizia que acalantava pela necessidade de dar limites. Dessa forma, acreditava que o pequeno ia aprendendo, assim como ele, enquanto pai, a respeitar os limites impostos.

A outra prosa foi com a avó materna que cuidava da criança, enquanto os pais trabalhavam. Ela tinha 66 anos e se apresentou como trabalhadora do Lar. Ela acalantou os filhos e acalantava os netos, pela necessidade de inventar algo para que dormissem. No repertório que cantava estavam as músicas *se essa rua, se essa rua fosse minha*, a do *ó Tutu do mato não vem me arronar, deixa o neném dormir pra ele engordar*, ou a do *Boi, boi, boi*.

Embora, às vezes, pegasse os netos ao colo, também os acalantava na rede, balançando-os.

Como antigamente não tinha rede, costumava dar o banho nos filhos e, depois, os colocava para dormirem na cama. Mas também acalantava no colo, de várias formas. Além dela, os dois filhos mais velhos ajudavam a acalantar os irmãos, cantando para eles as músicas aprendidas com ela.

Ao falar sobre o que a fazia acalantar, respondeu que era porque gostava e que o fazia brincando.

Para a vó, existiam alguns horários mais voltados para a demanda do acalanto, como por exemplo, na hora de dormir, de alimentar a criança e de dar o banho.

Sobre o fato de a criança aprender algo ou não quando acalantada, afirmou que o neto entendia tudo o que lhe ensinava. Ela também achava que aprendia muitas coisas quando acalantava os netos, que eram muito espertos.

4.3.2. Segunda prosa em Glaura. Conversas com a família de D. Elvira, D. Nana e D. Tami.

Começamos com a D. Elvira, de 99 anos. Depois, conversamos com a filha dela, D. Nana, de 76 anos e, por fim, com a neta dela que se chamava D. Tami, de 54 anos. Eram três mulheres que representam três gerações da família (tataravó, bisavó e avó).

Mesmo com os seus 99 anos de idade, a tataravó se lembrou de parte do acalanto que cantava para os pequenos da família, que era o do *Tutu do mato í vem, dorme neném, que o Tutu aí vem, vem pegá neném*. Para os filhos dormirem, colocava-os no berço, cantando a música do Tutu. Mas o berço era um balaio de taquara, pendurado ao telhado por duas cordas, para balançar.

A Bisavó acalantava os filhos ao colo, cantando músicas da igreja e a mesma canção que a mãe dela. Gostava de chacoalhá-los, enquanto batia na bundinha deles. Nessas horas, às vezes, fazia um barulhinho assoviando com a boca, do tipo *shc, shc, shc, shc*.

A avó gostava de acalantar cantando o *Boi, boi, boi, boi da cara preta, não pega a Ermínia que tem medo de careta* e, para o neto, cantava *nana, neném, que a cuca vem pegá, não pega Luzinho que tem medo de Tutu*. Para a neta de cinco meses, fazia o *shshshshsh, shshshshsh* para acalmá-la, pois acreditava que o chiado se assemelhava ao som da água do útero, fazendo a criança dormir mais sossegada.

A avó acalantava os netos para ficarem mais calmos e pararem de chorar, pois sentia que passava tranquilidade para as crianças e para si mesma. Era um momento importante, de dedicação exclusiva para as crianças e elas sentiam isso.

Uma das filhas acalantava suas pequenas da mesma forma que ela e também a tia avó de Belo Horizonte, cantava para os sobrinhos um repertório variado de canções de ninar e de igreja, geralmente com um ritmo mais tranquilo. O avô também acalantava, tocando ao violão músicas populares e também clássicas.

Para a vó, existiam circunstâncias mais específicas para o acalanto, como as que antecediam ao sono, ou no momento da pirraça e do nervosismo. Eram momentos em que os pegava ao colo, caminhava com eles, mesmo quando estava apertada de serviço em casa.

Sobre o fato de o bebê aprender algo ou não quando acalantado, a avó acreditava que sim, inclusive a ficarem mais calmos e tranquilos, pois certos nervosismos da criança eram um pedido de atenção. Ela disse que também aprendia algo quando acalantava, inclusive a ser um pouco criança.

O neto de 5 anos que também morava com ela acalantava a prima quando ambos estavam na cama, esperando a avó chegar com as suas mamadeiras. Nesse momento, ele ficava ao lado da bebê, dando tapinhas no bumbum dela, para acalmá-la. Outro neto de dois anos que morava mais distante, também acalantava a irmãzinha, puxando os pés dela e dizendo que não chorasse.

4.3.3. Terceira prosa em Glaura. Conversas com a família de Mara, Wagner, Augusto e Elisa.

Mara viera de uma família de doceiras, tinha 62 anos e teve três filhos. Ela cuidava da netinha durante o dia, para que a filha pudesse trabalhar, e passava quase todo o dia na produção de vários tipos de doces.

Sobre acalantar, ela o fazia quase que diariamente quando os filhos eram pequenos. Como gostava de cantar para eles, manteve a tradição com a neta, para dormirem mais tranquilos.

O repertório musical dela seguia a seguinte sequência: *lá de trás daquela serra, tem uma fita voando, não é fita não é nada, meu benzinho que está chorando; Lá de trás daquela serra, passa boi passa boiada, também passa um moreninho do cabelo acacheado; Se essa rua fosse minha eu mandava ladrilhar, com pedrinha de brilhante para o meu amor passar; fui na horta panhá salsa, eu errei panhei cebola, o nome que eu não esqueço é da minha professora; Fui na horta panhá salsa, benzinho me estrepou, fui rindo voltei chorando, bem feito pra quem matou; Se eu soubesse fazê doce, como eu sei fazê melado, ia fazer um pratinho para dar meu namorado.*

Ela achava que, ao acalantar, ela e as crianças aprendiam a ter tranquilidade. E como sua vida foi sempre corrida, não se lembrava de ter visto algum dos filhos acalantando os irmãos ou primos.

Depois de conversar com a avó, conversei com a filha de 31 anos, que trabalhava meio período e tinha uma menininha de 4 anos.

As circunstâncias em que acalantava eram quando a filha estava chorando ou queria dormir e o fazia para trazer certa tranquilidade para a família. A experiência do acalantar era uma oportunidade para a criança ficar mais inteligente e mãe e filha aprenderem o que era a paz interior. Como a filha não tinha primos e nem crianças pequenas próximas, a mãe nunca a vira acalantando nenhuma outra criança.

O pai de 44 anos trabalhava em período integral como vendedor e acalantava a filha desde recém-nascida, para ajudá-la a dormir, pois era assim que diminuía a saudade que sentia por ela. Pegar ao colo, poder brincar com ela, trocar olhares, era para ele algo muito gostoso, e que resgatava suas lembranças de infância.

O tio de 29 anos era solteiro e morava em casa dos pais. Ele acalantava a sobrinha não apenas para ajudar, mas como uma forma de carinho, para que pudesse dormir bem. Ele também acreditava que o bebê aprendia algo em ser acalantado, especialmente a cantar as músicas e a descansar. Ele também aprendia a sentir o carinho que a sobrinha lhe transmitia.

4.3.4. Quarta prosa em Glaura. Conversas com a família de Fábria, Rúbia, Paulo e Gisela.

Fábria tinha 36 anos e duas filhas, uma de três anos e outra de dois. Como trabalhava em outro Distrito, deixava-as com os avós maternos. Ela as acalantava porque as amava demais e, se pudesse, ficaria o tempo todo abraçada. Antes de tê-las, possuía dois empregos, mas depois ficou em apenas um, para ficar mais tempo com elas.

Ao falar de como acalantava, disse que costumava balançar nos braços, mas que não por muito tempo, para que as filhas não se acostumassem e sentissem a falta daquilo, quando a mãe não estivesse por perto. Ela sempre cantava as músicas: *boi, boi, boi, boi da cara preta*, acompanhada pelas filhas; a do *ai, ai, ai, ai, ai, ai, assim você mata o papai*; a da *Borboletinha* e a da *Minhoquinha*.

A avó materna tinha 56 anos e acalantava as netas cantando, para que ficassem mais tranquilas e prestassem atenção à música. No repertório estavam as canções: *Piriririri, PomPom, PomPom...Piriririri, PomPom*, do Balão Mágico; a da *formiguinha*; a da *banda*; a do *pezinho de limão* e as do CD do *Patati Patatá*. Os motivos que a levavam a fazê-lo eram vários: para acalmar as netas quando choravam; quando estavam enjoadas; quando não conseguiam dormir ou estavam doentes. Uma das rotinas da mais nova era a de dormir quando os avós coçavam o seu pé e a sua mão ao mesmo tempo.

Sendo acalantadas, a vó via que as netas aprendiam a compartilhar o carinho e a cantar as canções que ouviam. Como avó, aprendia a amar as netas ainda mais e a compreender o valor que elas tinham para ela.

A mãe das meninas achava que as filhas aprendiam a importância do amor e do carinho, e que ela, a mãe, aprendia que não poderia viver sem acalantá-las, sem beijá-las, sem abraçá-las, sem fazê-las dormir.

Paulo, o avô, achava que as meninas aprendiam a dormir mais rápido porque sabiam que estavam sendo amadas, ficando por isso mais tranquilas e relaxadas. Quanto a ele, aprendia que as meninas gostavam de carinho e de amor.

A avó disse que a neta mais velha, às vezes, acalantava a menor, pedindo que parasse de chorar e contando histórias.

4.3.5. Quinta prosa em Glaura. Conversas com a família de Marilda, João e Nair.

Marilda tinha 50 anos e vivia com João, de 56 anos. O casal de avós era responsável pelos cuidados diários com o neto de 5 meses, enquanto a filha Nair, de 27 anos, trabalhava durante o dia. Eles acalantaram os filhos quando pequenos e continuaram a fazê-lo com o neto.

O avô acalantava qualquer criança que via chorando e achava que olhar, conversar, ou carregar ao colo era uma forma de dar força para que as crianças parassem de chorar. O fato de ter aprendido a gostar de fazê-lo estava ligado ao jeito com que ele fora criado, pois sua mãe o ensinara a agir assim, e ele também procurava passar para frente o que aprendera, de forma que os outros pudessem ir compartilhando esses momentos.

Ao explicar como acalantava, ele disse que era da forma que tinha vontade, com abraços, beijos, canções que lhe vinham à cabeça ou músicas antigas que a mãe cantava para ele. Como exemplo, cantou a música do *dorme neném, que a Cuca vai pegar* e a da *pombinha branca*. Enquanto cantava, batia no ombro do neto e também o abraçava. Às vezes, passava a mão na barriga, no rostinho dele, coçava a cabeça, levava-o para observar a geladeira, o carro, fazia batuque em cima do carro, dava a ele um papel para que fizesse barulho e fazia com a boca o som do *shicshicshic* para ele dormir. O que o fazia acalantar era justamente o gostar de criança.

Quando o avô tinha os filhos pequenos, trabalhava muito duro numa fazenda e não tinha tempo para acalantar. Mas como aposentado, aproveitava os momentos de choro, da falta de sono ou de quando o neto acordava de noite, para fazê-lo.

Para a avó, acalantar era aprender a sentir mais carinho pela criança e a entendê-la melhor. Já o avô aprendia a ver a inocência do neto e a refletir sobre os erros que cometera no passado, com os próprios filhos. Ele acreditava que sendo acalantado, o neto aprendia a entender o que os avós faziam para ele.

Além dos avós maternos e da mãe, o pai, a tia e o tio também acalantavam o bebê.

O avô disse que sua filha mais velha ajudara muito a cuidar dos irmãos menores, balançando-os no balaio dependurado no teto, enquanto cantava as músicas da Xuxa.

Ainda de licença-maternidade, a mãe do bebê disse que não voltaria mais ao trabalho, para ficar com o filho, até que ele crescesse um pouco. Sobre o porquê de acalantar, disse que era por achar bonito quando uma mãe cantava para fazer o filho dormir as músicas do seu tempo de coroação, de seu passado e de sua infância. No seu repertório estavam a *mãezinha do céu, se essa rua fosse minha, o cravo brigou com a rosa* e a música que aprendera com o marido: *Dorme neném, que o Tutú aí vem, bicho pega gente, pega neném também*. Para ela, acalantar fazia com que se tornasse mais tranquila, e isso era bom para pais e filhos. Outra coisa era que certos momentos pediam um acalanto, como quando a criança ia dormir, chorava muito ou ficava enjoada.

Em relação à questão de a criança aprender algo ou não quando acalantada, a mãe disse que sim, pois o filho começava a saber quem era o pai, a mãe, os avós e as novas palavras das canções. Além disso, ela achava que, acalantando, aprendia sobre o que fizera e o que faria em relação a educação do filho.

4.3.6. Sexta prosa em Glaura. Conversas com o casal Luscilena e André.

Luscilena de 35 anos trabalhava em período integral. Ela e o marido André tinham um casal de gêmeas de 9 meses e mais uma menina de 3 anos. Acalantar era algo bastante presente em seu cotidiano e, assim que chegava do serviço, acalmava as filhas da agitação cantando, ninando, batendo nas costas e balançando-as ao colo, para que ficassem mais tranquilas e dormissem. Às vezes, fazia o chiado do shshshshsh ao invés de cantar, mas era sempre ao colo, da mesma forma que sua mãe fazia com os seus irmãos.

Além do casal, também acalantavam cantando a avó paterna e as duas babás.

Sobre o fato de a criança aprender algo nesses momentos, disse que sim, pois se acalmavam e cantavam as músicas para as bonecas dormirem. No caso dela, aprendeu a passar carinho e amor às pequenas.

Quanto à filha de três anos, a mãe disse vê-la acalantando as irmãs, cantando as músicas que aprendera com os pais.

4.3.7. Única prosa no Distrito de Passagem de Mariana na cidade de Mariana. Conversas com o casal Ronaldo e Didi.

Didi, 38 anos, professora de Tai Chi Chuam e Artesã, nasceu na cidade de Mariana, em Minas Gerais. Ela e Ronaldo tinham um filho de um ano e outro de 19 anos.

Como sempre acalantou os filhos, contou que aprendeu a fazê-lo com a mãe dela, que além de abraçar e cantar, também fazia *e...e...e...e* ou *sh sh sh sh* enquanto balançava o neném. Em momentos como na hora de dormir, ou quando a criança se machucava, ela costumava acalantar, mas também o fazia quando sentia vontade.

Entre as canções que faziam parte do repertório dela estavam *fui no Tororó;* *tira aqui o seu pezinho;* *debaixo do pé de laranja;* *pirulito que bate bate;* *meu noivo morreu ontem;* *fui na Espanha;* *samba crioula* e depois repetia tudo de novo.

Ela e o marido eram os que mais acalantavam o bebê, especialmente antes de dormir, quando estava nervoso, chorando ou machucado.

Sobre o filho aprender algo ou não quando acalantado, ela respondeu que sim, inclusive a gostar de música, a gostar dos pais, de ficar perto deles, de ouvir o coração deles, a respiração. Quanto a ela, aprendeu a ser mais mãe e a importância de dedicar um tempo para estarem juntos, trocando olhares.

O pai de 59 anos era natural de Belo Horizonte e como já tinha quatro filhos e três netos, se considerava um acalantador nato. Embora não soubesse o porquê de fazê-lo, disse que era mais uma necessidade dele, do que dos filhos e que, por isso, o fazia a qualquer hora do dia, aconchegando-os, conversando ou olhando nos seus olhos.

Normalmente, fazia o chiado com o *shshshsh*, sendo que, na hora de dormir, entoava o mantra *Om Namah Shivaya*, mudando o ritmo e a melodia para mais lentos. Com isso, sentia que o filho se acalmava e relaxava, pois o acalanto era uma troca de energia baseada no amor de pai e filho, com uma paz que era dada e sentida.

Em relação ao fato de ele e o filho aprenderem algo ou não com o acalanto, achava que sim, mas que era um aprendizado sem intenção, ligado ao sentir. Era um momento que irradiava aconchego pela casa, conduzindo natural e espontaneamente a convivência na família, passando segurança num mundo em que a criança nascia perdida.

Quanto aos netos, como os via raramente, disse que os acalantava pelo pensamento. Ele finalizou sua conversa dizendo que todo mundo precisava de um acalanto e que até a sua neta de três anos gostava de acalantar o sobrinho, pegando-o ao colo e balançando-o.

4.4. CHEGADA A SÃO PAULO.

4.4.1. Primeira prosa na cidade de Itapetininga. Conversas com o casal Lazar e Biba.

A primeira prosa foi com Lazar, 26 anos e sua esposa Biba, 24 anos, ambos nascidos e criados em Itapetininga. Embora acalantassem a filha de 1 ano, diariamente, a mãe o fazia por mais tempo, pois o pai trabalhava nos três turnos.

A pequena gostava mais de ser acalantada quando era menor (até os 8 meses) e os horários mais comuns de fazê-lo eram o de dormir e o de mamar. Além de uma necessidade, o acalanto era para eles um gesto de amor e um momento privilegiado para ficarem juntinhos, ao colo.

Cantar *mãezinha do céu* era uma tradição aprendida com a avó materna, desde que a filha estava em sua barriga. Outros repertórios vieram do CD da *Galinha Pintadinha*, como por exemplo, a música *Viva Mariana*, que a filha adorava. O casal também rezava o *Santo anjo do Senhor*, cantando num ritmo mais brando para acalmar. Outra canção era a *nana neném*, mas sem a parte da *Cuca vem pegar*.

Sobre o fato de a criança aprender algo ou não quando acalantada, os pais achavam que sim, tanto que ela repetia gestos, músicas e falas para transmitir carinho,

inclusive para as outras crianças. Contaram que aos nove meses, a filha ganhou uma boneca e passou a niná-la, balançando-a e batendo nas costas dela com a mão.

Ao acalantar, o casal aprendeu a transmitir amor e a fazer o melhor pela filha, sem esperar nada em troca.

Em relação às outras pessoas que acalantavam na família, além da avó materna, participam desses contextos os avós paternos.

4.4.2. Segunda prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Maria e Onório.

Nossa segunda prosa foi com o casal Maria e Onório, de 34 anos, ela do Lar e ele trabalhador do comércio, ambos nascidos em Itapetininga. No dia em que os visitamos, falamos também com a avó paterna, que ajudava a cuidar do bebê de um ano e quatro meses. O casal tinha dois filhos jovens e o bebê, que era muito acalantado por todos.

A rotina de amamentar fazia com que a mãe acalantasse por mais tempo, inclusive antes do soninho (de depois do almoço e do final de tarde/ noite). Mas tirar o filho do banho era o seu maior desafio.

A avó costumava pegar o bebê ao colo, sem chacoalhá-lo e o pai gostava de dar mordidinhas, seguidas por brincadeiras e pequenas canções, algumas inventadas e outras, como a do *bicho papão*, aprendidas de pequeno com sua mãe. Embora não tivesse se lembrado das músicas completas, também citou as canções do *nana neném* e do *fala sacizinho*. Ele disse que acalantava por instinto, como uma coisa gostosa de fazer.

Os pais disseram que o filho era uma criança muito carinhosa, que gostava de abraçar, beijar, dar mordidinhas, do mesmo modo como os pais faziam com ele.

Acalantando, o pais aprenderam a ter mais cuidado com o filho, a protegê-lo, a serem mais atentos e a estarem mais próximos para agradá-lo.

4.4.3. Terceira prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Flaviane e Guga.

Flaviane, 31 anos, e o marido Guga, 32 anos, eram assíduos acalantadores. Eles tinham três filhos, sendo um menino de sete anos, uma menina de dois anos e o menor de nove meses. Como as crianças ficavam às vezes com os bisavós maternos, conseguimos também um bate-papo com estes, que eram a Sálvia de 79 anos e o esposo Ludi, da mesma idade. Todos nasceram na cidade de Itapetininga, local onde residiam.

A forma como os pais acalantavam os filhos variava segundo o gosto de cada um e o momento. Para o mais velho, a mãe contava histórias antes de dormir. Os menores costumavam dormir de noite ao colo, com a TV da sala no volume baixo. A de dois anos gostava de cantar junto com a mãe, durante todo o banho. Mas todos os filhos gostavam de música, inclusive as do *Jacaré* e da *Joaninha*. Por isso, o casal investia em CDs e DVDs infantis como *Patati Patatá*, *Galinha Pintadinha*, *Cocoricó*, entre outros. Para os filhos dormirem quando eram pequenos, os pais cantavam *Boi da cara preta* ou *Nana neném*.

O pai acalantava fazendo carinho, sempre atendendo o interesse de cada filho, pois a do meio, por exemplo, gostava de dormir pegando na orelha. O mais velho, gostava de ser balançado recebendo tapinhas mais fortes no bumbum e o mais novo, gostava de carinho na mão e na cabeça.

Os bisavós maternos adoravam acalantar os filhos, netos e bisnetos e se sentiam motivados pelo sentimento de amor que nutriam por eles. Ambos achavam que, sendo acalantadas, as crianças aprendiam a retribuir o carinho, a tranquilidade, a paz e o amor que recebiam. Os pais, por sua vez, achavam que os filhos aprendiam a ser muito afetuosos, demonstrando os seus sentimentos, não apenas dentro da família, mas para os colegas de escola, inclusive.

Ao acalantar, os pais aprendiam a fazer um carinho diferente, a entender o olhar e as demandas de atenção das crianças.

4.4.4. Quarta prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Juca e Naná.

Juca, de trinta anos, e sua esposa, Naná, da mesma idade, moravam em Itapetininga desde nascidos. Eles tinham um filho chamado Tiago, de um ano e três meses.

Quando perguntei se acalantavam o filho, responderam que sim e sobre o porquê de fazê-lo, disseram que, em meio a rotina corrida, esses eram momentos essenciais pelas trocas afetivas de que pais e filhos tinham necessidade. Para o pai era um momento de cumplicidade e de calor humano e, para a mãe, de passar e receber tranquilidade, amor, carinho e atenção.

No caso de acharem que a criança aprendia algo ou não ao ser acalantada, a mãe disse que sim, pois a troca afetiva ensinava o filho a ser carinhoso com as pessoas.

Nos momentos antes do sono, os pais adaptavam o ritmo de suas músicas para uma duração mais lenta. No repertório do casal estavam *Alecrim dourado; fui morar numa casinha* ou músicas religiosas para o público infantil, como a da *Sementinha* e a da *Benção do Senhor*. Entravam também no repertório o DVD da *Galinha Pintadinha* e as canções que a mãe inventava, adaptando letras de músicas que tocavam nas rádios.

Acerca de aprender ou não algo com o acalanto, a mãe disse que diariamente aprendia o que era o puro amor incondicional, a tranquilidade e sinceridade de criança. O pai disse aprender o quanto era bom trocar carinho e serenidade.

Das pessoas da família que mais acalantavam, destacaram os avós paternos e depois os tios, tias, bisavós paternos e amigos.

4.4.5. Quinta prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Luiza e Leo.

Luiza de 54 anos, era auxiliar de laboratório, e Leo, de 64 anos, aposentado pelo DER. Eram avós dos bebês de Juca e Lazar. Ambos moravam em Itapetininga desde nascidos e sempre acalantaram os filhos e os netos.

O avô acalantava sorrindo e brincando, dizendo palavras gentis e coisas do tipo “Lindo, maravilhoso do vô”, “príncipe do vô” ou mesmo inventando frases como “Tute

nói que não tem modo”, “Hare hare”, “é memo”, “Hou, Hou, Hou”, imitando o Papai Noel, de forma que as crianças achassem graça e sorrissem para ele.

A avó acalantava pela segurança e calma que sentia transmitir às crianças e, quando o fazia, adaptava letras com a música *dorme nenê* para eles dormirem.

Os avós achavam que, sendo acalantadas, as crianças aprendiam a dar amor, alegria, transmitindo para os outros os gestos de afeto que recebiam.

4.4.6. Sexta prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Pâmela e João.

Pâmela, de 35 anos, comerciante, atuava com o marido, João, de 42 anos, em mercearia própria. Ambos viviam em Itapetininga desde nascidos e tinham uma filha de um ano e dois meses que era muito acalantada por eles e pelos tios.

Entre os horários mais rotineiros para o acalantar, a mãe destacou o momento da amamentação, por envolver uma ligação muito forte entre ela e a filha. Outras ocasiões eram depois do almoço, antes do soninho da tarde, deitando na cama, cantando *mãezinha do céu*. Quando a filha acordava, ela cantava canções religiosas como *a alegria está no coração de quem conhece a Jesus*. Nos dias de muito frio, colocava a filha para dormir no meio deles.

O pai acalantava a pequena pegando-a ao colo quase que o dia todo, mostrando as coisas das prateleiras de seu comércio, nomeando-as uma a uma, os animais de criação e os cortes desses animais no seu frigorífico.

A respeito do fato de a criança aprender algo ou não quando acalantada, a mãe acreditava que sim, pois, os momentos de amor que tivera com os pais seriam lembrados pela filha e passados adiante. O pai acreditava que a filha aprendia vários valores. Enquanto a carregava, beijava, acariciava a cabeça dela, a orelha, o cabelo, dizendo que a amava, e percebia que a filha entendia tudo o que ele expressava, retornando para o pai, amigos e parentes esse carinho.

Para a mãe, acalantar a ajudou a construir a sua experiência de mãe, pois acreditava que aprendera a ser mãe com a filha, seja pelo contato do amamentar ou pela

ligação que estabeleceram uma com a outra. O pai disse que aprendeu a ser filho e a valorizar ainda mais os seus pais, depois de assumir esse papel.

4.4.7. Sétima prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Josi e Tonho.

Dona Josi, 76 anos, doméstica aposentada, vivia com o marido Tonho, 79 anos, aposentado. Ambos nasceram em São Miguel Arcanjo, cidade do interior de SP e viviam na cidade Itapetininga. Pais de Pâmela, bisavós de Juca e Lazar, tinham 8 filhos, 10 netos e 7 bisnetos.

O casal sempre acalantou os filhos, netos e bisnetos. O avô gostava de pegá-los ao colo e cantar *Dorme neném* para eles dormirem. Como perdeu os pais aos sete anos, aprendeu a música com a sua avó, que foi quem o criou desde então.

Para fazer os próprios filhos dormirem, a avó cantava canções religiosas, enquanto batia levemente nas costas deles, balançando-os ao colo ou na rede, antes de colocá-los na cama.

Para o avô, ao serem acalantadas, as crianças aprendiam a parar de chorar. A avó disse que, acalantando, aprendia a “amansar” as crianças e que estas aprendiam a dormir depois do canto.

O avô disse que, acalantando, aprendia a agradar as crianças, de forma que elas passassem a aceitá-lo melhor. Ele também lembrou que os filhos acalantavam os irmãos e que eram muito carinhosos uns com os outros.

4.4.8. Oitava prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Juba e Gaia.

A oitava prosa foi com a avó Dália, 65 anos, professora aposentada de educação infantil, com o seu filho Juba, 31 anos, advogado e a esposa Gaia, 31, cantora profissional. Gaia era do Paraná e vivia com o marido em Itapetininga, lugar em que ele e a mãe eram nascidos.

A avó disse que acalantou o filho e depois os netos para demonstrar a eles todo o amor que trouxeram para a sua vida. Sempre ao colo e junto de si, gostava de cantar

canções leves e histórias cantadas, para que pudessem se acalmar, antes de dormir. Seu repertório incluía *Terezinha de Jesus*, *Fui no Tororó*, *Borboletinha que tá na cozinha* e a versão nova de *atirei o pau no gato*.

Os pais acalantavam sempre e a mãe gostava mais de cantar do que o pai. Eles tinham três filhos: a mais velha de 15 anos; o do meio de 5 e o mais novo de 2. O pai acalantava para acalmar antes do sono e, para cada filho, tinha uma forma diferente de fazê-lo.

A mãe acalantava para manter o vínculo e sempre através da música, do colo, do olho no olho, de muito abraço e muito cheiro. Seu repertório incluía *O Leãozinho*, de Caetano Veloso, *Clara e Ana* do Grupo musical Boca Livre, *A Velha Infância* do Grupo Tribalistas, *nana neném*, o *Cravo brigou com a Rosa*, as músicas *Eu Sei Que Vou te Amar* e *Como é Grande o Meu Amor por Você*, do Roberto Carlos, e algumas canções de igreja.

Sobre os momentos de acalanto mais rotineiros, lembraram que o filho mais novo gostava de dormir depois do almoço, o do meio acordava mais cedo para ganhar o colo da mãe e a mais velha assistia TV de noite, abraçada com os pais.

Sobre o fato de os filhos aprenderem algo ou não quando acalantados, a mãe disse que sim, especialmente a serem carinhosos e a não terem vergonha de expressar aos outros os próprios sentimentos e fraquezas.

A avó disse que, acalantando, aprendia como modificar a vida dos alunos mais agressivos e a se aproximar mais do filho e dos netos. O pai aprendia a repensar as posturas, a ouvir os filhos, a ter paciência e a se acalmar antes de respondê-los. A mãe aprendia que, em meio à rotina de demandas do dia a dia, tudo podia esperar, pois a prioridade era ter os momentos únicos e particulares de acalanto com os filhos.

Os pais contaram que os filhos possuíam o hábito de acalantar os seus pares e especialmente os irmãos e familiares.

4.4.9. Nona prosa em Itapetininga. Conversas com o casal Ceci e João.

Ceci, 51 anos, trabalhadora do lar e voluntária de projetos sociais, vivia com João, aposentado, 54 anos. O casal cuidava de dois dos seus cinco netos, sendo uma menina de 4 anos e um bebê de 10 meses, que dormiam em sua casa durante a semana. Ambos viviam em Itapetininga desde nascidos.

O casal disse que acalantava os netos porque esse era o papel de amor dos avós. A avó complementou que cantava para eles, antes de dormirem, com um repertório de músicas religiosas.

Sobre o fato de os netos aprenderem algo ou não quando acalantados, os avós responderam que sim, e que o neto de 10 meses costumava fazer neles os mesmos carinhos que recebia.

A respeito de os avós aprenderem algo ou não quando acalantavam, responderam que sim e que todo o carinho que davam aos netos ganhavam de volta.

Sobre o fato de os avós perceberem ou não se os netos costumavam acalantar os irmãos, responderam que sim, e que a de 4 anos, por exemplo, sempre procurava o irmão para abraçá-lo ao chegar da escola, e que, quando ele estava chorando, ela corria para procurar um brinquedo para acalmá-lo.

Capítulo 5

O Acalanto e seus significados.

Dorme, meu filhinho, dorme sossegado.
Dorme, que a teu lado cantarei baixinho.
O dia não tarda, vai amanhecer: Como é frio o ar!
O anjinho da guarda que o Senhor te deu, pode adormecer, pode descansar,
Que te guardo eu.
(Acalanto de John Talbot - Manuel Bandeira)

5.1. ENTRE DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: OS SIGNIFICADOS DAS ACALANTANÇAS.

Neste momento, vamos tentar identificar as singularidades que envolvem o acalantar para as famílias com as quais pudemos conversar, sempre orientados pelas questões que formulamos. Com vista a explicitar a substância dessas prosas, pretendemos resgatar dos textos transcritos os elementos que, de alguma forma, nos ajudaram a pensar sobre o acalanto, utilizando também para isso discussões teóricas, algumas já apresentadas nos primeiros capítulos e outras de leituras mais recentes.

No segundo momento, apresentaremos um inventário das letras e canções citadas e entoadas ao longo das prosas, destacando algumas especificidades de suas diferenças e semelhanças.

Por fim, traremos para este último momento de escrita uma conclusão a este trabalho, cientes de sua singela contribuição, pois sabemos que muito do que pode significar o acalanto para as diferentes pessoas, culturas e sociedades poderá ser acrescentado futuramente a esse tema.

5.2. ENTRE PROSAS E DEVANEIOS: ACALANTAR OU NÃO, EIS A QUESTÃO.

As informações que tivemos no nosso trabalho serão guiadas pelas perguntas da entrevista semiestruturada que preparamos. Mostraremos os dados através de categorias temáticas situadas nos três grupos: de Brasília, São Paulo e Minas Gerais.

Utilizaremos a seguinte ordem: 1. Você acalanta os seus filhos? Quem acalanta na família? 2. Por que acalanta? 3. Como acalanta? Pega no colo? Faz algum movimento com a criança? 4. Quando você acalanta? Em quais circunstâncias? 5. O que te faz acalantar? 6. Seus filhos acalantam as crianças mais próximas? Como? 7. Acha que o bebê aprende algo ou não quando é acalantado? Você aprende algo quando acalanta? 8. Se acalanta com música: o que canta? Faz algum barulhinho para a criança?

5.2.1. PRIMEIRA: VOCÊ ACALANTA SEUS FILHOS? QUEM MAIS ALÉM DE VOCÊ ACALANTA EM SUA FAMÍLIA?

Primeiramente, vamos trazer o conteúdo de nossas prosas acerca de nossa primeira pergunta. Talvez possamos levantar aqui algumas variações relevantes para as respostas obtidas sobre essa temática, pois alguns dos avós com os quais conversamos nos contaram que, hoje, eles são assíduos acalantadores de seus netos, mas que no passado foram pais quase ausentes nessa prática. Segundo esses avós, a própria dinâmica austera de vida e de trabalho que enfrentaram em seus cotidianos não dispôs o tempo e a tranquilidade necessária para que eles pudessem acalantar os seus filhos na quantidade e na forma com as quais gostariam de tê-lo feito.

Entre as vinte famílias com as quais conversamos sobre o fato de acalantarem ou não as crianças da família, podemos afirmar que, em todas elas, a prática do acalanto com as crianças se fez e se faz presente, nas mais variadas formas possíveis. Na maioria delas, a figura da mulher apareceu como a que acalanta cotidianamente por mais tempo. Vale lembrar que essa figura feminina não é necessariamente a da mãe, mas também a da avó, a da bisavó, da tataravó ou da babá. O papel das avós como acalantadoras sempre pareceu muito presente em grande parte delas. A exceção nesse quesito foi em relação a algumas famílias de Brasília, que disseram ter as avós morando em outros Estados, fato que, segundo as mães, dificultava, mas não impedia, que as avós acalantassem os netos quando se reencontravam com eles, esporadicamente.

Em Brasília, observamos que os acalantos também eram feitos pelas babás e ajudantes domésticas. Essas profissionais, por sua vez, apareceram ocupando esse papel diante das falas das famílias entrevistadas. No caso do interior de Minas Gerais e de São

Paulo, a figura da babá que acalanta parece ter sido substituída pelos avós ou escolas maternas.

Parte das mulheres disse que, quando as crianças eram menores, elas acabavam acalantando por mais tempo do que alguns pais, e alegavam muitos fatores: licença-maternidade que se estendia apenas à figura feminina; a redução ou flexibilização da carga horária de trabalho; as demandas que envolviam o período de amamentação e também, em alguns casos, o afastamento temporário de suas vidas profissionais.

A presença da figura masculina na prática do acalanto apareceu em dezenove das vinte famílias com as quais conversamos, sendo que esta nem sempre foi exercida pelo pai, mas também pelos avós das crianças. Dentre as figuras masculinas que acalantaram os filhos, tivemos em Glaura, especificamente, duas em que esse papel foi desempenhado pelos avôs, pois os pais das crianças não tinham mais contato com elas. Já em Brasília, uma das mães observou que o marido gostava de brincar de luta com os filhos, mas que não tinha o hábito de acalantá-los.

5.2.2 SEGUNDA: POR QUE VOCÊ ACALANTA AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA?

Ao perguntarmos às famílias sobre o porquê de acalantarem suas crianças, surgiram diferentes respostas. Uma fala revelou a preocupação de acalantar, porque os adultos queriam manter o vínculo com os filhos. A proximidade com os bebês, logo que eles nascem, chamada de natural por algumas famílias de São Paulo e de Brasília, vai, segundo elas, se perdendo na medida em que os pequenos crescem. Vejamos alguns desses enunciados:

(...) Eu acho que o principal motivo, pra mim, sempre foi ten... “tentá” “mantê” o vínculo. Pra mim, é... sempre foi isso que passou pela minha cabeça. Porque quando a gente tem um filho, no começo, ele ainda tem esse vínculo bacana natural com a gente e dá a impressão que, conforme vai crescendo, a gente, como mãe, parece que vai sentindo ele mais distante (...) (Gaia, SP, p. 03).

(...) Ah! Porque eu acho que ajuda no vínculo da mãe com o bebê (...) (Silvana, DF, p. 02).

Essa busca pelo vínculo, observada pelas mães acima, talvez possa ser entendida com a ajuda de Montagner (1993), ao destacar que, quando esse vínculo se refere à figura da mãe, a convivência entre ela e o bebê é ainda mais antiga e anterior ao nascimento. Nesses primeiros vínculos, sabemos que o corpo do adulto que cuida da criança é o seu primeiro brinquedo. Por isso, quando Gaia nos diz que sente que, ao nascer, o seu bebê tinha com ela um vínculo natural, ela não está enganada, pois como vimos em Montagner (1993), desde o feto, já existe uma competência do bebê para interagir com as pessoas mais próximas. Na mesma fala, Gaia prossegue dizendo que, para manter o vínculo, precisa manter o filho junto ao seu corpo.

(...) Parece que “cantá”, de trazer perto, de tá junto... eu sempre falo que pelo menos meia horinha do... do dia, eu pego ele e fico no colo [...] Sabe aquela leoa que quer manter o vínculo com o filhote? É. Acho que é a... inconscientemente. É por isso, né?; que a gente faz. Que toda mãe faz isso, né? (...) (Gaia, SP, p. 03, 03/06/2013).

Sobre a necessidade de trazer o filho para perto de si, colado ao seu corpo, lembramos que, para Montagner (1993), nos mecanismos de vinculação, se processam fenômenos que nascem nas próprias experiências corporais que ocorreram entre os atores envolvidos. Daí, a vontade de se manter esse corpo a corpo entre eles.

Eu preciso de você.

Outro momento de nossas conversas sobre os porquês de acalantar foi quando alguns dos pais nos explicaram que, nessa troca, acalantam os seus filhos porque eles também precisam ser acalantados.

(...) Ah! Meu marido fala que elas precisam [...] mas eu acho que a gente precisa também, sabia? (...) (Marina, DF, p. 3).

(...) Porque eu acho que assim, eu me tranquilizo tranquilizando eles (...) (Guilherme, DF, p. 2).

(...) Eu acho que é uma necessidade, mesmo. Mais minha, né?; de acalantar. Acho que é bem natural. É como dar um abraço... um beijo nele. É... parece que é uma necessidade (...) (Ronaldo, MG, p. 2).

Dessa interação afetiva entre adulto e criança, Bowlby (1989) destaca a rapidez com que esses diálogos acontecem e o contentamento que eles podem promover, numa pré-adaptação dos envolvidos para essa troca. Assim, entendemos que para esses adultos, essa necessidade de acalantar permanece porque de fato é valorosa para pais e filhos.

Quando os pais nos contam que acalantam porque esse é um momento deleitoso de ser vivido com os filhos, sabemos que, como indica Spitz (1996), esse elemento afetivo provoca um intercâmbio em que cada um percebe a expressão afetiva do outro, respondendo reciprocamente. Portanto, para esses pais, acalantar é o mesmo que ser acalantado.

Embora essa troca seja tão gostosa, ela também pode acontecer de forma inconsciente, como nos aponta Spitz (1996). Nessa perspectiva, vejamos algumas das falas:

(...) Eu acho que não tem porquê, não (...) (Ronaldo, MG, p. 2).

(...) Não tem uma razão. Eu faço isso porque eu sinto que devo fazer isso. Uma coisa gostosa... eu acho que não tem uma razão. Não tem... (...) (Guilherme, DF, p. 1).

Nas falas acima, embora os pais tenham dito que acalantam porque isso é algo prazeroso, eles não têm exatamente uma razão para o fazerem. Talvez isso se deva ao fato de que, para alguns deles, acalantar e ser acalantado seja algo tão presente em seus cotidianos ao ponto de não pararem para pensar no porquê de fazê-lo. Portanto, para esses pais, acalantar é promover, ainda que de forma inconsciente, esse tipo de contato, impulsionados pelos sentimentos que nutrem pelos filhos.

De geração para geração?

Outra temática recorrente sobre o porquê de acalantar foi que, para muitas pessoas, esse hábito foi apreendido com os antepassados. Embora não seja a realidade de todas as famílias, gostaríamos de mostrar alguns depoimentos que dizem que o acalanto parece vir de uma tradição de pais e avós.

(...) ou então, eu canto só uma ou duas, igual essa mãezinha do céu... (...) (Karila, p. 05) [...]. Minha mãe sempre gostou muito de cantar assim [...] Ela cantava isso, mãezinha do céu, por exemplo. Como ela! Porque eu acho que a gente leva isso, né? Tudo a gente leva de bagagem, é claro (RISOS) (...) (Karila, DF, p. 13).

(...) Ah... por gostar também, né? Eu acho que o jeito que a gente foi criado, né? Que minha mãe fazia isso comigo, aí então, eu procuro passar também, né? Pra frente, pros outros ir aprendendo, também [...] Tem vez que a gente canta uma música antiga, daquelas que mamãe cantava com a gente, assim. Tem umas música que... ah... é... *dorme neném, que a Cuca vai pegar, papai foi pá roça, mamãe foi trabaiá*. É cantiga assim que ela cantava (...) (João, MG, p. 2).

(...) *Dorme nené que a Cuca vem pegar [...] Papai foi na roça, mamãe no cafezar* [...] Ah! Era a minha... a minha vó. Quando eu fiquei sem pai e sem mãe, desde 7 anos, né? Minha avó acabou de criar nós, né? (...) (Tonho, SP, p. 03).

Essas famílias parecem inseridas em contextos culturais nos quais o acalanto se tornou admirável como tradição de muitas gerações. Nesse sentido, Corsaro (2011) diz que as famílias compartilham de rotinas culturais com suas crianças, de forma que seus pequenos já possam fazer parte delas. Dessa forma, quando Corsaro (*apud* MÜLLER & CARVALHO, 2009) nota que as crianças são influenciadas pelos contextos socioculturais que as cercam, entendemos que as famílias se revelam como lugares de cultura, do qual o acalanto faz parte.

Quando essas famílias nos mostram que o acalanto é uma prática que se processa pela convivência de uma geração para a outra, não queremos pensá-lo como uma herança cultural que se reproduz por si só, de maneira autônoma e independente desses agentes que as possibilitam, pois assim

(...) abandona-se a idéia de geração como algo dedutível de um momento já vivido [...]. No *fazer-se*, ao contrário, a geração além de ser vista como depositária de uma época, e, portanto banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas na cultura material e simbólica, que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas das gerações, umas às outras. Como se trata de um movimento, de algo que está se desdobrando, são legados que se renovam; além do que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo receptora inerte das dádivas. Um convívio de gerações, nesta perspectiva não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedorias dos velhos para as crianças. Estas, mesmo que nem sequer o saibam, também podem transmitir muito às gerações mais velhas (OLIVEIRA, 1999, p. 26).

Cada geração, mais do que herdar tradições passadas, manipula essas substâncias na medida em que as experiencia, segundo os seus próprios olhares e modos de viver. É assim que a tradição, renovada, pode ser preservada na modelagem do tempo e do modo de fazer de cada ser, de cada lugar, de cada contexto histórico.

Embora a maioria das experiências culturais das crianças menores se processe dentro da convivência familiar, a escola e a creche, como instituições que cuidam das crianças, também podem ser lugares de cultura e de memória. Nesse sentido, Arleo (2012) observa que quando alguém ensina uma música, da mesma forma que aprendeu no âmago de sua própria cultura, como lembrança de um lugar, essa pessoa passa a ser o seu testemunho vivo. Ele completa que, ao ensinar a cultura da qual também é detentora, a pessoa acaba “restituindo o contexto social” (p. 08-09) de onde a lembrança nasceu, numa verdadeira “cadeia de transmissão oral [...] desses pedaços da cultura” (p. 08-09). O autor destaca que a escola pode aprender essas canções com as suas famílias, oferecendo a todos a chance de se beneficiar dessas variedades linguísticas e culturais, registrando-as em acervo próprio de músicas tradicionais (p. 08-09).

Portanto, para parte das famílias com as quais conversamos, acalantar quer dizer que diferentes gerações podem e devem partilhar dessa experiência cultural. Essa troca tão profícua entre pais e filhos, avós e netos, adultos e crianças ou mesmo entre as crianças e seus pares. É “algo que se constrói na história como fazer-se, ou seja, supõe gerações em movimento” (OLIVEIRA, 1999, p. 26). Nesse movimento, acalantar é mover a roda da vida, assim como as memórias de gerações passadas e atuais.

O sentir-se seguro?

No último momento de reflexão acerca da pergunta sobre o porquê de acalantar, gostaríamos de destacar um derradeiro aspecto, que se refere ao acalantar pelo sentimento de segurança que pode trazer para a criança. Vejamos algumas das falas das pessoas com as quais conversamos:

(...) Boto... procuro deitar a cabeça dele no meu ombro, né? E abraço ele com força pra dar segurança. Pra desse jeito (...) (Edgar, DF, p. 04).

(...) É e acho que essa parte da segurança, sim... né? Tô seguro porque minha mãe tá aqui... né [...] E que tá na hora de dormir, né... e eu tô aqui... olha... tá na rotina... minha mãe tá aqui do lado... né... e tá cantando... e tá isso... bom... então tá tudo muito bem, né? Eu acho que a gente passa essa tranquilidade, essa segurança... né... pra eles (...) (Karila, DF, p. 12).

(...) Ah. Que tem hora assim, que a criança, precisa, sabe? Porque eu acho, que a gente transmite, segurança pra eles. Eles ficam mais calmo, né? (...) (Luísa, SP, p.05).

Nessa perspectiva de associar o acalanto à promoção de sentimentos de segurança, notemos Florestan Fernandes (05/10/1957, p. 3b), ao observar que ao ser acalantada com canções de ninar, a criança se sente amparada pelos adultos, encontrando conforto, segurança e proteção em momentos delicados de sua rotina. Embora, em nosso entendimento, Florestan Fernandes esteja referindo-se mais especificamente ao acalanto cantado, notamos que, para ele, o acalanto também agrega sensações de segurança à criança.

Também Montagner (1993), ao citar Bowlby, nos lembra que nos processos de vínculo que envolvem a criança e o adulto mais próximo, a segurança de sentir-se cuidada, ajuda-a a reduzir o medo e a ansiedade de certas frustrações. Os contatos e trocas corporais entre o adulto e a criança são assim considerados essenciais para fortalecer o vínculo entre ambos e também para transmitir segurança a ela.

Barbosa (2000) acredita que a “repetição de certos enquadres, de certas ações, de determinadas práticas dão estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra dá certo sossego às pessoas, sejam elas grandes ou pequenas” (p, 44). Levando em conta essas discussões, pensamos que as práticas de acalanto e o modo como elas são vivenciadas entre as crianças e os adultos, a maneira como as constroem, a necessidade de repeti-las através daquele gesto, naquele dado contexto do dia a dia, promovem o sentimento de segurança nas situações conflituosas.

Mesmo de formas distintas, os familiares acalantam os seus filhos porque desejam e acreditam transmitir a eles esse sentimento de segurança, seja no embalo do braço que balança, no abraço apertado, no canto de ninar, nas batidas leves e repetidas nas costas da criança ou no som do chiado ritmado que fazem com a boca para ela ouvir. Nessas e noutras tantas formas de acalanto, é certo que, de uma maneira ou de outra, os adultos sentem que suas crianças são confortadas e amparadas pela segurança e bem estar que proporcionam.

Logo, podemos afirmar que diante dos porquês de acalantar, entre posições distintas, muitas semelhanças surgiram. Para alguns familiares, o acalanto é uma forma de manter o vínculo e a aproximação com os seus filhos. Para outros, acalantar é também poder ser acalantado, numa troca afetiva de entrega entre o adulto e a criança. Outros familiares, embora não soubessem exatamente o porquê de acalantarem, alegaram fazê-lo pelo sentimento afetivo que nutrem por seus pequeninos. Para certo grupo, acalantar é partilhar dessa experiência cultural, que já foi vivenciada por outras gerações. Por fim, para o nosso grupo de familiares, acalantar é transmitir o sentimento de segurança aos filhos.

5.2.3. TERCEIRA: COMO ACALANTA OU ACALANTOU AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA?

Nessa pergunta, talvez o nosso maior desafio tenha sido o de tentar organizar as tão distintas formas de acalantar que apareceram nas falas das famílias. Por isso, optamos por mostrar separadamente os seus diferentes modos de fazê-lo, expondo-os em certa ordem de apresentação.

Inicialmente, vamos discutir um pouco sobre o acalanto que está diretamente ligado ao colo, mostrando certas falas dos familiares sobre essa forma de acalantar.

No segundo momento, traremos algumas discussões teóricas acerca do pegar a criança ao colo e do que isso pode trazer para elas e para os adultos.

Num terceiro momento, traremos as experiências vividas por algumas mães que nos disseram que os seus primeiros filhos foram acalantados de maneiras diferentes dos que nasceram depois, pois o hábito de balançá-los ao colo até que eles dormissem foi sendo adaptado com a inclusão de outras práticas.

Num quarto momento, vamos mostrar alguns exemplos trazidos das famílias em que o acalanto está ligado às experiências corporais que envolvem os nossos sentidos, como os do olfato e da visão.

Por fim, mostraremos algumas das imagens recolhidas nas famílias que envolvem diferentes maneiras de acalantar, seja no colo, no berço, na cama ou em outros locais.

Eu quero colo!

Pegar a criança pequenina ao colo e trazê-la para junto do peito talvez seja uma das primeiras coisas que os adultos fazem para acalantá-la. Vimos com Montagner (1993) que ainda no ventre materno, as batidas do coração do bebê diminuem de velocidade com a queda dos batimentos cardíacos da mãe. Essa, que é uma das primeiras ligações sonoras e rítmicas entre o bebê e a mãe, parece contribuir para acalmá-lo, também, quando ao colo, ele é trazido para junto do peito do adulto cuidador. Nesse colo, acontece, portanto, “o contato do bebê com a pele do adulto, o calor, as pulsações, o ritmo (coração), a temperatura e o cheiro do corpo: tudo acolhe e acalma” (PARREIRAS, P. 163, 2012).

É pelo colo que muitas experiências sensoriais podem acontecer entre a criança e os seus cuidadores mais próximos. Vejamos algumas das falas dos familiares sobre as situações em que o colo é usado como um jeito de acalantar, inclusive para acalmar as crianças:

(...) Até com a bebezinha eu ponho no colo... aperto... abraço um pouquinho mais forte... começo a fazer shshshsh (...) (Karila, DF, p. 04).

(...) Então... aí sempre eu carrego de braços, deito eles assim de barriga pra baixo no meu peito, né e eles ficam sossegadinhos, que aquele jeitinho já de aconchegante... já conhece o colo da vó... é isso. (...) (Nina, MG, p. 04).

(...) É. Pnhava no braço, mimava assim no colo, né? (...) (Josi, SP, p. 04).

Para os familiares, a forma mais utilizada para acalantar parece ser o colo, tendo em vista que ele aparece em todas as conversas que tivemos, ainda que, por vezes, de forma indireta. É pelo colo conhecido que a criança conversa corporalmente com quem a acalanta e é esse corpo, o seu calor e os seus ruídos, que traz para ela a proteção necessária, pois

no colo, a criança se sente segura e acolhida [...] No colo, ela ouve os batimentos cardíacos de quem a segura, ela sente o ritmo dessa pessoa. Além disso, ouve a voz, os ruídos e o movimento do corpo. O colo é um verdadeiro abraço para a criança, principalmente quando o adulto se entrega e transmite segurança e afetividade (PARREIRAS, p. 178-179, 2012).

É interessante pensar que o colo também pode comunicar muitas coisas. Quando os familiares dizem que os filhos se acalmam quando eles os pegam ao colo é porque esse aconchego lhes transmite essa mensagem. O corpo diz muitas coisas e essa proximidade entre ambos, já maturada e conhecida pelo tempo de convivência entre eles, permite a esses bebês identificarem a mensagem que está por trás de cada colo.

Contrariamente a essas perspectivas de troca e de comunicação que permeiam o colo, temos também o discurso de certa linha ou visão médica que, durante muito tempo, não admitia que os pais pegassem suas crianças ao colo. Tendo analisado todas as edições brasileiras publicadas de De Lamare, Dos Santos (2009) comenta que na publicação do ano de 1963, o médico sugere que os pais não peguem os filhos nos braços, para evitar que se tornem descontrolados emocionalmente. Mas essas informações foram retiradas das edições mais recentes.

Na escuta dos pais, pudemos aprender que cada colo se expressa de muitas formas: pelo cheiro que emana; pelo ritmo da respiração; do som da voz, do toque de seus cuidadores mais próximos, dentre outras. Por isso, a criança passa, com o tempo, a conhecer o colo das pessoas mais próximas e, às vezes, ela até chora quando percebe que está em um colo estranho ao seu. Bowlby (1989) nos mostrou que em poucos dias a criança já consegue distinguir a mãe das outras pessoas, especialmente pelo cheiro, pela voz e pela forma como a genitora a carrega no colo.

Muitos dos familiares demonstram sentir essas formas de comunicação quando estão com as crianças ao colo e destacam entre elas as trocas olfativas. Vejamos o depoimento de Gaia:

(...) aquela coisa de sentir assim o cheiro da criança e deixar a criança sentir o cheiro da gente, exatamente como uma leoa (...) (Gaia, SP, p. 03).

Gaia nos mostra que acalanta utilizando a troca de cheiros entre ela e o filho. Segundo Montagner (1993), essa troca olfativa já pode existir em bebês com menos de dez dias, e essas experiências o ajudam a identificar o cheiro do tampão de seio, com o leite da mãe. Essa vivência de cheirar e ser cheirada pela mãe ajudam a criança a modificar a sua agitação, acalmando-se. Gaia parece saber, ainda que inconscientemente, que cheirar o filho e fazê-lo cheirá-la propicia uma troca de informações em que cada um acaba comunicando ao outro os seus sentimentos.

Outro momento de interação narrado se deu pela experiência de “olho no olho”. Vejamos outras falas sobre essa forma de acalanto:

(...) Olha pra mamãe, né... então olha...é isso, isso e isso, né? Então, acho que tem mais o contato físico, mesmo, né? Mas acho que dá pra... acho que, às vezes, até um olhar, dá pra dizer muita coisa... acalmar. Às vezes um olha, não... cê tá querendo dizer alguma coisa... cê já tá brava só com o olhar, né. Ou mesmo quando a gente olha também, sempre quando quer acalmar alguma coisa, quando cê olha com aquele, né?; já, assim mais calmo: - Não! Não aconteceu nada! Tá tudo bem! Vem cá! A mamãe vai dar um beijo! E pronto. Já passou... tátátá, né? Então, também acho que tem isso... têm as palavras, né?; tem a serenidade, acho que no falar e tudo mais; tem o contato físico; tem, enfim, acho que tem uma variedade grande (RISOS) (...) (Karila, DF, p.04)

(...) Um olhar... isso é... é uma coisa que a gente aprende também com o bebê, né... até um olhar que a gente olha no olho dele assim, a gente sabe que... que... tem aquela... tem um significado especial (...) (Augusto, MG, p. 03).

(...) A gente sempre aprende, né? Sempre vem um carinho diferente, enfim, sempre vem um olhar diferente que a gente observa as crianças e sempre tá aprendendo (...) (Flaviane, SP, p. 08).

A respeito desse momento em que os olhos de cada um sustenta o olhar do outro, relembremos quando Montagner (1993) nos traz os estudos realizados por Grenier acerca do uso do sentido da visão no processo interativo bebê-adulto. Esses pesquisadores observaram que, desde muito cedo, o bebê manifesta um interesse e uma competência para o contato olhos-nos-olhos. Nesse sentido, Bowlby (1989) também diz que através do olhar, mãe e filho constroem momentos de grande interação, já nas duas ou três semanas de convivência. Vemos que essa forma de acalantar certamente poderá promover momentos de interação entre a criança e o adulto e que as famílias visitadas parecem ter notado esse movimento.

Balançar longas horas ou não, eis a questão.

Embora tenhamos notado que muitas das famílias com as quais conversamos balancem os seus filhos, chacoalhando-os ao colo, alguns deles não passaram tanto tempo sendo balançados, como foram os filhos mais velhos. Às vezes, o acalanto acontece nos berços, nos carrinhos, na rede, na cama, enfim. E para exemplificarmos essas experiências, gostaríamos de trazer as palavras de algumas das mães. Vejamos primeiro as observações de Karila e depois as de Marina acerca do assunto:

(...) Eu acho que primeiro é pela insegurança, eu acho que o acalanto, às vezes, tem uma parte errada, que a gente exagera, sem necessidade, né? E assim, pra não ver chorar. Então, acho que tem esse lado. Mais depois, a gente vai vendo que não precisa; então assim, o acalanto não precisa ser necessariamente balançar o menino até dormir, né? Então, isso não quer dizer que uma mãe ame mais por que balança mais o filho até dormir, de outra que põe no berço, e a criança já está condicionada desde o primeiro momento a dormir e... e, do mesmo jeito, vai colocar musiquinha, vai cantar, vai abraçar, vai falar que tá na hora de dormir: - Mamãe tá aqui até você dormir! E tudo mais. Eu acho que... né?; a mesma demonstração (...) (Karila, DF, p.02).

(...) Quando tá chorando, quando eu vejo, tipo, boto no carrinho, num gostou? [...] Aí, esperou um pouquinho, aí eu pego, aí eu vejo se tá mais calma, boto de volta, né? Com ela, tô tentando fazer as coisas bem práticas assim. Acostumar mesmo ela ficar bastante no carrinho, fazer alguma..., com ele, eu não conseguia, sei lá, eu acho que era uma... uma ligação, assim, tão forte, que eu não conseguia fazer nada. Ele tando acordado, eu queria tá dando atenção pra ele. Não conseguia me desligar e ligar o computador, fazer qualquer coisa, não. Com ela, eu já fiz com ela do meu lado. Eu tinha que mandar um relatório, fiquei lá fazendo, aí ela reclamava um pouquinho, eu sacu.... eu sacudindo um brinquedo, digitando no computador, parecia uma doida . Com ela, já consigo fazer, assim, eu boto ela no tapetinho, fico vendo uma televisão, vou ler um livro. Com ele, eu não lembro d'eu fazer isso (...) (Marina, DF, p. 06).

Embora muitos dos pais tenham balançado os primeiros filhos ao colo, para que eles dormissem, nem sempre o fizeram com os outros que nasceram depois. Essa questão do balançar parece ser de fato uma variável, inclusive no próprio discurso médico, como pudemos perceber nas observações de De Lamare. Na edição de 2001, o médico tece comentários a respeito de ninar o bebê balançando-o, dizendo que isso

para alguns pediatras é um engodo, podendo ocorrer uma estimulação do labirinto. É uma das primeiras excitações percebidas pelo bebê e fornece-lhe uma satisfação em todo o corpo. Alguns especialistas admitem que a pele das costas do bebê é uma região difusa de prazer. O embalo proporciona, segundo

os seguidores de Freud, uma satisfação sexual que envolve todo o corpo, situação relacionada com o narcisismo e com o egoísmo do bebê. Tem sido observada uma volta à prática de se usar a cadeira de balanço para embalar o bebê, sobretudo quando ele chora sem haver causa aparente. Entretanto, é bom não esquecer que as satisfações sensoriais motoras são alucinatórias, com privação da razão e do entendimento, e o embalo exagerado e demorado do bebê é capaz de, com o tempo, torná-lo inquieto e desorientado (p. 178).

Nos trabalhos realizados por Dos Santos (2009) referentes a todas as edições publicadas do livro acima, destaca-se que algumas mudanças foram incluídas nas edições posteriores. Na edição de 2002, especificamente, as velhas críticas em relação aos ensinamentos transmitidos pelas avós, por exemplo, receberam revisões, e foram recomendadas no cuidado com as crianças. Nelas, aparece a sugestão de “fazer o bebê dormir, ninando-o ao colo e embalando-o ao som de velhas canções” (p. 105).

No colo: semelhanças e diferenças para acalantar.

Aos compararmos as formas de acalantar ao colo, que foram fotografadas junto às famílias, notamos que existem algumas posições clássicas que são comumente utilizadas em contextos semelhantes, tanto em Minas Gerais, quanto em São Paulo e Brasília. Aqui nos referimos à posição 1, em que a criança fica deitada na horizontal, junto ao coração ou ao ombro do adulto. Algo interessante nessa posição é que ela costuma ser acompanhada do embalo da criança, de forma a chacoalhá-la para frente e para trás ou para cima e para baixo.

IMAGENS DE BRASÍLIA - POSIÇÃO 1

Com bonecas



Guilherme

Karila



Luísa

Com bebê de 5 meses



Lucimar

Com criança de 1 ano



Silvana

IMAGENS DE MINAS GERAIS - POSIÇÃO 1

Com bonecas



D. Helem



Luscilena

Com criança de 1 ano



Didi

Com criança de 2 anos



Fábia

IMAGENS DE SÃO PAULO - POSIÇÃO 1

Com bebê de 9 meses



Flaviane

Com bebê de 10 meses



João

Com crianças de 1 ano



Lazar



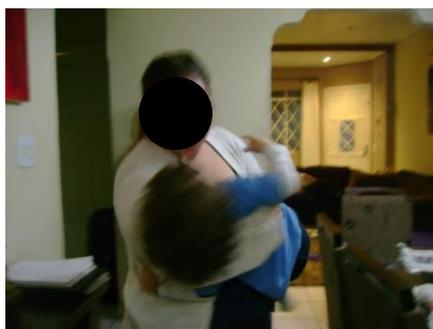
Maria



Léo



Pâmela



Gaia

No caso dos bebês mais crescidinhos, entre dez meses e três anos, os adultos observaram que a posição horizontal acima já não é mais tão benquista por eles. Mas até os dez meses de idade, aproximadamente, essa posição costuma ser uma das mais utilizadas, inclusive para amamentar e para acalmar os pequenos antes de dormir.

Outra posição de colo para acalantar a criança, que é ainda mais comum em nossas imagens, também usada para o vai e vem, é a de pegá-la na vertical, com a cabeça deitada sobre os ombros do adulto ou sobre o peito, com o objetivo de acalmá-la, fazê-la dormir, distraí-la, dentre outros. Vejamos a posição 2.

IMAGENS DE BRASÍLIA - POSIÇÃO 2

Com criança de 3 anos



Paula

Podemos notar que, no caso acima, a mãe aproxima o seu próprio rosto, colando-o ao da criança. Essa posição é também a que parece abarcar as crianças maiorzinhas, como é o caso de Lana, de três anos. Na posição abaixo, o pai costuma passear com a sua filha.



Guilherme

Segue outra variação de acalanto com o bebê de 10 meses ao colo, em posição vertical, utilizada pela mãe.



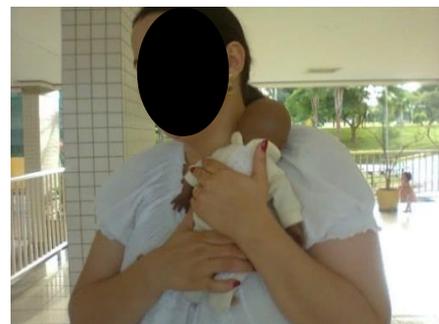
Paula

A posição abaixo é utilizada para ajudar a criança a arrotar e também para fazê-la dormir.

Com bonecas



Luisa



Lucimar

Com bebê de 3 meses



Marina

Com criança de um ano



Karila

IMAGENS DE MINAS GERAIS - POSIÇÃO 2

Com bonecas



D. Helem



Luscilena



Tami



Mara

Com criança de 2 anos



Fábia

IMAGENS DE SÃO PAULO - POSIÇÃO 2

Com bebê de 9 meses



D. Sálvia

Com bebê de 10 meses



Ceci

Com crianças de um ano



Lazar



Naná



D. Deolinda



Gaia



João

Outra semelhança nas formas de acalantar ao colo é o modo como se deita o bebê, quando ele está sofrendo com cólicas. Vejamos abaixo alguns de seus exemplos na posição 3.

IMAGEM DE BRASÍLIA- POSIÇÃO 3

Com boneca



Guilherme

IMAGENS DE MINAS GERAIS - POSIÇÃO 3

Com boneca



D. Helem



André

IMAGENS DE SÃO PAULO - POSIÇÃO 3

Com boneca



Com criança de um ano



Passear ao colo com os filhos virados para a frente, de forma que possam ver o mundo, também é uma outra forma de acalantá-los, acalmando-os e distraíndo-os ao mesmo tempo. Vejamos a posição de número 4.

IMAGEM DE MINAS GERAIS - POSIÇÃO 4

Com boneca



André

IMAGENS DE SÃO PAULO – POSIÇÃO 4

Com bebê de 10 meses



Ceci

Com criança de um ano



Léo

Sentar com a criança ao colo também é outro jeito de acalantar. Notamos, em meio às nossas imagens, que essa forma foi a que mais trouxe variações. Tivemos assim os adultos que precisavam trabalhar no computador e colocavam os filhos em frente à tela, até que eles adormecessem; as mães que amamentaram dessa forma e também as que fizeram os filhos dormirem e se acalamarem. Vejamos a posição 5.

IMAGENS DE BRASÍLIA – POSIÇÃO 5

Com boneca



Guilherme



Paula



Paula



Paula



Paula



Paula



Paula

Com bebê de 3 meses



Marina

Com bebê de 10 meses



Paula



Paula

Com criança de 3 anos



Paula

IMAGENS DE MINAS GERAIS – POSIÇÃO 5

Com boneca



Dona Helem

Com bebê de 5 meses



Marilda



Nair

IMAGENS DE SÃO PAULO – POSIÇÃO 5

Com bebê de 9 meses



Seu Ludi

Flaviane

Com crianças de 1 ano



Lazar



Naná

Pâmela

Por fim, temos as imagens que mostram os momentos de acalanto que acontecem fora do colo. Existem até situações em que as crianças são acalantadas sobre o trocador de fraldas. Mas a troca de olhar e de toque permanece nesses acalantos, ainda que o suporte da criança não seja o colo. Vejamos a posição 6.

IMAGENS DE BRASÍLIA – POSIÇÃO 6

Com boneca



Paula

Com criança de 1 ano



Silvana

IMAGEM DE SÃO PAULO – POSIÇÃO 6

Com criança de 1 ano



Biba

Verificamos ainda na posição 6 que o momento do acalanto pôde envolver também a presença de alguns objetos de afeto junto à criança. Silvana, de Brasília, nos mostrou que antes de dormir, ela segura a mão do bebê e também coloca junto ao rosto dele uma fralda dobrada. Vejamos a maneira como ela nos descreve esses momentos:

(...) Olha... é aquela coisa [...] põe o biquinho [...], a fraldinha, né... que eu gosto de tá passando no rostinho dele... assim (...) (p. 02).

Certos objetos passam a fazer parte dos momentos da vida da criança, inclusive nos momentos de acalanto, em situações que antecedem o soninho ou quando elas choram e estão com algum incômodo. Parreira (2012) nos mostra que esses objetos, também chamados de transicionais, são importantes suportes emocionais para a criança, pois

Ela cria vínculos com espaços (berço, sofá, rede) e com objetos (chupeta, manto, ursinho de pelúcia) e, com isso, ganha autonomia e independência. Isso faz com que ela fique mais segura e viva mais intensamente as relações afetivas [...] Um cobertorzinho, pode ser um objeto transicional, com uma representação objetiva (um objeto concreto) e com uma representação subjetiva (permite a fantasia da criança). Ou um pano, algo a que o bebê se apegue [...] O objeto transicional vai sinalizar a transição do bebê desde um estado de fusão com a mãe até um estado em que ele está em relação com ela como um objeto externo e destacado, ou seja, quando ele processa a separação. Para que a criança evolua desse estado de dependência absoluta, essencial nos estágios mais primitivos, para uma condição de autonomia possível, é preciso que ela primeiro tenha se certificado de que pode existir algo que não faz parte dela (p. 78-79).

Logo, ao disponibilizar a fralda e a chupeta para o filho, antes que ele durma e que ela possa sair da perto dele, Silvana o ajuda a trabalhar esse afastamento com o apoio desses objetos que, por sua vez, acabam preenchendo o vazio provocado por essa ausência, fazendo a transição entre o momento em que a criança está segura junto à mãe ou ao adulto cuidador de referência até o momento em que eles acabam se separando por algum motivo.

O acalanto: entre o carinho e o toque.

Falar de acalanto é, para muitos dos familiares, falar também de carinho. Dentre os seus muitos modos, destacaram que a carícia e o toque podem comunicar tanto ou mais do que as palavras, para dizer às suas crianças que eles as amam. Como uma expressão do que sentem, eles não só esperam que os filhos se percebam mais amados, como também expressem os seus sentimentos às pessoas. Aliás, muitos dos adultos disseram que suas crianças eram carinhosas porque os pais eram assim. O carinho é também visto como algo que ajuda a acalmar as crianças.

Dentre as tantas possibilidades que cabem num ato de carinho, vejamos algumas das falas dos familiares:

(...) bem, eu acho que tem isso... a demonstração do carinho... a gente quer demonstrar todo o amor que a gente tem e... é... às... às vezes é difícil só com palavras [...] Às vezes, a gente fica tão preocupada em ensinar tanta coisa pra criança, né... e, na verdade, eles não precisam de tanto assim... né... eles precisam do nosso carinho... do nosso amor... do nosso tempo (...) (Karila, DF, p. 03 e 11).

(...) Quarquê jeito eu acalanto, abraçano, beijano, quarqué. (...) (João, MG, p. 02).

(...) Alguns mimos, alguns cantos, né fio? Com muito beijinho, muito abraço, né? Cheirinho, uma troca de carinho, porque ele também parece que já reconhece isso e, sei lá, acaba acariciando a gente também (...) (Juca, SP, p. 06).

(...) Então, assim, como ele falou é... não é só a mãe que acalanta, que dá carinho, não! [...] Ele também abraça, dá banho, dá mamá, deita junto [...] Porque eu acho que, quanto mais amor... melhor... porque amor demais não tem... num... num, não existe amor demais, existe amor de menos. (...) (Gaia, SP, p. 07).

Para que esses momentos de carinho aconteçam, é necessário que haja um desejo de aproximação entre a criança e o adulto, de uma escuta e de uma leitura rítmica de cada um para com o modo de agir do outro. Os adultos manifestam o seu jeito de acariciar e de serem acariciados e as crianças também. Essa afinação afetiva é que promove a troca de um carinho valoroso para ambos. É por isso, inclusive, que alguns dos familiares parecem ter identificado que um filho gosta mais de receber suas carícias na cabeça, que o outro gosta mais de segurar a orelha das pessoas antes de dormir e que o outro gosta de cheirar o pescoço dos pais. Entre elas estão também o tapinha nas

costas ou no bumbum para acalmar e fazer dormir. Um beijo, um abraço, uma conversa, um toque no rosto, um balanço ao colo também acalantam. E, segundo uma das mães, não existe carinho de mais, mas sim de menos.

No caso da carícia que envolve o toque da pele, seja no rosto, na orelha, nas mãos, entre outras, sabemos que é, provavelmente, o primeiro contato que recebemos de outra pessoa em nossas vidas. Nesse caminho, ao estudar pesquisas da área de filosofia e de psicanálise, Parreiras (2012) nos mostra que a pele

é o primeiro instrumento e lugar de troca com o outro, por nos proporcionar proteção, identidade, moradia, esconderijo. Pela pele, conhecemos a nós mesmos (as sensações) e aos outros. Por meio da pele nos comunicamos. A pele, por meio da experiência tátil, como superfície do corpo, vai fornecer uma percepção externa e também interna ao pequeno ser (p. 63).

Através do modo como tocamos e somos tocados em nossas carícias podemos comunicar muitas coisas. Como temos visto em momentos deste trabalho, a fala corporal que as crianças desenvolvem junto aos seus cuidadores estabelece mensagens que, quando entendidas mutuamente, podem dizer tanto ou mais ao outro do que os gestos e as palavras. Essas carícias podem ser, assim, uma forma de diálogo que vai sendo construída entre o bebê e o adulto cuidador. Por isso, cada um estabelece um código próprio de carícia através de suas mensagens, sincronizando seus ritmos por meio do toque. Sabemos que esse encontro pode ser ainda mais favorável quando ambos estão sintonizados e atentos em ouvir ao que o outro quer dizer.

Com o propósito de não cometermos anacronismos, sabemos que, historicamente, certos manuais de cuidado e puerícia dos séculos anteriores também tinham suas críticas aos mimos que eram oferecidos às crianças. Na obra de Alexandre de Gusmão³², intitulada *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, Venâncio (2004) nos apresenta escritos do fim do século XVII que se remetem a essa temática. No capítulo XII da obra, chamado de *Quanto dano causa criar os meninos com mimo*,

³² Segundo Venâncio (2004), Alexandre de Gusmão nasceu em Lisboa em 1629 e veio para o Brasil com a família aos quinze anos. Em 1646, Gusmão entrou para a Companhia de Jesus do Rio de Janeiro. Mais tarde foi reitor do Colégio Jesuítico do Espírito Santo e da Bahia e escreveu mais de treze obras. Num contexto histórico em que o catolicismo concorria com o protestantismo, formar pessoas dentro dos princípios da educação moral e religiosa da igreja católica era uma pregação mais do que presente na época, nos manuais religiosos de então.

Gusmão faz referências ao livro bíblico do Eclesiastes, citando o trecho que diz: “cria teu filho ao peito, e far-te-á acautelado, brinca com ele e far-te-á triste” (p. 214). Outro trecho citado pelo jesuíta se refere ao livro bíblico de Salomão, em que diz “doma-os e não os cries com mimo” (p. 214).

Em síntese, dentro das variáveis que envolvem o modo como acalantar uma criança, vimos que algumas delas são semelhantes e outras mais diversas. Mesmo em regiões diferentes, temos costumes parecidos na maneira de acalantar ao colo ou mesmo de acariciar. Mas também temos variações trazidas de outras culturas, como por exemplo, a da família equatoriana, que nos mostrou inúmeras formas de acalantar os seus bebês sentando-os ao colo. De maneira geral, sentimos que cada criança também vai desenvolvendo, junto aos seus cuidadores, uma escolha afinada do modo como preferem ser acalantadas, comunicando-a de várias maneiras, inclusive através de seus objetos de afeto. Essa comunicação, quando é construída entre a criança e o cuidador, faz do acalanto um mensageiro que pode expressar muitas coisas, inclusive os sentimentos de afeto, de segurança, de acalmação e de carinho.

5.2.4. QUARTA: QUANDO? EM QUAIS CIRCUNSTÂNCIAS VOCÊ ACALANTA?

Falar em “quando” e “quais” são as circunstâncias que pedem um momento de acalanto para os familiares é discutir sobre as rotinas das crianças. Para nós, o tema é fundamental porque nos faz pensar que, para as crianças, existem momentos em seus cotidianos que merecem ser vistos como um conjunto de situações que indicam demandas específicas de seus próprios ritmos. Estar atentos e agir em sua escuta é imprescindível. Para Barbosa (2000), “a questão do cotidiano e das rotinas que o regram e normatizam, isto é, a vida cotidiana em sua integralidade [...] pode ser vista como elemento central nas *pedagogias* da educação infantil e, por isso [...] esse tema deve ser pesquisado e refletido” (p. 45). Percebemos assim que a rotina é relevante para os estudos que envolvem a educação da criança, além de ser importante para mostrar os períodos do dia a dia em que as crianças pedem um acalanto.

Desde que nascemos, desenvolvemos formas pessoais de lidar com o tempo. Para perceber a maneira como cada ser constrói essa relação em suas próprias vidas é necessário “compreender a criança como um ser social, cultural e histórico que possui raízes espaço-temporais desde que nasce porque está situada no mundo e com o mundo” (BATISTA, p. 170, 1998). Viver é estar num determinado lugar e tempo. Uma das coisas que nos identifica nesse existir são nossas escolhas e, certamente, uma delas ocorre nos momentos em que a criança vivencia sua rotina.

A rotina pode ser pensada em muitos contextos. Ao buscar diferentes compreensões para a palavra, em sua tese, vemos como Barbosa (2000) nos apresenta parte dessa diversidade:

(...) As rotinas fazem parte do cotidiano vivido de cada sujeito, mas [...] se diferem dele por não incluírem espaço do novo, do imprevisto. Vimos também que nela está implícita uma noção de espaço e de tempo: de espaço, na medida em que trata de uma rota de deslocamentos espaciais previamente conhecida - como são os caminhos, as rotas; e de tempo, por tratar-se de uma sequência que ocorre com determinada frequência temporal.

Outra característica importante é que o uso de uma rotina é adquirido pela prática, pelos costumes, não sendo necessário nenhum tipo de justificativa, razão ou argumentação teórica para a sua efetivação. Ela está profundamente ligada aos rituais, aos hábitos e às tradições [...] Ainda pode ser apontado como característica das rotinas o fato de elas conterem a idéia de repetição, de algo que faz resistência ao novo, e que recua frente à idéia de transformar. E também que as rotinas são feitas a partir de uma sequência de atos ou conjunto de procedimentos associados que não devem sair da sua ordem; portanto, as rotinas têm um caráter normatizador (p. 52-53).

As crianças costumam demandar acalantos em situações mais pessoais, pois umas os querem quando choram, outras antes de dormirem, outras quando se machucam, de forma que esses momentos podem variar de criança para criança. Nesse caminho, Batista (1998) nos diz que “as crianças são múltiplas, vivem experiências temporais diversas porque seus tempos próprios não são instituídos, mas vividos e, dependendo do contexto em que se encontram, conseguem vivê-los de forma mais ou menos intensa” (p. 125-126). Se o adulto estiver atento às vozes que as crianças trazem a todo o momento, eles podem aprender a compartilhar dos tempos que elas estabelecem como suas rotinas.

Cada criança, junto ao adulto, institui para cada tempo um modo de fazer, um espaço conhecido e acordado por ambos para percorrer, para realizar os movimentos de um dado jeito de acalantar. Assim, vemos que para uma criança dormir, por exemplo,

sua mãe deve deitá-la numa cama e cantar a música do boi. Para outra, o pai deve abraçá-la junto ao seu corpo enquanto faz o som do sh sh sh sh. Existem também as que dormem no berço segurando uma fralda no nariz, com uma das mãos, enquanto a outra, segura o dedo da mãe. Mas cada uma, no seu momento, tem seus tempos específicos dentro de suas rotinas. Por isso, podemos nos lembrar da criança que sempre dorme às 12h todos os dias, enquanto está no carro de seu pai levando o irmão mais velho para a escola. Sabendo disso, o pai reserva esse horário para ficar dando voltas com o carro pela cidade, pois sabe que nesse momento o filho vai adormecer.

Existem pais que acalantam em certas ocasiões porque assim aprenderam com os seus antepassados, outros porque sentem que precisam fazê-lo, outros porque as crianças o pedem e outros que o fazem, mesmo sem saber o porquê, mostrando-nos que a definição dos momentos de rotina das crianças nem sempre tem uma explicação ou uma justificativa.

Outra característica respeitável da rotina é a preservação de sua repetição. Talvez por isso, muitas mães tenham nos contado que, mesmo já tendo crescido, os filhos de oito anos continuavam a pedir que elas cantassem a mesma música de quando eram bebês. Por fim, outro dado é o modo como se lida e preserva cada situação de rotina, inclusive no contexto e na forma com a qual são executadas. Daí, podemos entender, por exemplo, o porquê de certas crianças não aceitarem que seus pais cantem a música *mãezinha do céu* fora do momento que antecede o sono.

Valorizar e dedicar nossa vigilância em atender às rotinas das crianças é compreender a singularidade que cada um desses momentos possui para suas vidas. Isso se torna especialmente valoroso quando compreendemos que

Vivemos em um mundo onde convivem diferentes *alteridades*, com enquadres culturais diferentes. As ações humanas, mesmo aquelas mais simples e cotidianas - como tomar banho, se alimentar, brincar -, não acontecem do mesmo jeito em cada cultura, nem com cada sujeito dentro de uma mesma cultura (BARBOSA, p. 202, 2000).

Em meio a uma diversidade grande de rotinas, vemos que as crianças demonstram aos adultos os momentos em que o acalantar se faz necessário. Nesse sentido, Barbosa (2000) adverte que “por mais que os adultos pretendam fazer atividades unitárias, os pequenininhos tomam suas próprias decisões quanto aos seus tempos” (p. 193).

As crianças sinalizam os momentos que para elas são essenciais dentro de suas rotinas e o fazem de diversas formas:

em suas ações e reações diante do que lhes é proposto, podem nos indicar caminhos. Elas manifestam todos os dias como gostariam de viver, revelam através das suas múltiplas linguagens seus desejos, seus sonhos, suas preferências, suas angústias, seus medos, seus apegos, suas alegrias [...] Precisamos treinar nosso olhar, nossa escuta acerca dos mundos das crianças, suas teorias, suas singularidades e diversidades (BATISTA, p. 12, 2003).

Dentre tantas características que definem e preservam a rotina das crianças, percebemos que, de uma maneira ou de outra, os familiares nos pareceram dispostos a atender às demandas trazidas por elas. Mesmo em meio a um cotidiano tão atarefado pudemos perceber esse desejo de acalantar nas famílias que trabalham em tempo integral; nas que cuidam ao mesmo tempo dos netos e dos serviços da casa e até nas que possuem jornadas duplas. Nesses contextos, concordamos com Barbosa (2002) ao dizer que “mesmo na rotina invisível, sob um sistema silencioso e repetitivo de tarefas feitas como que por hábito - uma série de operações executadas maquinalmente por gestos, ritos, códigos, ritmos, costumes - é possível encontrar opções, variedade e criatividade, isto é, o cotidiano” (p. 46).

Uma das mães nos contou que, embora tenha sido criada sem uma rotina de acalantos e viva um momento de muito trabalho, com carga de oito horas e meia por dia, ela descobriu que poderia viver esses momentos com as filhas. Vejamos as palavras de Luísa:

(...) Tenho trinta e três anos, sou de uma outra geração e eu não tive isso. A... a minha mãe tinha uma rotina muito parecida com a minha [...] E não teve sentar e brincar junto e não tinha muito esse contato. Num vou dizer que nunca teve... teve... teve um fazer dormir, teve um cheiro, mas não era rotina e nem duas ou três vezes por semana. Era bem diferente. Então talvez não seja um problema do mundo moderno. Talvez seja você! Você querer! Você sentir vontade! Você achar que o outro quer! Não sei [...] Amo a minha mãe. Mas não queria que fosse assim com as minhas filhas, cê entendeu? Acho que é mais é isso [...] queria que minhas filhas tivessem bastante cheiro, bastante abraço, bastante acalanto (DF, p. 09, 27/02/2013).

Em meio aos motivos citados por Luísa, ela usa a expressão “Você achar que o outro quer”. O fato é que as crianças sempre mostram aos adultos os momentos da rotina em que elas querem ser cuidadas, e os adultos, por sua vez, só conseguem

perceber esses momentos, quando desenvolvem uma escuta para as escolhas infantis. Nesse ponto de vista, Barbosa (2000) diz que

as crianças são diferentes, e nascem e crescem em profundo diálogo com uma cultura específica. Quando falamos da cultura das crianças bem pequenas, queremos falar dos gostos, das ações, dos toques, dos sons e das palavras, das canções, das luzes e das cores, dos cheiros, das mobílias, dos brinquedos que as circundam, bem como das formas como elas são significadas socialmente, passando a constituir o próprio modo de ser de cada uma dessas crianças (p. 200).

Portanto, percebemos que os momentos da rotina das crianças só podem ser percebidos pelos adultos se eles estiverem atentos a essas preferências.

A forma como as crianças indicam suas escolhas são distintas, pois algumas o fazem chorando, outras ficando irritadas, de forma que essa comunicação precisa ser decifrada pelo adulto. Nas palavras de Batista (2003), estes devem ter

como princípio o reconhecimento da alteridade, o que é próprio e radical do ser das crianças; oferecer condições concretas de participação nas decisões que envolvem suas vidas; legitimar suas decisões, suas produções, suas manifestações culturais; a atitude de ouvi-las, de enxergá-las nas suas diferentes formas de atuar no mundo; a ampliação das culturas infantis; a complementaridade com as famílias (p. 14).

Assim, por caminhos diversos, os familiares, dentro de suas histórias e trajetórias, descobriram com as crianças certas rotinas de acalantar. Em meio a esses momentos estiveram as situações de choro e as que antecediam ao sono. Além dessas, apareceram também a hora de acordar pela manhã ou no meio da noite; antes e durante as refeições; nas despedidas ou chegadas da escola; nas voltas do parque; quando os filhos estavam muito reclamões, nervosos, irritados, doentes, chateados, machucados ou cansados; na hora do banho; de amamentar; se pediam verbalmente um acalanto ou mesmo se os pais sentiam vontade de fazê-lo.

Tendo em vista que o choro e o sono foram temas que se destacaram nas demandas trazidas pelas crianças, vamos buscar agora as especificidades de cada um deles.

O acalanto e o choro.

Como pudemos identificar, o choro persistente é para as famílias um momento que costuma pedir um acalanto. Talvez, isso se deva ao fato de que, por trás dele pode existir algum motivo que o impulse, seja ele qual for (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006). Vejamos as falas que mostram algumas dessas situações:

(...) O que me faz acalantar? O que me faz? [...] o choro dela. Tudo (Lucimar, DF, p. 07)

(...) Acalanta... e... qualquer minino que eu vejo chorando... alguma coisa, eu vou lá... procuro passar força pra eles, pra parar de chorar. Não precisa ser só esse aqui, não... qualquer um desta idade assim, eu gosto de oiá, conversá, carregá. Eu gosto, sá? (...) (João, MG, p. 02).

(...) É... tem muitos pai e mãe aí, que às vez, a criança tá chorando e até embrabece, não?; e bate até na criança, não? Criança tem que dá carinho pra ele, não é? Se tem uma coisa que eu detesto é se tem uma pessoa batendo numa criança perto de mim [...] A gente tem que ser paciente com a criança, né? Agradar eles pá pará de chorar (...) (Tonho, SP, p. 05-06).

Dentre os depoimentos apresentados acima, percebemos uma preocupação de ajudar as crianças nesses momentos. Ainda que de origens regionais, culturais e sociais distintas, os familiares explicitaram que sentem que devem atendê-las nessas horas. Isso nos indicou que embora, na maioria dos casos, os acalantos utilizados por eles não sejam apenas de canções de ninar especificamente, alguma forma de acalanto se manteve presente no momento do choro.

Para Montagner (1993), o choro é uma forma de diálogo corporal importante que o bebê utiliza para dizer o que está sentindo e que existe algo que o incomoda. Isso nos faz pensar que Seu Tonho, Seu João e Lucimar parecem solidários ao expressarem que, nesse momento, as crianças precisam de um apoio para se acalmarem.

Ao falar sobre a função do choro do bebê, Small (1998) aponta que embora, no momento do nascimento, o choro do bebê seja mais um choro automático, de alguém que está se adaptando a uma mudança entre o útero e o novo ambiente que o acolheu, em pouco tempo, esse choro se transforma em um eficiente sistema de *feedback* entre a criança e o adulto. Nesse mesmo sentido, Parreira (2012) observa que “para um bebê, suportar a espera não é o mesmo do que é para um adulto [...]. Uma perda, a ansiedade ou a falta de alguém podem desencadear o sentimento de desamparo” (p. 95). Para

Small (1998), quando os pais ignoram o choro dos seus bebês, não estão vendo o contexto do choro sob o ponto de vista da criança e, como resultado disso, podem criar uma lacuna no sinal de comunicação e no *feedback* entre eles.

Acalantar o choro é uma prática que os familiares desenvolveram a partir da leitura que fizeram de suas crianças, e vemos que isso é algo positivo, inclusive, para que essa comunicação entre eles se estabeleça.

Druckerman (2013), no livro *Crianças francesas não fazem manha*, nota que, ao conversar com os pais franceses sobre deixarem os filhos “chorando por longos períodos” (p. 58), sentiu que estes ficavam incomodados diante do questionamento. Os pais alegaram que não permitiam que seus filhos chorassem por muito tempo, mas que a primeira coisa que faziam quando os filhos choravam era ouvi-los e observá-los para identificar o que aquele tipo de choro estaria dizendo: se seria por fome, fralda suja, ansiedade ou outra coisa. Esses pais disseram que essa *pausa* servia para ensinar o bebê a ter paciência e a voltar a dormir, no caso do choro representar apenas um “intervalo entre os ciclos do sono” (p. 64).

Muitas culturas ocidentais como as de origem norte-americana e europeia têm o hábito de ignorar o choro das crianças. Small (1998) adverte que, nelas, é comum que os pais escolham responder menos rapidamente à irritação do bebê e a pegá-los o mínimo possível nos momentos de choro. Ela comenta que, embora esse estilo permita aos pais alguma liberdade, ele também vem com o ônus de fazer com que os seus bebês chorem por muito mais tempo do que os outros. Em suas pesquisas descobriu que esse choro prolongado acaba acontecendo porque o bebê não está biologicamente adaptado a esse tipo de imposição cultural. Com isso, atender prontamente ao choro da criança, seja pegando-a ao colo ou mesmo alimentando-a quando ela está com fome, é também uma forma de compreender que “o bebê é biologicamente adaptado para querer prontamente receber cuidados e contatos físicos” (p. 119).

Em perspectiva semelhante, Parreira (2012) profere que

os primeiros dias e meses na vida de um bebê trazem referências importantes que são tomadas como exemplos, como modelos. A estabilidade da mãe, os cuidados, a escuta sensível em atender às necessidades de sono, alimentação. A voz da mãe, ou de quem cuida do Bebê, a forma como a mãe o toca, o veste, o banha, o acalma, o acalenta, o faz dormir... Todas as formas de uma

comunicação possível, de toques, de calor humano, de presença da mãe, ainda sem a fala, contribuem para o desenvolvimento psíquico da criança. Mesmo que a mãe se sinta insegura, o que ela faz, como acordar quando o bebê chora e acudi-lo, é um sinal de acolhimento, de uma escuta sensível (p. 46).

Logo, estar atentos e abertos a ouvir o que as crianças têm a dizer, desde bebês com o seu choro, com os seus tempos e suas demandas de rotina, é considerá-las como um ser de agência que possui suas próprias escolhas.

Mas é preciso entender que, quando optamos por simplesmente impor os nossos próprios ritmos às crianças sem encontrar um ponto de encontro no qual se possa ouvi-la e acolhê-la, certamente estamos excluindo e desrespeitando suas legítimas necessidades, inclusive as de cunho biológico. Sabemos que

algumas especificidades dos bebês fundamentaram a construção de uma imagem de ser dependente e frágil. Durante muito tempo, os bebês foram caracterizados como seres não falantes e não pensantes, sendo que suas fragilidades, incapacidades e imaturidade eram pontos fortes para descrevê-los e defini-los. Em outras palavras, fazia-se uma generalização inadequada acerca das capacidades dos bebês, pois havia a compreensão que essa incompletude se estendia a todos os outros processos, dentre esses a comunicação e a cognição (FURTADO, p. 30, 2013).

Se o choro vem de uma concepção cultural que denota fragilidade e dependência, é porque ele ainda não foi ouvido devidamente. Quando os cuidadores mais próximos estão atentos a essa voz do choro, eles sabem de sua autenticidade comunicativa. Por isso, esses adultos tornam-se capazes de ler nas entrelinhas de cada tipo de choro os que se referem a uma fralda suja, a fome, ao incômodo de estar só e a tantas outras falas.

Mas a compreensão sobre o que o choro pode comunicar ainda não foi esgotada pelas pesquisas que envolvem a criança pequenina. Nessa premissa, Furtado (2013) destaca a

necessidade de se alavancar investigações sobre os bebês, de modo a percebê-los como protagonistas sociais do mundo de que fazem parte. Consequentemente, trata-se de um desafio à área educacional suprir as lacunas teóricas, de modo a dar visibilidade às formas como os bebês interagem com

pares, com os adultos e com o mundo e as contextualize, superando concepções que fragmentam a criança em estágios a serem observados (p. 32).

Talvez, diante dos avanços de novas investigações acerca do bebê, passemos, como adultos, a ouvi-los e conhecê-los, para aprender como agir em relação ao que eles nos comunicam em suas múltiplas vozes. Quem sabe assim, com os estudos trazidos por essas novas contribuições, possamos também incentivar as novas gerações de pais e cuidadores a lidar de forma mais sensível com as reais demandas do emissor desse choro.

O acalanto que embala o sono.

Outro momento que merece destaque dentro da rotina das crianças, no qual elas parecem pedir um acalanto, é o que antecede o sono. Vejamos algumas das falas dos familiares:

(...) Aí, geralmente quando a pequeninha vai dormir, a gente deita na rede e fica de... de cheiro de novo e começa de cheirar, de beijar... de conversar. Só que a hora dela dormir, ela deita sozinha no berço... não dorme mais no colo. Dormia até um mês atrás, mas agora dorme sozinha. E aí é a vez da Malu, né? Que a gente deita pra assistir TV junto e é aquela história do cheiro e cheira o peçoço... éé... é essa rotina, assim (...) (Luísa, DF, p. 02).

(...) Eu? Adoro acalantar essas meninas... minha neta... pra elas dormir... dorme tranquila... minha fia... fica até roncando... ô delícia (...) (Pedro, MG, p. 02).

(...) É. Pnhava no braço, mimava assim no colo, né?; pra dormir, pra dar sono (...) (Josi, SP, p. 04).

O momento do sono, na rotina das crianças das famílias (embora tenhamos colocado acima apenas alguns desses exemplos) foi o que atingiu o maior número de indicações para a demanda do acalanto.

Sabemos que culturas diferentes lidam com o sono de suas crianças de formas distintas. Dessa maneira, Druckerman (2013) mostra que os pais franceses procuram levar a criança a dormir por toda a noite, o quanto antes. Dentre esses modos está também o chamado “treinamento do sono” ou “pausa”, em que os pais permitem que os seus bebês chorem sozinhos até adormecerem. A autora comenta que lá, essa cobrança acontece desde o nascimento e que é comum ver um casal francês perguntar ao outro se

os bebês já estão cumprindo as noites, ou seja, se já estão dormindo a noite toda. O que a autora mostra é que lá, o prazo máximo aceito para que as crianças cumpram suas noites é de até quatro meses de idade e que, quando isso não acontece, os pais buscam a ajuda de especialistas do sono (p. 51).

Small (1998) nos mostra que certos padrões de sono também são usados na cultura americana e que, também para eles, o fato de o bebê dormir toda a noite, por exemplo, é uma marca do desenvolvimento de sua maturidade. Ela nos conta que lá, o sono é também uma discussão de destaque entre os pediatras e consultores especialistas nos cuidados com os bebês (p. 118).

Mas Small (1998) faz um alerta sobre o fato de certas culturas terem a preocupação excessiva de promover diferentes esquemas para fazer o bebê dormir ininterruptamente durante toda a noite. Para subsidiar essa discussão ela cita diversos estudos, dentre os quais os que foram realizados por Mackenna. Ao estudar alguns dos padrões de sono de certas culturas, esse pesquisador chegou à conclusão de que nós, humanos, somos bifásicos e que fomos desenhados para dormir duas vezes em um período de 24 horas. Mackenna defende que o cochilo da tarde é uma demanda legítima de nosso organismo, e que a visão que defende que o bebê deve ficar acordado durante todo o dia para poder dormir ao longo da noite “é mais uma crença cultural do que uma necessidade biológica” (*apud* SMALL, p. 120, 1998).

Em relação ao fato de que parte das culturas ocidentais deseja que seus filhos se tornem independentes no sono noturno, de forma que os pais não precisem atendê-los ao longo da noite, Small (1998) conclui, baseada nas pesquisas às quais teve acesso, que, quando os pais fazem essa escolha, eles precisam saber que ela está pautada em questões culturais e não nas demandas que envolvem o amadurecimento do ritmo biológico de seus bebês, colocando-os assim “sob riscos desnecessários” (p. 131).

Assim, ainda que existam visões distintas sobre as situações de rotinas e as formas com que os adultos lidam com elas, pudemos perceber que, embora tenhamos conversado com famílias de regiões distintas, algumas semelhanças apareceram em relação a certas circunstâncias rotineiras que pedem um acalanto, especialmente as que envolvem o choro e o sono. Mas vimos também que a maneira como cada cultura lida com as rotinas de suas crianças varia, assim como variam os discursos médicos sobre a forma ideal de encará-las. No entanto, quando os familiares nos mostram que acalantam

os seus filhos em vários momentos dessas rotinas, pontuando cada um deles, entendemos que, para eles, acalantar é também respeitar e atender às demandas apresentadas por suas crianças nessas conjunturas específicas. Essa disposição, por parte dos adultos, indica também uma intenção de escutar essa criança, que através de sua rotina comunica uma série de necessidades importantes para ela, inclusive as de origem biológica que estão ligadas ao amadurecimento de seus ritmos.

5.2.5. QUINTA: O QUE TE FAZ ACALANTAR?

Quando em nossas conversas perguntamos aos familiares sobre o que os fazia acalantar, notamos que as respostas foram um apanhado dos tópicos que acabamos discutindo, inclusive teoricamente, no texto das outras perguntas. Nesse sentido, a questão do carinho, da troca afeto, do choro como motivadores também aparecem na pergunta sobre o modo de fazê-lo. Diante do porquê, surge novamente a temática do vínculo, do acalmar e tranquilizar a criança, da necessidade de fazê-lo e do prazer de viver essa experiência com ela. Vejamos algumas das respostas:

(...) Te falo que acho que é uma coisa que nasce assim... do carinho que sinto por eles (...) (Guilherme, DF, p. 02).

(...) Ah... sei lá... gostar... o carinho que a gente tem por eles... coisa assim (...) (Marilda, MG, p. 04).

(...)É, eu... eu acho que é uma questão de propagação de carinho, sabe? Bem, essa palavra. Você dá carinho, aquilo vai se propagando, né? Minha mãe deu pra mim, eu dou pros meus filhos, meus filhos vão dar pros filhos (...) (Gaia, SP, p. 09).

Assim, para os familiares, o acalanto nasce do carinho que eles sentem pelos filhos e que expressam para eles.

Outra temática que também é recorrente nas falas dos familiares, ainda que de forma indireta, é a questão do amor. Embora apenas uma das mães tenha dito que o que a faz acalantar é o amor que sente pelos filhos, tivemos vários momentos em que os

adultos demonstraram o quanto se sentem movidos pelo amor e que, por isso, acalantam para que também se sintam amados.

(...) O que me faz acalantar? O que me faz? O amor (...) (Lucimar, DF, p. 07).

(...) Acho que é o amor, a vontade de beijar... vontade de contato físico, né? Acho que é isso (...) (Luísa, DF, p. 06).

Portanto, as motivações que mais aparecem para promover a prática do acalanto parecem estar ligadas à questão afetiva, quando esse fazer nasce de sentimentos como os de carinho, de prazer e de amor. Acalmar as crianças, tranquilizar o seu choro, trazer sentimentos de paz também aparecem como grandes motivadores para o acalantar. O contato do corpo a corpo, as mensagens que podem estar por trás desse acalanto, a necessidade de expressar os sentimentos são alguns dos geradores que impulsionam esse ato.

5.2.6. SEXTA: SEUS FILHOS/ NETOS ACALANTAM OUTRAS CRIANÇAS? COMO?

De forma afirmativa, podemos dizer que grande parte das famílias disseram que seus filhos e netos acalantaram e acalantam os seus pares, as pessoas mais próximas e até os brinquedos, como as bonecas, por exemplo. Muitos adultos encorajam suas crianças a acalantarem os irmãos e os primos, inclusive como um pedido de ajuda, para os momentos em que eles mais precisam.

Ao acalantar os seus pares, as crianças se mostram proativas, pois se apoderam desse fazer para dentro da rotina em que vivem, além de também prestarem um auxílio precioso aos adultos junto aos seus pares. Nesse sentido, nos lembramos das palavras de Vasconcellos (2006) quando ela diz que

as crianças, ao compartilharem essa realidade com as demais, irão estabelecer uma relação horizontal de identidade entre elas e criar uma relação vertical de identificação com os adultos, constituindo concepções reais que possibilitam a

vivência da sua infância não como se quer, mas como se pode dentro da lógica de organização social do grupo (p. 111).

Identificando-se com o ato de acalantar já vivido no contexto social do grupo ao qual pertencem, as crianças compartilham tal experiência junto aos seus pares, apropriando-se delas nos seus cotidianos e fazeres. Essa vivência pode tecer elos comuns entre elas, aproximando-as de alguma forma, ao mesmo tempo em que as mantém conectadas com as práticas partilhadas junto aos adultos.

Parte dos adultos com os quais estivemos acredita que suas crianças aprendem a acalantar porque elas puderam vivenciar isso em suas famílias. Nós, particularmente, acreditamos que essa convivência acalantadora pode favorecer, na criança, o interesse em cultivar tais momentos junto aos seus pares. Vejamos alguns dos depoimentos dos familiares:

(...) Na hora do machucado ele vem socorrer, vem abraçar [...] mas sim... eu acho que sim... que acalanta [...] Às vezes é... o... até quando eles tão... sei lá... tão os quatro... né... e eu acho que na verdade a gente teve os quatro por isso, que a gente sabe o tanto que eles crescem, né... e aí eles... eles cantam ou eles... eles dão um jeito de... de se organizar assim, sabe... de... de... de se ajudar... de... de sei lá... ou então: - A mamãe tá ocupada aqui, olha aqui: -Tá... mas ela tá chorando! - Então canta uma musiquinha... faz alguma coisa... e daí começa a cantar, começa a brincar e pronto... acabou... já... nem tá chorando mais, ufa! Né... então... saber que o irmão tem essa importância... de fazer isso também... né... não é só pai e mãe, né? (...) (Karila, DF, p. 08).

(...) Aí, ele fica lá deitadinho com ela e já tem aquele costume de dar um tapinha na bundinha [...] e aí, rapidinho eu vou lá... faço mamadeira pros dois e tranquilo [...] Inclusive, o meu outro neto que tem dois anos tá com a irmãzinha de cinco meses. Cê precisa de ver que gracinha, quando ele chega da escola, a de cinco meses já conhecesse... ela fica esfregando o pezinho e grita...ela já sabe que aquele é da casa [...] Ele puxa ela pro pé... fica assim: - Maní... Maní... chora não! Maní... chora não (...) (Tami, p. 08, MG).

(...) Também. É pegando, quando ela abraça, ele também gosta, ele faz aquela carinha. Deita o rostinho no ombro, pra ela também acariciar. É essa troca [...] Inclusive, ontem mesmo, enquanto ela tava dormindo, lá, deitadinha na cama, eu levei ele até ela, lá, né? Coloquei ele no ladinho. Enquanto ela dormia, ele ficava alisando ela, resmungando, dando uns tapinhas, assim, embalando o soninho dela. Atendendo ela, enquanto ela dormia. Foi muito bonito (...) (Juca, SP, p. 08).

Acudir os irmãos e colegas em situações de choro, correr para “salvá-los”, quando eles se machucam, são algumas dentre as tantas situações que mostram o

engajamento das crianças em ajudar os seus pares e, em especial, as crianças menores. Tivemos assim, exemplos de momentos em que as crianças acalantam umas às outras, sejam elas da mesma família ou não, brincando de acalantar umas as outras e, às vezes, prestando um auxílio necessário de cuidados entre si.

Quando os adultos comentam que o modo como os filhos acalantam, nessas conjunturas, é semelhante à maneira como eles agem, pensamos que certamente costumes como esses podem servir de referência para os modos de fazer das crianças. Mas a escolha de agir dessa ou de outra forma, de se solidarizar com o outro, de acalantá-lo, inclusive em momentos de conflito, pode partir da criança e das escolhas que ela faz no leque de suas possibilidades e querereres.

5.2.7. SÉTIMA: VOCÊ ACHA QUE A CRIANÇA APRENDE ALGO AO SER ACALANTADA POR VOCÊ? E VOCÊ? ACHA QUE APRENDE ALGO AO ACALANTAR AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA?

Temos aqui duas perguntas que receberam dos familiares uma resposta afirmativa, ainda que nem sempre eles soubessem justificar o porquê dessa aprendizagem acontecer. Mas quando fazemos um apanhado de todas as nossas conversas podemos pensar, de antemão, o quanto um acalanto pode significar para a experiência humana, de cuidar e ser cuidado.

Se existe um aparato biológico que favorece esses encontros iniciais entre o adulto e o bebê, inclusive dos primeiros momentos de acalanto entre eles, então os vínculos vão sendo estabelecidos e se ampliam ainda mais, com as novas formas de interação que virão, numa afinação rítmica do que cada um revela e sente do outro. Embora esteja falando sobre os processos que envolvem o ato de educar, Froebel (1913) já dizia que ele acontece com os homens “quando começa a estabelecer-se uma mútua compreensão e intimidade de vida entre pai e filho, porque então a verdade se deriva da essência de tudo e da natureza do indivíduo e pode ser sem esforço reconhecida” (p. 12). No contexto do acalanto, vimos que, para os pais, essa prática pode propiciar experiências de aprendizagem, mas que, para que ela aconteça, é necessário que haja um conhecimento íntimo e mútuo entre a criança e seu cuidador mais próximo, de forma

que cada um possa conhecer o outro para compreender o que a sua natureza revela. Dispor-se a acalantar é também estar disposto a aprender com o outro e a descobrir as revelações que ele faz de si nesse momento de entrega.

Vejamos agora algumas das falas transcritas, em que os familiares nos dizem se as suas crianças aprendem algo ou não quando são acalantadas.

(...) Ah! Eu acho que eles aprendem as músicas, eles aprendem a se acalmar, eles aprendem que é um momento que você tá dedicando só pra ele... cê entendeu? Que cê tá dando atenção só pra criança, né... assim...eu acho que eles aprendem que é uma hora de diminuir as rotações mesmo... um contato maior, né? Mãe e criança, Babá e criança, pai e criança (...) (Paula, DF, p. 06).

(...) Então... eu acho que ele aprende... aprende a gostar de música, que a gente percebe que ele gosta de música, mesmo e... gostar da gente, né? Gostar de ficar junto... de ouvir a gente de pertinho... o coração... sentir a gente pertinho. Isso, eu tenho certeza que ele tá aprendendo (...) (Didi, MG, p. 04).

(...) Aprendia. Tem que aprender, porque parava de chorar, né? (...) (Seu Tonho, SP, p. 5).

Se fizermos um apanhado das inúmeras aprendizagens que os adultos nos indicaram nas conversas que tivemos, como sendo parte das experiências do acalantar, podemos concluir que elas:

1. Aprendem a importância do amor e do carinho, retribuindo-os sem a vergonha de fazê-lo. Compartilham esses sentimentos não apenas com os familiares e bonecas, mas também com pessoas de fora.
2. Aprendem a ser mais seguras, mais tranquilas e mais bem resolvidas afetivamente; a se sentirem amadas e mais felizes.
3. Aprendem a descansar e a dormir mais rápido.
4. Aprendem a se acalmar e a parar de chorar.
5. Aprendem o que é a paz interior.
6. Aprendem a pedir uma canção de acalanto quando estão com sono.
7. Aprendem a conhecer os adultos que cuidam delas desde pequenininhas, a gostar de seus cuidadores e a querer ficar junto deles.
8. Aprendem a gostar de música e a cantar as canções ouvidas.
9. Aprendem a passar adiante as lembranças afetivas que carregam.

Refletindo um pouco mais sobre as falas dos adultos, vemos também que o ato de acalantar envolve tanto um tempo que é o da criança e outro que é o do adulto. Na fala do avô Pedro, de Minas Gerais, por exemplo, vemos algo que parece um conflito entre ele e as netas, ao mesmo instante marcado pelas crianças que demandam os seus tempos para conseguirem dormir, e pelo avô que deseja que elas aprendam a fazê-lo o quanto antes. Nesse processo, vimos que o avô aprendeu a acalantar as netas, tentando adequar-se aos seus tempos e que as crianças aprenderam a compartilhar esse acalanto, como um momento que convida ao sono.

Logo, vemos que a aprendizagem que envolve a experiência do acalanto não é algo tão simples de ser construída, pois ela se dá pelo encontro de pessoas diferentes, que possuem seus próprios tempos e ritmos. Logo, é uma aprendizagem em que cada um cede um pouco de si, para poder se adequar ao que o outro quer propor para aquele momento. Talvez por isso o acalanto também seja visto como um tempo de entrega mútua, em que cada um se mostra aberto para se adequar ao que o outro lhe propõe.

Será que os adultos aprendem algo quando acalantam as crianças da família?

Na resposta a essa questão, os adultos nos mostraram que não basta só o querer acalantar, simplesmente, pois o acalanto precisa ser construído a partir do que o outro nos revela como resposta, com o seu querer. Aprender a fazer essa leitura sensível, encontrar a maneira como vamos chegar até à criança, expressar nossas intenções, estando disponíveis para adequar as nossas ações a um ritmo comum, talvez sejam os primeiros passos dessa construção. Vejamos, então, em detalhes, o que os adultos nos disseram sobre o aprender ou não ao acalantarem as suas crianças.

(...) eu acho que aprendo também. Aprendo como é bom ser mãe e, se acontecer de novo, eu acho que vai ser melhor ainda. Aprendi ter paciência, aprendi a aproveitar aquele momento, a se entregar, aprendi que assim, quando a gente trabalha, trabalha, que quer dinheiro... nem sempre aquele salário te deixa feliz, quanto aquele momento te deixa, cê entendeu? (...) (Luísa, DF, p. 07).

(...) Eu acho que sim. Eu aprendo primeiro, assim, que a gente se acalma. Quando você tá naquele estresse do almoço, por exemplo, e não quer dormir... aí, quando você vai cantar... vai acalantar, a gente aprende a ficar mais tranquila... me acalmo... e aí, você acaba passando pra eles. Então, eu acho que

a gente aprende a administrar algumas ansiedades com eles, com esse momento do acalanto, né? (...) (Silvana, DF, p. 05).

(...) Ah, aprendo... bastante... num tem igual... a gente aprende muito... é igual pai falou, a gente pensa muito não só no que a gente já fez, mas... até no que a gente vai fazer, né. A partir do momento que a gente tem filho, a gente passa... quando cê tá acalutando eles, cê fica pensando... qual atitude cê vai tomar lá na frente? É... o que vai ser bom pra eles? O que não vai ser? Como que a gente pode reagir de uma forma melhor, né? Acho que a gente aprende bastante, sim... aprende muito... acalutando, até o pensamento da gente voa... vai longe (...) (Nair, MG, p. 10).

(...) eu aprendo assim, como se diz, a ser pai. A gente aprende, né?; aprende a ser filho. Quando a gente é um pai, daí, a gente aprende a dar valor, porque, muitas vezes, quando era filho, a gente num dava tanto valor pro pai da gente, né? Porque cê olha pruma criança, cê vê que ela coloca toda a confiança dela, que ela tem, na gente, não? Depois que eu sou pai, eu tenho aprendido muito como que um pai se sente, né?; uma vida assim que não é fácil. A vida é de batalha, né? A vida é uma conquista a cada dia. Cada dia um pai conquista, né?; e, assim, eu tô aprendendo muito, agora, com a Helen, né?; sendo pai, que eu posso entendê o quê que um pai passa (...) (Jonas, SP, p. 12).

Na longa lista que os adultos nos trouxeram em nossas conversas, podemos compreender que acalantar é também aprender a:

1. Ver o olhar e o carinho que a criança expressa.
2. Amar mais por ser correspondido.
3. Ser mãe e ver como isso é bom.
4. Desenvolver a paciência.
5. Aproveitar os momentos de acalanto, entregando-se a eles de forma mais plena junto aos filhos.
6. Lidar com a criança, conhecendo e respeitando suas individualidades.
7. Se acalmar também.
8. Como ficar mais próximo às crianças.
9. Administrar algumas ansiedades e passar mais tranquilidade para as crianças.
10. Ser um pouco criança e entender que é necessário dedicar um tempo para elas.
11. Gostar tanto desse momento ao ponto de não conseguir viver sem ele.
12. Perceber que as crianças gostam e precisam do carinho e da atenção dos adultos para ficarem mais tranquilas.
13. Passar paz e sentir o quanto isso é bom.

14. Amar de forma incondicional.
15. Compreender que esses momentos de troca são únicos e deliciosos, pois, ao mesmo tempo, transmitimos e recebemos essa tranquilidade.
16. Entender mais a criança.
17. Reavaliar atitudes e pensar nas ações que podem ser mais adequadas à criança.
18. Ler o que cada gesto da criança quer expressar.
19. Sentir cada momento de um acalanto e estar inteiro ao que ele propõe naquele instante; os carinhos e as entregas que ele sugere.
20. Conhecer e retribuir cada olhar diferente que a criança transmite.
21. Ter mais zelo e cuidado com a criança.
22. Ver nesse momento, o olhar de gratidão que a criança expressa.
23. Que é uma forma de transmitir e receber amor.
24. Ser pai e valorizar o que os nossos pais fizeram por nós.
25. Ser mãe com o que o filho ensina nesses momentos.
26. Saber que existem os momentos de parar tudo o que se está fazendo, para viver esses tempos raros.

Vemos quantas coisas puderam ser aprendidas pelos adultos, pela vivência de um acalanto, que, mesmo aparentando ser um ato tão simples, lida com experiências tão diversas. Na base desse aprendizado, aparece a maneira como eles perceberam as suas crianças, dedicando-se a conhecê-las. Dessa forma, até um olhar pode estar impregnado por uma intenção. Embora sutis, essas e outras ações revelam uma imensidade de mensagens, e aprender a desvendá-las parece uma importante aprendizagem para o ato de acalantar, pois o que vai se desenrolando torna-se quase que uma consequência das vivências desses primeiros encontros. Em meio a tantos diálogos, a criança responde e expressa, sente e demonstra, orienta e aponta caminhos, para que o adulto possa encontrá-la nesse momento de troca.

Deste modo, o ato de acalantar é também uma aprendizagem sobre o outro, pois a escuta que o adulto faz da criança e que ela faz dele, comunica o modo, o tempo e o ritmo como cada um deve e pode agir em tais circunstâncias. Por isso, vemos que acalantar não é simplesmente impor um jeito de fazer a criança dormir, por exemplo, mas aprender a conhecer a maneira como aquela criança gosta de ser acalantada entre as possibilidades existentes. Nesse sentido, talvez essa aprendizagem que envolve a escuta

do que a criança diz, expressa e comunica, como sendo sua escolha, seja o maior desafio para ambos.

5.2.8. OITAVA: VOCÊ ACALANTA COM MÚSICA? O QUE CANTA? FAZ ALGUM BARULHINHO PARA A CRIANÇA? QUAL?

Um primeiro dado que podemos destacar é que, dentre as mais variadas formas de expressão de um acalanto, todas as famílias com as quais conversamos nos contaram que elas costumam acalantar as suas crianças cantando alguma música ou fazendo algum som de chiado/barulhinho rítmico para elas. Vejamos algumas de suas falas:

(...) A mesma que a gente cantava pra ela, eu e meu marido, a gente canta pra... pra mais nova [...] A Malu, quando ela não consegue dormir, ela pede pra gente cantar essa música pra ela. Há seis anos que ela ouve essa música, sempre essa... sempre essa. A gente nunca cantou outra, não. É a mesma música (...) (Luísa, DF, p. 03-04, 27/02/2013).

(...) Ah... nó... por tanta coisa... porque eu acho bonito, sabe? A... a mãe cantar assim pro filho... pôr o filho pra dormir cantando (...) (Nair, MG, p. 08, 15/03/2013).

(...) Mas, eu... quando eu pego ele pra dormir, por exemplo, eu canto um mantra... vou cantando... (...) (Ronaldo, MG, p. 02, 20/03/2013).

(...) Totalmente. Até... até eles dizem que as crianças dormem pra eu parar de cantar, que é só isso. É isso que eu gosto de fazer... é cantar com calma, musiquinhas bem leves, pra que eles vão se acalmando, mesmo (...) (Dália, SP, p. 02).

Esse interesse pela forma sonora e/ou musical do acalanto demonstrado pelas famílias talvez possa estar ligado ao fato de que, como nos mostra Pederiva (2009), todos nós podemos ter o dom de nos expressarmos musicalmente. Essa forma musical de acalanto parece ter sido tão importante para adultos e crianças que foi unânime nas suas práticas de cuidado. Nesse sentido, conforme a autora:

Essa base biológica da atividade de caráter musical permite afirmar a universalidade da musicalidade. Isto é, se depender das nossas possibilidades como animais humanos, todos somos capazes de nos expressar musicalmente, de expressar nossas emoções por meio de sons, do mesmo modo como, de

modo geral, se depender da anatomia e da fisiologia humana, todos somos capazes de nos expressar por meio da linguagem falada. Isso é dado ao ser humano, independentemente das formas que possa assumir. A musicalidade possui, assim, caráter universal. Não se trata de um dom para alguns. É um dom para todos (p. 40).

Se a atividade musical é um dom para todos, o acalanto certamente parece se beneficiar dessa possibilidade. Graças ao nosso aparato biológico e às nossas escolhas sociais e culturais, os cantos de acalanto não estão se calando. Mas também sabemos que, ao menos entre os grupos com os quais conversamos, as antigas canções de ninar, ou seja, as mais tradicionais, são hoje uma minoria dentre os tantos cantos entoados para acalantar. Esse dado nos foi revelado pelo repertório sugerido pelos adultos, no qual tivemos apenas duas canções desse folclore tradicional de ninar, a saber: *boi da cara preta* e também *nana neném*, que varia entre o nome da Cuca e o nome do Tutu, dependendo da região em que são entoadas. Nesse repertório, vimos que a versão do *nana neném*, que fala do Tutu, veio das pesquisas realizadas no interior de Minas Gerais e que a versão do *nana neném*, que fala da Cuca, foi mais utilizada em Brasília e no interior de São Paulo. Talvez, no sentido de um repertório mais tradicional de cantigas de ninar, as antigas canções estejam desaparecendo, mas o ato de acalantar cantando permanece de forma unânime na boca dos familiares, seja com as canções infantis do folclore antigo ou recente das crianças, com canções mais contemporâneas do universo infantil ou adulto, seja com canções inventadas ou de emissões sonoras com barulhinhos ou chiados.

O canto que transmite.

Notamos em todas as famílias que o acalanto com as canções e expressões sonoras tem muitas vezes o desejo de transmitir: tranquilidade, calma, sentimentos de afeto, entre outros. Vejamos algumas dessas observações:

(...) Não é só pra dormir. Tem hora que eu tenho que ficar balançando, cantando [...] Pra acalmar... pra acalmar, mesmo (...) (Lucimar, DF, p. 03).

(...) Então se eles estão... porque assim, tem uma parte que estão agitados... tem outra parte que estão irritados... então quando está agitado é uma música que vai baixando a revolução... e quando tá irritado por alguma coisa, uma música mas... tipo romântica, assim, mais leeeentaa, para eles sentirem que não estão em um ambiente agressivo... para eles entenderem... os dois lados (...) (Guilherme, DF, p. 04).

(...) Ai... então... eu canto pra ela, né? *Boi, boi, boi... boi da cara preta... não pega a Ermínia que tem medo de careta.* E pro Luiz, também eu canto: *nana, neném... que a cuca vem pegá... não pega Luiz que tem medo de Tutu.* E a minha pequenininha também, a Maní, com cinco meses, quando vem, deito ela no meu ombro, né... e fico cantando pra ela... *shshshshsh... shshshshsh*, aí, ela fica calminha, dorme... fica sossegada (...) Tami, MG, p. 04)

(...) Eu acho... mais... mais eu acho que, acima disso, a música pra mim sempre foi uma forma de expor meus sentimentos e é, pra mim, o momento mais sublime da minha vida. Foram as minhas três gravidez. Sabe? Eu me senti tão plena, eu me senti tão assim, é... especial, maravilhosa, linda e... e a música me ajudou, eu acho que a passar isso... esse amor pros bebês, né? (Gaia, SP, p. 06).

Quando analisamos os depoimentos acima, pensamos que a presença acalantadora expressa nas canções e chiados tem um sentido para as crianças, que ao ouvi-los, passam de um estado de alerta ou irritação para um estado de calma. Para Pederiva (2009)

se na comunicação animal e primitiva, expressão musical e linguagem falada (podendo ser aqui entendida como vocalizações ou, ainda, como sonorizações) são um só e o mesmo processo e se o papel da comunicação sonora nesse contexto é o de expressão de estados afetivos, então, tudo indica que a expressão musical, em seu estágio primevo, elementar, é igualmente o veículo comunicativo de expressão das emoções (p. 40).

Refletindo sobre as questões trazidas por Pederiva, ponderamos que o acalanto, em suas demonstrações sonoras, pode ser um veículo comunicativo das emoções. Nesse sentido, talvez os pais sintam que “cantar é uma das aproximações mais recomendadas para os bebês. Ao cantar com a criança no colo, o adulto a envolve, a abraça, a embala. O ruído, a respiração, o ritmo de quem canta podem deixar a criança serena, segura para dormir (PARREIRAS, p. 85-86, 2012). Vemos que, além da comunicação expressa pelo próprio canto, estão presentes elementos rítmicos pela forma como se embala a criança ao colo, no modo como a acaricia, e em tudo o mais que o corpo pode dizer, agregando serenidade ao ato de acalantar.

Experiências intrauterinas com o som.

Para Parreiras (2012), esse estágio primevo que a criança tem com o som “nasce antes da experiência com as palavras” (p. 160). Segundo a autora, “isso é inaugurado

com a experiência do ventre. Há a temperatura, os líquidos em movimento, a luminosidade necessária e o alimento a tempo e a hora [...]. Do corpo, nasce o som, o ritmo, o coração que nos dá vida” (p. 178). Vejamos algumas falas acerca dessa temática:

(...) É... meio que chiando, mesmo, faz shishishishi... né? E a criança... ela acalma com esse barulhinho [...] Que é o som que imita o útero, né? Imita o som da água do útero, acalma a criança (...) (Tami, MG, p. 05).

(...) Eu canto *mãezinha do céu*, assim, pra ela, que é uma música que eu cantava desde quando ela tava na minha barriga. Eu sentia assim, que ela tava se mexendo, eu começava a cantar. Eu sentia que ela... que ela sentia. Daí, quando ela nasceu, assim, ela ficava meio nervosinha à noite. Aí, eu começava a cantar. Eu acho que ela se lembrava da mesma voz, das mesmas musiquinhas de quando tava no... no ventre, assim, ela... ficava bem sossegadinha (...) (Biba, SP, p. 04).

(...) Quando... quando eu tava grávida, eu cantava pra ela, né? Eu acho que é muito lindo aquele negócio, quando nasce, já reconhece a voz dos pais, né? E ela nasceu, a médica já colocou uma [...] música bem tranquila instrumental (...) (Marina, DF, p. 06).

No conhecimento de avó, Tami faz um chiado com a boca de sh sh sh sh porque sente que a neta o associa aos sons conhecidos desde a vida intrauterina, levando-a com isso a relaxar e a dormir.

Biba também parece perceber um movimento de interação entre ela e a filha através do acalanto que ela cantava ainda quando sua pequena estava em sua barriga. Nesse sentido, existem pesquisas realizadas com gestantes em que elas “relataram que a música também serviu como uma forma de interação com o bebê” (PICCININI; GOMES; MOREIRA & LOPES, p. 228, 2004).

Assim como Marina diz que já cantava para a filha ainda em sua barriga e que achou importante o fato de sua pequena ter nascido ao som de uma música instrumental tranquila, muitas mães sentem que “no final da gravidez, as respostas fetais tornam-se bastante apuradas e a sintonia mãe-feto pode ser ainda mais aperfeiçoada” (PICCININI; GOMES; MOREIRA & LOPES, p. 230, 2004). No caso de Marina, ela nos contou que fez várias leituras acerca da existência dessa interação uterina entre a mãe e o bebê, e que isso a motivou a buscá-la.

No caso de Biba, quando ela nos diz que “cantava pra ela na barriga, já, e... percebia que, mesmo ela tando dentro, já sentia musiquinha, assim” (SP, p. 04) é porque ela percebia que a filha sentia a música, reagindo a ela. Essa “interação através dos movimentos fetais também foi relatada como uma forma de comunicação e acompanhamento do bebê, através das quais as gestantes contatavam o bebê e sentiam suas reações” (PICCININI; GOMES; MOREIRA & LOPES, p. 227, 2004). Como muitas mães já percebem essa interação entre elas e o bebê, elas se sentem ainda mais motivadas a, desde cedo, estabelecer várias formas de comunicação, inclusive através do canto de acalanto.

A importância do ritmo.

O ritmo do acalanto parece ter uma estrutura musical que ajuda a modificar a ação da criança, como se fosse uma ferramenta cultural para as suas emoções. Nesse sentido, Pederiva (2009) nos mostra que

Ao ser transformado na cultura em uma diversidade de formas e em novas estruturas e funções, a atividade musical transforma também as estruturas e possibilidades biológicas. Desse modo, a musicalidade elementar, presente no estágio animal, assume na cultura um novo significado psicológico. A emoção continua presente no estágio da musicalidade na cultura. Porém, trata-se de uma musicalidade que, apesar de sua universalidade, que possui por base o fator biológico, nesse momento da história cultural do homem, assume formas diferenciadas e se concretiza na música como ferramenta das emoções (p. 50).

Ao falar sobre a questão da musicalidade e as leis histórico-culturais, Pederiva (2009) destaca que a emoção continua presente no estágio da musicalidade da cultura, e que essa musicalidade se concretiza na música como ferramenta das emoções. Assim, podemos pensar que quando os adultos nos dizem que o tipo de música mais tranquila acalma as suas crianças, isso pode ser entendido também dentro do contexto de que o acalanto, como música, seria mais uma ferramenta das emoções.

Ainda que o sentimento de acalmação possa ser promovido pelas canções de ninar é importante lembrar que isso se dá, independentemente do conteúdo de suas letras. Como vimos com Melo (1993), as letras dessa canções trazem a figura de monstros, mas a sua melodia desperta sentimentos de proteção e amparo. Da mesma forma, nos indica Parreiras (2012) que

o que importa não é tanto o conteúdo das cantigas [...] Eles sentem a melodia, o calor do momento. Ou escutam a voz e se sentem acolhidos por ela, pelo ritmo, pelo embalo de quem canta [...] A voz familiar traz tranquilidade e segurança ao ouvinte. O bebê escutará a música de suas palavras, o ritmo de sua voz, [...] na música que você cria e produz, na reprodução e criação de sons sem sentido (p. 85-86).

Vimos também que os familiares não estavam tão preocupados em acalantar com o repertório das letras tradicionais das canções de ninar, mas sim, em fazê-lo a partir de uma estrutura rítmica mais lenta.

(...) É eu começo cantando, depois, eu faço assim... hum hum hum. Eu canto, né?; só com esse som. Eu canto a musiquinha, algumas vezes e depois, eu tiro, né?; as palavras. Mas no ritmo da música, né?; de dormir. Seria assim (...) (Silvana, DF, p. 03, 29/01/2013).

(...) Ah! De bebezinho, pra ele prestar atenção, pra conhecer o som da minha voz. Então, de bebezinho, assim, eu... em momento de troca de fralda, então, eu inventava pra ele prestar atenção (...) (Naná, SP, p. 07, 02/06/2013).

(...) Minhas criança, eu cantava aquilo que vinha na cabeça. Então inventava até umas musiquinha, né? Igual eu falo, tinha coisa que nem existia, mas a gente, pra fazer a criança dormir, a gente cantava *nãna nenê, nenê da mamãe, dorme nenê, nenezinho da mamãe*. As crianças iam se acalmando e já ia pro sono, né? (...) (Luísa, SP, p. 04, 02/06/2013).

(...) Às vezes, são as mesmas músicas mas com um tom diferente, porque ele... ele já conhece a canção, a letra. Então, eu procuro cantar de uma forma que ele se acalme nesse momento do sono, por exemplo (...) (Naná, SP, p. 04, 02/06/2013).

(...) Tem até tipo oração do *Santo anjo* que a gente meio que canta em música, assim, pra ela. Começa a fazer um ritmo só pra ir acalmando ela, e ela gosta, também (...) (Biba, SP, p. 05, 01/06/2013).

Nas expressões musicais descritas pelas mães aparecem certas variações na forma como elas o fazem, pois algumas acalantam entoando solfejos; outras utilizando letras inventadas, outras improvisando músicas que lhes veem à cabeça e outras adaptando músicas de ritmos e letras de outras canções. No entanto, o elemento ritmo de tempo mais pausado é sempre preservado, ainda que as mães variem na forma de como fazê-lo. Isso mostra que a estrutura rítmica é um elemento fundante do acalanto, inclusive como atividade musical, e que essa característica se mantém nas práticas de cuidados de muitas gerações.

Assim sendo, podemos pensar que se todos temos o aparato necessário para exercer o dom musical, desde nossas experiências sonoras intrauterinas, isto pode ser um componente que também contribui para que a prática do acalanto, como uma atividade musical, mantenha-se tão valorosa para crianças e adultos ao longo dos tempos.

Se as cantigas de ninar, que vieram do tradicional folclore infantil de outrora, hoje são minoria na boca de adultos e crianças, o ato de acalantar com canções permanece, ainda que com um repertório oriundo das músicas contemporâneas do universo infantil ou adulto, ou mesmo inventadas, adaptadas e improvisadas.

Mas, talvez, o elemento mais importante que tenha sido mantido em qualquer uma dessas diferentes expressões musicais tenha sido o ritmo, com a incumbência de serenar as crianças. Tendo em vista que “o ritmo é central para a atividade musical” (PEDERIVA, 2009, p. 51), podemos pensar que, se o acalanto possui o elemento rítmico, ele também pode ser considerado como uma atividade musical. Essa atividade faz dele um instrumento de acalmação que permanece nas diferentes gerações, seja para tataravós, bisavós, avós, pais e filhos, pois todas elas continuam a utilizá-la como uma ferramenta de emoção.

5.3. SOBRE O INVENTÁRIO³³ DAS CANÇÕES

Entre cantos e acalantos.

Tendo conversado com os adultos sobre o repertório de músicas que eles costumam cantar para as crianças da família, em seus momentos de acalanto, percebemos que poderíamos classificá-las em basicamente quatro grupos distintos. O primeiro grupo foi composto pelas tradicionais canções de ninar provenientes do folclore infantil. O segundo grupo foi representado pelas canções do folclore infantil (o que inclui também cantigas de roda, brincos³⁴ e trava-línguas). No terceiro grupo,

³³Todas as letras das músicas sugeridas como acalantos pelos familiares com os quais conversamos foram disponibilizadas no anexo que se segue ao final deste trabalho.

³⁴Os brincos são canções folclóricas voltadas para as crianças de colo, ainda que também permaneçam como repertório de crianças maiores. São comumente brincadeiras que envolvem alguma forma de movimento. A música *Serra, serra, serra dô. Serra o papo do vovô* é um exemplo de brinco e, nela, a

colocamos as canções infantis religiosas. No quarto grupo, as canções de conjuntos ou cantores musicais mais recentes, não necessariamente voltados para o público infantil.

A forma musical do acalanto fez parte das práticas de todas as famílias com as quais estivemos. Nesse sentido, gostaríamos de destacar as observações feitas por parte de algumas delas de que o repertório musical utilizado para acalantar as suas crianças foi se modificando na medida em que estas foram crescendo. Quando as crianças eram menores (até aproximadamente os dois anos e meio), os repertórios envolviam as tradicionais canções de ninar e as do folclore infantil (desde que num ritmo de cadência mais lenta). Entre dois anos e meio e quatro anos de idade, as canções do folclore e os CDs infantis mais recentes acabaram agradando mais. Depois dos quatro anos, esse repertório musical das crianças começou a incluir músicas do universo adulto, além de brincadeiras cantadas como as trava-línguas, parlendas, brincadeiras de bate-mão e adivinhas, por exemplo.

Tendo como referência as formas de organização musical trazidas pelos familiares, apresentaremos algumas observações acerca de cada um dos grupos supracitados: canções de ninar; canções folclóricas; canções religiosas e canções de conjuntos e cantores recentes. Destacaremos em nosso anexo, como medida de análise, o material das especificidades mais detalhadas de cada um dos quatro grupos de canções que classificamos, deixando-as disponíveis para consulta.

Sobre as canções de ninar.

Embora tenhamos observado que as canções, em suas formas mais tradicionais estejam bastante restritas a um universo de onze músicas especificamente (com poucas diferenças em relação as suas letras e ritmos), elas apresentaram diferenças entre os seus personagens monstruosos. Em Minas Gerais, por exemplo, tivemos o Tutu e o Tatu como elementos assustadores, enquanto que em São Paulo, a Cuca é quem ocupa esse lugar. Já o personagem do boi aparece tanto nas canções de Minas Gerais, como nas de Brasília e de São Paulo. Vejamos alguns outros apontamentos baseados na análise das canções de ninar.

criança fica sentada no colo com as pernas envolvendo a cintura do adulto. A cada palavra cantada, o corpo da criança vai sendo levado a imitar o movimento do serrote, indo para frente e para trás.

- As versões que começam com o *nana neném* e *dorme neném* apresentam cadências rítmicas muito parecidas.
- Dentre as cantigas mais tradicionais do folclore infantil, tivemos 48 músicas, sendo que apenas 11 eram de canções de ninar
- Algumas pessoas parecem evitar os termos Bicho Papão, Cuca e Boi da cara preta, talvez para evitar que as crianças se assustem com esses personagens. É o caso da versão inventada por Luísa, de SP, na qual ela canta *nana neném, de nana nenê, nenê da mamãe, dorme nenê, nenezinho da mamãe*.
- É comum que os adultos se apropriem das cadências rítmicas dos acalantos para improvisarem outras letras no lugar das antigas. Talvez isso aconteça também por motivo de esquecimento das letras originais.
- Ao se apropriar de cantigas tradicionais de acalanto de nosso folclore, a televisão acaba se tornando mais um meio de fixá-las na memória coletiva, ao ponto de fazer com que os telespectadores se apropriem delas em contextos similares aos que são propostos pelos comerciais. Isso aconteceu por volta de 40 anos atrás, com a propaganda dos cobertores Paraíba, com a versão cantada para as crianças dormirem: *tá na hora de dormir, não espere a mamãe mandar, um bom sono pra você e um alegre despertar*; e, na cantada para elas acordarem: *tá na hora de acordar, não espera a mamãe mandar, um bom dia pra você e um alegre despertar*

No caso das canções do folclore infantil.

O repertório de expressões musicais utilizado nas práticas de acalanto das famílias tem, em sua maioria, as canções antigas do folclore infantil. Essas músicas costumam apresentar em sua maioria o elemento da rima, a estrutura das quadras e repetições gramaticais de forma semelhante às cantigas de ninar. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais os pais se apropriaram delas, para adaptar os seus ritmos à cadência lenta das cantigas de ninar.

Ao cantar esses repertórios para as crianças da família, os adultos se tornam um meio de divulgação profícuo dessas manifestações culturais, de forma que as crianças, ao conhecê-las, acabam incluindo-as em seus próprios repertórios.

Os CDs e o DVDs são mecanismos de grande alcance para ensinar esses repertórios para as crianças, pois muitos deles reeditam essas canções.

Mesmo para certas pessoas, que se mostraram conhecedoras de um repertório diversificado dessas canções, o esquecimento fez com que algumas delas não se lembrassem de toda a letra na hora de cantá-las para nós. Esse dado foi o que fez com que as mesmas músicas fossem cantadas de formas diferentes por pessoas diferentes.

Algumas canções criadas recentemente como um modelo politicamente correto continuam a conviver com suas versões mais antigas no repertório das crianças e adultos. É o que vimos acontecer entre a antiga versão de *atirei o pau no gato* que diz: *atirei o pau no gato to, mais o gato to, não morreu rreu rreu, Dona Chica ca, admirou se se, do berro, do berro que o gato deu, miau;* em relação a versão chamada de politicamente correta: *não atire o pau no gato to, porque isso so, não se faz faz faz, o gatinho nho, é bonitinho nho, não podemos maltratar os animais.*

No caso das canções infantis religiosas.

A canção *mãezinha do céu, eu não sei rezar, só sei dizer, quero te amar, azul é seu manto, manto é seu véu, mãezinha eu quero te ver lá no céu* permanece no repertório de ninar das três regiões visitadas por nós: em Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal, sendo cantada por filhos, pais, avós, bisavós e tataravós. Em todas as versões que ouvimos, a cadência rítmica se manteve a mesma e apenas uma palavra ou outra se diferenciou. Isso parece um exemplo da permanência da influência cultural da herança católica portuguesa nas nossas práticas educativas de cuidados brasileiras.

No caso das canções de conjuntos ou cantores musicais mais recentes, não necessariamente voltadas para o público infantil.

Algumas músicas do repertório dos adultos foram citadas como opções utilizadas para acalantar as crianças. Mas a mudança rítmica dessas canções para uma cadência mais lenta ou mesmo uma adaptação na letra foram necessárias, para que elas pudessem entrar no repertório de acalantos dos adultos. Foi o que aconteceu por exemplo quando Nana de São Paulo disse cantar *ai que delícia de neném é o Tiago da mamãe é o Tiago do papai. Ai se eu te pego, eu te abraço, eu te beijo, eu te amasso, eu te cheiro, eu te cheiro, ai que delíciaaaaaaa*. Nessa versão, a mãe adaptou a música de uma canção que ouvia no rádio, para acalantá-lo.

Essas canções também foram utilizadas pelos adultos para expressarem sentimentos como os de amor, de afeto e de carinho através de seus acalantos. Entre os temas das músicas escolhidas apareceram a relação entre a mãe e o filho; as lembranças da infância; o sofrimento que a distância entre eles poderia causar; etc. Entre as canções, estão especialmente as que foram cantadas por Gaia, que as gravou num estúdio, em homenagem a cada filho que nascera, como: de Roberto Carlos *Eu Sei Que Vou te Amar* e também *Como é Grande o Meu Amor por Você*. De Caetano Veloso, *Leãozinho*; *Clara e Ana* de Joyce e *A velha infância* do grupo Tribalistas.

Entre os CDs utilizados pelos nossos familiares para acalantar, organizamos a seguinte lista:

1. Galinha pintadinha
2. Patati Patatá
3. Happy Baby Series (Beatles for Babies)
4. Happy Baby Series (Country for Babies)
5. Happy Baby Series (Good Night)
6. Happy Baby Series (Love Songs)
7. Happy Baby Series (Lullabies)
8. Happy Baby Series (Nature)
9. MP Baby (Canções de ninar).
10. Mozart Effect
11. Classics for Babys

12. Bebê Mais
13. Palavra Cantada (Cantigas de roda e outros).
14. Doutora Brinquedos
15. Cocoricó

6. CONCLUSÕES

Vimos neste trabalho que, mesmo em regiões distintas, ou seja, no interior de Minas Gerais e São Paulo, assim como na cidade de Brasília, todos os familiares demonstraram que a prática de acalantar permanecia viva no cotidiano de cuidados de suas crianças. Seja pelos pais ou babás (como é o caso da maioria das famílias de Brasília) ou mesmo pelos pais e avós (onde se incluem bisavós e tataravós) das famílias do interior de São Paulo e de Minas Gerais, sempre existiu um alguém que acalantasse uma criança.

Ainda sobre o acalanto como patrimônio herdado, descobrimos referências do uso de seus exercícios que datam de 3.000 anos a. C. Na antiguidade clássica, Platão já sugeria a prática do acalanto na educação das crianças, com sons de murmúrios e chiados, embalados no balanço do colo, imitando os movimentos do mar.

A família é um dos primeiros lugares em que a criança vivencia esses patrimônios. Assim, entre a criança, o adulto e o meio, ela aparece como uma importante promotora dessas tradições, fazendo uma mediação entre as práticas educativas do passado e do presente. Como herança de uma tradição renovada, o acalanto pôde ser preservado na modelagem do tempo e do modo de fazer de diferentes pessoas e lugares.

Mas identificamos que talvez um favorecimento a essa permanência do acalanto enquanto prática milenar de cuidados pode também ter sido promovido com as características de parte do aparato biológico que constitui o ser humano. Nas capacidades de comunicação que os órgãos dos sentidos do bebê apresentam ao adulto vimos, por exemplo, que desde a vida intrauterina, a criança interage com os sons das pessoas e elementos externos. O modo como ela é carregada, a voz e os sons das pessoas mais próximas também são conhecidos pela criança desde cedo, inclusive a forma como é embalada com os cantos e chiados de seus acalantos. E como também consegue parar de chorar ao identificar o cheiro da mãe desde os dez dias de nascida, o faz também com o cheiro do adulto conhecido, enquanto está sendo acalantada em seu colo, acalmado-se. O rosto da mãe ou da pessoa de referência é outro estímulo (nesse caso visual) mais frequente à criança, desde recém-nascida. As trocas de olhares entre eles, já bastante comuns, também fazem parte de diversas formas de acalanto.

A hipótese de o acalanto ser uma prática educativa de cuidados pôde ser de fato confirmada com a ajuda das famílias com as quais conversamos. De maneira geral, todas elas afirmaram que o acalanto ensina muitas coisas importantes tanto para os pais quanto para o filhos. Para exemplificarmos mais pontualmente as respostas obtidas, vejamos as conclusões a seguir. Nelas, as famílias disseram que as crianças aprendem:

A CONHECER, a sentir e a compartilhar sentimentos que vivenciam junto aos adultos, como os do amor, do carinho, da calma, da tranquilidade, da paz interior, da segurança e da alegria.

A CRIAR e a utilizar mecanismos que possam ajudá-las a lidar com as próprias situações aflitivas ou incômodas, como quando elas pedem aos adultos que cantem canções de ninar para elas dormirem.

A PERCEBER os seus próprios tempos e também os das outras pessoas, encontrando nos ritmos comuns do acalanto, um meio de se acalmarem, de pararem de chorar, de dormirem, entre outros.

A SE APROPRIAR do acalanto, em suas diversas expressões, seja cantando canções de ninar, batendo levemente nas costas dos outros, acariciando-os, chacoalhando-os ao colo, de forma que possam praticá-lo com adultos, bonecas ou outras crianças.

A IDENTIFICAR os adultos que cuidam delas e a aprofundar cada vez mais os vínculos com eles.

E sobre o fato de os pais aprenderem algo quando acalantam os seus filhos, as famílias também foram unânimes em dizer que sim. Vejamos agora, nas informações coletadas, o que os adultos disseram que aprenderam:

A COMPREENDER a forma com que as crianças os olhavam e os acariciavam nesses instantes, expressando o que elas sentiam e queriam dizer. Talvez, por isso, uma das mães tenha dito que aprendeu a ler o olhar de gratidão na expressão do filho. Nessa leitura atenta, cada um pôde aprender com o outro o modo como gostava de transmitir e receber afetos. Essa troca passou a ser tão essencial para ambos, ao ponto de tornar-se sempre mais desejada.

A ADMINISTRAR suas próprias ansiedades, para que pudessem passar tranquilidade ao filho, acalmando-se antes mesmo de acalmá-lo.

A APRENDER a ser pai e a “ser filho”, valorizando os acalantos vividos com os mais velhos e reconhecendo que, certamente, não foram poucos os seus empenhos para que esses momentos tivessem acontecido.

A FAZER ESFORÇOS hercúleos para destinarem um tempo ao acalanto das crianças, de forma a vivê-lo o mais intensamente possível.

Tendo em vista que descobrir “o que significa acalantar para as famílias” tenha sido um dos principais objetivos deste trabalho, gostaríamos de resgatar as informações trazidas por elas, ao longo de nossas conversas. Nas conclusões que elaboramos, acalantar significa:

UMA FORMA de aumentar o vínculo entre a criança e o adulto cuidador de referência.

A POSSIBILIDADE de acalantar e ser acalantado, numa troca mútua.

COMPARTILHAR PRÁTICAS culturais num movimento que abarca diversas gerações.

TRANSMITIR SEGURANÇA, amparo e proteção para as crianças.

UTILIZAR O COLO nas mais diversas posições para acalmar a criança quando ela está com sono, irritada, agitada ou com qualquer outro incômodo.

PROMOVER BALANÇOS ritmados que compartilhem um toque, um cheiro, a transmissão de calor e de carinho.

UTILIZAR OBJETOS de afeto e transicionais para substituir momentaneamente a falta do adulto enquanto a criança está dormindo ou se preparando para isso.

ESTAR DISPONÍVEL para fazê-lo nos momentos de demanda que são sugeridos pelos ritmos infantis e pela rotina estabelecida pela criança.

ESTAR ATENTOS aos comunicados emitidos pelas crianças, que podem inclusive acontecer por meio do choro. Responder a esse diálogo, ajudando a criança a dormir nos momentos em que ela sente que precisa.

INCENTIVAR POSTURAS afetivas da criança junto às outras pessoas e a seus pares.

ADOTAR CADÊNCIAS rítmicas mais lentas para expressar-se sonoramente por meio de uma cantiga de ninar; de um chiado, de uma canção inventada, adaptada, solfejada, manifestando estados afetivos.

COMPREENDER o que quer dizer cada olhar da criança.

APRENDER o modo como a criança gosta de receber e transmitir afetos.

ADMINISTRAR certas ansiedades em relação aos momentos conflituosos do dia a dia, acalmando-se antes mesmo de acalmar as crianças.

RECONHECER os esforços recebidos de cuidados dedicados pelas gerações anteriores da família.

DESCOBRIR que a infância é um momento passageiro e que merece uma dedicação intensa de cuidados.

DESCOBRIR-SE nos papéis de mãe e de pai e sentir o quanto isso pode ser bom.

VIVER a possibilidade de um tipo de amor incondicional.

SENTIR-SE MOTIVADO em avaliar-se, refletindo como melhorar a relação entre pais e filhos.

PERCEBER que as crianças demonstram o quanto elas gostam e precisam de carinho.

COMPREENDER que a paciência é uma construção necessária e possível de ser vivida com a criança.

CONHECER e respeitar as individualidades de cada criança.

Portanto, se fizermos um apanhado das substâncias valiosas que compõem o verbo acalantar, estão entre elas: a necessidade de estreitar o vínculo entre o adulto e a criança; uma oportunidade de compartilhar práticas de cuidado apreendidas com outras gerações; a necessidade de promover sentimentos de amparo, segurança e proteção; o colo como um dos suportes para acolher no corpo a corpo; embalar a criança num ritmo de cadência mais lenta com um toque, um afago e carinho; identificar e disponibilizar objetos transicionais que as atraiam e que possam ser uma companhia para ela, enquanto o adulto se ausenta; sentir quando a criança quer e precisa ser acalantada; ter uma escuta atenta ao choro que comunica algo ao adulto e que pede dele uma resposta para este e outros diálogos com a criança, inclusive para ajudá-la a adormecer; motivar a criança a se relacionar afetivamente com as pessoas de diferentes idades, sendo elas próximas ou não; demonstrar afetos através de sons e expressões musicais de cadências rítmicas mais lentas com canções de ninar, cantigas do folclore infantil, chiados, murmúrios, solfejos e tantas outras formas; aprender a compreender o que diz cada diferente olhar da criança; descobrir como cada criança gosta de dar e receber afeto; modificar o próprio ritmo, acalmando-se antes mesmo de acalmar a criança; valorizar os esforços recebidos de cuidados das gerações passadas; perceber que a infância é passageira e que demanda uma intensa dedicação de cuidados; descobrir o quanto é bom estar nos papéis de pais e mães; experimentar uma forma de amor incondicional; fazer um exercício permanente de auto avaliação sobre o papel de ser pais e mães; ver o quanto as crianças gostam e necessitam de carinho; construir a paciência como algo importante da relação entre a criança e o adulto e especialmente, saber que cada ser criança tem a sua própria individualidade e que esta deve e precisa ser respeitada.

Pensar sobre os significados acima, ainda que dentro do recorte entre crianças de 0 a 3 anos e seus cuidadores de referência (aqui em conversas com as famílias), fez com que descobríssemos o quanto nós adultos também somos sedentos por um acalanto. Um de nossos pais disse, inclusive, que acalanta a sua esposa também, além do seu filho pequeno. Reconhecemos assim que todos somos acalantados ao acalantar e que essa troca milenar de cuidados permanece em diferentes idades, tempos, lugares e culturas.

BIBLIOGRAFIA.

ANDRADE, Mario de. **Dicionário Musical Brasileiro**. Editora da USP: São Paulo, 1989.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARLEO, Andy. **Counting-out and the Search for Universals**. The Journal of American Folklore, vol 110, No. 438 (Autumn, 1997), p. 391-407. American Folklore Society in <http://www.jstor.org/stable/541665>. Acesso em 04/02/2013.

_____. **“Do children’s rhymes reveal universal metrical patterns?”**
Bulletin de la Société de Stylistique Anglaise 22 (2001): p. 125-145.

_____. **“Le folklore enfantin peut-il contribuer à la sensibilisation précoce aux langues étrangères?”** in Les enjeux d’une sensibilisation très précoce aux langues étrangères em milieu institutionnel. Nantes, Ed du CRINI, p. 219-234, 14 jan. 2012.

BATISTA, Rosa. **“Cotidiano da Educação Infantil: Espaço Acolhedor de Emancipação das Crianças”** in 1º Congresso do Fórum de Educação infantil dos Municípios da AMREC. Anais. SC, 2003.

_____. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Dissertação - Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Educação. Florianópolis, SC, 1998.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor & por força: rotinas na Educação Infantil**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2000.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BOWLBY, J. **Uma base segura**. Aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CABANELLAS, I.; ESLAVA, C.; POLONIO, R. **Ritmos Infantiles: tejido de um paisaje interior**. Barcelona: Octaedro – Rosa Sensat, 2007.

CARVALHO, A. M. A.; POLITANO, I.; LINS, A. & FRANCO, S. **Vínculo Interpessoal: uma reflexão sobre diversidade e universalidade do conceito na Teorização da Psicologia**. Estud. Psicol. vol.25 no. 2. Campinas Apr./June, 2008. <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n2/a08v25n2.pdf>

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 5ª ed., São Paulo: Melhoramentos. 1980.

_____ **A manhã.** Rio de Janeiro. 1943.

CASTRO, Luiz Felipe de Além. **História da Vida Privada no Brasil.** Império: A Corte e a Modernidade Nacional. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COHN, C. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

DE LAMARE, Rinaldo. **A vida do bebê.** 41ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **A família no Brasil Colonial.** São Paulo: Moderna, 1999.

DOS SANTOS, Cláudia Amaral. **Toda boa mãe deve... governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, RS: 2009.

DRUCKERMAN, Pâmela. **Crianças francesas não fazem manha: os segredos parisienses para educar os filhos;** tradução de Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

DUMONT, Sávila. **O Brasil e Festa.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

FERNANDES, Florestan. **O uso das cantigas de ninar.** Suplemento Literário. Jornal O Estado de São Paulo. 28/09/1957.

_____ **O significado das cantigas de ninar.** Suplemento Literário. Jornal O Estado de São Paulo. 05/10/1957.

_____ **A Função Social das cantigas de ninar.** Suplemento Literário. Jornal O Estado de São Paulo. 12/10/1957.

_____ **Contribuição ao Estudo Sociológico das Cantigas de Ninar.** Revista Brasiliense. São Paulo. 1958.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti; AMORIM, Katia S. & SILVA, Ana Paula S. **Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação.** *Psicol. Reflex. Crit.* vol.13 n.2. Porto Alegre, 2000. (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200008&lng=en&nrm=isso). **Acesso em junho de 2013.**

FRANCHI, C. Roberto & AMORIM, K. de Souza & ANJOS, Adriana M. & FERREIRA, M. C. Rossetti. **A incompletude como virtude: Interação de bebês na Creche.** *Psicologia: Reflexão e Crítica.* 16 (2), 2003.

- FONSECA, Claudia. “**Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica**” in *Saúde e Sociedade* v.14, n.2, p.50-59. Porto Alegre: RS: 2005.
- FREYRE. Gilberto. **Casa Grande & Senzala em quadrinhos**. Desenhos de Ivan Wash Rodrigues. Quadrinização de Estevão Pinto. Rio de Janeiro: Ed. Brasil-América, 1981.
- FROEBEL, Friedeich Wilhelm. **La educacion del hombre**. Madrid: Daniel Jorro Editor, 1913.
- FURTADO, Michelle Abreu. **Creche, bebê e primeira infância: uma revisão bibliográfica em periódicos acadêmicos A1 E A2 (1997-2011)**. Dissertação – Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Educação. Brasília: DF, 2013.
- GALVÃO, Claudio Augusto Pinto. **Alguns Compassos – Câmara Cascudo e a Música (1920-1960)**. Tese de Doutorado do curso de História da USP, 2010.
- GHEORGHIU, Mihai Dinu; GRUSON, Pascale & VARI, Judit. “**Trocas Intergeracionais e construção de fronteiras nas experiências educativas das classes médias**” in *Educação & Sociedade*, vol. 29, núm. 103, maio-agosto. Centro de Estudos Educação e Sociedade, pp. 377-399. Campinas: SP, 2008.
- GOLDANI, Ana Maria. “**As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação**” in *Revista Travessia do Centro de Estudos Migratórios*, n. 5, p. 58-78. São Paulo: SP, 1989.
- GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos – O atendimento em creche**. 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GORDON, E. E. **Teoria de aprendizagem musical**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- GRAÇA. Fernando Lopes. **A Canção Popular Portuguesa**. Publicações Europa América. Lisboa, 1953
- GOTTLIEB, A. **Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores)**. *Psicol. USP*. [online], vol. 20, n.3, 2009.
- JORGE. Ana Lúcia Cavani. **O Acalanto e o horror**. São Paulo. Escuta, 1988.
- LEÇA. Armando. **Da música portuguesa**. Porto. Livraria Educação Nacional, 1942.
- LORCA. Federico García. *Las nanas infantiles*. Obras Completas, Madrid: Aguilar, 1954.
- MACEDO, Valéria Mendonça de. **Nexos da diferença: Cultura e afecção em uma aldeia Guarani na Serra do Mar**. Tese de Doutorado do curso de Antropologia da USP, 2009.

MANTOVANI, S. & TERZI, N. A Inserção. In BONDIOLI, A. In MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos uma abordagem reflexiva.** 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MATEIRO, T. & ILARI, B. (Org.). **Pedagogia em educação musical.** Curitiba: Ibpex, 2011.

MEDEIROS, Marcelo. “**A importância de se conhecer melhor as famílias para a elaboração de políticas sociais na América Latina**” in Planejamento e políticas públicas, IPEA, n. 22. Ed. 2000. Rio de Janeiro: RJ, 2002.

MELLO. Veríssimo de. **Folclore Infantil.** Biblioteca de Estudos Brasileiros, vol 20. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1995.

MONTAGNER, Hubert. **A Vinculação: A Aurora da Ternura.** Lisboa. Instituto Piaget, 1993.

MORENO, J. L. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 1987.

MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com William Corsaro.** São Paulo: Editora Cortez, 2009.

MÜLLER, F.; HASSEN, M. N. A. **A infância Pesquisada.** Psicologia. USP. São Paulo: julho/setembro. 20(3), 2009.

OLIVEIRA, Maria Ligia Becker Garcia Ferreira de. **Sergio Magnani: sua influência musical em Belo Horizonte.** Dissertação de Mestrado do curso da Escola de Música da UFMG, 2008.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana.** São Paulo: HUCITEC, 1999.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura.** Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PEDERIVA. Patrícia Lima Martins. **A atividade musical e a consciência da particularidade.** Tese de Doutorado – Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de educação. Brasília: DF, 2009.

PICCININI, Cesar Augusto; GOMES, Aline Grill; MOREIRA, Lisandra Espíndula & LOPES, Rita Sobreira. “**Expectativas e Sentimentos da Gestante em Relação ao seu Bebê**” in Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 20, n. 3, p. 223-232. Porto Alegre, RS: Set-Dez 2004.

PLAISANCE, E. **Para uma sociologia da pequena infância.** Educação & Sociedade. V. 25, n.24, 86, Campinas, 2004.

PLATÃO. **As Leis.** 2ª Edição. EDIPRO: Bauru, SP, 2010.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Histórias.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

_____**Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. Primeira Edição. Vol. II, 1994.

RAPOSO, Mônica Mendes. **A Música na Relação Mãe - Bebê**. Lisboa: Instituto Piaget. 2007. As canções de embalar nos cancionários populares portugueses. Instituto de Estudos da criança da Universidade do Minho. Tese de Doutorado, 2009.

RODRIGUES, Helena. **A festa da Música na iniciação à vida: da musicalidade das primeiras interações humanas às canções de embalar**. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 17, Lisboa, Edições Colibri, 2005.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Histórias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

_____**Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. Primeira Edição. Vol. II, 1994.

SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de Música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Angélica Aparecida Ferreira da. **A primeira infância no contexto de creche: o que tratam as teses e dissertações na área de educação no período de 1997 a 2011?** Dissertação – Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Educação. Brasília: DF, 2013.

SMALL, Meredith F. **Our Babies, Ourselves**. New York: Anchor Books, 1998.

-----**Kids: how biology and culture shape the way we raise our children**. New York: Doubleday, 2001.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. **Kyringüé mboraí: os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbyá-Guarani**. Revista Em Pauta. Porto Alegre. v. 18, n. 30, janeiro a junho 2007.

VASCONCELLOS, Tânia de & JADER, Janer Moreira Lopes. GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: Territorialidades Infantis. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p.103-127, Jan/Jun 2006.

VASCONCELOS, José Leite de. **Canções de berço** - Estudo de Ethnografia Portuguesa, Lisboa, in Revista Lusitana, Vol.X. Imprensa Nacional, 1907.

_____**Tradições Populares de Portugal**. Bibliotheca Ethnográfica Portuguesa. Porto, 1882.

VELHO, Gilberto; SAMARA, Eni de Mesquita. “**Tendências Atuais da história da família no Brasil**” in Pensando a família no Brasil. Co edição Espaço e tempo/ Editora da UFRRJ. Rio de Janeiro: RJ, 1987.

VENÂNCIO, Renato Pinto & RAMOS, Jânia Martins. **Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia / Alexandre de Gusmão (1629-1724)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIEIRA, Antônio Bracinha. **Etologia e Ciências Humanas**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Estudos Gerais – Série Universitária. Porto: Gráfica Maiadouro, 1983.

BIBLIOGRAFIAS VIRTUAIS.

http://agnazare.ccems.pt/EB23EMUS/2_ciclo/timbre.htm acessada em 02/08/2012.

<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n2/a08v25n2.pdf> acessada em 02/08/2012.

http://sitededicas.ne10.uol.com.br/folk_cuca3.htm com acesso em 12/01/2011.

<http://acervoacalantos.org/2011/03/14/o-acalanto-da-alma/> com acesso em 16/11/2011.

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0166%3Abook%3D7%3Apage%3D790> com acesso em 16/11/2011.

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/mercurio.htm#ixzz1eWwjUj6W> com acesso em 23/11/2011.

<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/01/argos-panoptes.html> com consulta em 23/11/2011.

<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/.../01d06t01.pdf> com consulta em 23/11/2011.

http://www.bibliacatolica.com.br/historia_igreja/21.php com consulta em 23/11/2011.

<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/261/190> com consulta em 23/11/2011.

<http://www.memoriaportuguesa.com/monsanto-idanha-a-nova> com consulta em 17/11/2011.

<http://www.nosrevla.com/home/page3e> com consulta em 17/11/2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lap%C3%B5es> com consulta em 27/02/2012.

ANEXO:

INVENTÁRIO DAS CANÇÕES

1º GRUPO: LETRAS³⁵ DAS CANÇÕES DE NINAR.

1. Música: Nana Neném / Domínio Público (cantada por Paula, DF, p. 01).

1. Nana neném
2. Que a Cuca vem pegar
3. Papai foi na roça
4. Mamãe no cafezal
5. Bicho Papão
6. Sai de cima do telhado
7. Deixa o menino
8. Dormir sossegado

2. Música: Nana Neném / Domínio Público (cantada por Lusilene, MG, p. 06).

- I. Nana neném
- II. Que a Cuca vem pegar
- III. Papai foi pra roça
- IV. Mamãe volta já

3. Música: Nana Neném / adaptação de Luísa (cantada por Luísa, SP, p. 04).

- I. Nana nenê
- II. Nenê da mamãe
- III. Dorme nenê
- IV. Nenezinho da mamãe

4. Música: Nana Neném / Domínio Público (cantada por Silvana, DF, p. 03).

- I. Dorme neném
- II. Que a Cuca vem pegar
- III. Papai foi pra roça
- IV. Mamãe foi trabalhar

5. Música: Nana Neném / Domínio Público (cantada por Elisa, MG, p. 02).

³⁵ Vamos numerar todos os versos de cada canção para que possamos compreender melhor as análises das suas especificidades, aqui disponíveis em nosso anexo.

- I. Dorme neném
 - II. Tatu do mato aí vem
 - III. Não vem não tatu
 - IV. Que neném já mimiou
6. Música: Dorme neném / Domínio Público (cantada por Tami, MG, p. 03)

- I. Dorme neném
- II. Que o Tutu aí vem
- III. Não pega Luiz
- IV. Que tem medo de Tutu

7. Música: Dorme neném / Domínio Público (cantada por Nair, MG, p. 08).

- I. Dorme neném
- II. Que o Tutu í vem
- III. Bicho pega gente
- IV. Pega neném também

8. Música: Dorme filhinho / Domínio Público (cantada por Paula, DF, p. 03).

- I. Dorme filhinho
- II. Do meu coração
- III. Pega a mamadeira
- IV. E põe nesse bocão

9. Música: Boi / Domínio Público (cantada por Tami, p. 04, MG).

- I. Boi, boi, boi
- II. Boi da cara preta
- III. Não pega a Ermínia
- IV. Que tem medo de careta

10. Música: Boi / Domínio Público (cantada por Fábria, MG, p. 03).

- I. Boi, Boi, Boi
- II. Boi da cara preta
- III. Pega essa menina
- IV. Que tem medo de careta.

11. Música: Tá na hora de acordar / Domínio Público (cantada por Paula, DF, p. 01).

- I. Tá na hora de dormir
- II. Não espere a mamãe mandar
- III. Um bom sono pra você
- IV. E um alegre despertar

2º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES INFANTIS DO FOLCLORE

1. Música: Alecrim / Domínio Público (cantada por Marina, DF, p. 03).

- I. Alecrim, alecrim dourado
- II. Que nasceu no campo
- III. Sem ser semeado
- IV. Foi meu amor
- V. Que me disse assim
- VI. Que a flor do campo
- VII. É o alecrim, é o alecrim

2. Música: A História da Serpente / autor desconhecido (cantada por Marina, DF, p. 07).

- I. Esta é a história da serpente
- II. Que desceu do morro
- III. Para procurar um pedaço do seu rabo
- IV. Você também, você também,
- V. Faz parte do seu rabão

3. Música: Se essa rua, se essa rua fosse minha / Domínio Público (cantada por Paula, DF, p. 01).

- I. Se essa rua
- II. Se essa rua
- III. fosse minha
- IV. Eu mandava
- V. Eu mandava ladrilhar
- VI. Com pedrinhas
- VII. Com pedrinhas de brilhante
- VIII. Para o meu
- IX. Para o meu passar
- X. Nessa rua
- XI. Nessa rua tem um bosque
- XII. Que se chama
- XIII. Que se chama solidão
- XIV. Dentro dele
- XV. Dentro dele mora um anjo
- XVI. Que roubou
- XVII. Que roubou meu coração
- XVIII. Se eu roubei
- XIX. Se eu roubei teu coração
- XX. Tu roubaste
- XXI. Tu roubaste o meu também
- XXII. Se eu roubei
- XXIII. Se eu roubei teu coração
- XXIV. É porque

XXV. É porque te quero bem

4. Música: A Casa / Vinicius de Moraes (cantada por Paula, DF, p. 01).

- I. Era uma casa
- II. Muito engraçada
- III. Não tinha teto
- IV. Não tinha nada
- V. Ninguém podia
- VI. Entrar nela, não
- VII. Porque na casa
- VIII. Não tinha chão
- IX. Ninguém podia
- X. Dormir na rede
- XI. Porque na casa
- XII. Não tinha parede
- XIII. Ninguém podia
- XIV. Fazer pipi
- XV. Porque penico
- XVI. Não tinha ali
- XVII. Mas era feita
- XVIII. Com muito esmero
- XIX. Na Rua dos Bobos
- XX. Número Zero.

5. Música: A Barata / Domínio Público (cantada por Paula, DF, p. 02).

- I. A barata diz que tem sete saias de filó
- II. É mentira da barata, ela tem é uma só
- III. Ra ra, ro ro, ela tem é uma só!
- IV. Ra ra ro ro ela tem e uma só!

- V. A barata diz que tem um sapato de veludo
- VI. É mentira da barata, ela tem é o pé peludo
- VII. Ra ra, ro ro, ela tem o pé peludo!
- VIII. Ra ra, ro ro, ela tem o pé peludo!

- IX. A barata diz que tem uma cama de marfim
- X. É mentira da barata, ela tem é de capim
- XI. Ra ra, ro ro ro, ela tem é de capim!
- XII. Rara ro ro ro ela tem e de capim!

- XIII. Barata diz que tem um anel de formatura
- XIV. É mentira da barata, ela tem é casca dura
- XV. Rara ro ro ro, ela tem é casca dura!
- XVI. Rara ro ro ro, ela tem é casca dura!

6. Música: Dona Aranha / Domínio Público (cantada por Paula, DF, p. 01).

- I. A Dona Aranha subiu pela parede
- II. Veio a chuva forte e a derrubou
- III. Já passou a chuva
- IV. O sol já vai surgindo
- V. E a dona aranha continua a subir

- VI. Ela é teimosa e desobediente
- VII. Sobe, sobe, sobe e nunca está contente.

- VIII. A Dona Aranha desceu pela parede
- IX. Veio a chuva forte e a derrubou
- X. Já passou a chuva
- XI. O sol já vai surgindo
- XII. E a dona aranha continua a descer

- XIII. Ela é teimosa e desobediente
- XIV. Desce, desce, desce e nunca está contente.

- XV. A Dona Aranha subiu pela parede
- XVI. Veio a chuva forte e a derrubou
- XVII. Já passou a chuva
- XVIII. O sol já vai surgindo
- XIX. E a dona aranha continua a subir

- XX. Ela é teimosa e desobediente
- XXI. Sobe, sobe, sobe e nunca está contente.

7. Música: Asserrin asserran / Maria Jesus y Sus Chiquilinos / Domínio Público
Espanhol (cantada por Paula – ensinada pelo marido do Equador, DF, p. 01).

- I. Aserrin aserran
- II. los maderos de Sanjuan
- III. piden pan no les dan
- IV. piden huesos y les dan queso
- V. piden vino y si les dan
- VI. se marean y se van

- VII. Aserrin aserran
- VIII. los maderos de Sanjuan
- IX. piden pan no les dan
- X. piden huesos y les dan queso
- XI. piden vino y si les dan
- XII. se marean y se van

- XIII. Aserrin aserran
- XIV. los maderos de Sanjuan
- XV. piden pan no les dan
- XVI. piden huesos y les dan queso
- XVII. piden vino y si les dan
- XVIII. se marean y se van

8. Música: Los pollitos dicen / Domínio Público Espanhol (cantada por Guilherme do Equador, DF, p. 03).

- I. Los pollitos dicen
- II. pio pio pio
- III. cuando tienen hambre
- IV. y cuando tienen frío

- V. la gallina busca
- VI. el maíz y el trigo
- VII. les da la comida
- VIII. y les presta abrigo
- IX. bajos sus dos alas
- X. acurrucaditos
- XI. hasta el otro día
- XII. duermen los pollitos

- XIII. los pollitos dicen
- XIV. pio pio pio
- XV. cuando tienen hambre
- XVI. y cuando tienen frío

- XVII. la gallina busca
- XVIII. el maíz y el trigo
- XIX. les da la comida
- XX. y les presta abrigo
- XXI. bajos sus dos alas
- XXII. acurrucaditos
- XXIII. hasta el otro día
- XXIV. duermen los pollitos

9. Música: Serra Serra / Domínio Público (Brinco cantado por Paula, DF, p. 04).

- I. Serra, Serra, Serrador
- II. Serra o papo do vovô

10. Música: Pirata da perna de pau / Domínio Público (cantada por Silvana, DF, p. 02).

- I. Eu sou o pirata da perna de pau,
- II. Do olho de vidro da cara de mau.

(BIS)

11. Música: Lagartixa / Domínio Público (cantada por Silvana, DF, p. 02).

- I. Fui morar numa casinha-nha
- II. Infestada-da de cupim-pim-pim
- III. Saiu de lá lá lá
- IV. Uma lagartixa-xa
- V. Olhou pra mim
- VI. Olhou pra mim e fez assim

12. Música: Minhoca / Domínio Público (cantada por Fábria, MG, p. 03).

- I. Minhoca, minhoca, me dá uma beijoca
- II. Não dô, não dô,
- III. Então eu vou roubar
- IV. Hihihihih
- V. Minhoco, minhoco, você é mesmo louco,
- VI. Beijou do lado errado, a boca é do outro lado

13. Música: Borboletinha / Domínio Público (cantada por Fábria, MG, p. 03).

- I. Borboletinha, tá na cozinha
- II. Fazendo chocolate para a madrinha
- III. Potí, potí. Perna de pau
- IV. Olho de vidro e nariz de pica pau. Pau. Pau.

14. Música: Formiguinha / Domínio Público (cantada por Fábria, MG, p. 03).

- I. Fui no mercado comprar café
- II. E a formiguinha subiu no meu pé
- III. Eu sacudi, sacudi, sacudi
- IV. Mas a formiguinha não parava de subir

15. Música: A Banda / Domínio Público (cantada por Pedro, MG, p. 03).

- I. A banda vai tomar café
- II. Chamou Ramiro, Cecei, João Bosco e a muié
- III. Pá, pum. Papá, pum
- IV. Pá, pum. Papá, pum
- V. Pá, pum. Papá, pum

16. Música: Cobra / Domínio Público (cantada por Fábria, MG, p. 06).

- I. A cobra não tem pé
- II. A cobra não tem mão
- III. Como é que a cobra sobe
- IV. No pezinho de limão
- V. Vai, vai, vai
- VI. Vai se enrolando
- VII. No pezinho de limão

17. Música: Lá de trás / Domínio Público (cantada por Mara, MG, p. 02).

- I. Lá de trás daquela serra, tem uma fita voando
- II. Não é fita não é nada, meu benzinho que está chorando
- III. Lá de trás daquela serra, passa boi passa boiada
- IV. Também passa um moreninho do cabelo acacheado

18. Música: Fui na horta / Domínio Público (cantada por Mara, MG, p. 02)

- I. Fui na horta panhá salsa. Eu errei panhei cebola
- II. O nome que eu não esqueço é da minha professora
- III. Fui na horta panhá salsa. Benzinho me estrepou
- IV. Fui rindo voltei chorando, bem feito pra quem matou

19. Música: Se eu soubesse/ Domínio Público (cantada por Mara, MG, p. 02).

- I. Se eu soubesse fazer doce, como eu sei fazer melado
- II. Ia fazer um pratinho para dar meu namorado

20. Música: Pombinha Branca / Domínio Público (cantada por João, MG, p. 03).

- I. Pombinha branca o quê que está fazendo
- II. Lavando roupa para o casamento
- III. Vou me lavar, vou me secar
- IV. Vou pra janela pra namorar

- V. Passou um moço de terno branco,
- VI. Chapéu de lado meu namorado

- VII. Mandei entrar, mandei sentar
- VIII. Cuspiu no chão, limpa aí seu porcalhão

21. Música: Fui no Tororó/ Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 02).

- I. Fui no Tororó beber água e não achei. Achei Dona Maria que no Tororó deixei
- II. Óh Mariazinha, óh Mariazinha, entra nessa roda ou ficará sozinha.
- III. Sozinha eu não fico e nem vou ficar, porque eu tenho o meu querido para ser meu par.

22. Música: Fui no Tororó/ Domínio Público (cantada por D. Dália, SP, p. 18)

- I. Eu fui no Tororó beber água e não achei. Achei Bela Morena que no Tororó deixei
- II. Aproveita minha gente que uma noite não é nada. Se não dormir agora dormirá de madrugada.
- III. Oh Mariazinha, Oh Mariazinha, entrarás na roda ou ficarás sozinha.
- IV. Sozinha eu não fico e nem ei de ficar, pois eu tenho um amorzinho para ser meu par.

23. Música: Pezinho/ Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 02).

- I. Tira aqui o seu pezinho põe aqui junto do meu
- II. E depois não vai dizer que seu par arrependeu.

24. Música: Ô menina/ Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 03).

- I. Debaixo do pé de laranja, eu vi a menina lá
- II. Escolhendo flores brancas, flores brancas pra casar
- III. Oh menina deixa disso, deixa disso olha lá

25. Música: Pirulito que bate bate / Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 03).

- I. Pirulito que bate bate. Pirulito que já bateu
- II. Quem gosta de mim e é ela e quem gosta dela sou eu

26. Música: Meu noivo / Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 03).

- I. Meu noivo morreu ontem. Ontem mesmo se enterrou
- II. Na cova do meu noivo nasceu um jardim de flor

27. Música: Fui a Espanha / Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 03).

- I. Fui na Espanha buscar o meu chapéu.
- II. Azul e branco, da cor daquele céu.
- III. Olha palma, palma, palma. Olha pé, pé, pé.
- IV. Olha roda, roda, roda. Caranguejo peixe é.
- V. Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é.
- VI. Caranguejo só é peixe lá no fundo da maré.

28. Música: Samba Crioula / Domínio Público (cantada por Didi, MG, p. 03).

- I. Samba crioula que veio da Bahia, pega essa criança e joga na Bacia.
- II. A bacia é de ouro, ariada com sabão, depois de areada ela veste o seu roupão.
- III. Seu roupão é de seda, camisinha de filó. Roupinha de veludo pra vestir a vovó.

29. Música: Jacaré / Domínio Público (cantada por Flaviane, MG, p. 04).

- I. O jacaré foi passear lá na lagoa, foi por ali, foi por ali.
- II. Aí, ele parou, olhou, viu um peixinho, abriu a boca e “nha”, comeu o peixinho.

30. Música: Mariana Conta / Domínio Público (cantada por Biba, SP, p. 04).

- I. Mariana conta um,
- II. Mariana conta um é um é um é
- III. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!

- IV. Mariana conta dois
- V. Mariana conta dois é dois é dois é
- VI. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!

- VII. Mariana conta três
VIII. Mariana contra três é três é três é
IX. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- X. Mariana contra quatro
XI. Mariana contra quatro é quatro é quatro é
XII. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- XIII. Mariana conta cinco
XIV. Mariana conta cinco é cinco é cinco é cinco é
XV. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- XVI. Mariana conta seis
XVII. Mariana conta seis é seis é seis é seis é
XVIII. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- XIX. Mariana conta sete
XX. Mariana conta sete é sete é sete é
XXI. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- XXII. Mariana conta oito
XXIII. Mariana conta oito é oito é oito é
XXIV. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- XXV. Mariana conta nove
XXVI. Mariana conta nove é nove é nove é
XXVII. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!
- XXVIII. Mariana conta dez
XXIX. Mariana conta dez é dez é dez é dez é dez é
XXX. Ana. Viva a Mariana! Viva a Mariana!

31. Música: Terezinha de Jesus / Domínio Público (cantada por D. Dália, SP, p. 18).

- I. Terezinha de Jesus de uma queda
II. Foi ao chão
III. Acudiram três cavalheiros.
IV. Todos de chapéu na mão.
- V. O primeiro foi seu pai,
VI. O segundo seu irmão,
VII. O terceiro foi aquele
VIII. Que a Tereza deu a mão.
- IX. Dá laranja quero um gomo.
X. Do limão quero um pedaço.
XI. Do menino mais bonito

XII. Quero um beijo e um abraço.

32. Poema: Batatinha / Domínio Público (cantada por Gaia, SP, p. 08).

- I. Batatinha quando nasce
- II. Espalha a rama pelo chão
- III. Menininho quando dorme
- IV. Põe a mão no coração.

33. Música: Passarinho/ D. Dália (cantada por D. Dália, SP, p. 18).

- I. Passarinho fez seu ninho,
- II. Veio a cobra desmanchou.
- III. Coitado do passarinho
- IV. Bateu asas e voou.

34. Música: O cravo brigou com a rosa / Domínio Público (cantada por Gaia, SP, p. 20).

- I. O cravo brigou com a rosa
- II. Debaixo de uma sacada
- III. O cravo saiu ferido
- IV. E a rosa despedaçada

- V. O cravo ficou doente
- VI. E a rosa foi visitar
- VII. O cravo teve um desmaio
- VIII. E a rosa pôs-se a chorar

- IX. A rosa fez serenata
- X. O cravo foi espiar
- XI. E as flores fizeram festa
- XII. Porque eles vão se casar

35. Música: Atirei o Pau no Gato / Domínio Público (cantada por Gaia, SP, p. 20).

- I. Atirei o pau no gato tô tô
- II. Mas o gato tô tô
- III. Não morreu reu reu
- IV. Dona Chica cá
- V. Admirou-se se
- VI. Do berro, do berro que o gato deu:
- VII. Miau

36. Música: Atirei o Pau no Gato / Domínio Público (cantada por D. Dália, SP, p. 20).

- I. Não atire o pau no gato tô tô
- II. Porque isso sô sô
- III. Não se faz, faz, faz
- IV. O gatinho nho nho
- V. É boniti nho nho
- VI. Não devemos maltratar os animais.

3º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES INFANTIS RELIGIOSAS

1. Música: Mãezinha do céu / Domínio Público (cantada por Lucimar, DF, p. 03).

- I. Mãezinha do céu, eu não sei rezar
- II. Eu só sei dizer, que eu quero te amar
- III. Azul é seu manto, branco é seu véu
- IV. Mãezinha eu quero te ver lá no céu

2. Música: Mãezinha do céu / Domínio Público (cantada por Karila, DF, p. 06).

- I. Mãezinha do céu, eu não sei rezar
- II. Só sei dizer, quero te amar
- III. Azul é teu manto, branco é teu véu
- IV. Mãezinha você é o anjo do céu

3. Música: Mãezinha do céu / Domínio Público (cantada por Nair, MG, p. 08).

- I. Mãezinha do céu, eu não sei rezar
- II. Só sei repetir, eu quero te amar
- III. Azul é teu manto, branco é teu véu
- IV. Mãezinha eu quero te ver lá no céu

4. Música: Anjinho / Domínio público (cantada por Karila, DF, p. 06)

- I. Meu anjinho, meu amor, está na hora de dormir. Dorme, dorme meu anjinho adorado,
- II. que a mamãe está do seu lado.

5. Música: Sementinha / Domínio público (cantada por Naná, MG, p. 05).

- I. Eu plantei uma sementinha no canteiro do senhor.
- II. Nasceu um botãozinho, do botão nasceu uma flor.
- III. Rega, rega jardineiro, não deixa a flor murchar.
- IV. Essa flor linda e cheirosa é pra Jesus glorificar.

**4º GRUPO: LETRAS DAS CANÇÕES DE CONJUNTOS OU CANTORES
MUSICAIS MAIS RECENTES, NÃO NECESSARIAMENTE VOLTADAS PARA
O PÚBLICO INFANTIL**

1. Música: O Leãozinho / Caetano Veloso (cantada por Gaia, SP, p. 19).

- I. Gosto muito de te ver, leãozinho
- II. Caminhando sob o sol
- III. Gosto muito de você, leãozinho

- IV. Para desentristecer, leãozinho
- V. O meu coração tão só
- VI. Basta eu encontrar você no caminho

- VII. Um filhote de leão, raio da manhã
- VIII. Arrastando o meu olhar como um ímã
- IX. O meu coração é o sol, pai de toda cor
- X. Quando ele lhe doura a pele ao léu

- XI. Gosto de te ver ao sol, leãozinho
- XII. De te ver entrar no mar
- XIII. Tua pele, tua luz, tua juba

- XIV. Gosto de ficar ao sol, leãozinho
- XV. De molhar minha juba
- XVI. De estar perto de você e entrar numa

2. Música: Clareana /Joyce (cantada por Gaia, SP, p. 19).

- I. Um coração
- II. De mel de melão
- III. De sim e de não
- IV. É feito um bichinho
- V. No sol de manhã

- VI. Novelo de lã
- VII. No ventre da mãe
- VIII. Bate um coração
- IX. De Clara, Ana
- X. E quem mais chegar
- XI. Água, terra, fogo e ar

3. Música: Velha Infância / Tribalistas (cantada por Gaia, SP, p. 20).

- I. Você é assim
- II. Um sonho pra mim
- III. E quando eu não te vejo
- IV. Eu penso em você
- V. Desde o amanhecer
- VI. Até quando eu me deito

- VII. Eu gosto de você
- VIII. E gosto de ficar com você
- IX. Meu riso é tão feliz contigo
- X. O meu melhor amigo
- XI. É o meu amor

- XII. E a gente canta
- XIII. E a gente dança
- XIV. E a gente não se cansa
- XV. De ser criança
- XVI. A gente brinca
- XVII. Na nossa velha infância

- XVIII. Seus olhos, meu clarão,
- XIX. Me guiam dentro da escuridão
- XX. Seus pés me abrem o caminho
- XXI. Eu sigo e nunca me sinto só

- XXII. Você é assim
- XXIII. Um sonho pra mim
- XXIV. Quero te encher de beijos
- XXV. Eu penso em você
- XXVI. Desde o amanhecer
- XXVII. Até quando eu me deito

- XXVIII. Eu gosto de você
- XXIX. E gosto de ficar com você
- XXX. Meu riso é tão feliz contigo
- XXXI. O meu melhor amigo
- XXXII. É o meu amor

- XXXIII. E a gente canta
- XXXIV. E a gente dança
- XXXV. E a gente não se cansa
- XXXVI. De ser criança

- XXXVII. A gente brinca
 XXXVIII. Na nossa velha infância
- XXXIX. Seus olhos, meu clarão,
 XL. Me guiam dentro da escuridão
 XLI. Seus pés me abrem o caminho
 XLII. Eu sigo e nunca me sinto só
- XLIII. Você é assim
 XLIV. Um sonho pra mim
 XLV. Você é assim
 XLVI. Você é assim
 XLVII. Você é assim
- XLVIII. "Você é assim
 XLIX. Um sonho pra mim
 L. E quando eu não te vejo
 LI. Penso em você
 LII. Desde o amanhecer
 LIII. Até quando me deito
 LIV. Eu gosto de você
 LV. Eu gosto de ficar com você
 LVI. Meu riso é tão feliz contigo
 LVII. O meu melhor amigo
 LVIII. É o meu amor"

4. Música: Eu Sei Que Vou Te Amar / Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes
 (cantada por Gaia, SP, p. 20).

- I. Eu sei que vou te amar
 II. Por toda a minha vida eu vou te amar
 III. Em cada despedida eu vou te amar
 IV. Desesperadamente
 V. Eu sei que vou te amar
- VI. E cada verso meu será pra te dizer
 VII. Que eu sei que vou te amar
 VIII. Por toda a minha vida
- IX. Eu Sei que vou chorar
 X. A cada ausência tua eu vou chorar,
 XI. Mas cada volta tua há de apagar
 XII. O que essa ausência tua me causou
- XIII. Eu sei que vou sofrer
 XIV. A eterna desventura de viver a espera
 XV. De viver ao lado teu
 XVI. Por Toda a minha vida.

5. Música: Como é Grande o Meu Amor Por Você /Roberto Carlos (cantada por Gaia, SP, p. 20).

- I. Eu tenho tanto pra lhe falar
- II. Mas com palavras não sei dizer
- III. Como é grande o meu amor por você

- IV. E não há nada pra comparar
- V. Para poder lhe explicar
- VI. Como é grande o meu amor por você

- VII. Nem mesmo o céu, nem as estrelas
- VIII. Nem mesmo o mar e o infinito
- IX. Não é maior que o meu amor
- X. Nem mais bonito

- XI. Me desespero a procurar
- XII. Alguma forma de lhe falar
- XIII. Como é grande o meu amor por você

- XIV. Nunca se esqueça, nem um segundo
- XV. Que eu tenho o amor maior do mundo
- XVI. Como é grande o meu amor por você

- XVII. Nunca se esqueça, nem um segundo
- XVIII. Que eu tenho o amor maior do mundo
- XIX. Como é grande o meu amor por você

- XX. Mas como é grande o meu amor por você

ALGUMAS ESPECIFICIDADES DE CADA GRUPO

1º Grupo: Sobre as canções de ninar.

A primeira coisa que pudemos perceber em relação ao ato de acalantar de nossos familiares ao utilizarem as tradicionais canções de ninar de nosso folclore infantil é que eles parecem não variar muito os seus repertórios, mesmo que a grande maioria se utilize desse gênero nos seus momentos de acalanto. Basicamente, as versões que começam com *nana neném* e *dorme neném* possuem semelhantes estruturas rítmicas e variam, em certos momentos, as suas letras. As outras duas músicas que aparecem na representação desse gênero são a do *Boi* e a *tá na hora de dormir*. Se compararmos o número total de canções de ninar (onze no total) com o de canções infantis populares (trinta e sete), levando em conta que as de ninar possuem poucas variações, que se resumem a basicamente três canções, vemos que o gênero de ninar está em minoria.

Dentro das poucas variações das canções de ninar, podemos dizer que nos números 01, 02 e 03 elas começam sempre com as palavras *nana neném* e que o ritmo com o que elas são cantadas é o mesmo. Nas canções de número 01 e 02, vemos a presença da *Cuca* como ser amedrontador. No entanto, as semelhanças parecem parar aí, pois logo podemos observar a presença de muitas diferenças entre elas.

Vimos que, na maior parte das vezes, que o acalanto do *nana neném* é utilizado, os pais nem sempre cantam a segunda estrofe que aparece na letra 01, que diz *Bicho Papão sai de cima do telhado, deixa o menino dormir sossegado*. Outra diferença se refere aos finais dos dois últimos versos das estrofes que têm *nana neném*, pois, em uma delas, temos *Papai foi na roça, mamãe no cafezal*, na outra temos *Papai foi pra roça, mamãe volta já* e, por fim, na terceira versão, *Dorme nenê, nenezinho da mamãe*. Vale ressaltar ainda que as versões mais tradicionais são as de número 01 e 02, pois a terceira é uma adaptação assumida pela própria Luísa, talvez para fugir à temática da *Cuca* e do *Bicho Papão*.

Em relação às semelhanças entre as versões 04, 05, 06 e 07, podemos destacar a presença do mesmo verso inicial que diz *Dorme neném*. Outra aproximação se refere ao ritmo, que é o mesmo para as versões 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 07. Sobre as diferenças, vemos que, na região de Minas Gerais, o personagem assustador varia entre o *Tutu*

(estrofes 06 e 07) e o *Tatu* (estrofe 05), enquanto que em Brasília (DF – estrofe 04), esse personagem é a *Cuca*.

Ainda que uma última semelhança apareça com a repetição da palavra *Que* iniciando o segundo verso, outras diferenças aparecem em relação à maioria das letras dos três últimos versos das estrofes 04, 05, 06, e 07, sendo que: a estrofe 04 é composta por *Que a Cuca vem pegar, Papai foi pra roça, Mamãe foi trabalhar*; a 05 é composta por *Tatu do mato aí vem, Não vem não tatu que neném já mimiou*; a 06, composta por *Que o Tutu aí vem, Não pega Luiz que tem medo de Tutu* e, por fim, a 07 que é composta por *Que o Tutu í vem, Bicho pega gente, pega neném também*.

Nas versões 09 e 10 da música do *Boi*, o primeiro, terceiro e quarto versos são idênticos, variando apenas no segundo. Assim, temos, na estrofe 9, o trecho *Não pega a Ermínia* e na estrofe 10, o trecho *Pega essa menina*.

Por fim, na estrofe 11, temos outra versão antiga do folclore tradicional das canções de ninar, que, por sua vez, foi utilizada nos idos da década de 70, para a realização das propagandas de televisão do cobertor *Paraíba*.

2º Grupo: Sobre as tradicionais canções infantis do nosso folclore.

O acervo utilizado pelos nossos familiares em relação às músicas folclóricas infantis é bastante variado. Uma observação feita por eles foi a de que, para acalantar as crianças antes de dormir, para acamá-las em situações de estres ou de inquietação, nossos adultos optavam por cantá-las num ritmo mais lento, semelhante mesmo às cantigas de ninar. Como a maioria das versões que se repetiram nessa categoria tinham a mesma letra e ritmo na versão de muitos de nossos familiares, destacaremos inicialmente as semelhanças e diferenças em relação às canções de número 24 e 25 com o nome de *Fui no Tororó* e, posteriormente, entre as de número 36 e 37 chamada de *Atirei o Pau no Gato*.

Nas versões de *Fui no Tororó*, vimos que os versos 01, 03 e 05 da versão 24 são idêntico aos de número 01, 05 e 07 da versão 25, assim como o ritmo da melodia de ambas. No entanto, elas diferem no verso 02, onde a de número 24 diz *Achei Dona Maria que no Tororó deixei*, e a de número 25 diz *Achei Bela Morena que no Tororó*

deixei. Os versos 3 e 4 da versão 25, que têm o trecho *Aproveita minha gente que uma noite não é nada, se não dormir agora dormirá de madrugada*, não aparece na versão 24. Diferenças também aparecem entre o verso 04 da versão 24, que diz *Entra nessa roda ou ficará sozinha*, em relação ao verso 06 da versão 25, que diz *Entrarás na roda ou ficarás sozinha*. Outras variações aparecem no último verso da versão 36, que é *Porque eu tenho o meu querido para ser meu par*, em relação ao último verso da versão 25 que diz *Pois eu tenho um amorzinho para ser meu par*.

Nas versões de *Atirei o Pau no Gato*, vimos que a mesma pessoa canta versões diferentes da mesma música, utilizando a mesma melodia. Como as letras são completamente distintas, não vemos elementos pontuais que possamos destacar entre elas, além do fato de que, na versão 37, existe uma preocupação em cantar a música que foi criada mais recentemente a partir da versão original, como uma opção que tenta sugerir uma versão que seria considerada como a politicamente correta.

3º Grupo: Sobre as canções infantis religiosas.

Entre as canções infantis religiosas podemos destacar a da *Mãezinha do céu* como a que mais apareceu no hábito de acalantar antes de dormir nas três regiões visitadas, ou seja, em Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal. Como as versões que foram citadas em São Paulo equivalem a versão 01, achamos por bem não repeti-la.

Das diferenças e semelhanças entre as versões 01, 02 e 03, começaremos a analisar o primeiro e o terceiro verso de cada uma. Nesse caso, notamos que eles são exatamente os mesmos em todas elas, assim como também o ritmo da melodia das versões 01, 02 e 03. Outra semelhança se dá acerca da última linha das versões 01 e 03 que dizem *Mãezinha eu quero te ver lá no céu*.

No caso específico das variações, algo se diferencia ainda que seguindo o mesmo contexto, nos segundos e quartos versos das três versões. No caso dos segundos versos, temos: a versão 01 com *Eu só sei dizer, que eu quero te amar*; a versão 02 com *Só sei dizer, quero te amar* e, a versão 03 com *Só sei repetir, eu quero te amar*. No caso dos quartos e últimos versos, temos uma diferença entre a versão 01 ou 03 que diz *Mãezinha eu quero te ver lá no céu* em relação ao versão 02 que diz *Mãezinha você é o anjo do céu*.

4º Grupo: Sobre as canções de conjuntos ou cantores musicais mais recentes, não necessariamente voltadas para o público infantil.

Notamos que todas as cinco canções do 4º grupo foram indicadas por Gaia, de São Paulo, que é uma cantora profissional. Ela nos disse que cada um de seus três filhos ganhou versões gravadas por ela em um estúdio, ainda quando eles se encontravam em sua barriga.

O que pudemos observar sobre as canções desse grupo especificamente é que o caso da música 01, chamada *O Leãozinho*, de Caetano Veloso, parece se referir a relação entre os leões adultos e o seu filhote, talvez análoga à convivência entre pais e filhos. A música 02 chamada *Clara & Ana*, de Joyce, também trata das relações entre pais e filhos. Já a música 03, chamada *Velha Infância*, feita pelos Tribalistas, parece comparar a relação amorosa de um casal à própria infância vivida. Sobre a música *Eu Sei Que Vou Te Amar* de Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes, sentimos que ela se refere a uma declaração de amor, que prevê a possibilidade de sofrimento como parte dessa convivência. Por fim, a música 05 parece também referir-se a uma declaração de amor verdadeiro e eterno.